

Carlos Pazos Justo

rajectoria de  
Alfredo Guisado  
e a sua relação  
com a Galiza  
(1910-1921)

EDICIONS

*laiovento*  
**LAIIOVENTO**

ENSAIO



## Carlos Pazos Justo



Carlos Pazos Justo (Redondela, 1975) é Licenciado em Filologia Galega (1998) e em Filologia Portuguesa (1999) pela Universidade de Santiago de Compostela. Como bolseiro do Instituto Camões, frequenta o Curso Anual de Língua e Cultura Portuguesas –nível avançado– na Universidade do Minho (2000) e pós-gradua-se na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2001). É Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Portuguesa pela Universidade do Minho (2009) e Máster de Experto en Cultura Española Contemporánea pela Universidad de Alcalá (2009). Foi Leitor do Centro de Estudos Galegos (2003/2008) sendo na actualidade Leitor da Área de Estudos Espanhóis e Hispano-Americanos do Departamento de Estudos Românicos da Universidade do Minho. É Colaborador Externo do Grupo de Investigação GALABRA da USC.

TRAJECTÓRIA DE ALFREDO GUISADO E A SUA  
RELAÇÃO COM A GALIZA (1910-1921)

EDICIÓNS

*laiovento*  
LAIOVENTO

ENSAIO

264

Carlos Pazos Justo

TRAJECTÓRIA DE ALFREDO GUISTADO  
E A SUA RELAÇÃO COM A GALIZA  
(1910-1921)

EDICIÓN LAIOVENTO

2010

Esta obra recibiu o primeiro premio na modalidade  
de *Ensaio* no certame "Carvalho Calero"  
que convoca anualmente o Concello de Ferrol,  
na XVII convocatoria correspondente ao ano 2009

© Carlos Pazos Justo  
© 2010, Edicións Laiovento, S.L.  
Apdo. 43 / Bertamiráns / 15220 Ames / Galiza / U.E.  
Teléfono: + 34 981 887 570  
Correo electrónico: laiovento@laiovento.com  
Local na Rede: //www.laiovento.com

I.S.B.N.: 978-84-8487-190-8  
Depósito Legal: C 3394-2010

Imprime Tórculo Artes Gráficas, S.A.  
Vía Edison 33-35. Polígono do Tambre  
15890 Santiago de Compostela  
Impreso en papel ecolóxico

Este libro non poderá ser reproducido, nin total  
nin parcialmente, calquera que for o medio empregado,  
sen o permiso previo do editor. Reservados todos os dereitos.

*A Manuel Miguez Garcia (pela janela a isto).*

*À familia Guisado, a António Guisado e Gonçalo Guisado.*

*Agradeço: Aos bibliotecários da Biblioteca Nacional, da Biblioteca Municipal do Porto, do Museu de Pontevedra, da Biblioteca Penzol de Vigo, da Biblioteca Xeral da Universidade de Santiago, do Centro Galego de Lisboa e nomeadamente da Biblioteca Municipal de Ponte-Areas a atenção dada; a disponibilidade de Henrique Barreto Nunes e Eduardo de Oliveira da Biblioteca Pública de Braga e a amabilidade das bibliotecárias do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, particularmente de Adelina Gomes. Ao Centro de Estudos Humanísticos e à sua Directora, Prof<sup>a</sup>. Ana Gabriela Macedo, a ajuda concedida para a pesquisa na Biblioteca Nacional. A Manuel Carrera o passaporte. Aos companheiros da Universidade do Minho que contribuíram directa ou indirectamente para a realização deste trabalho; ao Álvaro, Xaquín, Cuno e ao Pedro, designadamente. Ao Prof. Carlos Cunha e ao Prof. Elias Torres a proximidade, a paciência e a atenção que dedicaram a este trabalho. Ao Xurxo e ao Roberto os materiais enviados (e a amizade). A Carlos e a Maricarmem, os meus pais, o investimento contínuo. As paciências, as presenças e um longo etc. à Juliana (e aos cavalinhos).*

## ALFREDO PEDRO GUISADO, UM SÉCULO DEPOIS

Este livro, de proposta modesta e resultado superior, pode ser extraordinariamente útil. Quer avançar no conhecimento sobre Alfredo Pedro Guisado, consegue-o, evidentemente, e, ao mesmo tempo, informa sobre outros assuntos que, para as pessoas interessadas na cultura e a sua planificação, podem resultar de interesse. Formula-se como umha achega no conhecimento, e obtém o fruto prometido, largamente.

A utilidade do livro está também radicada na sua fiabilidade; o investigador documentou-se, exaustivamente, e recorreu a um instrumental analítico, metodológico bastante. Hoje dispomos de algumas ferramentas francamente importantes para conceptualizar fenómenos complexos, como os aqui convocados. Ao seu lado, é preciso investir muito tempo (e dinheiro) para documentar. Na área das ciências humanas, precisamos investigações e livros confiáveis, onde, por certo, o acordo ou desacordo de quem investiga com os factos analisados, esteja ausente, ou seja perfeitamente explicável pelas suas atitudes, para evitar a tendência, na produção, mas também na recepção, à existência de um ânimo de parte no que como estudo se oferece, que o vicia definitivamente. Carlos Pazos consegue evitá-lo com suficiente perícia.

Qual o interesse de umha trajectória como a de Guisado; muito e muitos, conforme. Entre eles, contribuí para compreender a acção (e, mui importantemente, os limites) do galeguismo no seu relacionamento com Portugal e os portugueses. Na actualidade, existe algumha tendência no seio galeguista a interpretar que os portugueses não se importa(va)m, não liga(va)m às expectativas galeguistas; o qual, interroga-se pouco ou nada sobre qual é a oferta galega a portuguesas e portugueses a quem se dirige e qual os motivos por que elas e eles têm que atender as demandas galeguistas; demandas, por certo, extraordinariamente minoritárias no próprio país e com não muito mais eco e sim maior controvérsia. Convinha perguntar-se, enfim, se o pacote ofertado é suficiente, inteligível e atractivo. Se não existe um certo fracasso galeguista no seu programa e modos, sem discutir agora a sua legitimidade; e se

não existe, em ocasiões, alguma indecisão ou indefinição dos objectivos, no plano estratégico.

Igualmente, contribui para analisar as estratégias em jogo e os benefícios procurados. E, nessas estratégias, conhecer o estado dos campos culturais galeguista e português, e alguns dos desentendimentos ou erros de compreensão que se fôrom produzindo. E como elementos e normas repertoriais jogam mui diferentes papéis e permitem (ou negam) trajectórias apenas em função da nacionalidade ou do estado do campo em cada momento.

E também a levantar um permanente interrogante, para mim: sabemos que no relacionamento galego-português, o golpe de estado de 1936 e a aniquilação do galeguismo foi letal para o futuro desse relacionamento nos termos fixados pelo nacionalismo galego e os seus parceiros lusos; foram, antes, um golpe realmente duro, os acontecimentos de Maio de 1926, com a quebra da Primeira República, a chegada do autoritarismo e de Oliveira Salazar?

Mas a figura de Alfredo Pedro Guisado pode ser vista como o tal agente galeguista que Pazos Justo analisa; como o republicano convicto que actua na cultura politicamente; como o repositório de umha herança galega e galeguista, da terra, funciona numha colónia e em membros destacados dela, apesar, pode hipotetizar-se, de que não seria um capital simbólico mui positivo em alguns círculos; eis aqui um capítulo que desde há tempo convinha estudar mui importantemente, a meu juízo, polo que informaria sobre a nossa comunidade galega, mesmo hoje, e que, polo menos ao Grupo Galabra e, mais em concreto, a quem isto escreve, a falta de recursos não permite abordar. Outra perspectiva de interesse é aprofundar em como ele maneja os diferentes repertórios e sentimentos em jogo (o da-s- nacionalidade-s- é um dos mais relevantes) como nascido português filho de galegos; na sua poética mui especialmente. Como se construiu o nacional galeguista desde o local, na colónia galega, aqui e para o caso? Qual o papel de pontes identitárias além da língua (paisagem e saudade, por exemplo?).

Como funciona neles nações e nacionalidades, solidariedades e acção política. Afinal, que é Sagres ou Rosalia de Castro

para o rapaz português cujos ascendentes, ao menos directos, são todos/as galegos/as? Qual a diferença das paisagens elogiadas, se a houver, na abstracção e concretização da sua poesia? Que significa Pias ou Ponte-Arêas para Guisado e que pode significar Guisado para as gentes do Condado, antes e agora?

Carlos Pazos faz perguntas finais extraordinariamente elucidativas e, na minha óptica, correctas; respondê-las, como espero que no futuro ele e outras pessoas dedicadas à investigação podam responder, vai informar-nos muito, sobretudo em relação ao campo galego.

A investigação de Carlos Pazos dá, portanto, interessantes resultados colaterais: um deles, que talvez não tenha sido explorado com profundidade, e de que aqui se dá notícia, é de como Fernando Pessoa foi construindo, desde cedo, o seu modo de estar e ser perspectivado no campo português, numha acção que excede com muito a publicação de textos heteronímicos ou o impulso a determinados projectos culturais (por exemplo, o uso do seu capital simbólico para censurar, mui subjectivamente, alegados erros da poesia de Pedro de Menezes; ou o seu constante desprezo anti-*lepidóptero* que lhe garante evitar qualquer compromisso político e partidário, como sim fazia o seu criticado companheiro). Do mesmo modo, informa de como, ao menos a um dos seus membros iniciais, afecta o sabido, ainda que poucas vezes salientado, declínio do grupo modernista e das suas razões. Doutro ponto de vista, achega dados sobre as redes que permitiam avançar, culturalmente, senso amplo, a parte da comunidade galega e a sua atenção por parte dos meios intelectuais e de comunicação lusos, cuja eclosão terá lugar nos inícios da década de trinta. E, sempre, o papel desse espaço cultural e projecto empresarial que foi Mondariz, balneário sobretudo, cujo envolvimento foi decisivo, em ocasiões, e que convinha reanalisar e repensar.

Tantas são as sugestões do livro de Carlos Pazos; e tantos os seus contributos; muitas das perguntas e não poucos dos caminhos venhem do seu trabalho, honesto e rigoroso, inteligente e prudente, apreciador, temperado e cabal, que nos informa de muitas cousas, que abre em casos, explora noutros, anota, por vezes, no caderno das necessidades o trabalho a fazer; e ajuda;

ajuda muito a ir entendendo o passado que nos construiu e ainda nos constrói; se lermos com os olhos de quem busca soluções, encontraremos algumas. E isso é o cólofon para um livro e um dinheiro úteis. Para um investigador que sabe que o sacrifício e o compromisso intelectual e cidadão que um trabalhador público deve ter, só pode sob essas regras ser devolvido a quem o mantém. Bem haja Carlos Pazos Justo.

Elias J. Torres Feijó  
(Grupo Galabra – USC)  
Santiago de Compostela, Setembro de 2010.

## 1. INTRODUÇÃO

Este livro tem como objectivo geral avançar no conhecimento que até à actualidade se tem construído à volta de Alfredo Guisado. Pretende-se, conseqüentemente, um avanço e não um ponto final dentro dos estudos guisadianos, necessitados, entendemos, de um novo impulso. Os objectivos específicos prendem-se com a análise da *trajectória* literária de Alfredo Pedro Guisado (1891-1975) no *sistema literário* português. Será também objectivo central desentranhar a relação entre o produtor em foco com a Galiza e, nomeadamente, com o *emergente campo cultural* galego durante o mesmo período, com o intuito de enquadrar o texto guisadiano *Xente d'a aldeia. Versos Gallegos* publicado em Lisboa em 1921.

O período de análise proposto (1910-1921) tem duas balizas temporais de diferente natureza. 1910, data da instauração da República Portuguesa, mudança radical do sistema político português, que supõe, por sua vez, o início de novas lutas dentro do *campo cultural* português, coincide, *grosso modo*, com as primeiras produções literárias de Alfredo Guisado. A outra baliza, 1921, encontra a sua justificação na necessária limitação de um trabalho destas características e, como se verá depois da análise feita, no próprio percurso literário, e não só, de Alfredo Guisado.

Como se verá mais à frente, este trabalho pretende estabelecer um diálogo crítico com os trabalhos já publicados sobre o produtor e a sua produção, designadamente no relativo à sua vinculação com a Galiza, espaço mais obscuro na actualidade. Neste sentido, é notória a falta de estudos amplos sobre a emigração galega para Lisboa (à qual está intimamente vinculado o autor por via paterna e materna) especialmente para a época em questão, o que nos obrigará a recorrer a fontes jornalísticas e depoimentos pessoais para preencher as lacunas que os sucessivos trabalhos académicos e / ou divulgativos não conseguiram ilustrar. É neste âmbito, o da emigração galega para Lisboa, que a figura de Alfredo Pedro Guisado tem uma especial relevância, pois, como veremos, o autor em foco manteve

ao longo do período proposto, com maior ou menor intensidade segundo a altura, uma vinculação importante com o movimento associativo da colónia galega em Lisboa e, por meio desta e das sazonais estadias na terra dos seus pais, Ponte-Áreas / Mondariz, com os movimentos políticos e culturais coetâneos da Galiza.

Em função disto, depois de definir os objectivos, explicitar o objecto de estudo, fixar esquematicamente o corpus guisadiano e descrever a metodologia usada será feita uma análise do conhecimento existente sobre Alfredo Guisado e a sua produção literária, tanto em Portugal como na Galiza. A seguir, o trabalho será dividido em duas partes paralelas. Será descrito sinteticamente o funcionamento dos *campos literários* português e galego por separado, para depois esclarecer a *trajectória* guisadiana também separadamente. Por último, nas conclusões, estabelecendo as necessárias relações entre estas duas divisões, tentaremos descrever os traços mais relevantes da *trajectória* guisadiana no período em análise. Na parte final, inclui-se, além da bibliografia, alguns Anexos com o objectivo de melhor ilustrar a *trajectória* de Alfredo Guisado.

Por fim, este livro é fruto no essencial da Tese de Mestrado que, sob o mesmo título *Trajectória de Alfredo Guisado e a sua relação com a Galiza (1910-1920)*, foi orientada pelo Prof. Carlos Manuel Ferreira da Cunha e pelo Prof. Elias J. Torres Feijó, e defendida em Fevereiro de 2009 na Universidade do Minho perante um júri composto pelos antes citados e pelo Prof. Sérgio Paulo Guimarães Sousa e, em qualidade de arguente, o Prof. José Cândido de Oliveira Martins, a quem agradecemos os contributos e sugestões. A responsabilidade pelo conteúdo deste livro, é claro, apenas é imputável a quem isto escreve.

## 2. OBJECTIVOS DO TRABALHO

O objectivo principal deste trabalho é duplo. Por um lado, partindo do conhecimento que sobre o assunto existe na actualidade e, posteriormente, em diálogo com o panorama literário / cultural do período em foco, pretende-se analisar a *trajectória* literária / cultural de Alfredo Guisado no *campo literário* português. A este respeito, deve-se notar que a descrição, necessariamente não pormenorizada, do funcionamento dos *campos culturais* português e galego será perspectivada, ao mesmo tempo, como objectivo não principal deste trabalho (mas substantivo, como já foi dito) e como ferramenta necessária para a melhor compreensão das sucessivas posições ocupadas por Alfredo Guisado. Consequentemente, não será objectivo deste trabalho, por exemplo, descrever com exaustividade as sucessivas intervenções do denominado Grupo do *Orpheu*, assunto, aliás, sobre o qual existe abundantíssima literatura, nomeadamente sobre o *fenómeno* Pessoa; mas sim perfilar quais são os grupos e interesses em luta no campo durante o período fixado, com os quais se relacionará o produtor em foco.

Por sua vez, será também objectivo central ilustrar, a partir dos estudos já realizados e de novos materiais até agora quase completamente ignorados pela crítica, a sua vinculação com a Galiza; isto é, a sua relação com os grupos e ideias presentes na altura no território galego e no *enclave* lisboeta, com especial destaque para a sua vinculação com o *emergente campo cultural* galego desde 1910 até 1921. Desta forma, este trabalho pretende não só analisar, entre outros elementos envolvidos no *campo cultural*, os textos literários guisadianos, como dar notícia e enquadrar alguns outros, a nosso ver relevantes, que os sucessivos estudos sobre a sua vida e / ou obra ou bem ignoraram ou bem apenas mencionaram, aumentando assim o corpus guisadiano e, por sua vez, contribuir para um melhor conhecimento e compreensão das relações entre galegos e portugueses, e vice-versa, quadro geral onde se inserem, como se verá, numerosas tomadas de posição de Alfredo Guisado.

### 3. OBJECTO DE ESTUDO

O objecto de estudo principal deste trabalho, como se desprende do próprio título, está estreitamente ligado ao percurso biográfico e literário / cultural de Alfredo Guisado. Isto é, elementos de vária índole, nomeadamente o corpus guisadiano, relacionados directa ou indirectamente com o autor em foco, serão aqui convocados para melhor atender os objectivos deste trabalho. Neste sentido, as informações de tipo biográfico e histórico e, especialmente, a intervenção guisadiana nos *campos literários / culturais* português e galego conformarão os materiais preferenciais desta pesquisa. Por outra parte, e em função da metodologia aplicada, serão também objecto de análise os espaços culturais português e galego para o período estabelecido, entendendo estes como parte substantiva e não acessória, com o intuito de assim melhor ilustrar a *trajectória* literária de Alfredo Guisado.

Apesar de o período de análise proposto ir de 1910 até 1921, este trabalho nutrir-se-á também de materiais, nomeadamente no que se refere ao corpus guisadiano, que não se enquadram entre estas duas datas mas que servirão para melhor ilustrar a nossa análise. No que diz respeito ao período fixado, a escolha da primeira baliza temporal vem motivada pela instauração em Portugal, a 5 de Outubro, do novo regime republicano. Entendemos que esta mudança no panorama político, com as suas inevitáveis implicações noutros âmbitos da sociedade portuguesa, como o cultural (cfr. *infra*), e, por outro lado, a estreita vinculação que a dada altura Alfredo Guisado terá com o republicanismo, assim como o facto de as primeiras intervenções no panorama literário do autor em foco não distarem muito desta data, justificam este marco temporal. A fixação da outra baliza temporal é, inicialmente, mais arbitrária. Num princípio, sobretudo atendendo à *parte* galega, era nossa intenção realizar o estudo até 1936, o qual, dada a metodologia utilizada, iria significar uma pesquisa muito mais alargada, dificilmente assumível, entendemos, neste trabalho de aproximação à *trajectória* guisadiana<sup>1</sup>. Outra opção, 1926, data chave

<sup>1</sup> É nossa intenção alargar o estudo da *trajectória* guisadiana realizando um trabalho de investigação bem mais amplo sobre a mesma.

igualmente na história de Portugal, reduziria o trabalho de pesquisa consideravelmente mas não o suficiente, pois no que diz respeito à Galiza, como se verá, a partir de, *grosso modo*, 1916, a multiplicação de revistas, jornais, etc. é particularmente notável. Afinal, optou-se por fechar o período de análise em 1921, data, conforme se verá, assinalada no percurso literário e vital de Alfredo Guisado, assim como no relacionamento entre a Galiza e Portugal.

#### 4. O CORPUS GUIADIANO

Aproximar-se do corpus guisadiano não é tarefa fácil devido principalmente ao relativamente reduzido interesse que a sua figura e obra provocou dentro dos estudos literários / culturais e doutro tipo em Portugal e na Galiza. A frase de Óscar Lopes, “O mais injustamente esquecido dos poetas do ‘Orpheu’ é Alfredo Pedro Guisado” (Lopes, 1973: 715), várias vezes invocada em diversos estudos, como veremos, é, pensamos, suficientemente esclarecedora. Infelizmente, é preciso anotar também a sorte incerta dos materiais e textos inéditos que ficavam no espólio de Alfredo Guisado aquando do seu desaparecimento. Um dos familiares mais próximos, o sobrinho António Guisado, relata assim o acontecido:

O espólio de Alfredo Guisado teve uma grande aventura... sei que desapareceu... a filha morreu solteira... e quando fomos pelo espólio... tinha desaparecido todo... Os livros que temos foram comprados... A única coisa que se salvou do espólio... foi o “homem do organillo”<sup>2</sup> porque esse si, eu tinha-o visto na sala e pedi que mo dessem e tiveram que mo dar... as coisas desapareceram, havia gente lá em casa. Eu nunca o consegui encontrar (António Guisado a CPJ).

O extravio aludido, segundo Manuel Carrera, na realidade parece tratar-se de um furto efectuado por gente com acesso

<sup>2</sup> Refere-se a um desenho inédito de Castelao com data de 1929, em poder actualmente de António Guisado, já referenciado por Alonso Estravis (1980: 350). Na mesma entrevista foi afirmado “Tenho ainda um ou dois inéditos que nunca foram publicados” que esperamos ver algum dia publicados. O próprio António Guisado refere sobre os livros do espólio que estão no Centro Galego de Lisboa “foram alguns que eu retirei da casa e que como não tinham grande valor... dei ao Centro Galego [...] mas propriamente as obras de Alfredo Guisado desapareceram todas” (o próprio António Guisado comentou que a família Guisado só recentemente conseguiu reunir toda a obra publicada em livro). Com efeito, na nossa pesquisa no Centro Galego de Lisboa não encontramos nada de substantivo que pudesse deitar luz à trajectória literária de Alfredo Guisado. Aliás, Manuel Carrera, emigrante galego em Lisboa e ligado até à actualidade ao Centro Galego da capital lusa, concorda no que diz respeito à valoração dos livros e inclusive coloca a hipótese de muitos dos livros pertencerem originalmente a Palmira Guisado, filha do Alfredo Guisado (Manuel Carrera a CPJ).

ao domicílio familiar em combinação com outros elementos desconhecidos<sup>3</sup>. Por outra parte, da existência deste espólio deram notícia, por exemplo, Isaac Alonso Estravis (1980) ou José António Fernandes Camelo (1985, nomeadamente 1996<sup>4</sup>). Assim, e apesar dos esforços dalguns investigadores como o último citado, à ausência (espera-se que transitória) do mais que provável espólio guisadiano, juntar-se-á a atitude do próprio autor a respeito da sua produção, atitude à qual se referiu Urbano Tavares Rodrigues em 1969 nestes termos: “após um longo período, senão de esquecimento, que não será bem o caso, de alheamento desta obra lírica (alheamento para o qual o próprio poeta terá contribuído, negando-se até agora à reedição dos seus livros)” (Rodrigues, 1969: XI)<sup>5</sup>.

Outro dos entraves que dificultam o estabelecimento do corpus guisadiano, pelo que este trabalho se assume como mais um avanço e não um ponto final, como já foi indicado, é o facto de a produção de Alfredo Guisado se estender por um espaço temporal e geográfico amplo, o que implica na prática, por exemplo, a presença de textos guisadianos em jornais ou revistas muito diversas e de difícil acesso ao que deve acrescentar-se a extensa bibliografia publicada sobre outros companheiros de geração.

Assim, para alcançar o objecto de estudo analisamos, para além dos textos literários publicados em formato livro, um conjunto heterogéneo e vasto de publicações periódicas portuguesas e galegas, onde encontrámos (ou era esperável encontrar) inter-

venção guisadiana. Como se verá, foi singularmente esclarecedora a pesquisa na publicação periódica galega *El Tea*, nomeadamente no que diz respeito à sua vinculação à Galiza e à colónia galega em Lisboa, mas também para descrever as primeiras intervenções literárias do escritor. Chama mesmo à atenção a falta de estudos no âmbito galego que esclareceram a presença de Alfredo Guisado na publicação de Ponte-areas<sup>6</sup>. Note-se que o primeiro texto publicado do autor, de que temos conhecimento, apareceu com efeito em *El Tea*. Feita esta ressalva, passamos a explicitar de forma geral o corpus guisadiano utilizado neste trabalho.

Alfredo Guisado publicou em vida onze livros, sendo o primeiro, *Rimas da Noite e da Tristeza*<sup>7</sup>, de 1913, e o último, *A pastora e o lobo*<sup>8</sup>, de 1974. Entre um e outro publicou *Distância* (1914), como os anteriores sob o nome Alfredo Pedro Guisado. *Elogio da Paisagem* (1915), *As Treze Baladas das Mãos Frias* (1916), *Mais Alto* (1917), *Ânfora* (1918) e *A Lenda do Rei Boneco* (1920) assinados como Pedro de Menezes. Em 1921 publica *Xente d'a Aldea. Versos Gallegos* sob o(s) nome(s) “Alfredo Pedro Guisado (Pedro de Meneses)”, o(s) mesmo(s) que assina(m) *As Cinco Chagas de Cristo* (1927). Decorridas várias décadas publica como Alfredo Guisado<sup>9</sup> na Portugália Editora, com um estudo de Urbano Tavares Rodrigues *Tempo de Orfeu* (1969), sendo esta a “2ª. Edição dos livros *Elogio da Paisagem, As Treze Baladas das Mãos Frias, Mais Alto e Ânfora*” (Guisado, 1969: V)<sup>10</sup>.

3 O próprio Manuel Carrera afirma que “mais tarde vim a saber que esse espólio foi vendido por mil contos a um alfarrabista” (Manuel Carrera a CPJ).

4 Em 1996 José António Fernandes Camelo edita uma série de textos guisadianos, na sua maioria inéditos, sob o título *Tempo de Orpheu II*, com a seguinte aclaração: Na sua casa antiga do Largo da Graça, nº 15, 1º, “um local que convida a meditação”, “um refúgio ideal para um poeta” e que a sua filha ainda preserva, deixou Alfredo Guisado um manuscrito, projecto de um novo livro, sem título, que agora se edita e se denomina *Tempo de Orpheu II* (Camelo, 1996: 11).

5 De forma parecida se manifesta Sílvia Soares na sua crítica de *Tempo de Orfeu* (1969) quando afirma que Alfredo Guisado “a quem se não têm feito justiça devido talvez ao facto dele próprio se ter exilado voluntariamente no silêncio e na sombra” (Soares, 1970); mais à frente inclusive refere “Só agora, com bastante relutância e depois de muito instado por admiradores e pessoas amigas, resolveu Alfredo Guisado autorizar a publicação deste livro” (*ibid.*).

6 Apenas, segundo o material manejado, Elias Torres tem prestado alguma atenção à intervenção guisadiana em *El Tea* em trabalhos onde são analisadas as relações galego-portuguesas (cfr., por exemplo, Torres, 2010).

7 A seguir serão apenas citados os títulos dos textos, dando um ou outro dado mais quando se estimar oportuno. Para as referências bibliográficas completas *vid.* Biblio.

8 Este livro nem sempre aparece citado nos estudos publicados (cfr., por exemplo, Lourenço, 2003). Publicado em 1974 em Aveiro pela Editorial Vouga, o livro de “contos para crianças” conta com um breve texto introdutório, “Alfredo Guisado e o ‘Orpheu’ visto por Vitorino Nemésio”, e assinado por este, onde é destacada a vinculação de A. Guisado ao Grupo *Orpheu* (cfr. Nemésio, 1974). Agradeço aqui particularmente as amáveis gestões do Director da Biblioteca Pública de Braga, Henrique Barreto Nunes, sem as quais a localização do texto guisadiano seria porventura impossível.

9 Nome que utilizaremos neste trabalho por entendermos neste sentido a vontade do próprio autor; é também, de resto, o nome consagrado pela crítica.

10 Na mesma nota aparece como data de publicação 1970, entrando em contradição com a informação da última página onde figura Dezembro de 1969.

Após o desaparecimento do autor, a 2 de Dezembro de 1975, José António Camelo editou *Tempo de Orpheu II* (1996) onde são recolhidos inéditos guisadianos que, segundo o editor, Alfredo Guisado tinha deixado em manuscrito preparados para publicar faltando apenas o título (cf. Camelo, 1996: 11)<sup>11</sup>. Em 2002, com o apoio do Grupo de Amigos de Lisboa, publica-se *Alfredo Guisado: Cidadão de Lisboa*, onde, além de vários estudos sobre a sua obra<sup>12</sup>, são reproduzidos os textos de *Tempo de Orfeu*<sup>13</sup> assim como *Xente d'a Aldea. Versos Gallegos*. Um ano volvido, Apolinário Lourenço edita, com uma relevante introdução (Lourenço, 2003), *Tempo de Orfeu*, a partir do texto guisadiano de 1969 (cfr. *id.*: XLIV); inclui também um outro texto do autor de 1936, "Algumas palavras sobre Orfeu" (*vid.* Biblio.).

Quanto ao corpus guisadiano não publicado em formato livro a sua fixação supõe algumas incertezas, pois é mais do que provável que dentre os textos aqui utilizados não estejam todos os que Alfredo Guisado efectivamente publicou (cfr. *supra*). Dito isto, e como resultado da pesquisa realizada, o primeiro texto publicado encontrado é um poema aparecido no semanário galego *El Tea* (6/01/1912, p. 1; datado em Dezembro de 1911). Como se verá mais à frente, a intervenção de Alfredo Guisado nesta publicação galega será muito intensa

11 Apesar da introdução do editor ser notoriamente escassa, indica sobre os textos recolhidos: "À excepção de 'Lírica de Filomeno Dias' (pseudónimo com que assinava os poemas publicados nos jornal *República*), as outras três partes inéditas – 'Tapeçarias', 'Senhora da Alma' e 'Sonetos' –, porque bastante datadas, acabam por justificar o título escolhido" (Camelo, 1996: 11; sublinhados nossos). Como veremos, nem todos os textos incluídos neste livro eram inéditos. Por outra parte, a expressão "bastante datadas" pouco clarifica sobre a produção guisadiana.

No último livro publicado por Alfredo Guisado, *A pastora e o lobo* (1974), ao lado da produção anterior, aparecem "A publicar": *Nossa Senhora da Alma, Dédalo, O 'Orpheu' por dentro (história de uma revista literária)* (cfr. Guisado, 1974: 6), o qual parece sustentar a intenção de A. Guisado de publicar apontada por Fernandes Camelo na introdução a *Tempo de Orpheu II* (cfr. *supra*).

12 Da leitura de "A Postilha Explicativa Aumentada" de Urbano Tavares Rodrigues, datada em Agosto de 2000, entende-se que o projecto de *Alfredo Guisado: Cidadão de Lisboa* além de *Xente d'a Aldea. Versos Gallegos*, pretendia incorporar também *Tempo de Orpheu II*. Desconhecemos a causa desta mudança de planos (cfr. Rodrigues, 2002: 11).

13 Isto é: *Elogio da Paisagem, As Treze Baladas das Mãos Frias, Mais Alto e Ânfora*.

entre os anos 1912 e 1913, embora possamos encontrar textos guisadianos ou referências a Alfredo Guisado desde 1911 até o fim da publicação em 1936<sup>14</sup>. Outras publicações periódicas galegas e portuguesas (*A Nosa Terra, A Águia, Orpheu, Exílio*, etc.) onde aparecem textos guisadianos ou críticas e resenhas destes serão aqui convocadas.

Por outra parte, recorrer-se-á a um número significativo de fontes secundárias, após uma selecção dentre o muito publicado acerca de, por exemplo, o Grupo do *Orpheu* ou dos trabalhos dispersos que sobre o objecto de estudo há na Galiza. Deste modo, para os capítulos que visam sobretudo descrever os campos literários galego e português optar-se-á por trabalhos gerais. A respeito dos trabalhos específicos sobre Alfredo Guisado, este estudo tenciona ter em consideração, com as ressalvas já aludidas, tudo o que já foi publicado na Galiza e em Portugal.

14 Apenas serão objecto de análise neste trabalho os textos de *El Tea* aparecidos dentro das balizas temporais antes assinaladas.

## 5. METODOLOGIA: O SISTEMA E O CAMPO LITERÁRIOS

Interessa-nos aqui aproximar-nos da trajectória literária de Alfredo Guisado e a sua relação com a Galiza desde uma perspectiva metodológica abrangente e capaz de superar o “tempo de crise” que se instalou nos estudos literários nomeadamente após o *vazio* deixado pelo estruturalismo (Goulart, 2001: 6-12)<sup>15</sup>. Importa-nos aqui o fenómeno literário enquanto facto social, inscrito num espaço e num tempo concretos em directa ligação com outros âmbitos sociais e, designadamente, deslindar as suas funções dentro do *espaço social*, com o intuito assim de poder ilustrar desde uma nova perspectiva o percurso de Alfredo Guisado. Neste sentido, este trabalho partirá dos contributos metodológicos de Itamar Even-Zohar e Pierre Bourdieu para o fenómeno literário / cultural, assim como utilizará algumas outras ferramentas metodológicas desenvolvidas a partir destas teorias.

As noções *sistema literário*, de Itamar Even-Zohar, e *campo literário*, de Pierre Bourdieu, apresentam-se como um quadro teórico solvente e capacitado<sup>16</sup> para a consecução dos objetivos deste trabalho, porquanto a patente “proximidade conceptual” (Samartim, 2003: 24; cfr. Torres Feijó, 2004: 427 e ss.) existente entre estas duas formulações teóricas permitir-nos-á usá-las de forma conjunta ao longo deste trabalho<sup>17</sup>, pois, tanto Pierre Bourdieu como Itamar Even-Zohar entendem o fenómeno literário como um sistema sócio-semiótico complexo, inserido na sociedade.

A noção de *sistema literário*, desenvolvida nomeadamente pelo professor israelita Itamar Even-Zohar desde a publicação do trabalho “Polysystem Theory” (*vid.* Biblio.) introduz os

15 Neste sentido, em percurso pela história recente dos estudos literários, Antón Figueroa apontava a “impresión, por fin, de ciencia, de ciencia definitiva da literatura que o estruturalismo trouxe consigo” (Figueroa, 2001: 18).

16 Os quais, como indica Antón Figueroa, “constitúen sistemas abertos e non excluíntes onde os coñecementos, froito doutros puntos de vista digamos estruturalistas, fenomenolóxicos ou eruditos, se poden integrar” (Figueroa, 2001: 31).

17 Neste sentido, Monserrat Iglesias, em trabalho descritivo, não duvida em enquadrá-las sob a etiqueta mais ampla de *teorias sistémicas*, substantivando assim os pontos em comum das duas formulações teóricas (Iglesias, 1994: 309 e ss.).

princípios metodológicos que orientam todo o seu trabalho partindo de que “what has been regarded throughout the development of modern science as a supreme goal: the detection of laws governing the diversity and complexity of phenomena rather than the registration and classification of these phenomena” (Even-Zohar, 1990: 9). Assim, o professor israelita e a escola de Telavive, em aplicação do pensamento relacional, parte da “Concepción de la literatura como una red de elementos interdependientes en el cual el papel específico de cada elemento viene determinado por su relación frente a los demás” (Iglesias, 1999: 9). Estes “elementos”, denominados *factores* na terminologia de Itamar Even-Zohar, serão: Produtor, Repertório, Produto, Consumidor, Mercado e Instituição (Even-Zohar, 1999: 29)<sup>18</sup>.

Para Bourdieu o *campo literário* define-se como:

o microcosmos social no qual se produzem as obras culturais, campo literário, campo artístico, campo científico, etc., é um espaço de relações objectivas entre posições –a do artista consagrado e a do artista maldito, por exemplo– e não podemos compreender o que aí se passa a não ser situando cada agente ou cada instituição nas suas relações objectivas com todos os outros. É no horizonte particular destas relações de força específicas, e das lutas visando conservá-las ou transformá-las, que se engendram as estratégias dos produtores, a forma de arte que defendem, as alianças que travam, as escolas que fundam, e isto através dos interesses específicos que aí se determinam (Bourdieu, 1997: 42)<sup>19</sup>.

18 Em consciente desenvolvimento da teoria proposta por Jakobson (cfr. Even-Zohar, 1999: 29).

19 Bourdieu elabora uma teoria que se pretende capaz de abordar não apenas o fenómeno literário, mas também o artístico, filosófico, científico, etc. O seu contributo apresenta-se válido para o conjunto das “obras culturais”, sem por isso deixar de admitir as especificidades de cada campo (Bourdieu, 2004 [1991]: 23-24). Neste sentido, Bourdieu afirma que o campo literário “é un *deses lugares incertos* do espaço social” (*id.*: 50; itálico no original), isto é, apresenta limites pouco claros e ao contrário de outros campos (académico, político, etc.) caracteriza-se “por un grau de codificación moi débil” (*ibid.*). É por isto, segundo Bourdieu, que o campo literário “atrae” produtores muito diversos, com espécies de capitais diferentes, mas que em regra, estão relacionados com outro campo (académico, do poder, etc.), pois o campo literário não garante aos seus agentes a obtenção de capital (seja este simbólico, económico, etc.) no futuro (*id.*: 50-51).

Esta abordagem do fenómeno literário, pretende-se superadora de análises ora internas, aquelas que se centram exclusivamente na análise dos textos, ora externas, aquelas que vêm no autor um *médium* entre a realidade e a sua representação. Bourdieu desde a sua formação como sociólogo tenta inserir a lógica do fenómeno literário, a lógica do campo literário, dentro da lógica de funcionamento do espaço social, entendido este último como a “estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital” (Bourdieu, 1997: 13)<sup>20</sup>, desconsiderando, em grande parte, as especificidades funcionais que tradicionalmente vinham sendo assumidas para o fenómeno literário. De modo semelhante concebe Even-Zohar o sistema literário, pois no esquema antes apresentado, não se pressupõe, em princípio, a preponderância de uns factores sobre os outros, sendo substantivas designadamente as *interdependências* entre os mesmos

Para melhor descrever as sucessivas tomadas de posição de Alfredo Guisado, é particularmente relevante a proposta de Bourdieu, que além de inserir a lógica do campo literário dentro da lógica de funcionamento do *espaço social*, afirma que o campo literário ocupa uma posição temporariamente dominada a respeito do *campo do poder* (Bourdieu, 1996: 247)<sup>21</sup>, pois

Notem-se, neste sentido, as relações existentes com a teoria desenvolvida por Itamar Even-Zohar, nomeadamente a partir de “Factores y dependencias en la cultura. Una revisión de la Teoría de los Polisistemas” (Even-Zohar, 1999; itálico nosso).

20 Ou mais por extenso: “o espaço social organiza-se segundo três dimensões fundamentais: na primeira dimensão, os agentes distribuem-se segundo o volume global do capital, de todas as espécies indiscriminadamente, que possuem; na segunda, segundo a estrutura desse capital, quer dizer, segundo o peso relativo do capital económico e do capital cultural no conjunto do seu património; na terceira, segundo a evolução no tempo do volume e da estrutura do seu capital. Dada a correspondência que se estabelece entre o espaço das posições ocupadas no espaço social e o espaço das disposições (ou dos habitus) dos seus ocupantes e também, por intermédio destas últimas, o espaço das tomadas de posição, o modelo funciona como princípio de classificação adequado: as classes que podemos produzir recortando regiões do espaço social reúnem agentes tão homogêneos quanto possível não só do ponto de vista das suas condições de existência, mas também do ponto de vista das suas práticas culturais, dos seus consumos, das suas opiniões políticas, etc.” (Bourdieu, 1997: 16).

21 Para Bourdieu o *campo do poder* é o espaço das relações de força entre as diferentes espécies de capital ou, mais precisamente, entre os agentes que são suficientemente providos de uma das

“Por muito emancipados que possam estar [os campos de produção cultural] em relação às imposições e exigências externas, continuam a ser atravessados pela necessidade dos campos englobantes, a do ganho, económica ou política” (*id.*: 248). Assim, Bourdieu propõe os conceitos *autonomia* ou *princípio de hierarquização interna* e *heteronomia* ou *princípio de hierarquização externa* para a análise das relações do campo literário com os outros campos inseridos no mesmo espaço social, o que se apresenta especialmente rentável para estudar as tomadas de posição que Alfredo Guisado ou os grupos em que participará efectivamente praticam. Neste sentido, estas tomadas de posição descreverão uma *trajectória*, noção principal neste trabalho, entendida como:

a série das posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo escritor nos estados sucessivos do campo literário, dando-se por entendido que é apenas na estrutura de um campo, quer dizer, uma vez mais, relacionalmente, que se define o sentido dessas posições sucessivas (Bourdieu, 1997: 50).

Deste modo, seguindo Bourdieu, a trajetória de Alfredo Guisado vai estar condicionada pelo estado do campo literário em cada momento e pela posição ocupada pelo produtor no espaço social. A produção de Alfredo Guisado, seguindo esta concepção, apenas pode ser descrita em relação a outros produtores e produtos que actuaram no sistema literário.

Em função das noções metodológicas até aqui referidas, para alcançar os objectivos anteriormente definidos foi necessário enfrentar alguns problemas. O obstáculo fundamental que tentamos ultrapassar relaciona-se com a própria trajetória guisadiana relativamente à sua intervenção em dois espaços culturais, o português e o galego. Metodologicamente, o facto

diferentes espécies de capital para ficarem em condições de dominar o campo correspondente e cujas lutas se intensificam todas as vezes que é posto em questão o valor relativo das diferentes espécies de capital [...]; quer dizer, nomeadamente, quando se encontram ameaçados os equilíbrios estabelecidos no interior do campo das instâncias especificamente encarregadas da reprodução do campo do poder (Bourdieu, 1997: 33).

de Alfredo Guisado produzir *em / para*, estes dois espaços, levanta questões não menores, pois se bem cremos que é possível identificar intervenções mais directamente vinculadas a um ou a outro espaço, parece pouco viável estabelecer duas *trajetórias* independentes, nítidas, pois tampouco existem dois produtores, dois *Guisados*. Acrescente-se a isto a existência do sistema interliterário galego-português (cfr. *infra*), espaço grávido de inter-relações sobretudo a partir de 1916. Deste modo, sem deixar de considerar a possibilidade de perspectivar a trajetória guisadiana de forma substantivamente diferente à proposta neste trabalho, optamos por separar, na medida do possível, estes dois espaços na nossa análise, para depois, nas conclusões, tentar estabelecer as necessárias relações. A estrutura do livro em dois blocos bem definidos deriva desta decisão prévia. Conscientes da problemática associada a este modo de proceder, denominámos provisoriamente, por exemplo, “produção *galega*” ou “trajetória *galega*”, com os itálicos pertinentes, as intervenções guisadianas mais directamente vinculadas ao espaço cultural galego.

Isto vai implicar um esforço adicional, como já foi referido, de descrição do funcionamento dos sistemas literários em questão, prestando atenção aos elementos constitutivos destes e aos interesses em jogo assim como das lutas verificadas. Deste modo, Alfredo Guisado é um *produtor*, do sistema literário português, cujos *produtos*, não exclusivamente textos literários<sup>22</sup>, são elaborados em função de um *Repertório*, isto é, “un conjunto de reglas y materiales que regulan tanto la construcción como el manejo de un determinado producto, o en otras palabras, su producción y su consumo” (Even-Zohar, 1999: 31), podendo coexistir em diferentes posições vários repertórios em concorrência por ocupar o centro do próprio sistema. Esta noção será especialmente útil à hora de analisar o corpus guisadiano, caracterizado por uma diversidade, em princípio,

22 O próprio Even-Zohar consciente da *tradição* existente assinala: “No doubt texts are the most conspicuously visible products of the literary system, at least in many periods of its history”, e em nota de rodapé, “It is hard to dislodge time-honoured images and therefore it seems only ‘natural’ that producing and consuming texts must always have been the most important activity in ‘literature’” (Even-Zohar, 1990: 18).

inédita na altura e, como veremos, nem sempre facilmente explicável.

A trajetória do produtor em foco, adoptando as propostas do sociólogo francês, relaciona-se ainda directamente com as noções de *espacio dos possíveis* e *habitus*, entendido o primeiro como:

o espaço das tomadas de posição efectivamente realizadas tal como surge quando é percebido através das categorias de percepção constitutivas de um certo *habitus*, quer dizer, como um espaço orientado e preenchido das tomadas de posição que no seu interior se anunciam como potencialidades objectivas, coisas 'a fazer', 'movimentos' a lançar, revistas a criar, adversários a combater, tomadas de posição estabelecidas a 'superar', etc. (Bourdieu, 1996: 268)

O *habitus* definido como "categorias de percepção e apreciação produzidas pelos condicionamentos sociais de cada individuo" (Bourdieu, 2004: 25)<sup>23</sup> longe de ter um funcionamento mecânico, no sentido de criar relações de causa-consequência, propicia certas formas de agir que apenas são postas em prática em função do estado do campo e do, conseguinte, espaço dos possíveis inscrito nesse campo. Utilizando este conceito, Bourdieu assevera que dentro do campo literário as posições mais arriscadas, e as possibilidades de mantê-las, "semellan depender en gran medida da posesión dun capital económico e simbólico importante" (2004: 115). Para Bourdieu os grupos de agentes que ocupam posições dominantes são muito homogéneos, apresentam um *habitus* parecido; porém, as posições de vanguarda, pense-se no *Orpheu*, são ocupadas por agentes mais díspares quanto ao *habitus*, o que favorece as disputas internas e as consequentes rupturas, provocando assim que só os *escolhidos*

23 Note-se que na revisão da sua teoria dos Polissistemas, Itamar Even-Zohar introduz o conceito de *habitus* de Bourdieu, definindo-o como "repertorio de modelos adquiridos y adoptados (también adaptados) por individuos o grupos en un medio determinado, bajo los condicionantes del sistema de relaciones que dominan ese medio" (Even-Zohar, 1999: 38).

consigam obter o capital simbólico, transformável mais tarde em outras espécies de capital (2004: 123)<sup>24</sup>.

### 5.1. O CASO GALEGO DESDE AS TEORIAS SISTÉMICAS

Para a análise do fenómeno literário especificamente na Galiza, assim como para determinar como este se relaciona com outros sistemas literários, e dentro destas relações a posição dos produtores, serão utilizadas noções de raiz sistémica que tem utilizado e / ou desenvolvido nomeadamente o Grupo GALABRA da Universidade de Santiago de Compostela. Assim, para referir-nos ao espaço geo-humano galego no período focado (1910-1921) será necessário precisar que longe da homogeneidade muitas vezes atribuída e invocada, o emergente sistema literário galego, face, por exemplo, ao consolidado sistema literário português, apresenta agentes e grupos que "nom pretendem impugnar a pertença [ao sistema originário]"<sup>25</sup> (Torres, 2004: 429), actuando ao nível de repertório para elaborar algumas singularidades que em nenhum caso pretendem construir um outro sistema literário; denominam-se estas práticas *tendências subsistémicas*<sup>26</sup>. Por outro lado, veremos como em concorrência directa, no panorama galego são também detectáveis "práticas tendentes à configuração dum novo sistema segregado do sistema a que se está vinculado", as quais se denominam *tendências proto-sistémicas* (Torres, 2004: 429). Estas encontram na *importação* uma forma privilegiada de se nutrir a nível repertorial, como veremos ao descrever o caso galego<sup>27</sup>. Para a necessária delimitação das propostas concor-

24 O capital para Bourdieu distingue-se entre capital económico, "a propriedade privada dos meios de produção" (Bourdieu, 1997: 16); capital político, "garante aos seus detentores uma forma de apropriação privada de bens e de serviços públicos" (*id.*: 17); e capital simbólico, "qualquer propriedade (qualquer espécie de capital, físico, económico, cultural, social) que seja percebida por agentes sociais cujas categorias de percepção são tais que eles são capazes de a reconhecer (de se aperceber dela) e de a reconhecer, concedendo-lhe valor" (*id.*: 80).

25 Entenda-se para o caso galego o sistema literário espanhol.

26 Elias Torres relaciona estas práticas, "provisoriamente", com "literaturas regionais", como por exemplo são entendidas no espaço ibérico (Torres, 2004: 429).

27 Dentro da noção de *importação* de Itamar Even-Zohar (cfr. Even-Zohar, 1990) "podemos englobar as práticas de tradução e todos aqueles elementos que chegam ao sistema de destino por meio das transferências ou das interferências com

rentes no emergente sistema literário galego, às quais se vinculará Alfredo Guisado, a noção de *norma sistémica*, entendida como “O que permite balizar cada um desses sistemas, ou segundo os casos, programas e elaborações proto-sistémicas” (*ibid.*)<sup>28</sup> será especialmente rentável. Todavia, e no que diz respeito à relação dos espaços galego e português, utilizaremos as noções *referente de oposição*, sistema rechaçado e do qual se procura a emancipação, e *referente de reintegração*, sistema do qual se reconhece a partilha de uma mesma norma sistémica (Torres, 2004: 442)<sup>29</sup>, que nos permitirão ilustrar melhor as tomadas de posição dos agentes e grupos no *sistema interliterário* galego-português em construção<sup>30</sup>.

Alfredo Guisado, filho de emigrantes galegos em Lisboa, manterá a sua relação com a Galiza, como veremos, nas suas constantes deslocações a Ponte-areas, mas também dentro da auto-denominada *colónia* galega em Lisboa. A este colectivo de emigrantes galegos em Lisboa, consideramos, pode ser aplicada a noção de Naftoli Bassel (1991) *enclave*, isto é, como uma “secção do sistema cultural situada num território geograficamente afastado do da comunidade originária, configurando um espaço no qual as pessoas e as instituições presentes man-

outros sistemas; o carácter máis ou menos voluntário diferenciá as primeiras das segundas” (Samartim, 2003: 32; cfr. Torres, 2004: 440-441).

28 Mais por extenso: “As normas sistémicas (materiais ou regras repertoriais da perspectiva analítica de Even-Zohar) som critérios delimitadores que actuam como princípios básicos que se activam nas práticas culturais dos espaços sociais, e de cuja interpretação e aceitação pela comunidade participante dependem as possibilidades e os modos de obter uso, posição e função nos sistemas culturais. As normas sistémicas, aliás, não apenas determinam os nutrientes da estrutura do sistema mas os modos e efeitos de serem atingidos os seus pertencentes” (Torres, 2004: 430). Por outro lado, define-se *norma de repertório* como os elementos que ao nível do repertório são utilizados para singularizar os produtos dentro de uma comunidade ou as particularidades presentes nas tendências subsistémicas (*id.*: 437).

29 Estas duas noções foram inicialmente propostas pelo historiador Justo Beramendi (cfr., por exemplo, Beramendi, 2008: 22 e ss.).

30 Recolhemos em Arturo Casas (2003) a noção de *sistema interliterário* de Dionýz Ďurišin (cfr. Casas, 2003: 75 e ss.), altamente rentável para ilustrar as relações literárias entre a Galiza e Portugal no período em foco. Define assim A. Casas a noção de sistema interliterário: “un grupo de literaturas nacionales vinculadas históricamente que mantienen entre sí una serie de relaciones jerárquicas y de flujos repertoriales o de interferencias, de modo semejante a los que se dan entre los sistemas periféricos y central de los polisistemas fuertes” (Casas, 2003: 73).

tenham relações específicas entre elas e com os seu homólogos da metrópole” (Samartim e Cordeiro, 2009; Equipo Glifo, 1998: 71-72)<sup>31</sup>. Deste modo, consequentemente, a Galiza será a *metrópole* do enclave galego de Lisboa.

31 Alberto Pena, no seu informado estudo sobre a emigração galega e as ditaduras peninsulares do século XX (trabalho centrado no período 1936-1939), à hora de se enfrentar às características deste colectivo assinala, apoiando, na nossa leitura, a adopção da noção de *enclave*:

tenía sus propias instituciones para defender sus intereses dentro de la sociedad portuguesa, mantener las tradiciones de su cultura, reivindicar sus orígenes y afirmar su posición social como emigrantes. No era, por tanto, una comunidad desagregada, en la que predominase el individualismo, sino todo lo contrario, como ocurrió con la emigración gallega en otros países. Fundaron asociaciones culturales y recreativas que les servían para seguir alimentando su *morriña* con un espíritu solidario hacia sus semejantes, pero con una estructura más bien corporativa (Pena, 1999: 41; itálico no original).

## 6. ESTADO DA QUESTÃO

Os vários trabalhos que sobre Alfredo Guisado foram publicados coincidem, na sua maioria, em citar a frase de Óscar Lopes, já lugar comum dos estudos guisadianos e citada anteriormente neste trabalho, “o mais injustamente esquecido dos poetas de *Orpheu* é Alfredo Guisado” (Lopes, 1973: 715)<sup>32</sup>. O próprio Óscar Lopes, em co-autoria com António José Saraiva, dedica apenas cinco escassas linhas na *História da literatura portuguesa* a Alfredo Guisado, nas quais à hora de caracterizar a produção guisadiana somente se indica que o produtor em foco “aproxima o decadentismo da alegoria ou de uma saudade rural luso-galega” (Lopes e Saraiva, 1996: 996).

Bástantes anos antes, um dos fundadores da *Presença*, João Gaspar Simões, interessado no primeiro modernismo português<sup>33</sup>, já tinha valorado em duas páginas da sua *Historia da poesia portuguesa* a produção literária guisadiana orientando, em nossa opinião, as análises posteriores no âmbito dos estudos literários portugueses. É significativo, neste sentido, o facto de Alfredo Guisado aparecer no capítulo titulado “A Geração do ‘Orpheu’”, integrando-o assim na citada “Geração”. Aparece, no entanto, sob a epígrafe “Alfredo Pedro Guisado, Armando Cortes-Rodrigues e outros” outorgando-lhe, deste modo, uma posição não central face à de Fernando Pessoa, nomeadamente, e Mário de Sá-Carneiro. Para Gaspar Simões:

32 João Rui de Sousa anota ainda, depois de citar Óscar Lopes: “não obtive no meio literário português a plena *atenção* a que a qualidade da sua poesia faria juz e, muito ao invés, sobre ele recaíram, com frequência, *estranhos silêncios e omissões*” (Sousa, 1991: 75; itálicos nossos).

33 Gaspar Simões demonstra interesse sobretudo, pelo menos nos primeiros trabalhos publicados, pela vida e obra de Fernando Pessoa; as cartas deste (1929-1934), que Simões publicou, dão conta do prematuro interesse pelo autor de *Mensagem* (cfr. Simões, 1957); de facto os três artigos publicados em *Seara Nova* sob o título “Tendências e individualidades da moderna poesia portuguesa” aparecem em 1930, apenas um ano após iniciar a relação epistolar com F. Pessoa (Simões, 1930a, 1930b, 1930c). O Grupo do *Orpheu* é tratado especialmente nos dois primeiros, sendo Alfredo Guisado citado com: “Outros nomes aparecem no *Orfeu*, Ângelo de Lima [...]; e ainda Alfredo Pedro Guisado, Côrtes Rodrigues e Luís de Montalvor, dos quais o último me parece o mais importante e original” (Simões, 1930b; 293). Com Luís de Montalvor, Gaspar Simões colaboraria pouco mais tarde na edição das obras de Pessoa.

É sobre [Alfredo Guisado] que a influência de Fernando Pessoa e do paúlismo se manifesta mais absorvente. Na verdade, a essa data já [...] era autor de um volume de versos intitulado *Rimas da Noite e da Tristeza*, aparecido em 1913, isto é, anteriormente à publicação em *A Renascença das Impressões do Crepúsculo* com que Pessoa inicia o paúlismo. Nada fazia prever, efectivamente, que o autor dessas rimas, de sentido anedótico e ingénua concepção, viesse a adoptar, dentro de pouco, um estilo perfeitamente antagónico do dos versos da sua estreia. Mas a verdade é que logo no ano seguinte, e coincidindo com a campanha paúlica do profeta “supra-Camões”, Alfredo Pedro Guisado dá à estampa uma *plaque* de versos, que intitula *Distância* (1914), em que largamente se expande a estética do paúlismo. Quando em 1915 sai o primeiro número do *Orpheu*, nos seus *Trezes Sonetos* aí insertos, segue de perto o mestre (sublinhados nossos).

E mais à frente:

A poesia de *Distância*, como a do *Elogio da Paisagem*, livro que virá à luz no ano seguinte (1915), é profundamente impregnada de paúlismo à maneira de Sá-Carneiro (Simões, 1959: 518-519).

Fica patente nas citações a relação de dependência que Gaspar Simões estabelece entre Alfredo Guisado e Fernando Pessoa, o “mestre”, e Mário de Sá-Carneiro<sup>34</sup>, ao passo que secundariza o primeiro poemário do autor. Note-se que esta vinculação a Fernando Pessoa é também invocada à hora de explicar a adopção do pseudónimo Pedro de Menezes:

<sup>34</sup> Em referência a uma quadra de *Ânfora* mas, na nossa leitura, com intenção conclusiva, Gaspar Simões caracteriza assim a produção guisadiana:

Pouco musical, mas hábil na associação das imagens e na decomposição dos estados de espírito, Pedro de Menezes exprime, com aplicação, um aspecto metódico do modernismo, e quando, mais tarde, volta a recuperar o seu nome verdadeiro, publicando *As Cinco Chagas de Cristo* (1927), obra de sentido patriótico, encontram-lo voltado, de novo, para o velho Saudosismo, que nem por ser adubado por uma imagística que cresceu em terras paúlicas é menos lirismo tradicional, especialmente no gosto do romancista (Simões, 1959: 520).

A adopção do pseudónimo, sob o qual publicará ainda *As Treze Baladas das Mãos Frias* (1916), *Mais Alto* (1917), *Ânfora* (1918), *A Lenda do Rei Boneco* e os versos galegos de *Xente de Aldea* (1912), parece obedecer a um propósito. Graças a ele, pensava, talvez, o poeta ter procedido a uma dessas ‘duplicações de personalidade’ que Fernando Pessoa operava tão facilmente em si próprio e que tão a gosto estimulava nos companheiros (Simões, 1959: 519).

Gaspar Simões tinha feito outra análise em *Vida e obra de Fernando Pessoa* (1950) quando, relativamente ao uso de Pedro de Menezes, afirma que o autor “procurara assim desligar-se do seu passado ‘órfico’” (Simões, 1950: 280, n. 14), introduzindo alguma confusão no que diz respeito à função de *Pedro de Menezes* ao lado do *Alfredo Pedro Guisado*, somando-se irremediavelmente à confusão que tem gerado desde a segunda década do século XX até praticamente à actualidade a interpretação desde o campo académico da heteronímia pessoana.

Todavia, voltando às páginas da *História da poesia portuguesa*, cabe ressaltar que ao longo das duas páginas, embora seja citada, tão somente se indica em relação a *Xente d’a Aldea* que são “versos galegos” e não é feita qualquer referência à sua vinculação com a Galiza<sup>35</sup>. Ressalte-se que Gaspar Simões será um dos pioneiros, junto com José Régio nomeadamente<sup>36</sup>, a debruçar-se sobre a produção literária dos membros de *Orpheu*, e, muito relevante mas não objecto deste estudo, que quando Gaspar Simões, entre outros, começa a construir a *história literária de Orpheu*, Alfredo Guisado ocupa, como se verá, uma posição não central, politicamente remetido para a oposição à Ditadura. Lembre-se a este respeito, a crítica frontal com que o produtor em foco recebe em 1950 com “Vida e Obra de Fernando Pessoa” um novo trabalho literário do sr. João Gaspar Simões” nas páginas do *República* o trabalho de

<sup>35</sup> Apenas é referida no início a “ascendência galega” do autor (Simões, 1959: 518).

<sup>36</sup> José Régio, um dos fundadores da *Presença*, mostrou desde cedo interesse por estes assuntos. Em 1925 (Coimbra), licenciou-se em Filologia Românica com a tese *As Correntes e As Individualidades na Moderna Poesia Portuguesa*.

Gaspar Simões *Vida e obra de Fernando Pessoa (vid. Biblio.)*<sup>37</sup>. Os contributos de Gaspar Simões irão, entendemos, nortear significativamente os estudos guisadianos.

Sob a epígrafe “Outras personalidades do primeiro modernismo”, Óscar Lopes, em 1973, debruça-se sobre a obra do autor em foco destacando:

A sua obra não nos traz uma concepção de vida tão densamente original como a de Pessoa, nem mesmo rasgos como os das melhores poesias de Sá-Carneiro, mas nos seus dois ou três melhores livros distingue-se pela inventividade da metáfora e pelo equilíbrio do gosto. Os sonetos que publicou em *Orpheu* foram incluídos em *Ânfora*, 1918, que é de longe a sua obra-prima (Lopes, 1973: 715; sublinhado nosso).

Note-se na análise de Óscar Lopes, assim como na de Gaspar Simões, a comparação com Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, que irá estar presente na maior parte dos estudos publicados até à data sobre Alfredo Guisado. Por outra parte, Óscar Lopes, ao examinar com mais detalhe a obra guisadiana, estabelece o poemário *Ânfora* como a “obra-prima”, o qual a partir daqui será constantemente reiterado nas diferentes abordagens. À semelhança de Gaspar Simões, também Óscar Lopes detecta na obra de Alfredo Guisado, ao lado do repertório modernista, a presença de repertório literário pré-modernista.

Será José Carlos Seabra Pereira quem primeiro aborde com alguma extensão o conjunto da produção literária guisadiana. Em “Trajectória estética e temática maior da poesia de Alfredo Pedro Guisado” (Pereira, 1979)<sup>38</sup>, numa análise em que são invocados quase exclusivamente os livros publicados, são aprofundados os traços já apontados por Gaspar Simões e, nomeadamente, Óscar Lopes. Assim, para Seabra Pereira, nos

37 O texto de Guisado acaba com as seguintes palavras: “Como veêm, o sr. dr. João Gaspar Simões não foi feliz no seu cometimento. E no que diz respeito a cingir-se á verdade, nem é bom falar nisso” (vid. Biblio.).

38 Refundição de um outro trabalho (Pereira, 1976) e vários outros publicados n'O *Primeiro de Janeiro* (cfr. Pereira, 1979: 161).

textos de Alfredo Guisado, “são já evidenciados, sobre o fundo das heranças finisseculares e saudosista, importantes temas e estilemas do nosso primeiro Modernismo” (Pereira, 1979: 8), onde se destacam três traços principais: a “fortíssima derivação pré-modernista” de origem decadentista, simbolista e saudosista (*id.*: 171); a influência modernista a partir de *Mais Alto* (*id.*: 172); e a presença da problemática do “Eu” (*id.*: 174). Neste quadro, o primeiro livro guisadiano, *Rimas da Noite e da Tristeza* (1913) é considerado, “obra de incipiência juvenil, de poeta que busca uma arte expressiva” (*id.*: 161) enquanto *Ânfora* (1918) é o livro “cimeiro de Guisado, e que como tal tem merecido atenção” (*id.*: 175; cfr. Lopes, 1987 e Lourenço, 2003: XXXVIII).

Na Introdução a *Tempo de Orfeu*, Apolinário Lourenço, reiterando alguns destes traços, vincula, no entanto, mais estreitamente, a produção guisadiana ao grupo do *Orpheu* e, mais em concreto, à produção de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro (Lourenço, 2003). Expressivamente, Apolinário Lourenço, em análise próxima da anteriormente realizada por Seabra Pereira (cfr. Pereira, 1979), divide a produção guisadiana em três momentos: “O Guisado pré-paulíco”, onde inclui os livros *Rimas da Noite e da Tristeza* e *Distância*, este último em parte; “Livros posteriores a *Tempo de Orfeu*”, *A lenda do Rei Boneco*, *As cinco chagas de Cristo* e *Xente d'a Aldea*, textos onde o repertório modernista, ou não ocupa um lugar central ou desaparece; e a divisão com análise mais pormenorizada, “Tempo de Orfeu: Alfredo Guisado entre os seus”, abarcando os livros publicados mais tarde em *Tempo de Orfeu* (Guisado, 1969), repertorialmente, segundo Apolinário Lourenço, mais vinculados ao denominado primeiro modernismo português (*paulismo*, *intersecionismo* e *sensacionismo*) (Lourenço, 2003: XI-XIII, XXVII-XLIII).

De facto, os trabalhos em torno à produção de Alfredo Guisado põem em destaque principalmente, na maior parte dos casos, a sua participação no primeiro número da revista *Orpheu* e, conseqüentemente, a sua vinculação com Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro (cf. Machado, 1996: 235 e

Lisboa, 1994: 425-427)<sup>39</sup>. Deste modo, os estudos até à data realizados apresentam, em maior ou menor medida, a tendência para ressaltar a dependência da produção guisadiana a respeito dos dois autores citados, projectando, em muitos casos, a ideia de uma produção *menor*<sup>40</sup> se comparada com os anteriores (cfr. especialmente Simões, 1959: 518-520 e Lopes, 1987: 598). Esta orientação é particularmente observável à hora de proporcionar uma explicação sobre os vários nomes que Alfredo Guisado usou. Neste sentido, por exemplo, o uso do pseudónimo Pedro de Menezes é analisado em numerosas ocasiões como mais um elemento que argumenta a relação de dependência a respeito de Fernando Pessoa<sup>41</sup>.

Por outro lado, verifica-se que de um modo geral a posição outorgada dentro da história da literatura portuguesa e a descrição feita do percurso literário de Alfredo Guisado tem atendido prioritariamente aos textos literários do produtor, nomeadamente aos livros de poesia publicados e dentre estes aos recolhidos em *Tempo de Orfeu* (vid. Biblio.), não observando, assim, outros produtos e estabelecendo tímidas relações com o espaço social onde se inserem produtor e produto.

39 Muitas das aproximações à produção guisadiana citam as frases de elogio que os outros membros de *Orpheu* lhe dirigiram, numa tentativa, pensamos nós, de justificar e / ou legitimar a pertinência do estudo da produção guisadiana (cfr., por exemplo, Rodrigues, 1969: XI; Lourenço, 2003: XXVII; Estravis, 1980: 350). Igualmente expressiva desta abordagem de Alfredo Guisado são as seguintes palavras:

Como poeta, Alfredo Guisado merece uma atenção muito especial por ter privado com os homes do *Orpheu*. Nomeadamente merece análise cuidada a sua obra poética por nele se detectar o parentesco mais próximo com a de Sá Carneiro. A imagética luxuosa e aristocrática de A. G. é mais ornamental do que a de Sá Carneiro. Mas usa os mesmos *oiros*, a mesma paramentaria litúrgica, os mesmos jardins e castelos que serão retomados pelo expressionismo de seu amigo Sá Carneiro (Maia, 1979: s.v. "Guisado, Alfredo Pedro"; sublinhado nosso).

40 António Ventura não duvida em afirmar que Alfredo Guisado "é uma figura um pouco esquecida, um pouco *lateral* e, como poeta, *talvez não seja de primeira grandeza*" (Ventura, 1995: 260; itálicos nossos).

41 Para Eugénio Lisboa "a adopção do criptónimo, ainda que queira de algum modo responder ao 'apelo' heteronímico de Pessoa, não ilude uma personalidade una" (Lisboa, 1994: 426). Enquanto, segundo Apolinário Lourenço, *Pedro de Menezes* não é um heterónimo mas também "não é um mero criptónimo, através do qual se esconde uma identidade, é também um *alter ego*" (Lourenço, 2003: XLIII).

### 6.1. O PERCURSO GALEGO DE ALFREDO GUISADO

Quanto à relação do produtor em foco com a Galiza, a invocação de um suposto "amor à Galiza", quando não um simples silêncio<sup>42</sup>, é a linha mais recorrente, designadamente nas tentativas de enquadrar *Xente d'a Aldea* dentro da produção guisadiana em Portugal (cfr., por exemplo, Simões, 1959: 519). De facto, *Xente d'a Aldea* (junto com a ascendência galega e as sazonais estadias na terra dos seus pais) será o principal vínculo invocado do produtor em foco com a Galiza, não implicando isto, porém, uma análise mais pormenorizada do texto; note-se ainda que *Xente d'a Aldea* aparece em vários dos trabalhos consultados como sendo uma obra *menor* dentro da produção guisadiana (cfr. Estravis, 1980: 351)<sup>43</sup>, ao passo que constitui um produto literário *diferente* do resto da produção guisadiana, fazendo com que os sucessivos estudos do texto experimentassem, como veremos, abordagens ora menos informadas, ora menos legítimas. Assim se expressava Óscar Lopes em 1973:

Lêem-se com agrado totalmente novo os "Versos Galegos" de *Xente d'A Aldea*, 1921. Guisado chama a si toda a ternura da sua ancestralidade galega; tira belo partido do sabor tão doce dessa versão arcaizante da nossa língua que se fala nas aldeias para além Minho, com os seus meigos diminutivos [...] A evocação da terra, paisagem e tipos resalta em pequenos quadros dialogados de costumes, deliciosos de autenticidade, e a que nem mesmo

42 É exemplo deste silêncio, por exemplo, a resenha de *Tempo de Orfeu* (1969) que Landeira Yrago publica em *Grial*. Apesar de indicar "autêntico poeta de ramo carnal galego cantado em Lisboa" não introduz qualquer comentário sobre *Xente d'a Aldea* (Landeira, 1972: 240).

Contudo, em 2001 foi objecto de uma homenagem no novo *Balneario* de Mondariz auspiciada pelo Grupo de Amigos de Lisboa. Na homenagem esteve presente a filha, Palmira Guisado. Fruto deste acto e do empenho do Grupo de Amigos de Lisboa é, em certa medida, o volume *Alfredo Guisado: Cidadão de Lisboa* (2002) (cfr. Alonso, 2001: 153).

43 Ainda em 2005 o escritor e professor galego Xosé Luís Méndez Ferrín assevera sobre *Xente d'a Aldea* "esteticamente digno ainda que inferior à sua obra portuguesa principal" (Méndez, 2005). Em 2001, dando notícia da homenagem a Alfredo Guisado em Mondariz, Alonso Estravis, ao descrever *Xente d'a Aldea* afirma: "Aqui deixou-se levar pelas leituras dos escritores galegos do XIX e a sua poesia decaí com respeito à outra, encontrando-se com *erros incríveis* numa pessoa que *dominava tão bem a língua*" (Alonso, 2001: 153; itálicos nossos).

falta a nota discretamente heróica de uma resistência à absorção castelhanizante e sobretudo à exploração social (“A Fiar”, “O Enterro”, duas boas poesias que se podiam classificar de exemplarmente neo-realistas (Lopes, 1973: 716-717; sublinhado nosso)<sup>44</sup>.

As dúvidas que transparecem no texto de Óscar Lopes à hora de classificar *Xente* dentro da produção guisadiana são reiteradas por José Carlos Seabra Pereira, quem, além de detectar “inocência ideo-temática”, pergunta-se: “Quer dizer que do render do contemplativismo esteticista pelo quadro étnico-telúrico irrompe o compromisso *neo-realista*?” (Pereira, 1979: 178-179; itálico nosso); repete-se a adjectivação *neo-realista* a um produto e tempo literários que nada têm a ver, como se verá, com o significado que tradicionalmente é dado a esta etiqueta dentro dos estudos literários em Portugal.

Contudo, a partir nomeadamente do estudo de Issac Alonso Estravis “Un poeta galego desconhecido” (Estravis, 1980), ilustrativo já no título, e de José António Fernandes Camelo “Do galeguismo de Alfredo Pedro Guisado ou Pedro de Menezes” (Camelo, 1985), a relação que Alfredo Guisado teve com a Galiza será ilustrada em função dos contactos que este supostamente mantinha com alguns dos agentes mais relevantes do *galeguismo* (cfr. Galhoz, 1995; Álvarez, 2002). Esta vinculação ao *galeguismo* foi interpretada de variadas formas. Assim, por exemplo, Lúcio Vidal interroga-se:

Poderia Alfredo Guisado ter imprimido alguma tonalidade política, embora de mera cooperação democrática, ao relacionamento galego-português, de acento predominantemente cultural (e quase confinado às questões literárias, linguísticas e históricas)? Cremos que não (Vidal, 1984: 39)<sup>45</sup>.

<sup>44</sup> Análise similar e devedora do mesmo estudo de Óscar Lopes publicado antes de 1973 é a feita por Urbano Tavares Rodrigues: “*Xente d’Aldea*, onde [Óscar Lopes] detecta poesias de resistência à exploração social que poderiam classificar-se de *exemplarmente neo-realistas*” (Rodrigues, 1969: XII; itálicos no original).

<sup>45</sup> Em nota de rodapé, Lúcio Vidal argumenta a sua tese: “O dogma de não intervenção no que se considerasse ‘assunto do Estado vizinho’ era quase religiosamente observado, pelo menos desde D. Luís I, pelos partidos portugueses da área do poder —onde A. Guisado militava” (Vidal, 1984: 39 n. 20).

Mas voltando ao anterior, repare-se ainda que o artigo de Estravis foi publicado, com o mesmo título, no volume de 2002 *Alfredo Guisado. Cidadão de Lisboa*<sup>46</sup> e, por exemplo, em 2005 Xosé Manuel Dasilva afirmava, a respeito da Galiza “Ningún manual de literatura recolle o seu nome nin tan sequera para facer unha referencia mínima á obra que escribiu en galego” (Dasilva, 2005: 124)<sup>47</sup>. Assim, a análise (e / ou *reivindicação*) de Alfredo Guisado no campo cultural galego é feita, em termos gerais, em função do *amor à Galiza* e da *galeguidade* de que é, supostamente, expressão designadamente *Xente d’a Aldea*; enquanto no campo académico português a sua vinculação com a Galiza, nomeadamente *Xente d’a Aldea*, ocupa uma posição periférica, até ao ponto de ser apagada, contrariamente ao que acontece com a intervenção guisadiana na revista *Orpheu*.

<sup>46</sup> O citado artigo foi, em verdade, publicado com ligeiras variantes em três ocasiões (ou quatro, se se incluir a entrada *Alfredo Guisado* da *Gran Enciclopedia Gallega*), a primeira em 1980 e a última de que temos notícia em 2002 (*vid. Biblio.*).

<sup>47</sup> Com efeito, chama a atenção a este respeito a ausência de Alfredo Guisado no *Diccionario da literatura Galega. I Autores* coordenado por Dolores Vilavedra (*vid. Biblio.*). No entanto, a entrada Alfredo Guisado sim consta no *Diccionario de escritores en lingua galega* de Francisco Fernández del Riego, único dicionário de autores galego que recolhe a Alfredo Guisado. Fernández del Riego como galeguista *histórico* teria um conhecimento, em primeira pessoa, sobre os vínculos guisadianos com a Galiza (cfr. Fernández, 1988). A entrada Alfredo Guisado, recolhe:

De país galegos, naceu em Lisboa a 30 de Outubro de 1891. Fixo a carreira de Dereito na Universidade desta capital portuguesa. Sintiu desde sempre unha devoción por Galicia, terra dos seus devanceiros. Viaxaba tódolos anos a Mondariz, localidade de onde procedía os seu pai emigrado. Foi amigo de Fernando Pessoa, e colaborador con el e outros escritores, da revista poética “Orpheu”. Morreu na cidade na que nacera o 30 de novembro de 1975. Publicou alá polo ano 1921 un pequeno volume de poemas en galego, co título de *Xente de aldea*, adicado a Castela. Quixo reflexar nos versos os diversos temas da vida rural no noso país. Trátase de poesías sinxelas e delicadas; pero tamén sona nelas un berro de rebeldía e de libertade (Fernández, 1990: s. v. “Guisado, Alfredo”).

## 7. TRAJECTÓRIA DE ALFREDO GUIADO EM PORTUGAL (1910-1921)

A instauração da República Portuguesa em 5 de Outubro de 1910 repercutiu e condicionou amplamente, como não poderia deixar de ser, depois de mais de seis séculos sob a Monarquia, o campo cultural português. Segundo Carlos Leone significou mesmo o “início do século XX português” (Leone, 2005: 26)<sup>48</sup>. Longe de ser uma mudança pacífica, a proclamação da República deu início a um período conturbado da história do País, pois significou o começo de uma série de lutas no campo do poder de ordem político e económico que alastrariam, mormente, até ao golpe militar de Março de 1926. Os protagonistas destas lutas serão, esquematicamente: por um lado, os republicanos, muito divididos entre si; e, por sua vez, os monárquicos e seus achegados que desde o mesmo início discutirão e impugnarão o regime republicano. Todas estas lutas dentro do campo do poder repercutir-se-ão, como se verá, no campo cultural. Lembre-se a este respeito, que o novo regime republicano, com o intuito de levar a cabo o seu programa de transformações, estabelece fortes laços com agentes do campo cultural português (Ramos, 1994: 433) e cria as condições, mercê à nova legislação, para um aumento significativo no número jornais, “em geral órgãos dos diversos partidos” (Tengarrinha, 1999: 260), como o *República* fundado e dirigido por António José de Almeida ou *O Intransigente* cujo director foi, até 1915, Machado Santos<sup>49</sup>.

Logo desde o princípio, o novo regime republicano vê como o nuclear Partido Republicano Português, muito vin-

48 Para Carlos Leone, seguindo de perto Boaventura Sousa Santos ou José Gil, “Portugal deu no século XX um salto da pré- para a pós-modernidade, ou seja, conheceu um processo de modernização acelerada, reestruturando-se socialmente em menos de um século (entre 1910 e 1986) através de uma adesão a uma imagem de Europa –a da Modernidade ocidental, liberal e universalista” (Leone, 2005: 30).

49 O quadro geral do jornalismo português a partir de 1910, apesar de significar em grande medida uma continuação do panorama de finais do séc. XIX, segundo Mário Matos e Lemos, caracteriza-se pelo predomínio dos “jornais republicanos, muitos a durarem pouco [...]; mas não tardam a surgir as dissensões entre os políticos republicanos e os jornais das diversas facções digladiam-se, insultam-se, atacam os jornais monárquicos e católicos que voltavam a publicar-se [...] reflectindo perfeitamente a desordem que imperava na sociedade” (Lemos, 2006: 37).

culado à maçonaria<sup>50</sup>, é dividido, para dar lugar ao Partido Democrático comandado por Afonso Costa, onde, como veremos, militará Alfredo Guisado, o Partido Evolucionista dirigido por António José de Almeida e, por último, a União Republicana chefiada por Manuel Brito Camacho. Estes três partidos irão dominar o campo político português durante quase toda a década (cfr. Ramos, 1994: 486)<sup>51</sup>. Verão, nomeadamente o Partido Democrático de Afonso Costa, “uma porta de saída” aos problemas internos na participação portuguesa, ao lado da Inglaterra e da França, na I Grande Guerra (*id.*: 500)<sup>52</sup>. Miragem política que teve de ultrapassar o consulado de Pimenta de Castro (1915) e mais à frente, coincidindo com as piores consequências da Guerra, o golpe de Sidónio Pais (no poder entre 11/12/1917 e 14/12/1918). Após o assassinato deste, houve entre Março de 1919 e Maio de 1921, no denominado regresso à “República Velha” (Maltez, 2005: 264), 10 governos, quase todos com presença dos Democráticos de Afonso Costa, entretanto exilado em Paris desde 1917 (onde acabaria por morrer em 1937) (Maltez, 2005: 249-251).

Além das divisões, lutas e tensões verificadas entre os republicanos, o período de estudo (1910-1921) é protagoni-

50 Rui Ramos a este respeito não duvida em afirmar que “O republicanismo era intrinsecamente maçónico” (Ramos, 1994: 412) ou “Era público que todos os chefes revolucionários de 5 de Outubro e do Partido Republicano pertenciam ao Grande Oriente Lusitano. Isso dever ter entusiasmado muita gente a procurar iniciar-se, até porque a Maçonaria se revelou em breve uma das melhores vias para obter favores e empenhos dos poderes da República” (*id.*: 489). Dadas as características da maçonaria em geral, pense-se no secretismo que professa, a nossa pesquisa à volta de Alfredo Guisado ver-se-á limitada pela falta de dados no que diz respeito a este assunto concreto. Os poucos dados encontrados são contraditórios, o que nos obriga aqui neste trabalho a deixar de lado esta linha de análise. Por um lado, José Freire Antunes, cita Alfredo Guisado no grupo de jornalistas que em 1935 pertenceriam ao Grande Oriente Lusitano (Antunes, 2003: 469). Por outro lado, António Guisado na entrevista realizada foi bastante categórico: “Nunca foi maçã e dizia ele ‘Nunca hei-de pertencer a uma associação secreta’ mas, no entanto, ‘Tinha muitos amigos mações ...’” (António Guisado a CPJ). Talvez fosse isto, junto com a militância de oposição democrática de Alfredo Guisado o que levasse a Freire Antunes a ligá-lo à loja maçónica antes citada.

51 Rui Ramos acrescenta ainda: “Os programas partidários, apesar de algum esforço de originalidade, eram quase os mesmos” (Ramos, 1994: 486). Esta nota ajudará a entender, parece-nos, a virulência de algumas das tomadas de posição que visarão, em muitas ocasiões, antes de mais, atacar as posições pessoais.

52 Optando, segundo Rui Ramos, por uma estratégia política de “defesa nacional” face à anterior “defesa republicana” (Ramos, 1994: 502).

zado também pelos contrários ao regime republicano, designadamente os monárquicos, activos pela via militar (pense-se nas incursões monárquicas de Henrique Paiva Couceiro desde a Galiza em 1912 ou na tentativa golpista monárquica no Norte em 27 de Agosto de 1915) mas também pela via política (aproximação de agentes monárquicos ao governo aquando da chefia de Sidónio Pais). Os monárquicos ou neomonárquicos<sup>53</sup> terão também, como se verá, os seus agentes no campo cultural português. Paralelamente, os católicos, marginalizados pelo novo regime, tentam reorganizar-se e aguentar o impacto das leis republicanas (por exemplo a Lei de Separação da Igreja e do Estado de 1911). Assim, o Centro Académico de Democracia Cristã (fundado em Coimbra em 1903), sob a presidência de António de Oliveira Salazar (1912), colherá novos fôlegos e mesmo intervirá nos eventos à volta das *aparições* de Fátima (13/05-13/10 de 1917) (cfr. Ramos, 1994: 559).

Noutra ordem de ideias, Portugal continuou, como em décadas anteriores à implantação da República, marcado com o que Carlos Leone denomina “sociedade dual”<sup>54</sup>, caracterizando, entendemos, para além de um Portugal como espaço de um assinalável desequilíbrio entre um litoral urbano do Centro e Norte do país face ao resto do território (presente na actualidade), um modelo de configuração do campo do poder, e dos outros campos, em que a pertença a um ou a outro espaço físico, territorial, é determinante. Deste modo, Lisboa (em menor medida Porto e Coimbra), é o palco obrigatório em que se encenarão quase todas as lutas pelo centro dos campos (cfr., por exemplo, Quadros, 1989: 78); do mesmo modo, os lisboetas *de juri* ou *de facto*, serão maioritariamente os protagonistas.

53 Também entre os monárquicos existiram divisões internas verificadas, por exemplo, na presença de miguelistas no frustrado levantamento de Paiva Couceiro em 1912, o que levantou dúvidas a D. Manuel II no seu exílio em Londres (cfr. Ramos, 1994: 559).

54 Conceito que segundo Carlos Leone (retomando as palavras de Hermínio Martins), e para o que aqui interessa, “sustenta que nas ‘sociedades duais’ a territorialidade, ou antes a localização no ‘centro’ ou na ‘periferia’, em sociedades bipolarizadas em termos de espaço, é o critério das classes ou a base da formação das classes” (Leone, 2005: 33; itálico no original).

### 7.1. CAMPO LITERÁRIO PORTUGUÊS (1910-1921).

O estado do campo cultural e literário português no período objecto de estudo não pode, como é lógico, entender-se sem ter em consideração o esquematicamente referido mais acima. Com efeito, como já apontámos, as mudanças de ordem sócio-político no campo do poder, afectaram de maneira significativa os campos cultural e literário. Um instrumento útil para descrever o estado dos campos é, sem dúvida, o famoso *Inquérito Literário* publicado por Boavida Portugal em 1915 (cfr., por exemplo, Torres, 2007 e Leone, 2005), fruto do inquérito lançado pelo mesmo autor desde as páginas do jornal *República* a partir de finais de 1912. O próprio compilador esclarece na "Sinfonia de abertura" a posição desde a que se lança o inquérito:

A dois anos de um facto histórico, que cremos propulsor de uma nova ordem de ideias, e tendo-se inquirido largamente da vida económica e social do país, justo e até necessário era que se inquirisse também da sua vida literária (Portugal, 1915: 5)<sup>55</sup>.

Na mesma "Sinfonia de abertura", onde, como vimos, ficou esclarecida a filiação republicana da iniciativa, fica exposto o objectivo do inquérito:

O grande publico que lê deseja encontrar nos livros o caminho a trilhar. E os livros andarão bem possuídos de idéas novas que seja preciso sagrar na alma do povo? e quem nos garante a nós que a revolução política entrou já nos livros, revolucionando as idéas? por eles o grande publico saberá já para onde caminha? (Portugal, 1915: 6).

Deste modo, o inquérito tem como objectivo descortinar se as alterações verificadas no campo do poder têm consequências no

55 E mais à frente: "A monarquia dos últimos anos foi um regime que viveu rodeado de instituições republicanas. Por cada igreja uma escola. Assim cresceram estas que afogaram aquela. O conflito necessariamente havia de produzir uma nova maneira de pensar dentro da sociedade portuguesa, tatuando os novos espíritos" (Portugal, 1915: 7). Como notou Aguiar e Silva, a proposta do inquérito parte da identificação de passado e Monarquia com *decadência*, e presente e República com *renascimento* (Aguiar e Silva, 1995: 143).

campo literário, por outras palavras, visa conferir a heteronomia do campo literário. Significativamente, na introdução de Boavida Portugal aparecem implicitamente apontados sob as palavras "novos escritores" (Portugal, 1915: 7), como referiu Aguiar e Silva, "os jovens congregados em torno da revista *Águia* e representativos dos ideais do movimento 'A Renascença Portuguesa'" (Aguiar e Silva, 1995: 143). Ora, dos textos recolhidos no *Inquérito literário* desprende-se como dentro do campo cultural o republicanismo está fortemente dividido entre os "novos" e os "velhos" (cfr. Leone, 2005: 39; Aguiar e Silva, 1995: 144)<sup>56</sup>. Carlos Leone liga os denominados "velhos" à Geração de 90 que ocupa nesta altura (Leone, 2005: 27), começos da primeira década da República, as posições mais centrais, tanto no campo do poder, como no cultural: Sob esta etiqueta dos "velhos" figurariam, por exemplo, Adolfo Coelho, "distinto filólogo e lente da Faculdade de Letras" (Portugal, 1915: 74), Gonçalves Viana, "um dos intelectuais portugueses que maior consideração merecem" (Portugal, 1915: 58), ou Júlio de Matos<sup>57</sup> que se expressa assim face aos "novos"<sup>58</sup> da

56 Para Elias Torres, "Os novos estavam maioritariamente com Pascoaes; frente a eles, levantavam-se vozes como a de Antero de Figueiredo, quase retirado e dedicado ao historicismo, na altura recente membro da desprestigiada (sobretudo a olhos dos novos) Academia das Ciências de Lisboa ou Gomes Leal, que bramava que a renascença, a existir, procedia de Antero, de Junqueiro e, principalmente, dele próprio" (Torres, 2007: 350).

57 É elucidativo da posição central de Júlio de Matos (autor da primeira intervenção do livro) a apresentação de Boavida Portugal:

*O snr. Julio de Matos, que em todo o país é bem conhecido como um sábio, em amizade com muitos sábios estrangeiros, pela consideração e respeito de que é digno, foi justificadamente chamado a depor no inquérito agora aberto pela Republica.*

*Demais, a indicação do seu nome para ministro da Instrução e a sua escolha para reitor da Universidade de Lisboa, com o aplauso geral, impunha-nos claramente o dever de o não esquecer* (Portugal, 1915: 13; itálicos no original).

Júlio de Matos e as suas tomadas de posição são expressão modelar do que Bourdieu, aplicado ao campo literário, denomina *lugares incertos* (cfr. *supra*). Aliás, não parece descabido afirmar que o *Inquérito literário* de Boavida Portugal é uma consequência óbvia desta característica principal do campo literário apontada pelo sociólogo francês.

58 Carlos Leone assinala ainda a respeito destes, o facto de serem contrários à especialização dos "velhos". Mais, segundo o mesmo autor, "*o espírito cívico do intelectual-tipo da primeira metade do século exprime-se neste empenhamento numa intervenção pública não-especializada, que percorre a História como a Literatura, a Arte como a Ciência. Este espírito é de facto comum aos novos e diferencia-os tanto dos velhos como dos que, a partir da segunda metade do século XX, se constituirão como herdeiros deste espírito cívico, os intelectuais universitários especializados*" (Leone, 2005: 41; itálicos no original). Note-se a este respeito, como as intervenções dos "velhos" no *Inquérito*

Renascença Portuguesa (integrada por agentes maioritariamente do Porto):

—Ora, em que se baseia essa renascença? na saudade? Mas isso pôde lá ser! A saudade é, por sua natureza, um sentimento depressivo. A saudade é a recordação de uma pessoa querida que nos faltou. Cultivar a saudade é amarrar-se ao passado, é alimentar um estado mórbido, é ajudar a definharmos mais a raça. Todos esses rapazes cantam tristezas, maguas que eles próprios criam; mas isso não é modo de renascer (Júlio de Matos *apud* Portugal, 1915: 18).

O ataque directo à Renascença Portuguesa<sup>59</sup> teve por sua vez, como é óbvio, resposta na “II Parte” do volume onde aparecerão as réplicas dos “novos”. Entre outros, responderá Teixeira de Pascoaes<sup>60</sup> defendendo a *sua* Saudade<sup>61</sup> e atacando frontalmente àquele:

Mas o *sábio* ilustre [Júlio de Matos] não se contentou em ser ignorante e vaidoso: chegou mesmo a insultar os colaboradores da

*Literário* sublinham este facto, nomeadamente exemplar é a tomada de posição de Júlio de Matos. Por outro lado, também é perceptível a crítica dos “novos” ao positivismo dos “velhos” (cfr. Aguiar e Silva, 1995: 145).

59 As resistências às tomadas de posição da Renascença Portuguesa tomam forma também através do silêncio. Assim, por exemplo, em *Características da literatura portuguesa* na edição de 1915, Fidelino de Figueiredo nem refere aos d’*A Águia* (Figueiredo, 1915).

60 O autor de *Marânus* havia feito no seu texto uma defesa dos “novos”, citando vários nomes de produtores literários (Jaime Cortesão, Augusto Casimiro, Leonardo Coimbra, etc.) e havia afirmado que estes e outros autores “criaram em Portugal uma poesia profundamente portuguesa e original. Eles bebem a sua inspiração no mais íntimo veio religioso da alma lusitana, criadora da Saudade, a *Virgem do Desejo e da Lembraça*, nascida do casamento do Paganismo com o Cristianismo” (Teixeira de Pascoaes *apud* Portugal, 1915: 30; itálicos no original).

61 Teixeira de Pascoaes definia assim a Saudade no primeiro número de *A Águia* (2ª série): A Saudade é Viriato, Afonso Henriques e Camões desmaterializados, reduzidos a um sentimento, postos em alma estréme. A Saudade é o proprio sangue espiritual da Raça; o seu estigma divino, o seu perfil eterno. Claro que é a saudade no seu sentido profundo, verdadeiro, essencial, isto é, o *sentimento-ideia, a emoção reflectida*, onde tudo o que existe, corpo e alma, dor e alegria, amor e desejo, terra e céu, atinge a sua unidade divina. Eis a Saudade vista na sua essência religiosa, e não no seu aspecto superficial e anedótico de simples *gosto amargo de infelizes*. É na Saudade *revelada* que existe a razão da nossa Renascença; n’ela resurgiremos, porque ela é a propria Renascença original e creadora (Pascoaes, 1912: 2; itálicos no original).

‘Águia’, que é o órgão da ‘Renascença’, classificando-os de ordinários. Moralmente, intelectualmente? Não sei. Sei que essa injúria grosseira é ainda a sua vaidade, tão cega que nem se importa mesmo de descer... (*apud* Portugal, 1915: 175; itálico nosso).

Interessa aqui notar o protagonismo adquirido pela Renascença Portuguesa, grupo de recente existência. Com efeito, a Renascença Portuguesa será fundada como associação no Porto em 1912, assumindo como órgão de expressão *A Águia* (a partir desse mesmo ano<sup>62</sup>). O grupo de afinçada filiação republicana<sup>63</sup>, tinha por objectivo, segundo podemos ler no “Estatuto” publicado no primeiro número da revista (2ª série): “A Sociedade tem por fim promover a maior cultura do povo português, por meio da conferência, do manifesto, da revista, do livro, da biblioteca, da escola, etc.” (*A Águia*, 1/01/1912). Nesse mesmo número, Teixeira de Pascoaes, director literário da revista, afirma:

O fim d’esta Revista, como órgão da “Renascença Portuguesa” será, portanto, dar *um sentido* às energias intelectuais que a nossa Raça possui; isto é, colocá-las em condições de se tornarem fecundas, de pudermos realizar o ideal que, n’este momento historico, abraça todas as almas sinceramente portuguesas: -Criar um novo Portugal, ou melhor resuscitar a Patria Portuguesa, arrancá-la do tumulto onde a sepultaram alguns seculos de escuridade e moral, em que os corpos definharam e as almas amorteceram (Pascoaes, 1912: 1; itálicos no original)<sup>64</sup>.

62 Se bem que a revista tinha aparecido a 1 de Dezembro de 1910, quase com a própria República, teve no total cinco séries e desaparece em 1932 (Pires, 1996: 40). Ligada também à Renascença Portuguesa estava a revista portuense *Vida Portuguesa* dirigida por Jaime Cortesão até que desapareceu em 1915 (Pires, 1996: 369). Da vitalidade da Renascença dá notícia a tiragem média de 1800 exemplares da revista ou os 250 livros publicados entre 1912 e 1924 (cfr. Torres, 2007: 349).

63 Rui Ramos não duvida em afirmar que a Renascença Portuguesa esteve “sempre ao serviço do governo de Afonso Costa” (Ramos, 1994: 534). Aliás, o grupo distinguiu-se por apoiar a participação de Portugal na I Guerra e mesmo, através da sua editora, publicou vários livros de memórias sobre a guerra, como o de Jaime Cortesão *Memórias da Grande Guerra* (1919) (cfr. Lopes e Saraiva, 1996: 968).

64 Ainda a respeito dos objectivos da Renascença Portuguesa A. Quadros aponta: a *Renascença Portuguesa* procurou corrigir doutrinarmente a República lisboeta, coimbrã e estrangeirada, assumindo a voz de um Portugal mais verdadeiro e mais fiel a si próprio, o Portugal nortenho e interior, o Portugal da terra e das raízes, o Portugal visionário e destemido da aventura ilimitada, o Portugal de um destino grandioso

Ao lado do ecoar ainda do Ultimatum, é nítida uma vontade de incidir, de influenciar o novo regime republicano que deveria trazer consigo novos valores e significar um *renascer* em e de Portugal. Note-se que as sucessivas tomadas de posição da Renascença Portuguesa, assim como, de resto, o tom geral do *Inquérito literário*, foram possíveis graças, em boa medida, a que “A vida literária portuguesa não tinha em 1910 um princípio de organização” como refere o historiador Rui Ramos, ao qual não é alheio o desprestígio da Academia das Ciências (Ramos, 1994: 537) e que, por sua vez, é sintoma de um alto grau de heteronomia do campo.

José Carlos Seabra Pereira, à hora de caracterizar o campo literário português no primeiro quartel do séc. XX, utiliza a expressiva etiqueta “tempo neo-romântico” (Pereira, 1983), identificando sob *neo-romantismo* uma série de elementos comuns aos diferentes produtores que intervêm no sistema literário português da altura. Segundo este autor, este “tempo neo-romântico” apresenta as seguintes características: presença do moralismo, da sinceridade do poeta, do “discurso torrencial e a poética da sobreabundância emotiva”, reaparece o “mito do poeta inspirado e vate” assim como se verifica uma acentuada “exaltação nacional” (Pereira, 1983: 849). Dentro do denominado neo-romantismo, Seabra Pereira detecta e descreve três correntes: o “neo-romantismo vitalista”, o “neo-romantismo saudosista” e o “neo-romantismo lusitanista”<sup>65</sup>, relacionando directamente a Renascença Portuguesa com o que denomina “Neo-romantismo saudosista”. Segundo Seabra Pereira, esta “corrente”, nucleada por Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra, caracterizar-se-á por:

mas interrompido, Portugal que adormecera e devia agora despertar ou *renascer*, reanimando-se e renovando-se, não de fora para dentro, não por instituições e legislações inspiradas em ideias traduzidas e em programas ideológicos importados, mas por um reencontro da identidade perdida e por um autoconhecimento ou um auto-reconhecimento colectivo (Quadros, 1989: 78; itálicos no original).

65 Segundo Seabra Pereira, as três correntes “convergem naturalmente nas concepções sobre a criação poética e as funções da literatura, na axiologia crítica, na estrutura genérica da expressão imagística e estilística” (Pereira, 1983: 849). Convém esclarecer que Seabra Pereira não inclui estritamente o “modernismo de Orpheu” dentro do neo-romantismo (Pereira, 1983: 847).

A interrogação metafísica –a inquietude espiritual enquanto atitude afirmativa, despida já do carácter agónico que revestira na crise finissecular– revela-se fundação placentária do neo-romantismo saudosista. A dimensão metafísica é inerente à poesia e à literatura que esta corrente neo-romântica pode ter por válida; de resto, é quase só na poesia, e numa poesia mais de questionação e de sondagem do que de evasão, que os saudosistas investem (Pereira, 1983: 858).

Destaca-se, assim, a poesia como género central. Outras características do repertório do neo-romantismo saudosista serão, segundo Seabra Pereira: o antipositivismo e anti-racionalismo, o anticosmopolitismo, o anticlericalismo, ao lado de um “neo-sebastianismo”, “nacionalismo visionário” e duma “concepção da literatura como factor de regeneração pátria”, onde a *saudade*, especialmente a arquitectada por Teixeira de Pascoaes, será um elemento de repertório central (Pereira, 1983: 858 e ss.)<sup>66</sup>. Por outro lado, como destacou Elias Torres, o campo literário português entre 1910 e 1921, além de privilegiar o género poético, caracteriza-se por uma secundarização do teatro, a presença constante de produtores do século anterior já falecidos (Eça de Queirós, António Nobre, etc.) e, como já foi apontado, a “*ascensom para a glória literária* [dos produtores] *ligados, dumba ou doutra forma, à Renascença Portuguesa, à Águia, ao Saudosismo, a Pascoaes*” (Torres, 2007: 351-352; itálicos no original).

A Renascença Portuguesa como grupo logo experimentou divisões internas (cfr. Quadros, 1989: 79; Leone, 2005: 30 e *passim*), apreciáveis já no *Inquérito Literário* de Boavida Portugal. Por um lado, como apontou Nuno Júdice, desenha-se uma orientação que, chefiada por Teixeira de Pascoaes e

66 A mesma *saudade* que criticava com violência Júlio de Matos, será para os saudosistas, o “centro [...], fonte e [...] força catalisadora [...] entre o vate e a raça” (Pereira, 1983: 860). O produtor mais empenhado na propaganda da *saudade* será Teixeira de Pascoaes que, segundo Prado Coelho, “iniciou a cruzada saudosista, expondo ardorosamente as suas ideias políticas, filosóficas e estéticas, simbolizadas pela *saudade*” (Coelho, 1999:20). Por outra parte, convém notar o sucesso que teve a *saudade*, nas suas várias interpretações, como elemento identitário no Portugal actual e também, com os matizes necessários, na Galiza; a este respeito lembrem-se as relações que o seu mentor manteve com agentes do emergente campo cultural galego (cfr. Torres, 2008; cfr. *infra*).

Leonardo Coimbra, “vai no sentido de revalorizar o Passado e as virtualidades renovadoras que ele contém” e outra, a escindida, comandada por Raul Proença e António Sérgio “mais positivista, ia no sentido de uma atenção ao progresso e à modernização das estruturas sociais, económicas e políticas do País” (Júdice, 1986: 9; cfr. Quadros, 1989: 81-82)<sup>67</sup>. Esta ruptura teria como consequência mais saliente, já no fim do período de análise, o surgimento da revista de longo percurso *Seara Nova* (1921), dirigida por Jaime Cortesão e Raúl Proença, à qual, entre outros, também se ligaria António Sérgio, e que acabaria por absorver “o sentido teórico ou doutrinário” que usufruía *A Águia* (França, 1983: 827)<sup>68</sup> e na qual intervirá, como veremos, Alfredo Guisado.

Lembrar a expressão de António Quadros, onde se diz que a Renascença Portuguesa “deitou ovos em diversas direcções” (Quadros, 1989: 84), ajuda a compreender como, desde as páginas de *A Águia* ou mesmo desde o *Inquérito literário* de

67 A cisão interna é já visível, como foi dito, no *Inquérito literário*, pois na mesma carta citada onde rebatia a tomada de posição de Júlio de Matos, Teixeira de Paçoas defendia as suas teses *frente a Raul Proença* (Teixeira de Paçoas *apud* Portugal, 1915: 178-180).

68 Do interesse seareiro por influenciar a vida política portuguesa dá conta o seu primeiro texto programático; diziam assim no primeiro número da revista:

A *SEARA NOVA* representa o esforço de alguns intelectuais, alheados dos partidos políticos mas não da vida política, para que se erga, acima do miserável circo onde se debatem os interesses [in]confessáveis das clientelas e das oligarquias plutocráticas, uma atmosfera mais pura em que se faça ouvir o protesto das mais altivas consciências, e em que se formulem e imponham, por uma propaganda larga e profunda, as reformas necessárias à vida nacional. [...]

Os homens da *SEARA NOVA* pretendem fazer, por sua parte, em nome de toda a elite portuguesa, o seu acto de contrição. Serão poetas militantes, críticos militantes, economistas e pedagogos militantes. Ao contrário dos contritos de outro tempo, que renunciavam ao mundo para se consagrar ao divino, é ao mundo que a sua contrição os restitue (*Seara Nova*, 18/10/1921, p. 1; itálicos no original).

Na *História de Portugal* coordenada por José Mattoso são apontados dois objectivos do grupo: “O primeiro, declarado, era romper o domínio intelectual dos integralistas sobre a mocidade. O segundo, menos claro, aproveitar a retirada dos velhos chefes da República [...] para reordenar o xadrez partidário, através da divulgação de novos ‘princípios’ políticos” (Ramos, 1994: 548). Em parte, e apesar das acusações de “outubrismo” (isto é, implicação nos acontecimentos que causaram o assassinato do chefe do Governo e o fundador da República, António Granjo e Machado Santos, respectivamente), os projectos dos seareiros tiveram um relativo sucesso pois em 1923 conseguiram “escolher três ministros” (cfr. *id.*: 547-548).

Boavida Portugal, é possível verificar, a partir de 1912, que uma nova tomada de posição no campo literário português vai tomando forma à volta, especialmente, de um desconhecido Fernando Pessoa, assunto que, dada a ligação directa com a trajectória guisadiana, trataremos individualizadamente.

Cabe por último assinalar, para melhor descrever o funcionamento do campo cultural português entre 1910 e 1921, o surgimento, a partir de 1913, do auto-intitulado Integralismo Lusitano. Este grupo, aproveitando as tréguas do regime republicano, viria a congregar os agentes mais radicalmente opostos ao novo sistema político e que eram, na sua maioria, monárquicos, com destaque para António Sardinha, autor, em 1915, de *O valor da Raça* (Ramos, 1994: 541 e ss.). A partir de 1914 conta com o seu próprio órgão de expressão, *A Nação Portuguesa* (em 1916 aparece também ligada a este grupo *Ideia Nacional*, dirigida pelo monárquico Homem Cristo Filho e desde 1917 contará também com um jornal diário, *A Monarquia*), que veiculará as suas posições políticas e culturais. As implicações deste movimento nos campos cultural e literário podem ser esclarecidas desde o que José António Seabra Pereira denominou *neo-romantismo lusitanista*. Assim, este autor destaca como características principais: o catolicismo tradicional, a crença na decadência nacional ao lado da “exaltação das virtudes e grandezas patrióticas”, o historicismo e o ruralismo; inclui sob esta etiqueta produtores como António Sardinha, Alberto de Monsaraz, Augusto de Santa Rita, José Agostinho ou Guilherme de Faria, entre outros (Pereira, 1983: 863 e *passim*).

### 7.1.1. A irrupção do modernismo: o Grupo do Orpheu

Retomando o iniciado mais acima, as origens do que dentro dos estudos literários portugueses se denomina *modernismo* ou *primeiro modernismo* (cfr. Aguiar e Silva, 1995) encontrar-se-ão nas intervenções pessoais na revista *A Águia* e paralelamente no *Inquérito literário*<sup>69</sup>. Entre Abril e Dezembro de

69 Cujas elaborações Fernando Pessoa teve de acompanhar de perto dada a relação que mantinha com Boavida Portugal e as contínuas visitas que realizava à redacção da revista *Teatro* dirigida por este e na qual colaborava Fernando Pessoa (cfr. Pessoa, 1966: 41).

1912, Fernando Pessoa, sob o título genérico “A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico”, e dentro ainda das margens da Renascença Portuguesa, observa um “segundo Renascimento da poesia portuguesa”; assim mesmo, Fernando Pessoa “encontra os sinais desse novo período: a ideação vaga, subtil e complexa representará a combinação perfeita de onde sairá o poeta máximo, o super-Camões, que protagonizará a mudança literária”, começando assim a vasta teorização, basilar no primeiro modernismo português (Júdice, 1986: 11 e 12). Intervêm também n’*A Águia* Mário de Sá-Carneiro, Armando Côrtes-Rodrigues, Coelho Pacheco e Augusto de Santa-Rita.

A primeira tomada de posição dentro do campo literário do grupo em formação desde 1913, o Grupo do *Orpheu*<sup>70</sup>, vem a público com o aparecimento da revista *Renascença* (Fevereiro de 1914) dirigida por Carvalho Mourão<sup>71</sup>, onde Fernando Pessoa intervém com o poema “Pauis”<sup>72</sup>, que dará lugar a um dos *ismos* pessoanos, o *paulismo* que, segundo Nuno Júdice (entre outros), significa o “nascimento da ruptura formal do Modernismo relativamente à literatura da época” (Júdice, 1986: 34). Intervêm também na revista Mário de Sá-Carneiro e, como veremos, Alfredo Guisado. Note-se que para Apolinário Lourenço, *Renascença* é uma revista do “movimento paúlico” (Lourenço, XVII) o qual, se assim fosse, e apesar da presença de Júlio Dantas (com “Os Cravos Vermelhos”), não deixaria de mostrar a fraqueza do grupo em formação que não consegue ir além de um único número na tomada de posição que de alguma maneira encena a ruptura com a Renascença

70 Sobre o nome do Grupo do *Orpheu* o próprio Fernando Pessoa chamou a atenção: Por *Orpheu* entende-se umas vezes a revista com aquele nome, de que sahiram só dois números [...]; outras vezes os que estiveram ligados a ella, ainda que como simples espectadores proximos e amigos, e sem que nella influíssem ou collaborassem; outras vezes ainda, os que escreveram subseqüentemente em estylo similhante ou aproximado aos que de facto collaboraram no *Orpheu* (apud Seabra, 1994: 266).

71 Fernando Carvalho Mourão (1894-1951), além de figurar como director de *Renascença*, colabora em numerosas revistas e publica alguns textos dramáticos nas décadas de 20 e 30; “foi amigo íntimo dos componentes de *Orpheu*” (Lisboa, 1990: s. v. ‘Mourão, Fernando Carvalho’).

72 Na revista com o título “Impressões do Crepúsculo” (cfr. Pires, 1996: 303) datado em 19/03/1913.

Portuguesa<sup>73</sup>, motivada, por sua vez, pela escassa capacidade por parte de Fernando Pessoa de influenciar a orientação d’*A Águia* (cfr. Júdice, 1986: 12)<sup>74</sup>. Em todo o caso, em 1914 já estaria, *grosso modo*, formado o grupo, Alfredo Guisado incluído, caracterizado por, segundo Nuno Júdice: “origens diversas, em termos políticos”, “certo aristocratismo de comportamento, que os distingue dos ideais democráticos da República”, “uma origem de classe elevada a que, nalguns casos, corresponderia uma vida económica sem problemas” e “uma formação intelectual superior” (Júdice, 1986: 14). Isto é, um conjunto de agentes, na nossa leitura, com *habitus* distintos, como se verá, determinantes para o devir do grupo agora em fase de formação e / ou consolidação. A seguinte tomada de posição, ultrapassada a tentativa de publicação de uma revista interseccionista intitulada *Europa* (cfr. Lourenço, 2003: XIX), e gorado o projecto de uma “Antologia do Interseccionismo” que Fernando Pessoa descreve em carta a Côrtes-Rodrigues (cfr. Júdice, 1986: 47), surgirá, envolta em acirrada polémica, a 26 de Março de 1915 com a publicação do primeiro número da revista *Orpheu*. Teve sucesso imediato no que se refere exclusivamente à divulgação (cfr. Ramos, 1994: 645), aliás, Júlio

73 Que, por sua vez, é encenada desde as páginas d’*A Águia* com críticas negativas a textos de Carvalho Mourão e, nomeadamente, de Mário de Sá-Carneiro (*A Confissão de Lúcio e Dispersão*, os dois de 1914) (cfr. Júdice, 1986: 54). Por outro lado, a primeira notícia explícita onde aparece referido o Grupo do *Orpheu* e a sua revista que registámos é, significativamente, uma escassa nota sem assinar sobre o *Cêu em fogo* de M. de Sá-Carneiro:

Contém este volume 8 novelas, das quaes algumas já foram lidas na *Águia*. São, como toda a prosa do Autor, cheias de originaes extravagancias que o fazem um dos mais notados escritores da moderna escola do Orfeu. Aos editores, Monteiro & C.<sup>a</sup> agradecemos pelo exemplar que nos enviaram (*A Águia*, 43, Julho/1915; sublinhado nosso).

74 António Quadros introduz outros dados para esclarecer a citada ruptura: Sabemos que Pessoa se afastou da *Renascença* [Portuguesa] e da colaboração na *Águia* em finais de 1914, não só por se sentir magoado com os seus dirigentes pela demora excessiva em lhe publicarem um texto literário [...], mas também [...] por se sentir cada vez mais distante do *saudosismo* e do *lusitanismo*, e cada vez mais próximo da afirmação modernista (Quadros, 1989: 80; itálicos no original) (cfr. Seabra, 1994: 268).

Ainda sobre o mesmo assunto, Apolinário Lourenço afirma “Não obstante a ruptura com *A Águia*, o Paulismo pessoano não visava, na sua origem, muito mais do que radicalizar as tendências estéticas do movimento liderado por Pascoaes, incluindo a própria componente nacionalista” (Lourenço, 2003: XIV).

Dantas na *Ilustração Portuguesa* (19/05/1915) chega mesmo a questionar a excessiva atenção dada pela imprensa (Júdice, 1986: 84)<sup>75</sup>. Com efeito, as críticas surgiram quase de imediato desde diferentes posições:

Os colaboradores do *Orpheu* nunca se revelaram como literatos senão em manifestações idênticas às que enchem as páginas da revista, e daí o não ser possível ajuizar do seu valor. O que se conclui da literatura dos chamados poemas subscritos por Mário de Sá-Carneiro, Ronald de Carvalho, Álvaro de Campos e outros é que eles pertencem a uma categoria de indivíduos que a ciência definiu e classificou dentro dos manicómios, mas que podem sem maior perigo andar fora deles... (Júlio de Matos *apud* Júdice, 1986: 61; sublinhado nosso).

Novamente, vemos Júlio de Matos desde o centro do campo cultural, como antes havia feito com a Renascença Portuguesa, insistir na equação *modernistas* igual a *loucos* (cfr. Aguiar e Silva, 1995: 145), tese que em grande medida triunfou no campo cultural da altura<sup>76</sup>, apesar dos esforços do Grupo por se defender por meio de, por exemplo, *Alma Nova* (dirigida por António Júdice Bustorff Silva) ou *O Jornal* (dirigido por Boavida Portugal), publicações que dão acolhida na periferia do sistema aos modernistas (cfr. Júdice, 61-65)<sup>77</sup>.

Em fins de Junho sai o segundo número da revista, agora sob a direcção de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, sem intervenção guisadiana. Mas esta nova tomada de posição não pode ser analisada sem os acontecimentos que pouco depois iriam acentuar as críticas aos modernistas. No dia 5

75 Consequência directa da tomada de posição de Júlio Dantas a respeito dos *malucos* de *Orpheu* será o ataque do famoso *Manifesto Anti-Dantas* (1915).

76 Neste sentido, a irrupção dos modernistas no campo literário português da altura é assim descrita por Elias Torres:

Quanto a Albino de Meneses, Villa-Moura, Pessoa, Sá-Carneiro, Almada-Negreiros eram considerados pelo geral representantes dumha rapaziada, para alguns carne de psiquiatra, a quem poucos ligavam e menos levavam a sério. A *Orpheu* só sairia em Março de 1915, reforçando nos seus críticos a necessidade de atençom médica (Torres, 2007: 351-352).

77 O próprio Teixeira de Pascoaes dirá "a poesia de *Orpheu* era coisa a que faltava seriedade, simples malabarismos de *jongleurs* atraídos" (*apud* Pires, 1996: 265).

de Julho, um dos heterónimos pessoanos, Álvaro de Campos, envia uma carta ao jornal *A Capital* com o intuito de devolver o ataque feito desde as páginas desse jornal ao Grupo do *Orpheu*, onde ironiza sobre o acidente que Afonso Costa tinha sofrido a dia 3 de Julho<sup>78</sup>. Esse mesmo 3 de Julho, Raul Leal distribui por Lisboa um panfleto que visa também o mais influente político português da altura. Raul Leal e Fernando Pessoa, em palavras de Nuno Júdice, "vão desencadear a fúria da República" (Júdice, 1986: 105), fragilizando ainda mais a posição dos modernistas, como prova o distanciamento de Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros<sup>79</sup> das palavras de Álvaro de Campos que recolhe *A Capital* (Júdice, 1986: 112-113) além de, como veremos, Alfredo Guisado e António Ferro. Lembre-se a este respeito que existia uma campanha de solidariedade para com o acidentado e que sob o consulado de Pimenta de Castro (até 14/05/1915) os contrários ao regime republicano (nomeadamente os monárquicos) tinham conseguido fazer-se ouvir com mais intensidade (Júdice, 1986: 105). Assim as coisas, o número 3 de *Orpheu*, apesar dos esforços de Fernando Pessoa, não chega a publicar-se<sup>80</sup>.

Contudo, membros do Grupo de *Orpheu* intervirão ainda, e dentro do período de análise, em *Exílio* (Abril de 1916, número único), revista dirigida por Augusto de Santa-Rita ou *Centauro* (Outubro de 1916, número único) dirigida por Luís de Montalvor, inclusive em *Portugal Futurista* (1917, número único e apreendido pela polícia), esta já com uma proposta repertorial em estreita ligação com os movimentos de van-

78 Segundo refere *A Capital*, as palavras de Pessoa seriam: "De resto seria de mau gosto repudiar ligações com o futurismo *numa bora tão deliciosamente mecânica em que a Providência Divina se serve dos carros eléctricos para os seus altos ensinamentos*" (*apud* Júdice, 1986: 111; itálicos no original).

79 Almada Negreiros, segundo *A Capital*, além de discordar com Álvaro de Campos, *descobre* publicamente o heterónimo pessoano e alega um "manifesto estado de embriaguez" como causante da afrenta (Júdice, 1986: 113). Utilizamos propositalmente o *descobre* em itálico pois já em Abril desse mesmo ano, na revista *Alma Nova* tinha sido evidenciada a identidade real de Álvaro de Campos (cfr. *Alma Nova* 7, Abril/1915, p. 6).

80 Dentre os colaboradores da frustrada *Orpheu* 3 estaria Albino de Menezes que Robert Bréchon atribui erradamente como "pseudónimo de Guisado" (Bréchon, 1996: 298).

guarda europeus, nomeadamente o futurismo de Marinetti. Apolinário Lourenço descreve nas seguintes linhas como o primeiro modernismo português (especialmente o de Fernando Pessoa) acaba por se apagar:

Se durante o ano de 1916 Pessoa procura, sem grande êxito, projectar o Sensacionismo, o ano seguinte parece ser o da rendição. Gorada a tentativa mais consistente de lançar o terceiro número de *Orpheu*, virá a lume em 1917 o primeiro e único número *Portugal Futurista*, de que são mentores Almada Negreiros e Santa-Rita Pintor, imediatamente apreendida pela polícia. Pessoa, é claro, colabora na publicação dirigida pelos seus companheiros, mas o próprio título já sugere a sua perda de influência sobre uma geração que agora se afirmava, orgulhosamente, futurista (Lourenço, 2003: XXV).

Com efeito, as dificuldades que Fernando Pessoa e o grupo enfrentarão para levar adiante os numerosos projectos ideados assim como os obstáculos para dar-lhes continuidade ao lado da sucessão dos vários *ismos* pessoanos (*paulismo*, *intersecionismo*, *sensacionismo*, sempre diferentes dos existentes<sup>81</sup>), têm como consequência o apagamento (por volta de 1918) do primeiro surto modernista (lembre-se o suicídio de Sá-Carneiro em 1916). O qual é expressão e resultado de, por um lado, as fraquezas do grupo já referidas, fortemente debilitado a partir de 1916, mas também de um estado do campo literário com um grau fraco de autonomia a respeito do campo do poder, contrário a estas tomadas de posição, ao qual não é alheia a posição de muitos dos produtores envolvidos em *Orpheu* no campo político. Pois se é certo que o “Orpheu foi vários” (Leone, 2005: 37), não é menos certo que a trajectória política de muitos dos agentes implicados no primeiro modernismo português

81 Sempre, como apontou Aguiar e Silva, fugindo da etiqueta *modernista*. A este respeito, o mesmo autor assinala:

Não é decerto descabido pensar-se que [...] a suspeita de heresia *modernista* assim posta a circular pelo jornal *República* acerca da “nova literatura” tenha como que bloqueado, mesmo que subliminarmente, o uso da palavra *modernismo* a respeito de certas orientações e manifestações da arte contemporânea (Aguiar e Silva, 1995: 147; itálicos no original).

se caracteriza por uma certa ambiguidade política em ocasiões e, noutras, numa aberta hostilização do regime republicano (nomeadamente o dos democráticos de Afonso Costa); lembre-se que vários dos produtores implicados em *Orpheu*, por exemplo, colaboram na revista monárquica *A Ideia Nacional*<sup>82</sup>.

Não é alheio a isto o facto de o primeiro modernismo português (e designadamente os produtores Fernando Pessoa, Almada Negreiros e Mário de Sá-Carneiro) começar a ser estudado e introduzido na *história literária* portuguesa a partir da *Presença* já na Ditadura (cfr. Aguiar e Silva, 1995: 158-159)<sup>83</sup>, coincidente, *grosso modo*, com António Ferro, Secretário Nacional de Propaganda, que “forçou em 1934 a concessão de um prémio nacional ao único livro que Pessoa publicou em vida”<sup>84</sup> (Sena, 1988: 113); e mais tarde (1942), com o facto de Almada Negreiros ser “consagrado oficialmente pelo salazarismo” ao receber o prémio Columbano (Barreira, 1981: 63 n. 4). Nesta altura, Alfredo Guisado estaria bem longe do centro do sistema cultural português.

## 7.2. ALFREDO GUISADO E O CAMPO LITERÁRIO PORTUGUÊS

Como já foi referido acima, a informação disponível sobre a biografia de Alfredo Guisado (30/10/1891-30/11/1975), apesar de alguns esforços pontuais, apresenta várias lacunas que, em boa medida, dificultam o estudo da sua trajectória. No entanto,

82 Não obstante, é preciso apontar que a instabilidade dos campos (político, cultural e literário) propicia por sua vez a instabilidade das posições realmente ocupadas pelos agentes envolvidos nesses campos. Parece de todo necessário ter em conta esta observação para melhor compreender a trajectória de produtores como António Sardinha (republicano em 1910, integralista em 1913) (cfr. Ramos, 1994: 541) ou, como se verá, António Ferro, entre muitos outros. Colaboram em *A Ideia Nacional*: José Pacheco, Almada Negreiros, Santa-Rita Pintor e Amadeu Sousa Cardoso.

83 De facto, até essa altura, os modernistas de *Orpheu*, passada a inicial polémica, especialmente jornalística, caíram no esquecimento. Assim por exemplo: Fidelino de Figueiredo nem na 1ª nem na 3ª edições de *Características da literatura portuguesa* refere o Grupo de *Orpheu* (ao passo que se vê obrigado a questionar directamente a Renascença Portuguesa na edição de 1923) (cfr. Figueiredo, 1915 e 1923); José-Augusto França fornece um dado que, em grande medida (apesar das reservas necessárias), ilustra este esquecimento: o jornal *ABC* publica em 1928 uma “lista dos doze autores portugueses mais popularizados” dentre os quais não se encontra o nome de nenhum dos produtores envolvidos no primeiro modernismo português (França, 1983: 823).

84 Seis anos após a publicação do folheto *O Interregno. Defesa e Justificação da Ditadura Militar*.

a recolha de informações pontuais e o necessário estabelecimento de relações entre as mesmas permitem realizar uma análise esclarecedora da trajetória guisadiana.

### 7.2.1. Apontamentos biográficos

A primeira informação relevante, para os objectivos deste trabalho, sobre Alfredo Guisado encontrada, aparece em *Vida Gallega*, importante publicação galega que será convocada mais à frente, onde é feito um retrato laudatório da família Guisado no âmbito da colónia galega em Lisboa. Sob uma fotografia com todos os membros (*vid. Anexos, X*), descreve assim *Vida Gallega* a família Guisado:

Entre la numerosa colonia gallega residente en Lisboa, tan repleta de nombres á quienes acompaña justa fama de probidad y honrado trabajo, distínguese notablemente nuestro conterráneo D. Antonio Venancio Guisado, propietario y comerciante, cuyo retrato tenemos el placer de publicar, juntamente con los de su esposa, hijos é hijo político.

En muy tierna edad fué á Lisboa, y en poco tiempo supo conquistarse una reputación lisonjera y un crédito ilimitado debido únicamente á su acrisolada honradez, tanto en su vida comercial como particular.

Sin nunca olvidar su aldea, Santa Marina de Pías (Mondariz), la cual visita todos los años, procura dejar gratos recuerdos entre sus convecinos menesterosos y remediados.

Su esposa es un modelo de bondad y de virtudes; compañera inseparable y auxiliadora en todas las luchas de la vida.

Sus hijos reciben una esmerada instrucción en los centros docentes de la capital, obteniendo en sus exámenes notas de significado aprovechamiento. Así es que el joven Alfredo Pedro, luego que concluya sus estudios preparatorios, se trasladará á Bélgica ó Alemania para seguir la carrera de ingeniero de industrial.

Ninguno de sus hijos ignora la música, el *sport* y cuanto exige una educación moderna.

Nada diremos de su hijo político D. Eugenio Álvarez González, que hoy lo sustituye con excelentes ventajas en la dirección de sus negocios, que procura sustentar y ampliar para honra de la familia con que se emparentó hace seis años.

La familia Venancio Guisado, es, por todos conceptos, merecedora del recuerdo que hoy le tributa VIDA GALLEGA. En todas las ocasiones evidénciase asociándose á todos los actos humanitarios y patrióticos que se organizan en esta colonia.

Las campañas de difusión para nuestro dialecto; la exasperación contra los políticos que nada hacen por el embellecimiento de los pueblos rurales; el abandono de las escuelas y las venganzas electorales, son la constante lucha de nuestro significado conterráneo<sup>85</sup> ("Vida gallega en Lisboa. – Paisanos conocidos" in *Vida Gallega*, 21, 31/05/1910; *vid. Anexos, X*).

No entanto, será em *El Tea*, em 1911, publicação galega com extensa e intensa intervenção guisadiana, que vai facultar mais dados sobre o percurso de Alfredo Guisado. Com efeito, nãs páginas de *El Tea* aparece por primeira vez citado Alfredo Guisado como acompanhante do pai António Venâncio Guisado num acto da colónia galega em Lisboa (*El Tea*, 27/05/1911, p. 3)<sup>86</sup>. Note-se que, pouco tempo depois, o nome do pai figura como membro de uma comissão formada entre a colónia galega em Lisboa, a favor da República Portuguesa e, designadamente, desvinculando-se explicitamente da *proteção* concedida aos monárquicos na Galiza (o major Henrique da Paiva Couceiro, antigo governador de Angola, estava exilado na Galiza, cfr. Ramos, 1994: 459) (*El Tea*, 15/07/1911, p. 2). Ressalta, assim, a filiação republicana da família Guisado encabeçada pelo patriarca e emigrante galego em Lisboa António Venâncio Guisado.

*El Tea*, junto do *retrato* de *Vida Gallega*, fornece ainda informação diversa que nos permite afirmar que a posição económica da família Guisado gozava, na altura, de boa saúde<sup>87</sup>. Esta posi-

85 Este último trecho do *retrato* de *Vida Gallega* ilustra o tipo de vinculação que a família Guisado mantém com a Galiza assim como a sua posição no âmbito da colónia galega em Lisboa.

86 Alfredo Guisado era filho de António Venâncio Guisado e de Benedicta Abril Gonzalez, os dois emigrantes galegos em Lisboa. O casal teve três filhos: Palmira, Alfredo e António. Por sua vez, Alfredo Guisado casa por volta de 1921 (cfr. *El Tea*, 13/09/1921, p. 3; Alonso, 2001: 153) com a portuguesa Maria Guilhermina Linhares Ferreira; o casal tem dois filhos, sobrevivendo ao pai unicamente a filha Palmira Guisado.

87 O relato de *El Tea* do enterro de Palmira Guisado de Alvarez, a irmã, em 1912, é um testemunho, lutooso em todo o caso, do relevante capital económico e social da família Guisado (cfr. *El Tea*, 22/06/1912, p. 1).

ção económica deve-se em boa medida aos rendimentos produzidos pelo restaurante Irmãos Unidos<sup>88</sup> (propriedade de Alfredo Guisado entre 1932 e 1938), palco privilegiado de reunião do Grupo de *Orpheu*; é muito provável que a família Guisado estivesse envolvida ainda noutros negócios<sup>89</sup>. Armando Lúcio Vidal não duvida em afirmar a este respeito que “A prosperidade do estabelecimento isentava Alfredo Guisado de preocupações económicas e permitiu-lhe dedicar-se à literatura e, depois, à política” (Vidal, 1999: 14). Efectivamente, as sucessivas tomadas de posição do produtor em foco, mais concretamente, os numerosos livros de poemas que publicou (um por ano entre 1913 e 1918; oito no total para o período de análise neste trabalho), assim como o facto de apesar de ser advogado nunca ter tido a necessidade de advogar (cfr. António Guisado a CPJ), obrigam a secundar a primeira afirmação de Lúcio Vidal.

Ainda no que diz respeito à biografia guisadiana, é pertinente mencionar que Alfredo Guisado frequentou o Liceu do Carmo em Lisboa (cfr. António Guisado a CPJ; Vidal, 1999: 17)<sup>90</sup>, também frequentado pelos mais tarde membros (ou próximo, no caso do segundo) do Grupo do *Orpheu*, Mário de Sá-Carneiro ou António Cardoso Ponce de Leão. Uma vez acabados os estudos liceais trabalhou no restaurante do pai (cfr. António Guisado a CPJ) durante algum tempo até que, em 1915, começou os estudos na Faculdade de Direito de Lisboa que viria a concluir em 1921.

Importa particularmente mencionar que a ligação de Alfredo Guisado ao Partido Republicano Português vem dos tempos, segundo Lúcio Vidal, do Liceu do Carmo (Vidal, 1999: 17)<sup>91</sup>.

88 Situado no Rossio, esteve aberto entre 1832 e 1970 sendo propriedade de António Venâncio Guisado de 1880 até 1932 (Santana e Sucena, 1999: s. v. “restaurantes; Irmãos Unidos”). Segundo afirma o seu sobrinho, António Guisado na entrevista, o restaurante seria originalmente propriedade da família da mãe de Alfredo Guisado, que casou com o então gerente, António Venâncio Guisado (António Guisado a CPJ).

89 António Guisado, sobrinho de Alfredo Guisado, refere que o patriarca da família Guisado esteve envolvido junto de Agapito Serra Fernandes (abastado emigrante galego em Lisboa) no cinema Royal, o primeiro a passar um filme sonoro em Portugal (António Guisado a CPJ).

90 Na altura, Lisboa contava com três liceus, o Liceu Camões, o Liceu Passos Manuel (também conhecido por Liceu do Carmo) e o Liceu da Lapa; segundo Castex, o “Liceu do Carmo é considerado o melhor da capital” (Castex, 1971: 57).

91 António Guisado afirmou na entrevista que o seu tio entrou em política antes da publicação de *Orpheu* (António Guisado a CPJ).

Ligação que, como já foi indicado, foi essencialmente com o Partido Democrático de Afonso Costa, dentro do qual Alfredo Guisado faria carreira política até o golpe de 1926<sup>92</sup>. São especialmente elucidativas do envolvimento de Alfredo Guisado na luta partidária nas filas dos democráticos as páginas d’*A Democracia* aquando das eleições legislativas de 1921<sup>93</sup>. Como agente do Partido Democrático ocupou vários cargos políticos durante o regime republicano: vereador da Câmara Municipal de Lisboa<sup>94</sup>, Presidente do Conselho-Geral das Juntas de Freguesia de Lisboa e da Federação das Juntas de Freguesia de Portugal, vice-presidente Câmara de Lisboa (cfr., entre outros, Camelo, 1996: 8), Governador Civil substituto entre 1922 e inícios de 1923<sup>95</sup>. Foi eleito deputado à Assembleia da República a 08/11/1925 pelo círculo eleitoral de Lisboa Oriental, permanecendo até ao final da VII Legislatura, a 31 de Maio de 1926<sup>96</sup>.

92 Já em 1913 o pseudónimo guisadiano Refaldo Brila, depois de adjectivar de “extraordinario discurso que ha de quedar gravado para siempre en la memoria” uma intervenção de Afonso Costa na Assembleia da República, refere na mesma linha laudatória nas páginas de *El Tea*:

Quando terminó [Afonso Costa], el pueblo se irguió entusiasmado y tributó al gran parlamentario una ovación enorme, inenarrable, oyéndose repetidos vivas a Alfonso Costa y a la República que eran contestados con verdadero delirio.

Tal manifestación se prolongó durante algún tiempo, viéndose el presidente de la Cámara obligado a suspender la sesión (*El Tea*, 25/01/1913, p. 1).

93 Neste jornal, “Diário do Partido Republicano Português” assim subintitulado, aparecem recolhidas várias intervenções de Alfredo Guisado em comícios eleitorais, destacando em vários números palavras do autor, como “O passado do nosso Partido fala pelo futuro” (“Propaganda Eleitoral” in *A Democracia*, 1/6/1921, p. 1).

94 Como “Vereador da Camara M. de Lisboa com o pelouro dos cemitérios, parques e jardins desenvolveu uma acção de grande mérito ao acabar com a degradação, com o espectáculo intolerável dos cemitérios de Lisboa e deu também aos jardins e as ruas da cidade o nome de poetas. De sua iniciativa foram também o monumento ao poeta Ribeiro Chiado, o mausoléu-monumento de Gomes Leal e o forno crematório do Cemitério do Alto de S. João. Salvou da vala comum os restos mortais de Gomes Leal, Rosa Araújo, Miguel Bombarda, Magalhães Coutinho e Cândido dos Reis” (Camelo, 1996: 8; cfr. Esteves, 1991: 215). Fernandes Camelo aponta ainda que pertenceu à Sociedade de Geografia e à Associação de Socorros Mútuos dos Empregados do Comércio (Camelo, 1996: 8).

95 A informação encontrada apenas permite adiantar uma data aproximada. Na *História do Governo Civil de Lisboa*, apenas é indicado o acto administrativo que exonera Alfredo Guisado do cargo a 19/01/1923 (Tengarrinha, 2002: 249), não se informando da tomada de posse; todavia, o mais provável é que o início da actividade como Governador Civil Substituto coincida com a tomada de posse do, na altura, Governador Civil, Viriato Sertório dos Santos Lobo a 9/02/1922 (cfr. *id.*: 38).

96 Como deputado na Assembleia da República pertenceu à Comissão Parlamentar de Administração Pública, segundo consta do Arquivo Histórico Parlamentar (AHP). Estes

O golpe militar de 1926 remeteu Alfredo Guisado à oposição, passando, principalmente, a “ocupar-se com o ‘jornalismo possível’” (Vidal, 1999: 38) desde o jornal de oposição ao Estado Novo *República* (cfr. Lemos, 2006: 57)<sup>97</sup>. Do caminho seguido por Alfredo Guisado como opositor ao novo regime é singularmente esclarecedor o facto de em Junho de 1928, segundo informa *El Pueblo Gallego*, ter sido preso pela polícia por causa do seu envolvimento em actividades contrárias à Ditadura militar (“Fracasa un movimiento revolucionario” in *El Pueblo Gallego*, 17/06/1928, p. 1; cfr. Maltez, 2005: 346).

### 7.2.2. Produção literária de Alfredo Guisado: A estreia literária (1910-1913)

O grosso da produção literária de Alfredo Guisado concentra-se no período de estudo deste trabalho. Como já foi referido, entre 1910 e 1921 publica 8 livros de poemas, estando escrito um deles numa das variedades do galego em uso na Galiza da altura. Publicaria mais 3 livros, o último em 1974 (cfr. *supra*). Postumamente, José António Fernandes Camelo editaria *Tempo de Orpheu II* a partir de um manuscrito que, segundo o editor, Alfredo Guisado teria deixado preparado para publicar (Camelo, 1996: 11). Ao lado dos livros publicados, Alfredo Guisado interveio também em revistas e jornais portu-

dados foram gentilmente remetidos via correio electrónico pela Directora do AHP, Manuela Magalhães.

97 Alfredo Guisado, sob o pseudónimo João de Lobeira, manteve neste jornal uma secção intitulada “Papel químico” mas também interveio sobre outros assuntos como se verá. No mesmo jornal, era assim saudada a entrada do produtor em foco na direcção como director-adjunto (1954-1972):

Possuidor de um nome feito na persistente devoção com que já ao longo de muitos anos tem servido a causa da Pátria e da Republica, antigo e desinteressado colaborador deste jornal [...]

Brilhantíssimo espírito de escritor e de poeta primoroso, Alfredo Guisado marcou, também, na vida nacional, lugar de evidente relevo, principalmente pela notável obra que realizou como vereador da Camara Municipal de Lisboa e como antigo deputado da Nação.

E serviu sempre o País e a Republica com o mais fervoroso patriotismo e a maior isenção. Pois é o seu brilhante espírito, o seu desinteresse, o seu patriotismo e a sua inabalável fé nas instituições democráticas que mais próxima e permanentemente passaremos a ter junto de nós, nesta fogueira intensa de jornalismo político, que tão rapidamente nos gasta e queima (*República*, 3/04/1954, p. 1).

gueses e galegos, destacando-se pelo número de intervenções a colaboração literária nas páginas da publicação galega *El Tea*, nomeadamente entre inícios de 1912 e finais de 1913. Com efeito, o primeiro texto literário publicado de Alfredo Guisado (com 21 anos) aparecerá significativamente nas páginas de *El Tea*, sob o título “Noites de inverno”:

Noites de inverno, que longas!...  
Que longe que vem a aurora!...  
O mar soluça, desmaia,  
O vento no bosque chora...

O rio ao longe murmura  
Uma bem triste canção,  
E os ecos d'essa balada  
Cáem no meu coração...  
Eu oiço chorar alguém...  
Quem é que esta assim carpindo?  
E'a neve magoada  
Por sobre as pedras cahindo...

Eu sinto os passos d'alguem,  
D'almas trites que se affastam...  
São as folhas resequidas  
Que p'los caminhos se arrastam...

As noites de inverno, frias,  
Nunca as passaste chorando?  
Que logo nos veja o dia,  
Como se está desejando!...

Mas n'essas noites, meu Deus,  
A madrugada demora...  
O mar soluça, desmaia,  
O vento no bosque chora. (*El Tea*, 6/01/1912, p.1)

Datado em Lisboa em Dezembro de 1911, “Noites de inverno” supõe, após a pesquisa realizada, a estreia literária do produtor em foco. Ao longo de 1912 e 1913 a colaboração de Alfredo Guisado em *El Tea* será muito intensa até o ponto de

publicar mais de 30 poemas, dos quais apenas um número restrito aparece reproduzido no primeiro volume publicado pelo autor, *Rimas da Noite e da Tristeza* (1913). No total Alfredo Guisado publicou em *El Tea* 54 textos, dos quais 39 são poemas, 2 textos em prosa, outros 2 estão relacionados com a literatura e 11 são artigos jornalísticos de variado assunto (*vid. Biblio.*). Dos textos poéticos apenas 15 foram publicados noutra lugar, designadamente em *Rimas da Noite e da Tristeza* (1913)<sup>98</sup>. Quanto ao nome que assina os textos: *Alfredo Pedro Guisado* rubrica 40, todos textos literários; *Alfredo P. Guisado* 1 de assunto literário, como o que aparece sob o nome *Alfredo Pedro Guisado (Refaldo Brila)*; *Alfredo Guisado* assina 4 artigos; e, finalmente, com o nome *Refaldo Brila*<sup>99</sup> encontramos 8 textos de assunto variado excepto o texto literário em prosa “Contos que vou contar. I Rosas” (*El Tea*, 19/10/1912, p. 2). Como *Refaldo Brila* publica também o relato “O namoro por fora e por dentro”, no semanário lisboeta *Espanña y Portugal*<sup>100</sup> (22/11/1913, p. 2). A análise destes textos, como já foi dito, será feita em dois tempos; em primeiro lugar será examinada a vinculação com o campo literário português, para mais à frente, estudar a relação entre estes produtos guisadianos e a Galiza e o emergente campo cultural galego.

Contudo, o repertório presente em “Noite de inverno” e no resto dos poemas recolhidos em *El Tea* é, em linhas gerais,

98 José António Fernandes Camelo publicou no seu “Do galeguismo de Alfredo Pedro Guisado ou Pedro de Menezes” (Camelo, 1985: 195-196) o conto “A Lareira. O Tio Xan” (*El Tea*, 23/06/1921, p. 2).

99 É evidente neste nome, *Refaldo*, o jogo com o próprio nome do autor; enquanto *Brila* parece mais tomado do incipiente galego escrito da altura em que formas como esta (cfr. Alonso, 1983: 351-352) eram utilizadas ou bem para se diferenciar do espanhol (*brilla*) ou bem eram resultado da aplicação indiscriminada de regras linguísticas do galego (por exemplo: em espanhol *estrella* em galego *estrela*; cfr. Núñez, 1993: 103-105). Por outra parte, não temos dúvida de que o autor quis propositadamente utilizar *Brila*, pois em artigo de resposta a um tal Manuel Afonso, nas mesmas páginas de *El Tea* dirá: “...tenho a dizer ao Sur. Manuel Afonso, que nunca me assinei *Refaldo Brilla* com dois ll e sim *Refaldo Brila* com um só l” (*El Tea*, 7/12/1912, p. 2; itálicos no original). Em todo o caso, no capítulo 8.2.1. deste trabalho será oportunamente analisado este pseudónimo guisadiano.

100 “Semanario independente. Órgano de la colónia española” publicado em Lisboa em 1913, como se verá, instrumento muito próximo do colectivo de emigrantes galegos em Lisboa.

o mesmo que está presente em *Rimas*. Isto é, e seguindo de perto José Carlos Seabra Pereira (1979 e 1983), os produtos literários publicados em *El Tea* (ou a sua maioria), assim como *Rimas*, inserem-se dentro do denominado neo-romantismo saudosista, ressaltando, como no poema citado, a “deformação sentimentalista da Natureza” (Pereira, 1979: 161). Este mesmo autor, entre outros, não duvida em adjectivar *Rimas* de “produção lírica de adolescência” (Pereira, 1979: 182; cfr. Lourenço, 2003: XI). Note-se que *Rimas* está dedicado aos pais do produtor e que vários poemas nele incluídos também estão dedicados a diferentes pessoas<sup>101</sup>, que podem ser divididas em três grupos e desenham uma rede de relações bem definida: familiares, galegos da Galiza ou da colónia galega em Lisboa e amigos lisboetas. Dentro deste último grupo ressalta a dedicatória a António Cardoso Ponce de Leão (1891-1918), muito provavelmente colega de Liceu e já por esta altura (1913) em contacto com Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro<sup>102</sup>. No entanto, nada indica a associação de Alfredo Guisado a algum grupo ou movimento literário. O seu percurso vital durante estes anos, como veremos na segunda parte deste trabalho, estará estreitamente ligado ao devir da colónia galega em Lisboa.

### 7.2.3. Produção literária e Modernismo (1914-1915)

Se, como se viu, em 1912 e 1913, Alfredo Guisado tinha colaborado intensamente com inéditos em *El Tea*, em 1914 apenas publica dois poemas, um de *Distância*, “Elegia das Rolas” (*El Tea*, 29/05/1914, p. 1; *vid. Anexos*, XII) e o inédito “Olhar cansado” (*El Tea*, 27/11/1914, p. 1). Intervém, porém,

101 Os nomes são: João Manuel Alfaia; António Ponce Leão; ao irmão; Eugénio Alvarez (marido da falecida irmã); Domingos Lago Gomez; Amado Garra; Hortense Bermúdez; Pedro Midósi Bahuto; José Nunes Baptista; Armando de Almeida; José Brandão; Álvaro Maia; João Nascimento; Álvaro Amadeu P. Maia; Maria José Ponce Leão; Rogélio Riveiro; Diogo M. Duarte; Maria Zelinda Ponce Leão; Filipe Nogueira; o tio Guilherme.

102 Nesse mesmo ano, 1913, Ponce de Leão escreve conjuntamente com Sá-Carneiro a peça em 1 acto *Alma*. Falecido muito cedo, Ponce de Leão seria conhecido na época como crítico literário e, nomeadamente, teatral (Lisboa, 1990: s. v. “Leão, António Cardoso Ponce de”). A relação com Pessoa ficou expressa no diário pessoal ano (cfr. Pessoa, 1966: 32).

no campo literário português junto dos membros do grupo de *Orpheu* em formação (nomeadamente, Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro) na que seria a primeira tomada de posição do grupo, em Fevereiro de 1914, na revista *Renascença* (cfr. *supra*), com o poema “Asas Quebradas”. De facto, em finais de 1913, Alfredo Guisado, com 22 anos, já aparecia citado nas cartas cruzadas entre Pessoa e Sá-Carneiro (cfr. Silva, 2001: 98). Esta correspondência dá notícia também do intenso intercâmbio de cartas que existiu entre Pessoa, Sá-Carneiro e Guisado; contudo, deste último apenas estão localizadas e acessíveis duas cartas que o produtor em foco escreveu a Fernando Pessoa (conservadas no espólio pessoano da Biblioteca Nacional) e mais 2 que Mário de Sá-Carneiro escreveu a Alfredo Guisado em 1914 e que tornaria públicas em 1970 Luís Amaro no *Diário de Notícias* (Amaro, 1970; cfr. Sá-Carneiro, 1977: 69-73)<sup>103</sup>. Escreve Alfredo Guisado a Fernando Pessoa com data de 27/07/1914:

Estou desejando ler a sua última poesia, bem como as odes do Ricardo Reis. Não se esqueça de mas enviar. [...] Diga ao Fernando Pessoa, (não sei se você o conhecer), que se não esqueço de concluir os “Passos da Cruz”, que o paulismo os reclama, e exige que os conclua. É necessário pois que abandone por dias as tais teorias sociológicas para regressar um pouco à [?] –cô! Diga-lhe isto, que êle certamente pensará um pouco e então, com alguma boa vontade, torna-se novamente o mestre Pessoa, o chefe do interseccionismo. Quando forem necessários os 1500 você bem sabe que é só dizer. A “Europa” é absolutamente necessário que saia e o mais breve possível. Eu, por aqui me tenho arrastado lepidopteramente, pouco ou nada produzindo. Escrevi as duas últimas “Chagas de Cristo”, que juntamente lhe envio. Você julgará. Creio que a melhor, (pelo menos é a que mais me agrada), é o “Sonho de Cristo”. [...] Entristeceu me deveras também o que você me diz do Sá-Carneiro Recebi ontem carta dele, mas nada me diz a êsse respeito (*vid. Biblio.*).

<sup>103</sup> Conserva-se ainda no espólio de Alberto Serpa na Biblioteca Municipal do Porto uma carta de Alfredo Guisado àquele de 23/01/1958 (*vid. Biblio.*).

Das palavras de Alfredo Guisado a Fernando Pessoa sobressai o facto de o primeiro se encontrar a par das iniciativas do grupo, isto é, dos seus *ismos*, dos seus projectos como o da revista *Europa* (também da frustrada “Antologia do Interseccionismo”<sup>104</sup>) assim como da heteronímia pessoana. Por outro lado, esta carta junto doutros textos indica que o papel de Alfredo Guisado dentro do grupo de *Orpheu* foi conjuntamente o de suportar financeiramente os projectos do grupo, nomeadamente o da revista *Orpheu*<sup>105</sup>.

Em Maio de 1914, antes de vir a público a revista *Orpheu*, Alfredo Guisado publicará o seu segundo livro de poemas *Distância*, dedicado significativamente a António Ferro, António Ponce de Leão, Augusto Cunha<sup>106</sup>, Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, todos eles vinculados ao grupo *Orpheu*. *Distância*, ainda ligado ao neo-romantismo, será, segundo Apolinário Lourenço um “livro de transição” para uma “orientação poética claramente simbolista-paulica” (Lourenço, 2003: XII; cfr. Pereira, 1979: 182), isto é, deixa notar a influência do repertório literário que especialmente Fernando Pessoa estava a elaborar e coordenar. Pelo até aqui visto, 1914, que coincide com um número significativamente menor de colaborações literárias em *El Tea*, é claramente um momento de inflexão na trajectória literária de Alfredo Guisado no campo literário português.

Em 1915, como já foi descrito, os modernistas de *Orpheu* avançam com novas e polémicas tomadas de posição. Em Fevereiro, Alfredo Guisado, junto a Fernando Pessoa e Mário de

<sup>104</sup> Alfredo Guisado, segundo a carta já referida que F. Pessoa envia a Côrtes-Rodrigues (4/10/1914), iria intervir também na citada “Antologia do Interseccionismo” com “Poesia e prosas” (Pessoa, 1999: 127).

<sup>105</sup> Desta opinião é o sobrinho de Alfredo Guisado (António Guisado a CPJ). Por outro lado, a carta que envia Sá-Carneiro a Pessoa em finais de 1915 é suficientemente esclarecedora: “se eu apresentasse contas àquele [Alfredo Guisado] que contribuiu com 12000 para a revista –era só para lhe pedir mais dinheiro...” (Sá-Carneiro *apud* Silva, 2001: 247). Ainda em Outubro de 1915, quando Pessoa tentava desesperadamente lançar o terceiro número de *Orpheu*, Sá-Carneiro aconselha pedir dinheiro a Guisado (cfr. Silva, 2001: 221; Simões, 1950: 225).

<sup>106</sup> Augusto Cunha foi co-autor com António Ferro de *Missal de Trovas* (1914), com prefácio de F. Pessoa. Segundo Nuno Júdice publica um “*pastiche* do estilo *órfico* ou paulista” em que é feita “uma descrição ficcionada de ‘um serão paulista’, efectuado ‘no ano 87 de *Orpheu*’, no qual Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro são designados por ‘grandes génios’ e ‘fulgurantes espíritos’” (cfr. Júdice, 1986: 83).

Sá-Carneiro, intervém na revista coimbrã *A Galera* no número de homenagem a António Nobre com o poema “Só” (*vid. Biblio.*)<sup>107</sup>. Não obstante, será com o lançamento do primeiro número da revista *Orpheu* a 26 de Março que o campo literário português reage, como já foi visto, com mais frontalidade face à nova tomada de posição do Grupo do *Orpheu*. Neste primeiro número, Alfredo Guisado além de contribuir financeiramente, figura como administrador e intervém com treze sonetos mais tarde recolhidos em *Ânfora*. Entretanto as críticas à revista *Orpheu* e ao Grupo subiam de tom, Alfredo Guisado intervém, como outros produtores do Grupo, na revista de Faro *Alma Nova*, onde colabora assiduamente António Júdice Bustorff Silva<sup>108</sup> que, como já foi referido, deu acolhimento aos modernistas<sup>109</sup>. Assim, e assinando como até ao momento vinha fazendo (Alfredo Pedro Guisado), publica em Maio o poema “Cristo Agonisante” (*vid. Biblio.*).

#### 7.2.4. Ruptura com o Orpheu: surgimento de Pedro de Menezes (1915)

Em fins de Junho de 1915 sai o segundo número de *Orpheu*, sem participação guisadiana<sup>110</sup>, como também não constará das provas de *Orpheu* 3 (cfr. Sá-Carneiro *apud* Silva,

107 Reproduzido mais tarde com leves alterações em *Ânfora* (p. 53).

108 António Júdice Bustorff Silva (1895-1980), além de colaborar nas revistas *Alma Nova* e *Portugal* intervém no número único de *Eb Real!* (13/05/1915). Segundo Nuno Júdice, Bustorff Silva, colega no curso de Direito de Augusto Cunha, colabora na difusão do “*pastiche* do estilo *órbico* ou paulista” (Júdice, 1986: 84; itálicos no original).

109 No número de Abril, em crítica laudatória de *Orpheu* 1 aparece sobre Alfredo Guisado:

Já numa destas crónicas nos referimos em termos mais que elogiosos ao poeta Alfredo Pedro Guisado, um dos mais completos e fortes da geração moderna. Alegra-nos neste momento ver como merecidos foram os elogios então feitos. Guisado, reaparece-nos em 13 Sonetos que são 13 joias. Ritmo, Côr, Ideia e Forma, neles superabundam” (*Alma Nova* 7, Abril de 1915, p. 6).

O jornal de Estremoz *Terra Nossa* (outra vez na periferia), onde Alfredo Carvalho Mourão apoia os de *Orpheu*, recolhe também nas suas páginas de Abril o poema “Ante Deus” de Alfredo Guisado (cfr. Júdice, 1986: 71).

110 Apesar de ser pouco significativo dadas as características da revista, Alfredo Guisado não constava da seguinte previsão de intervenções em *Orpheu* 2: “No nosso segundo numero (a sair em junho) contamos publicar, entre outras obras, as seguintes: *Poemas* de Fernando Pessoa, *Mundo Interior*, novela de Mario de Sá-Carneiro e Narciso, poema de Luiz de Montalvôr” (*Orpheu* 1, p. 6). Em *Orpheu* 2, só a previsão que diz respeito a Luis de Montalvor se verificou (cfr. *Orpheu* 2, p. 3).

2001: 204). Pouco depois, inícios de Julho, o panfleto de Raul Leal e as ironias de Fernando Pessoa a respeito de Afonso Costa tinham endurecido as críticas aos modernistas de *Orpheu* (cfr. *supra*). Neste estado do campo, Alfredo Guisado, junto com António Ferro, reage desvinculando-se formalmente do Grupo em carta publicada em *O Mundo*:

*Sr. director do Mundo.* –Tendo chegado ao nosso conhecimento que um sr. Raul Leal, num manifesto, a título de colaborador do *Orfeu* e o sr. Alvaro de Campos [mas não é indicado o nome verdadeiro], colaborador também da mesma revista, numa carta dirigida á *Capital*, visaram a alta personalidade do sr. dr. Afonso Costa, por quem sentimos a maior admiração e cujo estado actual muito nos preocupa, vimos declarar que repudiamos qualquer solidariedade com esses senhores, o que o primeiro dos signatários já tinha feito em seguida á publicação do primeiro número do *Orfeu*, fazendo o segundo a afirmação que desde hoje deixa de ter qualquer responsabilidade como editor da mesma revista. Agradecendo desde já a publicação desta carta, somos correligionarios de sempre. – *Alfredo Pedro Guisado, Antonio Ferro* (in *O Mundo*, 7/07/1915; *vid. Biblio.*).

Evidentemente a declaração de A. Ferro e A. Guisado deve ser posta em relação com o distanciamento de M. de Sá-Carneiro e Almada Negreiros nas páginas d’*A Capital*, a respeito do sarcasmo pessoano (cfr. *supra*). O tom, porém, utilizado pelos dois assinantes da carta, aponta a uma atitude mais firme não somente face às declarações de Pessoa mas também face ao *Orpheu*, pelo menos no caso de Alfredo Guisado. Lembre-se a este respeito que Alfredo Guisado já militava no Partido Democrático de Afonso Costa, como já foi apontado, mas também que António Ferro era dos democráticos na altura (cfr. Silva, 2001: 322). Assim as coisas, o próprio Alfredo Guisado, aquando da publicação de uma crítica negativa ao *Vida e obra de Fernando Pessoa* de Gaspar Simões, dá a sua versão sobre a sua ausência em *Orpheu* 2:

estive para colaborar no segundo número da revista, o que não fiz por, *além de outros motivos*, se ter extraviado o poema

a ele destinado, um poema longo, de que não tinha deixado cópia (“Vida e obra de Fernando Pessoa” in *República*, 22/09/1950, p. 3; itálicos nossos).

A expressão “além de outros motivos”, como notou Armando Lúcio Vidal (Vidal, 1999: 30) deixa a porta aberta a outras interpretações além do simples extraviado do referido poema, especialmente se se tiver em conta que a frase “além de outros motivos” não aparece no artigo original de 15/09/1950 publicado no jornal *República* “Vida e Obra de Fernando Pessoa”, mas sim na “rectificação” que Alfredo Guisado insere na página de literatura que ele próprio assinava no *República*<sup>111</sup>. Por outro lado, é singularmente substantivo o facto de o texto se “ter extraviado”, o que fez com que A. Guisado não participasse na prática em *Orpheu 2*.

Com efeito, vários factores iriam estar na base do distanciamento de Alfredo Guisado do Grupo de *Orpheu*. Por um lado, a repercussão mediática de *Orpheu* não seria com certeza a adequada para quem militava no Partido Democrático, central no regime republicano da altura, e anos mais tarde viria a fazer carreira política (cfr. Lourenço, 2003: XXXVIII)<sup>112</sup>. Exemplarmente indicativa do embaraço provocado pelo envolvimento no modernismo português é, julgamos, a crítica que recebe *Xente* no jornal *A Democracia* (vid. Anexos, VI) órgão de expressão dos republicanos, seis anos mais tarde:

O complicado poeta das *Treze baladas das mãos frias*, o esquisito joalheiro florentino da *Anfora* e do *Mais alto*, acaba de publicar a sua *Xente d'Aldea*, versos galegos, picturais e simples, como convem á paisagem clorofilina do outro lado do Minho.

111 É necessário, no entanto, ter em consideração que a distância temporal entre os factos aludidos e as declarações de A. Guisado, assim como os próprios interesses do produtor em foco (muito provavelmente interessado em ligar o seu nome ao Grupo do *Orpheu*) podem fornecer informações distorcidas. Em todo o caso, considerámos estas declarações significativas para os objectivos específicos deste ponto.

112 Em 1966 no *República*, o próprio Alfredo Guisado afirmava: “O ‘Orpheu’ tinha trazido à discussão o seu nome e então a Editores não se atreveram a lançar no mercado os seus trabalhos Literários. A ‘Orpheu’ não era boa recomendação para os que nele tinham colaborado” (vid. Biblio.).

[...]

Pedro de Meneses começara por ser um poeta complicado e moderno com exageros originais na sua arte inicial.

Os seus primeiros livros faziam lembrar iluminuras medievais, tanto a vivesa das côres nos deslumbrava o olhar. Cada seu verso era como uma pedra preciosa franjando luz ao sol cantante da primavera peninsular. Na *Xente d'Aldea* o poeta transfigura-se. Já não é o artista *blagueur* pincelando quadrinhas, como a paciência de Estevão Anes. Já não é, apenas, o sacerdote da música e á côr, sacrificando á música e á côr toda a sua sensibilidade equilibrada e excepcional. Já não é o artificioso vivendo entre artificios, pedras cristalizadas e astros ilusorios. Neste livro, Pedro de Meneses põe a cantar o seu grande coração.

A crítica termina expressivamente com:

Folgo de consignar aqui que a *Xente d'A Aldea* corrige os senões da sua obra antiga e marca imperativamente ao seu autor um caminho seguro, afastada de loiros, no verso português (“*Crónica literária*. Xente d'a aldea. Por Alfredo Pedro Guisado (Pedro de Menezes)” in *A Democracia*, 23/06/1921, p. 1; itálicos no original)<sup>113</sup>.

Por outro lado, tudo parece indicar que o produtor em foco se incompatibiliza com alguns dos membros do Grupo, igualmente por questões políticas. Com Mário de Sá-Carneiro, segundo as cartas que este escreve a Fernando Pessoa, a relação esfria consideravelmente, a partir de Junho (cfr. Sá-Carneiro *apud* Silva, 2001: 169). Ainda em finais desse mesmo ano, Mário de Sá-Carneiro escreve:

—A propósito [...] fale-me do Guisado. É criatura ainda tratável? Fez versos em Mondariz? Eu *poder-lhe-ei* escrever? Informe-me a este respeito. Eu, por mim, gostava muito de lhe escrev-

113 Apesar de se produzir efectivamente seis anos mais tarde, a crítica de *A Democracia* consideramos é reflexo, no mínimo, das reacções no campo cultural português dos grupos afins aos democratas de Afonso Costa e, em todo caso, é *expressiva da memória* do campo.

er, mas não sei o que ele tem contra mim, nem as intenções em que está! Informe-me você com toda a franqueza. Sabe bem que o Guisado será sempre para mim o admirável Poeta e o excelente rapaz toldado de Burguesia. Não hesite pois em responder-me a esta simples pergunta: –Posso à vontade escrever ao Guisado– *ou é melhor não o fazer?* Compreende que não estou disposto a receber dele uma carta diplomática... (*apud* Silva, 2001: 239; itálicos no original).

O falecimento trágico de M. de Sá-Carneiro fez com que o contacto não ficasse reactivado, segundo os dados manejaados. Também com Almada Negreiros a relação foi tensa<sup>114</sup>. Em 1965 Almada Negreiros afirmava o seguinte:

Cortei relações pessoais com dois companheiros do *Orpheu* [entendemos Alfredo Guisado e António Ferro], primeiro por ousarem manifestar as suas opiniões políticas, o que era inadmissível entre nós [...] mas sobretudo por estes mesmos manifestarem indacreditavelmente as suas repulsas mentais e físicas por Raul Leal. De resto, estes dois companheiros eram os que menos eram de *Orpheu*. Parece-me (Negreiros, 1997 [1965]: 1085).

Estas palavras ao lado da expressão “os menus do Alfredo Guisado!” que aparece ironicamente no famoso *Manifesto Anti-Dantas*, confirmam uma relação no mínimo tensa (cfr. Lourenço, 2003: XXVI). O antes mencionado Raul Leal, em 1962, exprime-se assim sobre a política dentro do Grupo:

114 Apesar da existência de encontros posteriores dos quais há registo fotográfico como o publicado pela revista *Autores* em 1960 ao entrevistar Alfredo Guisado acerca da sua participação no *Orpheu*. A entrevista aparece acompanhada duma fotografia coetânea em que aparecem retratados Armando Cortês-Rodrigues, Almada Negreiros e Alfredo Guisado à mesa (*vid.* Biblio.). Em 1965 o jornal *República* publica um artigo de Eduardo Prado Coelho, “O cinquentenário do ‘Orpheu’” acompanhado também por uma fotografia com a legenda “Os sobreviventes do ‘Orpheu’ [...] Alfredo Guisado, Corte-Rodrigues e Almada Negreiros” (Coelho, 1965: 10). Por outra parte, Robert Bréchon indica sobre o famoso retrato de F. Pessoa realizado por Almada Negreiros: “pintou duas vezes o mesmo retrato, uma primeira vez em 1934, portanto ainda em vida do poeta, *a pedido* de Alfredo Guisado, para o seu restaurante do Rossio” (Bréchon, 1996: 289-290; itálicos nossos).

O que é uma refinadíssima mentira é que *Orpheu* tivesse sido uma revista republicana, conforme inventaram os senhores da *República*. Tratava-se de uma revista de arte e não de política. Aliás, não só eu e Guilherme Santa-Rita éramos monárquicos confessos (creio que também Sá-Carneiro), mas igualmente o Fernando fez uma verdadeira ode a Sidónio-Rei e escreveu uma carta-*blague* contra Afonso Costa, a par do meu manifesto *O Bando Sinistro*, como complemento deste, enviando-a para o diário *A Capital*, o que levou Guisado a desligar-se até do *Orpheu* (Raul Leal *apud* Júdice, 1986: 105-6).

Tudo parece indicar, pelo até aqui exposto, que a participação activa de Alfredo Guisado na revista estaria, dada a sua posição no campo político e os (consequentes) desencontros pessoais, inviabilizada. Ora, isto não significa que a vinculação ao Grupo em particular e com o modernismo em geral estivesse completamente comprometida, até porque o Grupo como tal iria debilitar-se notavelmente.

Por volta de finais de Junho / inícios de Julho de 1915 (cfr. *El Tea*, 9/07/1915, p. 3), Alfredo Guisado publica novo livro de poemas, *Elogio da Paisagem*, onde o produtor confirma, repertorialmente, o caminho iniciado com *Distância*. Ao lado de elementos repertoriais próprios do neo-romantismo, nomeadamente de Teixeira de Pascoaes (Pereira, 1979: 187), é apreciável a elaboração poética modernista, próxima dos textos de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, no tratamento do “eu” (cfr., por exemplo, “Elogio da distancia”, p. 8), a presença do mito de Salomé (cfr. “Meus olhos p’ra o luar”, p. 10)<sup>115</sup> ou “uma nova estilística dos pronomes da 1ª pessoa do singular (possessivos e, sobretudo, pessoais em conjugações reflexas)” junto da, tão cara aos modernistas, “transgressão [...] da norma gramatical” (Pereira, 167; cfr. Lourenço, 2003: XXXI). O livro foi acolhido pela crítica do órgão da Renascença portuense com dureza:

115 Note-se, como apontou Paula Morão, que a presença do mito de Salomé é recorrente nos produtos literários do Grupo: Cortês-Rodrigues, Almada Negreiros, etc. (Morão, 2001: 38 e *passim*). Alfredo Guisado já o tinha utilizado em *Orpheu* 1 nos poemas “Salomé” e “Morte de Salomé” (pp. 47 e 48, respectivamente).

O soneto, felizmente para quem o usa, presta-se a tudo: às pequenas esculturas imortais encerrando em quatorze linhas a tragédia duma vida ou dum povo, e aos históricos manequins de certos enxamblores do verso para quem o valor se mede pela originalidade no escândalo. O sr. Menezes, a quem desejaríamos melhor sorte, deixou-se levar por esta última feição. Fazemos votos pelo seu completo restabelecimento (“Elogio da Paisagem” in *A Águia*, 48, Dezembro de 1915, p. 255)<sup>116</sup>.

Como se vê, a crítica d’*A Águia* segue a linha de reprovação aplicada aos modernistas, que já em 1914 tinha rejeitado, nas páginas desta revista, a *A Confissão de Lúcio* e *Dispersão* de Mário de Sá-Carneiro (cfr. Júdice, 1986: 54).

Repare-se que a crítica d’*A Águia* vai dirigida ao “sr. Menezes”, pois *Elogio da Paisagem* é assinado por Pedro de Menezes e não por Alfredo Pedro Guisado, o nome utilizado até, como vimos, escassos dias, no máximo um mês. O próprio Alfredo Guisado explicará assim esta mudança no jornal *República* em 1950:

Adoptei o pseudónimo de Pedro de Menezes logo após a saída do primeiro número do ‘Orfeu’, quando da publicação do ‘Elogio da Paisagem’, que nessa altura foi posto à venda, com o fim de ver como a crítica receberia o livro, não sabendo quem era o Autor. Todos os meus camaradas conheciam a razão da mudança de nome (“Vida e Obra de Fernando Pessoa’ um novo trabalho literário do sr. João Gaspar Simões” in *República*, 15/09/1950, p. 7)<sup>117</sup>.

116 Nesse mesmo Dezembro de 1915, António Ponce de Leão desde a revista *Portugal*, faz uma crítica literária do *Elogio da Paisagem* num tom bem diferente do de *A Águia*. Apesar de referir o texto como “um pouco escuro”, Ponce de Leão afirma: “Pedro de Menezes’ é um lírico, um poeta de coração que será lido sempre com a melhor das vontades desde o momento em que ponha de lado qualquer ideia futurista e arrevezada” (Leão, 1915; itálicos nossos). Além de valorizar a produção guisadiana, note-se a chamada de atenção que António Ponce de Leão lança e que, em boa medida, irá estar presente na trajetória guisadiana (cfr. *infra*).

117 Rebatendo, deste modo, sempre segundo Alfredo Guisado, a tese de Gaspar Simões de que tinha adoptado “o pseudónimo de Pedro de Menezes para cortar, definitivamente, com o meu passado ‘órfico’” (A. Guisado “Vida e Obra de Fernando Pessoa’ um novo trabalho literário do sr. João Gaspar Simões” in *República*, 15/09/1950, p. 7).

Pedro de Menezes, pseudónimo formado a partir de um nome do autor e de um sobrenome de família<sup>118</sup>, deu lugar, como já foi indicado, a interpretações variadas, algumas apontando a uma tentativa por parte do autor de emular a heteronímia de Fernando Pessoa (cfr. *supra*)<sup>119</sup>. No entanto, e apesar do trecho citado do próprio autor, deve ser tido em consideração o seguinte: Alfredo Guisado já tinha assinado com outro nome (*Refaldo Brila*); o uso de pseudónimos era prática estendida na altura, mesmo entre os membros do Grupo de *Orpheu* (cfr. Lourenço, 2003: XLIII), pense-se em *Violante de Cysneros* –Côrtes-Rodrigues– que dedica um poema a Alfredo Guisado em *Orpheu* 2<sup>120</sup>; e, decorridos alguns anos, o próprio escritor utilizaria outros (*João de Lobeirã* e *Filomeno Dias*)<sup>121</sup>.

Assim, e em função das sucessivas tomadas de posição do produtor em foco, a ocultação do nome que até então tinha assinado os textos guisadianos, além doutras possíveis funções, serve para se distanciar do *Alfredo Pedro Guisado* que tinha assinado “Treze sonetos” em *Orpheu* 1; o pseudónimo é, afinal, uma estratégia para continuar a intervir no campo literário português estabelecendo uma certa distância com os *malucos* de *Orpheu*. A intensidade ou grau dessa distância será analisada seguidamente.

118 Assim o confirmou António Guisado (António Guisado a CPF).

119 É sem dúvida original a interpretação de Barro Paz e Martínez Pereiro (1989) que consideram, resumidamente, Pedro de Menezes um heterónimo em galego. Original por única, é também a explicação de Lúcio Vidal, onde para a sombra do *Manifesto Anti-Dantas*: “pensamos que se trata de trata de um simples pseudónimo: o nome do poeta prestava-se a chuvas de mau gosto, por parte de adversários políticos sem espírito” (Vidal: 1984: 29, n. 1.).

120 Segundo João Rui de Sousa, Luís de Montalvor, Côrtes-Rodrigues e Alfredo Guisado partilham o “gosto comum, embora com intensidades muito diferentes, pela utilização do pseudónimo: mais passageiro, ainda que epocalmente muito significativo, em Côrtes-Rodrigues; bem mais insistente e convicto, ainda que não constante, em Alfredo Guisado; tornado sigla definitiva em Luís de Montalvor” (Sousa, 1991: 79).

121 Albino Lapa atribuiu a Alfredo Guisado mais um pseudónimo, *Alfredo Abril* (Abril, como já foi indicado, era o primeiro apelido da mãe), do qual não temos mais notícias (cfr. Lapa, 1980: s. v. “Alfredo Abril”).

### 7.2.5. Produção literária de Pedro de Menezes (1916-1918)

*Pedro de Menezes* será o nome que assinará todos os livros do autor desde o já focado *Elogio da Paisagem* até *Xente d'a Aldea. Versos Gallegos* (1921). Pedro de Menezes será igualmente o nome que vai figurar como fundador da revista dirigida por Augusto de Santa-Rita<sup>122</sup>, *Exílio* (Abril, 1916), ao lado deste, António Ferro e Côrtes-Rodrigues.

Em *Exílio*, iniciativa dos modernistas, Alfredo Guisado intervém com quatro poemas sob o título “O Mêdo de Satan pela Noite” (incluídos depois em *Ânfora*). Na mesma revista, Fernando Pessoa empenhado ainda em lançar e comandar o *sensacionismo*, inclui *Elogio da Paisagem* e o seu autor no citado *ismo* pessoano:

A breve e magistral colheita de sonetos, que o sr. Pedro de Menezes fez para o seu publico, marca bem a individualidade definida, que elle tem a dentro do Sensacionismo. A exuberancia abstracto-concreta das imagens, a riqueza de suggestão na associação d'ellas, a profunda intuição metaphysica que socleia tanto os versos culminantes dos sonetos d'esta plaquette, como, bastas vezes, a direcção animica de certos sonetos integralmente – tantas são algumas da razões que um espirito esclarecido e europeu encontra para admirar e amar o *Elogio da Paisagem*.

No mesmo texto, o autor da *Mensagem* aponta “dois defeitos” ao produto guisadiano:

Convém não omitir que o sr. Pedro de Menezes junta ás suas grandes qualidades dois defeitos, que, não chegando a empanal-as, certo é que não deixam que ellas tenham o relevo a que teem jus. O primeiro defeito é uma certa deficiencia –por vezes accentuadamente notavel– de musicalidade, de suggestão puramente syllabica, de seducção rhythmica pura [...]

<sup>122</sup> Augusto Cau da Costa de Santa-Rita (1888-1956), irmão de Santa-Rita Pintor, é, segundo Óscar Lopes, “Conhecido sobretudo por numerosa literatura de contos e peças infantis, para as quais criou em 1943 o Teatro de Mestre Gil”, desconsiderando a sua obra ao passo que é posto em causa o modernismo da mesma (Lopes, 1973: 723).

O seu outro defeito é menos frequente e, onde está, é, em geral, menos sensível. É que por vezes o poeta esquece as leis, não só exotericas, mas esotericas tambem, da associação de ideias desconexas, e juxtapõe imagens que, sendo, quasi sempre, casda uma d'ellas bella, não se fundem em belleza, não se synthetizam suggestivamente no espirito (Pessoa, 1916: 47)<sup>123</sup>.

Em *Alma Nova*, A. Bustorff, nesse mesmo ano, manifesta-se assim sobre *Elogio da Paisagem*:

Já nem mesmo aparece nas montras das livrarias –de velho e esquecido que está para o burguesismo triunfante– o *Elogio da Paisagem* de Pedro de Menezes.

Edição agradável, guardando catorze sonetos de onde se destacam algumas jóias literarias que bem traduzem a alma de puro requinte artístico de quem as sonhou. Arte moderna, arte de difícil intuição, -arte quasi estravagante. Por vezes mimos de ritmo, de ideia e de delicadeza, como a *Canção das Fiandeiras* e ainda a *Romaria dos Echos*; mas sobre estes predominam os que, por uma excessiva sintese, dificultam a sua penetração. Porque não regressará Pedro de Menezes ao cultivo de formas poeticas claras, mas unanimemente louvaveis, onde já tem maravilhas da força da *Lenda do Mar*, da *Lenda dos Sinos* ou das *Lareiras?*... [refere-se a poemas de *Distância* de 1914] (Bustorff, 1916a; sublinhados nossos).

Expressivamente, A. Bustorff além de vincular o texto guisadiano à “Arte moderna” introduz um comentário repreensivo

<sup>123</sup> Nas mesmas páginas de *Exílio* se manifesta de forma elogiosamente singular o editor de *Orpheu* 1, António Ferro:

A Paisagem deve sentir-se lisongeada... Pedro de Menezes fêz o seu elogio...  
Os versos do Poeta não lhe disseram apenas a Beleza...  
Deram-lhe mais Beleza...  
Brilhantes que num gesto magnanimo Êle atirou ao seu regaço...  
Porque a Paisagem não é tão bela...  
Pedro de Menezes não deveria ter dito Elogio, mas Sonho da Paisagem...  
Cada verso deste poeta lê-se como quem percorre uma alameda, onde a Ideia passeie como uma princesa scismadora...  
Ao meio um lago onde de quando em quando ella mergulha as maos ...  
Pedro de Menezes, como todo o Português, descendente do Gama, descobriu no seu espirito, um reino mais longínquo do que a Índia, o reino do Preste-Deus!... (Ferro, 1916).

contra a “arte quasi extravagante” recomendando as “formas claras” da produção guisadiana anterior.

Por outra parte, *Exílio*, repare-se, de intenso conteúdo nacionalista, aparece explicitamente como uma revista apolítica, o qual possibilita a intervenção guisadiana (sob o pseudónimo Pedro de Menezes) ao lado de produtores que intervêm no campo literário com tomadas de posição bem distantes da de Alfredo Guisado; neste sentido, é exemplar a intervenção em *Exílio* de António Sardinha<sup>124</sup>.

Noutra ordem de ideias, e no que diz respeito à relação pessoal entre Alfredo Guisado e Fernando Pessoa, Lúcio Vidal entende: “manteve-se fossem quais fossem as circunstâncias. Guisado revela sempre a maior admiração por Fernando Pessoa, que, em vida, foi apenas conhecido em restritos círculos intelectuais, e talvez não fosse unanimemente apreciado” (Vidal, 1999: 33). Com efeito, esta relação, a partir dos dados manejados, parece ter superado o inicial distanciamento, se o tiver havido, aquando do episódio de Afonso Costa<sup>125</sup>.

O pseudónimo guisadiano, Pedro de Menezes, assina nesse mesmo 1916, *As Treze Baladas das Mãos Frias*<sup>126</sup>. Nova tomada de posição que, juntamente com a presença de Salomé e outros elementos repertoriais já pré-existentes, introduz na produção guisadiana, ainda muito de leve (cfr. *infra*), referências à história de Portugal (Alcácer-Kibir, Dna. Inês e El-rei D. Sebastião, por exemplo), como é evidente no seguinte trecho da “Balada de Portugal”:

124 Segundo Teresa Almeida, *Exílio* “tem [...] o cuidado de se distanciar de um projecto político concreto, considerando-se a si própria como ‘a linda praia em desterro’ daqueles que ‘independentemente da cor política, confiam ainda no ressurgimento de Portugal pelos novos’” (Almeida, 1982: XII).

125 Diversos dados podem ser aqui convocados para sustentar esta afirmação. Basta, por exemplo, mencionar as cartas de Sá-Carneiro enviadas a Pessoa onde fica e a proximidade entre o último e Guisado (entre outras, Sá-Carneiro *apud* Silva, 2001: 269), a intervenção guisadiana n’*O Diabo* aquando do falecimento de Pessoa em 1935 (*vid. Biblio.*), ou, anos volvidos, a defesa do autor dos heterónimos no jornal *República* perante a insinuação de alcoolismo em *Vida e obra de Fernando Pessoa* de Gaspar Simões (*vid. Biblio.*).

126 O exemplar consultado da Biblioteca Nacional contém uma dedicatória assinada também por Pedro de Menezes.

Portugal é um menino.  
E como é um menino  
E não sabe o que fazer,  
O Sol antes de morrer  
Põe-se no longe a espiritar.  
Não vá êle pôr-se a correr  
E vir a cair no mar.  
E como é um menino  
Quando o não deixam correr  
As vezes põe-se a chorar...

Portugal, rajá doente.  
Mãos sôbre o meu coração.  
El-rei D. Sebastião  
Passando pelo Poente (p. 35).

Optando maioritariamente por formas métricas diferentes ao soneto, Alfredo Guisado incorpora, como se vê no texto, elementos recorrentes da história de Portugal ao lado da elaboração mais intimista (por exemplo em “Balada das naus paradas”) na sua produção<sup>127</sup>. Em *Alma Nova*, revista atenta ao devir dos modernistas, podemos ler sobre as *Treze Baladas das Mãos Frias* de A. Bustorff:

Sob o aspecto da orientação psicológica do autor este livro filia-se, ainda e sempre, na maneira poética um tanto simbolista, um tanto interseccionista, um tanto extravagante, - mas de onde se destacam scintilhas de Inteligência e de Mérito, - de que Pedro de Menezes se fez um paladino e um creadôr. Nem todos compreendem o que nas *Treze baladas das mãos frias* vem escrito, proquê nem todos estão afectos à orientação pessoalíssima do Poeta. Naquelas composições, porem, em que a penetração é mais imediata e facilmente realizada, nessas encontram-se primores de engenho, no seu ritmo e na sua Ideia (Bustorff, 1916b: 34; sublinhados nossos).

127 Para Seabra Pereira, além do “desdobramento do eu”, em *Treze Baladas das Mãos Frias*, Guisado “alarga ao âmbito nacional a tragicidade do ente da realização malograda pela perda da identidade e procurando [...] recuperá-la e, assim, reasumir-se na plenitude originária” (Pereira, 1979: 188).

No ano seguinte, além de publicar um soneto inédito na mesma revista, "Soneto" (*vid.* Biblio), e não intervir em *Portugal Futurista*, lança novo livro, *Mais Alto*, onde as novidades reperi-toriais do volume anterior ocupam agora uma posição proe-minente. Com efeito, António Quadros, à hora de descrever como os modernistas se relacionam literariamente com a *ideia* de Portugal<sup>128</sup>, põe em destaque (com outros textos de Almada Negreiros, Fernando Pessoa e Augusto Ferreira Gomes) *Mais Alto*:

a abrir encontramos um grupo de dezasseis poemas subordinados ao título geral de *Alcácer Quibir* e a fechar outro de três poesias sobre *O Infante*. Embora dentro de um modernismo simbolis-ta, muito esteticista, Guisado entrelaça naquele primeiro grupo os motivos do saudosismo e do sébastianismo, fazendo lembrar Pessoa, por exemplo no soneto *A Saudade* (Quadros, 1989: 150).

O livro, composto pelas secções "Alcácer-Kibir", "Elegia do silêncio", "Íbis", "Sete orações de uma boca defunta", "As cinco aias da rainha cega", "As exéquias da princesa", "Outonal" e "O Infante", é tematicamente heterogéneo ao longo das suas 120 páginas (cfr. Pereira, 1979). No entanto, dois elementos se des-tacam. Em primeiro lugar, é notória a acentuação da temática *nacional*, desta vez amplamente desenvolvida, nomeadamente na primeira das secções "Alcácer-Kibir". Neste sentido, dois momentos da história de Portugal protagonizam sobre outros a intervenção guisadiana: o episódio de Alcácer-Kibir<sup>129</sup> e a época das Descobertas (cfr. Lourenço, 2003: XXXVII):

128 Segundo A. Quadros os membros do Grupo do *Orpheu*, sob novos moldes estéti-cos, "continuariam a afirmar uma ideia de Portugal, que não só refletia o seu total empenhamento na afirmação, definição e valoração do *ser lusitana*, como uma concepção de um Portugal *pátria eleita*, portador de uma missão providencial ou de uma mensagem, não menos vincada do que a dor..." (Quadros, 1989: 149).

129 É esta a secção que a crítica de A. Bustorff em *Alma Nova* a *Mais Alto* destacará: No *Mais Alto*, destacam-se os poemas em que é motivo predominante a tragédia de Alcácer-Kibir. Pedro de Menezês consegue ser grande: nos seus versos pare-cem cantar ainda os últimos gritos de incitamento da «fatal maravilha» que foi D. Sebastião. Depois todo o ambiente se carrega de cores, e enevoenta, e entris-tece, no chôro clamoroso das moirinhas que buscam nos campos El-rei morto. *Mais Alto*, vai tendo o aspecto de uma obra definitiva. O seu auctor destaca-se com superioridade na geração que agora avança (Bustorff, 1918: 16).

## SAGRES

Bandieria a tremular nas regiões do Mêdo,  
Jardim, que em longe parque iam contando aias,  
Sala, na qual o Mar guardava de segrêdo,  
Como pedaços de oiro, ilhas, pendões e praias.

Sala que o Mar guardava. E numa hora-opala  
O Mar adormeceu. E o Infante, mão de Deus  
Que tateava o Longe, entre perdidos véus  
Eis que o modo encontrou de abrir a velha sala.

Entrou. Olhou em volta e viu-se ante os espelhos.  
Os espelhos-Distância, aos quais princesas, ilhas  
Se penteavam de Côr sobre mistérios velhos.

Ao largo ia uma nau vencida de troféus...  
E sua Alma partiu buscando maravilhas:  
-Terras dum outro mar, mares dum outro Deus.

Como assinalou já Apolinário Lourenço, neste e noutros tex-tos de *Mais Alto*, são evidentes as "conexões" com a *Mensagem* de Fernando Pessoa (Lourenço, 2003: XXXVIII<sup>130</sup>; Quadros, 1989: 151)<sup>131</sup>.

Destaca, em segundo lugar, o orientalismo, tão caro aos modernistas, especialmente na secção intitulada "Íbis", consis-tente na incorporação de referências históricas e personagens do que na Península Ibérica se considerava oriental (e exótico), com preferência para a temática egípcia<sup>132</sup>.

130 Ao longo de todo o texto editado por Apolinário Lourenço são anotadas numerosas "conexões" com textos de Pessoa, nomeadamente *Mensagem* (cfr. *Tempo de Orfeu*, pp. 49-138). Dado o texto pessoano ser publicado fora do período de análise e não ser objectivo deste trabalho analisar com pormenor as relações da produção guisa-diana e a pessoana não trataremos este assunto aqui.

131 A temática *nacional* será retomada, já fora do âmbito deste trabalho, n'*As Cinco Chagas de Cristo* onde, significativamente, também é utilizada a participação do Portugal republicano na 1ª Guerra em "La LYS".

132 Os títulos dos poemas de "Íbis" não deixam lugar a dúvidas: "Nitokris", "Termutis", "Cleópatra", "Kéops", "Kefren", "Mykerinos", "Osiris", "Isis" e "Horus". Nitokris, per-sonagem de origem egípcia, já havia sido motivo de elaboração poética no soneto "Sonho Egípcio" de *Orpheu* 1.

A respeito de *Mais Alto*, importa por último salientar que na edição de 1917, não na de *Tempo de Orfeu* (1969), quase todas as secções do volume estão dedicadas, dentre as quais se destacam as dedicatórias a Augusto Santa-Rita e a Armando Côrtes-Rodrigues.

*Ânfora*, publicado em 1918 e considerado pela crítica o melhor livro de Alfredo Guisado desde o trabalho de Óscar Lopes de 1973 (cfr. *supra*), está dedicado ao irmão e ao cunhado. Nele se incluem os 13 sonetos de *Orpheu* e alguns outros poemas já publicados anteriormente como “Arabescos” que tinham aparecido nas páginas de *El Tea* (29/01/1915, p. 1). Distancia-se, porém, do anterior ao apresentar uma maior homogeneidade. Ao lado de elementos da história de Portugal, do orientalismo, nesta intervenção com menos protagonismo, recupera os motivos presentes nos livros anteriores a *As Treze Baladas das Mãos Frias*, isto é, *Distância* e, em maior medida, *Elogio da Paisagem*.

*Ânfora*, junto com *Elogio da Paisagem*, *As Treze Baladas das Mãos Frias* e *Mais Alto*, viriam a ser novamente editados, como já se referiu, em 2ª edição no volume *Tempo de Orfeu*, com o consentimento distante de Alfredo Guisado (cfr. Soares, 1970). *Tempo de Orfeu* supõe uma quebra limitada no silêncio guisadiano, mas também a vontade expressa de juntar a produção de Pedro de Menezes sob o recuperado Alfredo Guisado.

Por outro lado, pelo até aqui visto e em função da informação manipulada, não parece adequado falar em ruptura guisadiana com o Grupo de *Orpheu*. Este, *encurrulado* a partir da reacção maioritariamente contrária do campo literário, vai a pouco e pouco desintegrando-se, perde membros e a capacidade de, pelo menos, atrair os holofotes jornalísticos. Paralelamente, o produtor em foco segue um rumo pessoal sem deixar de manter o contacto com alguns membros do *Orpheu*, mas sem participar efectivamente em tomadas de posição como as representadas por *Portugal Futurista*.

#### 7.2.6. De Pedro de Menezes a Alfredo Guisado: novos rumos na produção guisadiana (1918-1921)

Passados dois anos desde a publicação de *Ânfora*, Alfredo Guisado, ainda sob o pseudónimo Pedro de Menezes, publica

novo livro dedicado à sua irmã falecida em 1912, *A Lenda do Rei Boneco* (1920). Esta nova tomada de posição do produtor em foco significará uma nova mudança na trajectória literária guisadiana. Ignorado ou desconsiderado pelo campo académico, “para curva descendente” para Seabra Pereira (1979: 175; cfr. Lopes, 1973: 716), Alfredo Guisado recorre agora ao mundo da infância na elaboração do texto poético, como transparece o seguinte fragmento:

#### O PAÍS DO REI BONECO

Era um país que existia  
Em gestos de bailadeiras...

Jardins azuis e parques mais cinzentos,  
Um lago de cartão...  
E uma fonte que corria  
Entre braços de palmeiras  
Onde a água era fios de algodão.

Era um país que existia  
Nos olhos dos meus bonecos (p. 19).

Para Apolinário Lourenço:

Expurgados do sensacionismo órfico, os versos da *Lenda do Rei Boneco* são idênticos aos de muitos outros poetas que evocaram a sua infância [...], não se distinguindo com o epigonismo saudosista que concorre com os projectos de reafirmação da vanguarda (Lourenço, 2003: XXXVIII-XXXIX).

Com efeito, pouco resta no texto guisadiano do repertório modernista<sup>133</sup>, se bem são reconhecíveis o léxico e os motivos que acompanham quase todo o repertório guisadiano<sup>134</sup>;

133 António Ferro, na crítica que realiza do livro no *Diário de Lisboa*, confirma este extremo ao destacar do volume “há de ficar [...] como uma das mais belas evocações que em Portugal se tem feito da meninice dum artista, essa meninice que não termina...”, não introduzindo qualquer relação com a produção anterior (Ferro, 1921).

134 *Rainhas e reis, bailadeiras, castelos, aias, infantas*, etc.

por outra parte, como se viu, o modernismo já havia caído no esquecimento no campo literário português. No seu conjunto, *A Lenda do Rei Boneco*, significa uma tomada de posição, desligada de qualquer grupo<sup>135</sup>, vocacionada, entendemos, para passar despercebida no campo literário português, a julgar os elementos que nutrem o seu repertório.

Ainda em 1920, publica na revista *Atlântida* o poema de *Xente* “El y Ela”, assinando como Alfredo Pedro Guisado (*vid. Biblio.*). *Xente* (aparece anunciado n’*A Lenda do Rei Boneco*), tomada de posição inédita no campo literário português, como já se indicou, será analisado no seguinte capítulo. Todavia, e seguindo com a mesma linha de análise, é de destacar que *Xente* é assinado por “Alfredo Pedro Guisado (Pedro de Meneses)”.

A mesma assinatura vai usar o produtor em foco na *Seara Nova*, onde intervém com o poema “A véspera de Alcácer-Kibir” no nº 3 da publicação (*vid. Biblio.*; recolhido em *As Cinco Chagas de Cristo*, 1927). Alfredo Guisado figurará como colaborador desde o primeiro número da nova revista (cfr. *Seara Nova*, 15/10/1921: 24) até meados de 1922. De facto, como veremos mais à frente, vai intervir já em inícios de 1922 sobre assuntos relacionados com a Galiza. As Edições Seara Nova, segundo anunciava a revista, iria publicar *Garças de Seda* de Alfredo Pedro Guisado (cfr. *Seara Nova*, 20/11/1921: 71)<sup>136</sup> e também a 2ª edição de *Elogio da Paisagem* e *A Lenda do Rei Boneco* (cfr. *Seara Nova*, 14/01/1922). Assim, a participação de Alfredo Guisado, recuperado em parte o seu nome anterior, implica uma nova tomada de posição bém diferente ao ligar-se, por pouco tempo, aos seareiros e, conseqüentemente, distanciar-se quase definitivamente dos modernistas,

<sup>135</sup> Em finais de 1922 anuncia-se também a colaboração de Alfredo Pedro Guisado na revista *Contemporânea*, que finalmente não se produziu (cfr. *Contemporânea*, Dezembro 1922: 84). Não colabora tampouco na revista dirigida por Fernando Pessoa e Ruy Vaz, *Athena*, de 1924, ano em que Alfredo Guisado estará totalmente debruçado na política. Colaborará sim, ao lado doutros elementos do Grupo, no número da revista *Sudoeste* (subintitulada “Cadernos de Almada Negreiros”; 1935), espécie de homenagem ao *Orpheu*, com o poema “Quando eu nasci”, datado em 1914 (*vid. Biblio.*; recolhido com alterações em *Tempo de Orpheu II*).

<sup>136</sup> Livro frustrado, como outros que também foram anunciados.

diluído já o Grupo do *Orpheu*. Segundo a informação manejada, repare-se, em 1921, Alfredo Guisado está já envolvido na luta partidária nas filas do Partido Democrático e até 1927 não voltará a publicar um livro *português*.

## 8. TRAJECTÓRIA GALEGA DE ALFREDO GUIASADO (1910-1921)

A Galiza, no período de análise deste trabalho (1910-1921), como na actualidade, fazia parte do Reino da Espanha; no entanto, ao contrário da situação político-administrativa actual, naquela altura a estrutura do Estado era fortemente centralista e, conseqüentemente, não acolhia, *grosso modo*, na sua arquitectura, outras instituições político-administrativas para além do governo central e as *provincias* criadas no calor liberal e centralista do século XIX<sup>137</sup>. Sob o denominado regime da Restauración, desenhado pouco depois da primeira experiência republicana espanhola pelo político conservador Cánovas del Castillo (1876), o campo político espanhol iria caracterizar-se pelo denominado *turnismo* protagonizado pelo Partido Conservador e o Partido Liberal, conhecidos na historiografia espanhola como os partidos *dinásticos*.

Apesar das dificuldades pelas que atravessou (morte de Alfonso XII, crise de 1898, Semana Trágica de 1909, guerra com Marrocos, crise de 1917, irrupção dos nacionalismos sub-estatais, etc.) o regime da Restauración demonstrou uma importante capacidade de se prolongar no tempo (cfr. Andrés-Gallego, 1991: 236). Com efeito, a Restauración é, até à actualidade, o período mais extenso da história constitucional do Estado Espanhol.

Durante todo o regime da Resturación, a partir de 1902 sob o reinado de Alfonso XIII, o devir da Galiza caracterizar-se-á pelo férreo controlo das estruturas do poder. Amparado num sistema de base *caciquil*, os partidos dinásticos “bloquearam de tal forma a representación galega, que em todo o período (1902-1923) ningún dos outros partidos puido estar presente

137 A situação do País Basco e Navarra, contudo, é singular, estes dois territórios conservavam na altura (e conservam) alguns elementos diferenciais, de origem medieval, na sua relação com os governos centrais, nomeadamente em matéria de fiscalidade que, em grande medida, alimentaram a configuração do discurso nacionalista basco (cfr. Peláez, 2001: 45). Por seu turno, a Catalunha conseguiria em 1914 com a Mancomunitat de Catalunya quebrar, em certo sentido, a lógica do estado centralista espanhol (cfr. Beramendi, 2007: 418).

no Congreso representando a Galicia, a non ser o maurismo” (Barreiro, 2007: 117)<sup>138</sup>. De facto, o republicanismo apenas terá alguma expresión em Ponte-Vedra e, nomeadamente, na Corunha onde será a “forza política hexemónica [apenas] na vida municipal” (Villares, 2004: 335). Este panorama geral não é excepção nas terras do Condado, zona sul da Galiza, com a qual mais directamente se relaciona a família Guisado. Nesta zona, será a família Bugallal, já na altura “paradigma do caciquismo galego” (Hervés, 1997: 214), quem irá exercer um controlo quase total desde as últimas décadas do século XIX até 1923<sup>139</sup>.

Apesar deste quadro, o século XX, face ao relativo conservadorismo do XIX, supõe, segundo Ramón Villares, a incorporação da Galiza à modernidade, nomeadamente em dois períodos, sendo o primeiro o que transcorre nas décadas de 10 e 20 (Villares, 1995: 167). Mudanças de variada índole, em ocasiões mais qualitativas do que quantitativas, vão ter lugar nestas duas décadas.

Em primeiro lugar, e tendo em consideração os objectivos deste trabalho, são destacáveis as profundas transformações no âmbito do sector primário (com repercussões em toda a sociedade), ainda predominante na Galiza de inícios de século. Um novo movimento, conhecido dentro da historiografia galega

138 Da intensidade deste controlo dá ideia o seguinte: Segundo a Lei eleitoral de 1907 “nos distritos onde non resultasen proclamados candidatos en maior número dos chamados a sere elixidos, a proclamación dos candidatos equivalia á súa elección e relevábaos da necesidade de someterse a ela”. Em aplicação directa desta legislação, nas eleições de 1910, 59,5 % dos 450.000 galegos com direito a voto não votou; nas de 1914 não exerceram o seu direito a voto um 61 % (Barreiro, 2007: 118-119). Note-se ainda que a situação galega, sem ser excepção no conjunto do Estado Espanhol, não é a única possível. Especialmente nos âmbitos urbanos e em relação directa com o *Regeneracionismo* pós-98, o campo político espanhol registrou iniciativas, algumas com sucesso, que impugnaram a farsa eleitoral da Restauración (cfr. Villares, 2004: 334).

139 “En apenas sesenta anos, os Bugallal, unha familia de limitados recursos de Pontearreas, foron capaces de atravesar todas as capas sociais intermedias para entrar na elite económica, social e política de España cando Gabino Bugallal, logo de ser ver varias veces ministro, chegou a ser presidente do Goberno de España por uns días [...] e obtivo o Condado de Bugallal polos servizos prestados” (Barreiro, 2007: 46). A citação ilustra em parte o funcionamento do sistema de base caciquil, assim como é suficientemente eloquente da relevância adquirida pela família Bugallal na zona de Ponte-Areas (e noutros distritos eleitorais) até 1923.

como *agrarismo* e com raízes em finais do XIX (e activo até 1936), vai possibilitar estas mudanças. Uma definição possível do agrarismo é, seguindo o historiador Miguel Cabo Villaverde:

complexo movemento que tenta mobilizar un grupo social, como era o campeñado, que ata aquela non atopara unha expresión propia dos seus intereses, con vistas á consecución dun amplo abano de metas que principalmente poden se resumir en dúas aspiracións: a obtención das condicións que fagan factíbel a sobrevivencia da pequena explotación familiar no marco dunha economía capitalista cada vez mais invasiva, e a articulación política dos intereses do campeñado parcelario galego, ata polo en pé de igualdade cos doutros complexos agrarios existentes no Estado español e cos doutros grupos sociais (Cabo, 1998: 11).

Na prática e fundamentalmente, o agrarismo vai ser a plataforma, não alheia às manipulações partidárias, que vai permitir aos camponeses organizarem-se a partir de sociedades ou sindicatos de base paroquial (cfr. Cabo, 1998: 45) para conseguirem finalmente a propriedade das terras, processo pelo qual “a cuestión foral atopará definitiva solución”, nomeadamente a partir do Decreto redencionista de Primo de Rivera de 1926 (Villares, 1995: 169)<sup>140</sup>. Como movimento social, não vai conseguir dotar-se de uma organização unitária apesar dos esforços de, por exemplo, Basilio Álvarez, conhecido agente do movimento agrarista e promotor de uma das tentativas unificadoras, Acción Gallega (1912) (cfr. Cabo, 1998: 13 e 76 e ss.). Contudo, é notória a elaboração de um plano de actuações que “supera o âmbito local (creación de federacións comarcais

140 Assim mesmo, não podem deixar de ser referidas as inovações técnicas introduzidas no campo e o aumento da produção directamente relacionadas com o agrarismo. Por outro lado, estas primeiras décadas do século XX coincidem também com um notável aumento do sector secundário protagonizado especialmente pela indústria das conservas. Estas e outras mudanças abrem o caminho para uma lenta mas progressiva urbanização da sociedade e, conjuntamente, para o aparecimento de uma burguesia comercial e industrial (especialmente em Vigo e na Corunha) que compartilhará protagonismo com a pequeno-burguesia das vilas e o incipiente proletariado (envolvido na irrupção do socialismo e o anarquismo) face à desapareição da serôdia fidalguia (cfr. Villares, 1995: 172-181).

e provinciais); a articulación dun programa de reivindicacións que trataba de dar resposta ás propias necesidades do campesiñado [...] e o emprego de novos medios de loita: a folga, o boicot, os mitins, as manifestacións” (Cabo, 1998: 32). Por outra parte, é verificábel a relación estreita entre o agrarismo e diversos colectivos galegos residentes no estrangeiro<sup>141</sup>. Note-se a este respecto a relevância que o fenómeno migratório vai ter desde finais do século XIX e durante quase todo o XX na Galiza; neste sentido, o historiador Ramón Villares não hesita em afirmar: “Un factor decisivo na configuración da Galicia do primeiro terço do século XX foi o fenómeno migratorio” (Villares, 2004: 327)<sup>142</sup>.

Especial relevância para a compreensão da trajetória guisadiana tem a ligação entre os agraristas do Condado e o

141 Segundo Cabo Villaverde:

Un factor que aparece invariabilmente nas diversas investigacións adicadas ao agrarismo é a influencia da emigración (transoceánica ou a Portugal), sexa en forma de apoio financeiro das Sociedades de emigrantes nas repúblicas americanas, de ideas e pensamentos anovadores ou de presenza nas directivas de xentes que contan nas súas biografías con episodios de emigración, coa significativa excepción dos sindicatos católicos [...] Deste xeito, a emigración xogaría un papel fundamental na mobilización de recursos precisa para a posta en marcha de calquera movemento social (Cabo, 1998: 50).

142 Segundo os dados manejados por Bieito Alonso Fernández, só no período 1911-1920 emigram para o continente americano perto de 330 mil galegos, representando 30 % do total de emigrantes do Estado Español; na década seguinte, serán quase 400 mil (Alonso Fernández, 1997: 337). Por outra parte, a relación do fenómeno migratório com a *objectivación* da Galiza experimentada pelos emigrantes é un facto significativo non alheio ao percurso vital de Alfredo Guisado. António Medeiros, salientou-o lucidamente referindo-se à emigração americana:

Ali, na América, sobretudo naquelas dúas grandes cidades, os naturais da Galiza puderam ganhar referencias de pertença a comunidades supralocais amplas, agora posibles de imaginar por intermedio de novas formas de sociabilidade e de novos e variados consumos. Aquém do vínculo débil de cidadania mantido pola maioría por relación ao Estado español, tornava-se nomeadamente possível a individuos sujeitos a condicións novas de mobilidade e de anonimato transcender as identificacións originalmente limitadas aos horizontes das súas paróquias ou comarcas de orixe e dar sentidos articulados à súa condición de galegos [...] A vinculación das novas solidariedades aléu-Atlántico aconteceu por intermedio de variados movementos asociativos e foi muito vivaz tanto o asociativismo recreativo como o mutualismo nos círculos da emigração galega nas Américas [...] Estes novos sentidos de solidariedade supralocal tamén foran despertados por intermedio do consumo de libros, jornais e revistas alí editados ou vindos da Galiza, onde o seu aparecemento se justificava boa parte das veces pola existencia daquele mercado transatlántico tão significativo (Medeiros, 2006: 159).

enclave galego de Lisboa. Aqueles, organizados desde meados da primeira década do século XX sob a direção do republicano Amado Garra (cfr. Cabo, 1998: 42; Hervés, 1997: 219 e ss e Hervés, 2000: 185 e ss.), fundador, por sua vez, do já mencionado *El Tea*, levarão a cabo diversas iniciativas visando nomeadamente disputar o domínio da família Bugallal. Deste modo, *El Tea*, subtítulo “decenario defensor de los intereses agrarios”, será o palco privilegiado, como se verá mais à frente (capítulo 8.1.1.1), dos ataques ao sistema vigente relativamente à zona do Condado, assim como do envolvimento da colônia galega (inclusive a família Guisado) em todo este processo<sup>143</sup>.

Paralelamente, o galeguismo<sup>144</sup>, denominado dentro da historiografia galega para esta altura *regionalismo*<sup>145</sup>, atravessa, de um modo geral, uma difícil situação entre 1906 e 1916; verificável na incapacidade, por exemplo, em dar funcionalidade à Real Academia Gallega criada em 1906 graças ao grupo galeguista da Corunha e ao apoio do enclave galego de Havana ou na quase ausência de organizações próprias que, por sua vez, propiciariam, a partir de 1906, a participação em

143 Segundo Henrique Hervés Sayar, os agraristas chefiados por Amado Garra começam a organizar as primeiras Sociedades de Agricultores no Condado a partir de 1903, contando significativamente, a partir de 1910, com o apoio da emigração; segundo Hervés Sayar:

O renascimento da actividade societaria non se produciría ata comezos da década seguinte. O protagonismo desta mundanza había corresponder daquela ó mundo da emigración. Este irrompería, en primeiro lugar, coa aparición na vida local dun sector acomodado novo e alleo ás tradicionais redes clientelares do bugallismo. Alejo Carrera ou Antonio V. Guisado, comerciantes residentes en Lisboa; os irmáns Barcia Boente, enriquecidos durante o *boom* caucheiro amazónico; ou Saturnino Piñeiro Groba, comerciante instalado en Bos Aires, son os representantes máis significativos deste colectivo que contribuirá economicamente á posta en marcha do semanario antibugallalista *El Tea*, en 1908, baixo a dirección do mesmo Amado Garra (Hervés, 1997: 219; sublinhado nosso).

144 Utilizamos aquí *galeguismo* com o significado: “movimento de reivindicação da identidade diferenciada da Galiza com independência do grau de autonomia política proposto para a colectividade galega polos vários grupos ou agentes autopromovidos galeguistas, así como o proceso de fabricaçom de ideias que apoiam e justificam os vários graus desta reivindicaçom” (Samartim, 2005: 10).

145 De um modo geral, o galeguismo político como construção de uma “conciencia nacional galega” alternativa à “conciencia nacional española” (em construção sistemática desde 1808) tem as seguintes fases: Provincialismo (1840-1885); Regionalismo (1885-1916); e Nacionalismo a partir de 1916 (Beramendi, 1997: 288).

Solidaridad Gallega junto com republicanos e tradicionalistas, recriando assim o modelo triunfante de Solidaritat Catalana (cfr. Beramendi, 2007: 347). Assim, entre 1912 e 1916, produz-se um “eclipse case total do galeguismo político” motivado pelo fracasso eleitoral de Solidaridad Gallega e o aparecimento de Acción Gallega, já citada (Beramendi, 2007: 428).

Será a partir de 1916 quando a situação mude determinante-mente para os galeguistas. A nova tomada de posição vai criar as condições para o surgimento do nacionalismo galego desde as Irmandades da Fala. Já em 1918, no âmbito da Assembleia Nacionalista de Lugo<sup>146</sup> é aprovado um texto programático inequívoco a este respeito:

Tendo a Galicia total-as características esenciaes de nazonalidade, nós nomeámonos, de oxe pra sempre, nazonalistas galegos, xa que a verbe ‘rexionalismo’ non recolle total-as aspiracións nin encerra toda a intensidade dos nosos problemas (Irmandades da Fala *apud* Beramendi, 2007: 466).

Neste-sentido, as Irmandades da Fala (expressivamente, a língua será, como veremos, um elemento central no devir do galeguismo), além de significar uma tentativa de implantação supralocal do galeguismo, supõem também a primeira organização estável que contará ademais com o seu próprio órgão de expressão, *A Nosa Terra* (1916), constituindo, enfim, um grande avanço sobretudo no plano ideológico do galeguismo político (Beramendi, 1997: 290). Um dos objectivos manifestos do novo galeguismo, entendendo os camponeses como base potencial e *natural* da sua expansão (face ao âmbito urbano mais exposto à cultura e língua castelhanas, no entender dos nacionalistas<sup>147</sup>), será a tentativa de acrescentar as suas bases

<sup>146</sup> Estão presentes na citada assembleia, entre outros, Ramón Cabanillas, Vicente Risco, Castelao e Antón Villar Ponte. Este último vai ser um elemento destacado na história do galeguismo / nacionalismo pelas suas constantes iniciativas.

<sup>147</sup> Expressiva neste sentido é a seguinte citação de Villar Ponte (em *A Nosa Terra*, 1916):

Fixádevos no que é oxe Galicia. Unhas cantas cibdades e vilas, cheas de señoritos desertores do traballo, chulos da credencial, zânganos do trobo da colmea centralista, sen alma e sen fe [...] E logo unha Galicia rural, unha Galicia traballa-

no espaço ocupado pelo agrarismo (Cabo, 1998: 134 e ss.; cfr. Beramendi, 2007: 717)<sup>148</sup>.

A unidade, porém, do primeiro momento (e após o distanciamento lógico de simpatizantes de primeira hora de ideologia de distinto signo<sup>149</sup>) logo deu lugar à divisão entre, *grosso modo*, um sector mais interessado na intervenção no âmbito cultural (com Vicente Risco à cabeça, líder da efémera Irmandade Nacionalista Galega) recorrente na história do galeguismo e o sector partidário da intervenção na arena política representado pela Irmandade da Corunha (que ficará com *A Nosa Terra*), com Lois Peña Novo como representante destacado (cfr. Beramendi, 2007: 674 e ss.)<sup>150</sup>.

### 8.1. O EMERGENTE CAMPO LITERÁRIO GALEGO (1910-1921)

Descrever esquematicamente o funcionamento do campo literário galego entre 1910 e 1921, especialmente no período que vai de 1910 até a irrupção das Irmandades da Fala, a partir de fontes secundárias, não é tarefa fácil. A falta de estudos gerais capazes de superar as inércias da(s) *história(s) literária(s)* e subtrair-se das leituras ideológicas, assim como do deslumbramento provocado por determinados grupos e produtores, não têm contribuído para um melhor conhecimento do período<sup>151</sup>. No entanto, e tendo em consideração o referido

dora –que é toda Galicia pro caso [...] a Galicia redimida do porvir, fica n'unha fonda hexemonía labrega (A. Villar Ponte *apud* Cabo, 1998: 135).

<sup>148</sup> Evidentemente, a *fixação* nacionalista (ou de uma parte significativa do nacionalismo galego) com o mundo camponês teria (tem) as suas implicações directas na construção do emergente sistema literário (e cultural) galego em curso na altura. A presença proeminente do mundo rural nos repertórios literários ou mesmo alguns modelos linguísticos para o galego (triumfadores) em concorrência dão fé disto.

<sup>149</sup> É o caso, por exemplo, da mais importante publicação galega da altura, a revista *Vida Gallega* (1909-1938) dirigida por Jaime Solá, que noticia positivamente a criação das Irmandades da Fala para depois passar a “atacar teimadamente o seu salto ó nacionalismo” (Beramendi, 2007: 443).

<sup>150</sup> Para o historiador R. Villares, esta divisão é expressão de uma “Pluralidade que se manifestava na estratégia a seguir electoralmente, pero que reflectía de forma evidente un compoñente case estrutural do nacionalismo galego, que é existencia de ‘dúas almas’ ou dúas tradicións culturais, unha de raíz conservadora e elitista, outra máis democrática e mesmo populista” (Villares, 2004: 387).

<sup>151</sup> No já recuado 1995, Xoán González-Millán alertava para esta dificuldade. Junto à presença de “determinados presupostos ideolóxicos” nos trabalhos realizados, o investigador assinalava:

nas páginas imediatamente anteriores, sim é possível assinalar em relação ao emergente sistema literário galego a existência de dois momentos bem diferenciados: O que vai de 1910 até 1916/8, e desde esta data em diante.

De um modo geral, é pertinente referir que na Galiza desde, *grosso modo*, meados do século XIX começam a intervir agentes e grupos, colocando em concorrência um novo programa cultural paralelo ao percurso do Regionalismo, marcado desde as origens por:

Os galeguistas, desde a segunda metade do século XIX, vanse debater entre a opción de entrar na engrenaxe da infraestrutura estatal e a de articular un contra-discurso capaz de rivalizar coa ideoloxía hexemónica daquel na configuración dun espacio cultural propio (González-Millán, 2002: 255)

A citação, referente ao percurso do galeguismo político, é singularmente expressiva das sucessivas tomadas de posição dos grupos e agentes envolvidos no que denominamos mais acima o emergente campo literário galego. O investigador Elias Torres utiliza para se referir a este período, nomeadamente entre as duas últimas décadas do século XIX e o aparecimento das Irmandades da Fala, a etiqueta Sistema Literário Regionalista:

Talvez as suas características fundamentais sejam as da sua precariedade, em todos os factores considerados, e a indefinição resultante das tensões que no seu seio se verificam. Uma indefinição centrada particularmente em dois aspectos fulcrais: a ubicação sistémica a respeito do polissistema espanhol; e, em grande parte como consequência desta ambiguidade, a diferente consideração sobre o carácter e expansão do sistema regionalista, a *baloiçar* entre dois extremos possíveis: a constituição

A bibliografia sobre a situación da cultura galega no primeiro tercio deste século, especialmente a referida ás Irmandades da Fala e ao Grupo Nós, segue reproduzindo os esquemas propios dos manuais de historiografia literaria: exercicios biográficos de autores cunha produccion intelectual relevante (Castelao, Otero Pedrayo, Risco ou Cabanillas) nun escenario repleto de figuras menores, e dúas publicacións periódicas, *A Nosa Terra* e *Nós*, que acaparan o espacio da produccion cultural galeguista (González-Millán, 1995: 13).

de un subsistema espanhol ou a perspectiva de um polissistema galego. São factores como este [...] que nos decidem a falar de literatura regionalista galega e não de literatura galega. O caso da literatura no período nacionalista apresenta todavia um panorama mais complexo (Torres, s/d.: 4; itálico no original)<sup>152</sup>.

Deste modo, nomeadamente até as Irmandades da Fala, mas não apenas, no emergente campo literário em construção verificam-se diferentes tomadas de posição em que o horizonte desejado é um subsistema literário galego a respeito do espanhol face a intervenções proto-sistémicas. A fundação da Real Academia Gallega em 1906 pode ser interpretada neste segundo sentido apesar do escasso trabalho desenvolvido (cfr. Monteagudo, 1999: 376); isto é, como uma iniciativa que tem por objectivo a criação de instituições concorrentes com o sistema que se quer impugnar, o *referente de oposição*. Entre 1910 e 1916/8, período pouco fecundo para o galeguismo político, o emergente sistema literário galego não vai contar com instituições próprias nem com grupos mais ou menos coesos. Alguns produtores, no entanto, intervêm, por exemplo, na revista já citada *Vida Gallega*, adscrita ao regionalismo moderado, que, surgida em 1909, funcionará dentro do campo como defensora da tese subsistémica. Dizia já no primeiro número o seu director, Jaime Solá: “Gallegos somos y amamos sobre todas las cosas a la tierra gallega; pero fuimos siempre, somos y queremos ser españoles” (*apud* Vilavedra, 1997: s.v. “Vida Gallega”).

Neste quadro, as tomadas de posição no emergente campo literário podem ser exemplificadas, entendemos, com a trajetória literária de Ramón Cabanillas<sup>153</sup>. A sua produção é, em

152 A citação pertence ao trabalho inédito *Crónica de um reencontro. O relacionamento galego-português nos seus textos. Publicações não diárias (1888-1936)*, fruto, em parte, da tese de doutoramento do autor, *Galiza em Portugal, Portugal na Galiza através das revistas literárias (1900-1936)*, que amavelmente nos foi entregue. Dado tratar-se de um trabalho não publicado (e consequentemente não totalmente formatado para efeitos de publicação), as eventuais gralhas ou inexactidões dever-se-ão logicamente a quem isto escreve.

153 Ramón Cabanillas (1876-1959), prolífico autor galego ligado nos primeiros anos ao agrarismo mas também ao regionalismo, com o que entraria em contacto no enclave galego de Havana, passaria a ser conhecido como o *Poeta da Raça* e teria uma relação muito estreita com a família Peinador de Mondariz. De facto, como se

geral, adjectivada como *agrarista* até à sua vinculação com o programa ideológico das Irmandades da Fala (cfr. Vilavedra, 1999: 157; Tarrío, 1994: 194-195). De facto, o seu primeiro livro de poemas publicado, *No desterro* (1913), foi prefaciado pelo agente do agrarismo Basilio Alvarez, já citado<sup>154</sup>.

Por outra parte, os repertórios utilizados conferem-lhe a “centralidade” ao “elemento folclorizante” (Torres, s/d: 7), isto é, privilegiam-se temáticas, no essencial, do mundo rural e de costumes a ele associados, reincidindo nas propostas repertoriais dos produtores tardo-românticos galegos. Ainda em 1926, na revista *Nós*, um dos agentes do galeguismo se manifestava nestes termos:

Alguén pretende que a novela galega teña un mercado celme rural, un arrecendo a terras bravas remexidas pol-o legón, ou pol-as gueifas do arado, á braveza do toxo, á estrume. ¿E por qué non ha poder sere delicada como unha fror de pazo señoril? ¿Ou por qué non há de nos amostrare a vida que hoxe boliga nas nosas vilas e cidades (Leandro Carré *apud* Vilavedra: 1999: 167).

*El Tea*, como muitas outras publicações da altura de marcado carácter agrarista, acolherá nas suas páginas produtos literários repertorialmente *folclóricos* em galego, em sintonia com a proposta de *Vida Gallega*, mas neste caso num âmbito local.

A partir de 1916, paralelamente ao percurso do galeguismo político, as novas tomadas de posição do galeguismo, doravan-

verá, o seu ingresso na Real Academia Gallega produz-se no Gran Hotel Balneario de Mondariz, propriedade da família Peinador. As publicações do estabelecimento termal acolherão em numerosíssimas ocasiões os poemas de Cabanillas (cfr. *infra*).

154 A este respeito é exemplificativo o facto de o investigador Anxo Tarrío na sua *Literatura galega*, perante os problemas de periodização, optar pela etiqueta “Etapa Agrarista” para o período que vai de 1900 até 1916 (Tarrío, 1994: 192). Por outra parte, na *Historia da literatura galega*, a autora, Dolores Vilavedra, decide-se por introduzir a produção literária deste período sob a denominação “A literatura galega entre dous séculos” (Vilavedra, 1999: 150), acolhendo, no essencial, a proposta de Xosé Luís Méndez Ferrín que tinha utilizado a designação “Antre dous séculos” para referir-se preferentemente a um conjunto de produtores “nados na década de 1870” (Méndez, 1990: 31).

te nacionalismo, como se viu, vão provocar mudanças determinantes no emergente sistema literário galego, evidenciando, em termos de Elías Torres, o carácter de *locus privilegiado* que o fenómeno literário teve, e tem em casos como o galego, em que a via política é obstaculizada (Torres, 2010: 163). O investigador Xoán González-Millán adjectivou de “salto cualitativo” as implicações da criação das Irmandades da Fala, que:

inician en 1916 un proceso global de ‘galeguización’ [...]. É nestes momentos cando se pode falar dun intento sistemático de ‘galeguización’ da cultura pública en Galicia e da articulación, por primeira vez, dun pensamento nacionalista propiamente dito, representado por dous textos fundacionais<sup>155</sup>. Estas dúas obras, especialmente a segunda, actuarían como catalizadores dunha nova forma de entender a dinámica sociocultural galega da década dos vinte, marcada por un renovado entusiasmo e por un moderado optimismo: fúndanse agrupacións de coros e danzas e poténciase o teatro; multiplícanse, moi no espírito da época, as festas populares e as excursións que serven para difundir as novas ideas do galeguismo; celébranse por toda Galicia actos de exaltación do galego e da súa literatura; homenaxes e inauguracións de monumentos son experiencias cotiáns; incluso se traballa na articulación dunha mitoloxía de resistencia, centrada na figura do mariscal Pardo de Cela [e cria-se uma] infraestrutura cultural relevante, sobre todo no ámbito do mundo editorial, cunha sustancial produción de libros e de publicacións periódicas, entre elas a prestixiosa revista *Nós* (González-Millán, 2002: 259-260).

A extensa citação esclarece em grande medida as implicações do surgimento das Irmandades da Fala. A “galeguización” mencionada passará necessariamente pelo uso generalizado da língua galega (cfr. Monteagudo, 1999: 398). Assim se expressava um dos agentes mais significados das Irmandades no primeiro número de *A Nosa Terra*, porta-voz monolíngue das mesmas e na qual vai intervir Alfredo Guisado:

155 Refere-se a: *Nacionalismo gallego. Nuestra afirmación regional* de Antón Villar Ponte (1916) e *Teoría do nacionalismo galego*, Vicente Risco (1920).

Os rexionalistas d'ocasión, rexionalistas de "feira dos discretos", renegan da fala gallega, rinse d'ela. Queren un rexionalismo en castelao; queren un rexionalismo fillo do castelao, jdo castelao que ten o orgulo de habere enxendrado, cal primoxénito, o centralismo! (...)

Todal-a nosa personalidade está na nosa lingua. Por eso os Amigos da Fala queremos que a voz do pobo, gardadora providencial da nosa conciencia colectiva, veña a inxertarse na voz da xuventude vilega, para restaurar así antre todos un sentimento, un pensamento y-unha aición que dean mañán o froito proveitoso do rexionalismo enxebre, que fará progresar a Galicia esnaquizando os logreiros y-os labercos.

E mais à frente:

A redención de Galicia está n'estas duas cousas: no fomento agarimoso da lingua e no estudo dos nosos problemas económicos que non terán nunca, porque non poden tela, solución no actual réxime político hespañol (*apud* Méixome, 1999: 34)

Interessa aqui notar como os agentes envolvidos no surto do nacionalismo galego, nomeadamente na elaboración do seu programa cultural, frente ao uso secundarizante e / ou em coabitación com o castelhanu próprio do sistema literário regionalista, colocam a língua numa posição central na sua elaboração ideológica, numa tentativa de através dela estabelecer e impor a *norma sistémica da literatura galega*. Esta e outras iniciativas dos *irmãos* vão provocar a crítica acirrada de outros grupos e agentes que logo se desmarcaram da linha encetada pelas Irmandades<sup>156</sup>. Estes, sabedores da função central da *literatura*

<sup>156</sup> Neste sentido, segundo Elias Torres, "quando as *Irmandades da Fala*, en 1917, proclamaram que a literatura galega era a escrita em galego, recolherom o enfrenamento e a hostilidades de meios e autores como Pardo Bazán, Pérez Lugín ou Jaime Solá, o director do mais influenciador semanário galego, *Vida Gallega*, e autor de obras de temática galega em espanhol, como nesse mesmo ano *Anduriña*, que se reclamavam tam literatos galegos e literatura galega como os *irmaos da fala*" (Torres, 2004: 439 n. 19). No mesmo artigo, Torres Feijó assinala significativamente a relação directa que os agentes envolvidos estabelecem conscientemente entre as

em processos de construção nacional, *locus privilegiado* nos termos de Elias Torres (cfr. *supra*), não duvidam em tentar dotar o emergente sistema literário de novos instrumentos. Assim, as Irmandades logo tomam as medidas necessárias visando ampliar a produção literária no que diz respeito aos géneros. Insurgindo-se contra a, até à altura, identificação (subsistémica) de *literatura galega* com poesia, além de posicionar-se abertamente a favor da introdução maciça da língua galega noutros géneros, prosa<sup>157</sup> e ensaio (cfr. Vilavedra, 1999: 165 e Monteagudo, 1999: 167-169), os nacionalistas vão tentar criar as condições para a construção de um *mercado* no emergente sistema literário galego: a partir de 1919 começam, por exemplo, a editar-se novelas no suplemento "¡Terra a nosa! Biblioteca popular galega" desde o jornal *El Noroeste* (cfr. Vilavedra, 1999: 165)<sup>158</sup>.

Significativos serão também os esforços que vão dedicar à criação de um teatro *nacional*, que Manuel F. Vieites estudou com extensão. Já a partir de 1915, a "actividade teatral volve a renacer" (Vieites, 2003: 230) para a partir de 1919 surgirem as tentativas de institucionalização do teatro galego (cfr. Vieites, 2003: 262 e *passim*)<sup>159</sup>. Exemplificativa é, por exemplo, a representação pelo Conservatorio Nazonal de Arte Galego da peça de Ramón Cabanillas *A man da Santiña*, ao que parece instigado por Antón Villar Ponte em 1919 (cfr. Vilavedra, 1999: 158). Produto teatral que, tencionando superar o repertório *folclórico* (cfr. Vieites, 2003: 264 e 278), não ficou alheio às tomadas de posição no campo cultural que contestavam o processo proto-sistémico em que estavam empenhados os agentes das Irmandades (cfr. Vieites, 2003: 277). Contudo, este repertório

normas sistémicas e "o que consideram balizas definitórias da Naçom" (*id.*: 431).

<sup>157</sup> Já no segundo número de *A Nosa Terra* (1916) aparecia explícito este objectivo: "Nós queremos mais que rexionalismo de *folk-lore*; queremos mais que fatelos típicos, gaitiña, cantiga e versos xa que comprendemos que se poida entendere que linguaxe que sirve pr'a poesia non sirva o mesmo ou millor pr'a prosa" (*apud* Monteagudo, 1999: 478).

<sup>158</sup> Outras iniciativas serão a colecção Céltica de narrativa (a partir de 1922) e mais tarde a importante colecção Lar (a partir de 1924) (cfr. Vilavedra, 1999: 166).

<sup>159</sup> Inspirados no Movimento Dramático Angloirlandês, o Abbey Theatro, segundo Manuel Vieites, os nacionalistas tentaram criar as suas próprias instituições no âmbito do teatro; assim, por exemplo, surge o Conservatorio Nazonal do Arte Galego (1919), a Escola de Teatro Galego (1919) ou a Escola Dramática Galega (1922) (Vieites, 2003: 262-282).

rio denominado *folclórico*, aliás de longo percurso, não estava somente vinculado às práticas subsistêmicas. Os mesmos nacionalistas envolvidos no processo proto-sistémico elevam à categoria de elemento central o *mundo rural* no repertório cultural em construção desde o século XIX (cfr. n. 148).

Outro dos numerosos projectos dos nacionalistas, no qual Alfredo Guisado vai ser convocado, será o da revista *Nós*:

*Nós* ha de ser un estudio piedoso e devoto, cheo de sinceridade de todos os valores galegos dos nosos valores tradicionais, e mais dos valores novos que cada día estanse creando na nosa Terra.

*Nós* há ser a representación no mundo da personalidade galega na sua ânsia de s'afirmare como valor universal, autóctono, diferenciado, dentro ou fora da Terra.

*Nós* ha ser a afirmación para sempre do verdadeiro ser de Galizia, do Enxebrismo, no que ela tén, debe e quere persistire. O Enxebrismo é a nosa orixinalidade específica, a nosa capacidade de creación, o noso autóctono dinamismo mental.

Querendo suprimir entremediarios antr'o pensamento galego e o pensamento dos pobos cultos, *Nós* abre as páxinas a prestixiosas personalidades estranxeiras que contan de nos honrar co'a sua colaboración e tamén ha informar ó público galego do movemento das ideas no mundo civilizado (*apud* Méixome, 1999: 40).

Este fragmento do primeiro número da revista *Nós* (1920-1935), com Vicente Risco como cabeça visível do projecto, é altamente esclarecedor das linhas de força do projecto nacionalista no plano cultural<sup>160</sup>; nomeadamente quando se refere o “estudio” da cultura galega e ao *enxebrismo* ao lado da *abertura* da revista a “prestixiosas personalidades estranxeiras”. Junto destes objectivos, este texto programático de *Nós* também afirma:

<sup>160</sup> A bibliografia consultada coincide em asseverar a centralidade desta publicação no emergente campo cultural galego. Significativamente, alguns autores, à hora de estabelecer a periodização da história da literatura galega, denominam o período que vai das Irmandades da Fala até 1936 de *Época Nós* (cfr., por exemplo, Tarrío, 1994).

Os colaboradores de *Nós* poden ser o que lle pete: individualistas ou socialistas, pasatistas ou futuristas, intuicionistas ou racionalistas, naturistas ou humanistas; pódense pór en calquera das posicións posibles respecto das catro antinomias da mente contemporánea; poden ser hastra clásicos, con tal de que poñan por riba de todo o sentimento da Terra e da Raza, o desexo coleitivo de superación, a orgullosa satisfacción de seren galegos (*Nós apud* Méixome, 1999: 40).

Note-se que até essa altura o galeguismo em geral não tinha optado de forma sistemática por *importar* os novos movimentos literários. Apesar da declaração de princípios de *Nós* e de que se bem Vicente Risco, num princípio, se tinha mostrado próximo das denominadas vanguardas (cfr. Axeitos, 1997: 19), as novas tomadas de posição de produtores que incorporavam em parte um repertório próximo das vanguardas colocou no emergente campo literário galego a questão, como já se viu para o caso português, dos *novos* e *velhos*. Paradigmático neste sentido, é o acolhimento irónico de *A Nosa Terra* ao manifesto *¡Mais Alá!* (1922) assinado pelo jovem poeta Manuel Antonio com desenhos de Álvaro Cebreiro:

Vimos unhas folliñas impresas que nos enchen de ledicia. Nelas asegúrase que unha nova era de escentilante alborada vai chegar axiña para a nosa literatura.

Os que escribimos *A Nosa Terra* somos homilísimos amadores, que poñemos todo o noso amor nos nosos cativos traballos levados do bom desexo de servir á Terra, e procurando sempre guiarnos pol-o ideal que coidábamos alapreante nos escritos dos precursores. Pol-o visto, Rosalía, Curros, Pondal, etc., non fixeron nada, perderon o tempo como uns coitados, ao decir dos firmantes da folliña de referencia (*A Nosa Terra apud* Axeitos, 1997: 24)<sup>161</sup>.

<sup>161</sup> Segundo Xulio Pardo de Neyra, a vanguarda galega foi rechazada “como alternativa para a poesía galega en tempos temperáns e polos seus mesmos practicantes”. “En carta datada en 1920, Vicente Risco confesou a Manuel Antonio reticencias cara á vanguarda, así como, dous anos despois, a través do seu artigo ‘De Máis Alá / e máis do foulard’ [*La Zarpa*, 15/07/1922] expresou o seu desacordo fronte ao *Mais alá!* De Manuel Antonio e Cebreiro” (Pardo, 2005: 196).

A crítica é patente e exemplifica uma divisão “de natureza moral e ética máis que artística”, segundo Xosé Luís Axeitos (1997: 10), mas, ao mesmo tempo, evidencia o tradicionalismo dos agentes mais destacados do nacionalismo, dos *velhos* (Vicente Risco, Otero Pedrayo, Castelao, etc.)<sup>162</sup>. Lembre-se a este respeito como as tentativas do Conservatorio Nazonal do Arte Galego, dirigido por Fernando Osorio Docampo (formado no Conservatório de Lisboa) de ampliar o repertório teatral galego não conseguirão impor-se ao “sector mais reaccionário”, ficando “a ruptura co teatro rexionalista [...] abortada” (Vieites, 2003: 271). Neste quadro, desenha-se, enfim, um emergente campo literário galego em que os agentes centrais tentam controlar, com considerável sucesso<sup>163</sup>, o evoluir dos repertórios e são mesmo contrários a determinadas tomadas de posição que visem a ampliação do repertório com a importação dos repertórios vanguardistas<sup>164</sup>. Por outro lado, é destacável o facto de muitos dos agentes e grupos que dominam o campo estarem, entendemos, próximos no campo político (ou inclusive lideram, no caso de Vicente Risco) da opção *culturalista* face, por exemplo, ao grupo da Corunha, no seio do qual é representada *A man da Santiña*.

Ainda sobre as actuações dos agentes envolvidos na construção do proto-sistema cultural galego importa referir, pela sua vinculação directa com a família Guisado, a singular experiência galeguista do *balneário* de Mondariz, “tempro de gale-

162 Face aos *novos* Rafael Dieste, Carlos Maside, Manuel António, e outros, que encontrarão espaço em publicações como *Galicia* e *El Pueblo Gallego* (expressivamente não de forma regular em *A Nosa Terra* e *Nós*, controladas pelos *velhos*). Seguindo Xosé Luís Axeitos, este desencontro acabaria em ruptura em 1931 após uma “lenta pero definitiva desaparición dos *novos* do panorama de Galicia” (Axeitos, 1997: 44 e 42). Para Dolores Vilavedra, retomando as teses de Xosé R. Pena e desde uma perspectiva diferente, “o conflito polo cónon estético” encontrará a solução numa “vanguarda pactada [...] na que convivirían en constante tirapuxa pero sen chegar á ruptura ‘os vellos’ e ‘os novos’, e que explicaría o triunfo das propostas estéticas máis moderadas que procuraban o equilibrio entre o enxebre e o innovador: o hilozoísmo e o neotrobadorismo” (Vilavedra, 1999: 196-197).

163 Ainda em 1926, Leandro Carré, como já foi visto, defendia a necessidade de introduzir *pazos*, *vilas* e *ciudades* no romance galego, o qual é indicativo, entendemos, do escasso predicamento que tiveram a nível repertorial as tomadas de posição mais inovadoras ou, simplesmente, as que visavam superar o folclorismo ruralizante.

164 Contudo, como se verá mais à frente, em função dos interesses de grupos e agentes nem sempre será assim.

guismo” segundo *A Nosa Terra* (*apud* Barreiro, 2006: 10). Instalações termais com prestígio a nível peninsular e mesmo internacional<sup>165</sup>, o *balneário* de Mondariz, devido ao empenho da família Peinador, proprietária do estabelecimento, será durante todo o período de análise um caso singular de envolvimento da burguesia comercial no programa dos galeguistas / nacionalistas<sup>166</sup>. *La Temporada en Mondariz* e a revista *Mondariz*, editadas pelo estabelecimento termal<sup>167</sup>, acolherão nas suas páginas numerosas intervenções de produtores galeguistas, nomeadamente de Ramón Cabanillas (cfr. Barreiro, 2006: 10-11)<sup>168</sup>.

Mas serão provavelmente os actos académicos celebrados no *balneário* com motivo do ingresso na Real Academia Gallega de Rey Soto e Ramón Cabanillas e a homenagem a Manuel Murguía (30 e 31 de Agosto de 1920), os que melhor ilustram a vinculação do estabelecimento termal ao projecto

165 Basta revisar *La Temporada* ou *Mondariz* para verificar os *selectos* hóspedes das instalações da família Peinador, como por exemplo a presença, em 1929, de John Rockefeller III destacado membro da *aristocracia* capitalista internacional (cfr. Ojea, 2007). Particularmente numerosos serão os clientes oriundos de Portugal, como veremos.

166 Neste sentido manifesta-se António Medeiros: as “primeiras *performances* etnomiméticas em que os *hirmãos da fala* se envolveram tiveram como palco o mais luxuoso dos hotéis galegos da época, nas termas de Mondariz lugar de encontro de alguma da grande burguesia espanhola da *belle époque*. Os proprietários, abastados capitalistas de Vigo, eram simpatizantes dos ideais das *hirmandades* e, de algum modo, seus mecenas. (Na Galiza este foi um caso muito isolado de aproximação de grandes interesses financeiros ao discurso nacionalista, ao contrário do que aconteceu na Catalunha e mesmo no País Basco)” (Medeiros, 2006: 110). O autor também chama a atenção para o “primeiro museu etnográfico da Galiza, cuja colecção hoje está perdida” (Medeiros, 2006: 110). Com efeito, como se pode ler em *La Temporada*, “En Pías, la finca que D. Enrique Peinador tiene al lado de Mondariz, ha instalado un museo gallego, donde se guardan trajes, enseres, plantas, recuerdos del país” (*La Temporada*, 12/8/1917).

167 Tanto *La Temporada en Mondariz* “Publicación semanal” (imprimia-se no *balneário*; 1888-1931) e *Mondariz* “Revista ilustrada mensual. Suplemento de *La Temporada*” (esta publicada em Madrid; 1915-1922) tinham como público-alvo os hóspedes do Gran Hotel Balneario de Mondariz (cfr. Vilavedra, 1997: s. v. “Tempora de Mondariz, La” e “Mondariz”), mas não único, pois já no seu primeiro número, *Mondariz*, sob o título “Nuestros propósitos”, fixava os objectivos: “hacer patria” e “Esta obra va derecha a la atracción del turismo hacia Galicia” (*Mondariz*, 1/05/1915, p. 12).

168 Outro dos produtores nacionalistas com especial vinculação ao *balneário* será Castelao, que já em 1915 tinha pintado três quadros para o estabelecimento, ilustrará livros editados pelos Peinador já na década de vinte ou será o desenhador da publicidade do Gran Hotel Balneario de Mondariz na revista *Nós* (cfr. Vales, 2006: 20-21).

cultural dos nacionalistas<sup>169</sup>. Por outro lado, estes actos são uma encenação da capacidade organizativa dos nacionalistas, capazes de organizarem actos académicos num espaço privilegiado e com ampla repercussão mediática e simbólica<sup>170</sup>. Interessa notar aqui, como recolheu Xaquín Vales, as reacções contrárias no seio do campo, que ilustram claramente o seu funcionamento e interesses em jogo:

En determinados xornais de Galicia irán aparecendo certas críticas ás xornadas de Mondariz, como é o caso do ferrolán *El Correo Gallego* (1-9-1920), por parte do seu director –o membro correspondente da Academia Galega, Eladio Fernández Diéguez-, cun artigo na súa primeira páxina no que califica eses actos académicos de *solemnidad bicarbonato-sódica*, expresando o seu rexeitamento á *ambulancia* da celebración, ao levarse a cabo –nesta ocasión e por primeira vez- fora da sede da Academia e nun suntuoso balneario. Súmanse a este ataque os diarios santiagueses: *El Compostelano* [...] e *El Eco de Santiago* [...]. Posteriormente, a revista viguesa *Vida Gallega* (15-10-1920) [...], no artigo ‘Literatura y regionalismo gallego’ ataca con sorna esas solemnidades académicas e os seus festexos, mesturándoos co que ela denomina *el problema del regionalismo gallego* ou, máis adiante, *la algarabía regionalista*, defendendo [...] o uso do *castellano* ante o resto das linguas peninsulares, tan só empregadas por *labriegos ignaros* (Vales, 2006: 67-68; itálicos no original).

Nesta citação, como dizíamos, evidencia-se a existência de, no mínimo, duas visões da *literatura galega*, a subsistémica e

169 O porta-voz dos nacionalistas, *A Nosa Terra* (25/09/1920), manifesta-se assim sob o expressivo título “A Academia Galega e os nacionalistas en Mondariz”:

O vello Don Enrique Peinador, xa finado, foi fundador d'unha aristocracia nova, a que se fixo carne nos seus fillos e que compre gabar e sinalare a tódol-os bos galegos. Y-estes fillos, cultos, simpáticos, amabres, mundanos, cheios d'amor á Terra, fan por ela, sen cansazo nen acougo, o que non fixeron os políticos i-os ricos nados na Galiza. Arrie(s)gal-os seus cartos en negocios drento da Patria mesma, para acresceren o patrimonio enxebre, xa que os ricos, qu'esprotan riquezas no país de seu, non son como dixera Cambó moi bem, senon depositários transitórios da riqueza nacional común (*apud* Vales, 2006: 26).

170 O estudo de Xaquín Vales, *Actos académicos en Mondariz*, com abundante material gráfico, é, entendemos, suficientemente esclarecedor (cfr. Vales, 2006).

proto-sistémica, sendo patente desde a primeira (especialmente no que se refere à tomada de posição de *Vida Gallega*) a tentativa de remeter / manter o galego e a sua *literatura* numa posição acessória e secundária em relação ao espanhol e a sua *literatura*.

### 8.1.1. As relações Galiza e Portugal

As relações entre a Galiza e Portugal entre os anos 1910 e 1921 não podem ser, de um modo geral, abordadas sem um necessário olhar abreviado sobre as décadas anteriores, com o intuito de melhor ilustrar as diferentes tomadas de posição no período de análise<sup>171</sup>.

Desde Portugal, a Galiza começa a ser olhada com o romantismo liberal (cfr. Cunha, 2007: 16), quando de forma sistemática vários agentes portugueses começam a reelaborar alguns elementos centrais do repertório cultural português. Teófilo Braga, nomeadamente, Alexandre Herculano, Leite de Vasconcelos ou Oliveira Martins, vão introduzir na sua produção a Galiza como espaço geo-humano individualizado (a respeito do espanhol), pondo em valor uma série de elementos de variada natureza que nutrirão até à actualidade as ideias (e / ou crenças) a respei-

171 O assunto não mereceu, em geral, estudos de vulto; de facto, a falta de trabalhos monográficos, dificulta em parte uma abordagem panorâmica. Devem-se notar, porém, as publicações aparecidas em Portugal durante os últimos anos (Araújo, 2004; Medeiros, 2006; Cunha, 2007; Vaz, 2008), que desde diferentes perspectivas tentam deitar luz sobre o tema; paralelamente, desde as universidades de Salamanca, Évora e Beira Interior, o projecto de investigação RELIPES (Relações linguísticas e literárias entre Portugal e Espanha desde o início do século XIX até à actualidade) tem realizado um extenso trabalho publicado com, no entanto, um objecto de estudo bem mais amplo e com focagem concreta da *Espanha e Portugal*. Na Galiza, o estudo desta matéria dificilmente tem resistido às polémicas que provocou nas últimas décadas (continuadoras, entendemos, das verificadas sobre este assunto na Galiza desde o século XIX); de facto, a ausência de trabalhos de fôlego (peculiar desde qualquer das perspectivas), é a nota dominante; na actualidade, o Grupo GALABRA da Universidade de Santiago de Compostela tem realizado um vasto trabalho investigador sobre o assunto, focando especialmente o período que vai desde finais de 1960 até à actualidade; assim, apesar de trabalhos pontuais (Alonso, 1987; Vázquez, 1991, 1992, e 1995; Villares, 1983, 2003; etc.), para o período de análise aqui proposto, o trabalho realizado tem sido, parece-nos, insuficiente, para dispor de uma análise rigorosa e aprofundada, isto sem incluir a importante achega que significaria a publicação do já citado *Crónica de um reencontro. O relacionamento galego-português nos seus textos. Publicações não diárias (1888-1936)* de Elias Torres, em parte continuador do elucidativo Torres, 1999.

to da vinculação entre a Galiza e Portugal<sup>172</sup>. Paralelamente, na Galiza, agentes envolvidos na construção e definição da Galiza como *nação*, vão recorrer a Portugal como um elemento central, legitimador das suas tomadas de posição. O poeta Eduardo Pondal, o historiador Benito Vicetto e especialmente o também historiador Manuel Murguía (agente capital na planificação regionalista) incorporarão Portugal no discurso inaugural do galeguismo (cfr. Villares, 1983: 305; Vázquez, 1995: 15). O interesse por Portugal no programa cultural (e político) do galeguismo, pelo menos de alguma parte do galeguismo, justifica-se, como evidenciou Elias Torres (1999, 2009), na necessidade sentida pelo galeguismo de, frente ao referente de oposição espanhol, legitimar o seu discurso com o referente de reintegração português<sup>173</sup>, dando assim origem na Galiza ao denominado *perigo português* e as consequentes tomadas de posição contrárias a esta aproximação (cfr. Torres, 1999: 279 e ss.) e ao surgimento dum espaço propício para o relacionamento especialmente cultural / literário, o sistema interliterário galego-português. Estas linhas gerais irão nortear, como se verá, o relacionamento galaico-português no período de análise<sup>174</sup>.

O período que vai de 1910 até 1916/18, coincide com a etapa em que o galeguismo, o máximo interessado na vinculação a Portugal no espaço social galego, como já se indicou,

172 Seguimos aqui de perto as teses propostas no trabalho de Elias Torres Feijó "Cultura Portuguesa e legitimação do sistema galeguista: historiadores e filólogos (1880-1891)" (Torres, 1999) onde é analisado, com abundante informação, este período, em certo sentido, iniciador da particular forma de se relacionarem (pelo menos no âmbito cultural) galegos e portugueses.

173 Tanto Pilar Vázquez Cuesta como Ramón Villares (1983: 304-305) apontam neste assunto, julgamos, conclusões similares. Assim, e a modo de exemplo, para a primeira, os galeguistas tentam "aproveitar o íntimo parentesco étnico, cultural e lingüístico que dentro da Península venceilla Galicia e Portugal: como *arma dialéctica* contra o prepotente centralismo castelán" (Vázquez, 1995: 15; itálico nosso).

174 Elias Torres, relacionando os vários elementos convocados neste processo, aponta com carácter geral:

Frente à normalidade portuguesa, a elaboração dum sistema literário galego é paralela à evidência de uma formulação explícita de autonomia política, nos seus diversos graus até à independência. Não é possível explicar esse processo nem as relações culturais galego-lusas, se esquecermos o funcionamento permanentemente político dessa relação, sobretudo por parte galeguista, e o carácter de *locus privilegiado* que a expressão literária e cultural tem em casos em que a política está interdita ou é pouco rendível (Torres, 2010: 163; itálicos no original).

não tem capacidade organizativa nem instrumentos para a veiculação dos seus planos<sup>175</sup>. Sintomaticamente, o relacionamento com Portugal será protagonizado por Jaime Solá e *Vida Gallega* (Torres, s/d: 25), nomeadamente pelas suas relações com o enclave galego de Lisboa, assunto este que focaremos individualizadamente no ponto seguinte. Em todo o caso, além de um decréscimo significativo de tomadas de posição visando a postulação de Portugal como o referente de reintegração, verifica-se, directamente relacionado com a ideologia dos interlocutores galegos, uma tendência para não activar este referente de reintegração<sup>176</sup> e por seu turno, uma intensidade menor nas relações no seio do sistema interliterário galego-português. Lembre-se, neste quadro, que a instauração da República em Portugal tinha provocado receios em sectores mais próximos do nacionalismo espanhol (cfr. Torres, s/d: 29-30)<sup>177</sup>.

A irrupção na Galiza das Irmandades da Fala trouxe consigo também alterações profundas no âmbito das relações galego-portuguesas, inaugurando assim um período muito fértil até ao golpe militar de 1936<sup>178</sup>, ao qual não é alheio, como se verá, Alfredo Guisado. Por um lado significou o reinício da elaboração teórica em que Portugal ocupará um lugar proeminente, mas também, a existência de interlocutores organizados para os agentes e grupos portugueses interessados no relacionamento galego-português (cfr. Villares, 1983: 308) e o aumento significativo dos contactos e trocas dentro dos limites do sistema inter-

175 A este respeito, como indicou Ramón Villares, é notório que as relações galaico-portuguesas de um modo geral são menos intensas, quando o galeguismo passa por momentos de menor actividade (cfr. Villares, 1983: 303).

176 Neste sentido, Margarita Ledo detecta em Portugal durante estes anos uma diminuição das "noticias galegas" na imprensa de tendência republicana; segundo Margarita Ledo, este período vai caracterizar-se na imprensa pela presença de "noticias que poñen fin á presencia oitocentista do caso galego na prensa portuguesa, noticias de perfil basicamente social" (Ledo, 1987: 279).

177 Receios que obrigatoriamente devem ser relacionados com a presença de Paiva Couceiro e os seus seguidores no Sul da Galiza (cfr. *supra*).

178 A bibliografia consultada sobre o assunto é unânime à hora de ressaltar a maior intensidade do relacionamento a partir desta data. Aurora Marco inventariou uma série de "actos conjuntos" a partir de 1918 que justificam o consenso detectado (Marco, 1996: 201-202), actos estes em que Alfredo Guisado participará activamente.

literário<sup>179</sup>. A seguinte citação ilustra qual o caminho desejado, não necessariamente possível, pelos nacionalista galegos:

Galiza ten que considerar Portugal, pois elo é axiomático, como o baluarte da súa independencia espiritual, pois namentres Portugal exista coma nazón independentes, Galiza non perderá endexamais as esenciais dunha personalidade propia, que esvaída ou non, sempre terá virtude xermoladora nun senso irredentista. Galiza, en por iso debe ter sempre, latexando, no seu ideario nacionalista dende o principio, a liberdade e a independencia de Portugal, considerémola os galegos coma a nosa mesma liberdade e independencia, e estaremos dispostos de cote a erguérmonos violentamente contra os eu quixesen esnaquizar aquela (*apud* Villares, 2003: 22-23).

O texto, fruto da iniciativa de Antón Villar Ponte, um dos irmãos galegos mais empenhados e firme defensor da inclusão de Portugal dentro do programa nacionalista<sup>180</sup>, foi aprovado na I Assembleia das Irmandades (1918) (cfr. Villares, 20003: 22) o qual, ao lado de outras tomadas de posição das Irmandades ou de agentes nela envolvidos (cfr. Torres, s/d; Villares, 1983) evidenciam a centralidade que o referente de oposição vai atingir no programa político nacionalista (cfr. Beramendi, 2007: 583-585) e, em consequência, explicam o interesse dos nacionalistas nas numerosas iniciativas que visa-

179 Um dos palcos privilegiados para o relacionamento galego-português será o Gran Hotel Balneario de Mondariz. Os clientes de origem portuguesa serão muito numerosos; desde membros da família real (fins do século XIX) até, por exemplo, Júlio Dantas quem dedicará um poema, "A Gaita Gallega", a Ramón Cabanillas nas páginas de *La Temporada* em 1925; note-se a este respeito, o singular guia turístico, *Mondariz-Vigo-Santiago. Guía del Turista* (1912), fruto do labor dos Peinador, formidáveis publicistas, onde sob o ilustrativo título "Afinidades con Portugal", recorrem, em parte, às ideias fabricadas pelos regionalistas galegos no que diz respeito às relações históricas e culturais entre a Galiza e Portugal (cfr. Pazos, 2007).

180 Com efeito, Antón Villar Ponte destacou-se dentre os nacionalistas por defender com sólido empenho Portugal como o inequívoco referente de reintegração. Como ele mesmo refere, a relação com Portugal é fruto, num primeiro momento, das suas estadias em Portugal como correspondente do jornal *La Voz de Galicia*: "fue en Lisboa y Oporto, poblaciones que visitamos por exigencias periodísticas, donde nuestro pensamiento acerca del particular [o relacionamento galego-português] se robusteció con vigores indestructibles" (*apud* Varela, 1994: 163).

ção afirmar o contacto galaico-português às quais se associará o produtor em foco<sup>181</sup>.

Ora, interessa aqui salientar como, neste quadro, a importação portuguesa, nomeadamente a propugnada pelos sectores nacionalistas, será a partir de agora mais intensa no emergente sistema cultural galego (cfr. Torres, s/d: 9). Com especial protagonismo de Vicente Risco, a *saudade* de Teixeira de Pascoaes (e doutros produtores ligados à Renascença Portuguesa), por exemplo, será um dos elementos repertoriais que os produtores galegos irão incorporando (cfr. Torres, 2008)<sup>182</sup>. Note-se neste sentido como V. Risco, contrário a uma importação sistemática dos repertórios mais inovadores do panorama literário da altura, é um dos principais promotores dos *novos* portugue-

181 Dados os objectivos deste trabalho, não nos ocuparemos de analisar o sucesso e / ou fracasso das mesmas, assunto vasto (e não isento de polémica). Convém, no entanto, referir que uma das linhas principais de análise deste assunto assinala, para o período de análise, uma *assimetria* das relações galaico-portuguesas, identificando na Galiza um interesse efectivo não correspondido em Portugal (cfr. Vázquez, 1991, 1992, 1995; Villares, 1983 e 2003; ou, numa óptica significativamente diferente, Molina, 1990). Na nossa perspectiva (devedora em grande parte dos trabalhos de Elias Torres; *vid.* Biblio.) e sem ter analisado o assunto com profundidade, a frágil argumentação destes trabalhos, pois, de um modo geral, achamos, não valorizam suficientemente as fraquezas dos grupos e agentes galegos interessados no relacionamento galego-português, assim como as contradições internas do emergente campo cultural galego (ou omitem / problematizam, por exemplo, os resultados do nacionalismo catalão no âmbito português) obrigam a um estudo mais pormenorizado do assunto. Por outra parte, a *assimetria* é substancial à própria relação, se pensarmos nas características dos protagonistas da mesma (cfr. *infra*).

182 Segundo Elias Torres:

O termo *saudade* era umha reintegração galeguista: umha palavra que nom estava no uso quotidiano na castelhanizada Galiza; umha palavra que puxou outras como *além*. E o Saudosismo era umha importação galeguista, nacionalista já do movimento iniciado anos antes em Portugal. Termos e pensamento constituíam [em 1920] um conjunto repertorial central na elaboração de ideias nacionalista galega: um conjunto de fórmulas, regras, materiais e modelos para produzir ideias sobre a Galiza e, para através delas, construir umha produção literária e ensaística central no mundo galeguista, que mesmo reforçasse a acção política e a sua legitimidade essencial (Torres, 2008: 6; *italico* no original).

A modo de exemplo: o discurso de Ramón Cabanillas aquando do seu ingresso na Real Academia Gallega tinha por título "A Saudade nos Poetas Galegos"; a revista *Nós* abre significativamente o seu primeiro número com um poema de Teixeira de Pascoaes, o "grande e amado Mestre", segundo *Nós* (cfr. Torres, 2008: 5). Sobre *Nós* como palco privilegiado do relacionamento galaico-português, nomeadamente com a Renascença Portuguesa, escreveu com alguma extensão, entre outros, José Augusto Seabra (Seabra, 1987 e 1994).

ses e do seu repertório no emergente sistema literário galego. O interesse em jogo aqui é outro: um grupo importante dos nacionalistas, dentre os quais se conta V. Risco, antepõem a função referente de oposição à problemática *novos / velhos*, que, por outra parte, não coloca em questão a sua capacidade de controlo sobre os rumos do proto-sistema literário galego. Estas tomadas de posição dos nacionalistas suscitarão mais uma vez a polémica no emergente campo literário galego. Assim, por exemplo, *Vida Gallega* em 1921 dá acolhida a “España y Portugal. Un alto ideal y el equívoco peligroso”:

Pero en el actual movimiento de aproximación hispano portugués es preciso prevenirse contra ciertas especies que al presente vienen predicando algunos que se apellidan nacionalistas gallegos, contaminados por el ejemplo de algunos catalanistas. Hablemos claro: Galicia por su mayor afinidad con Portugal, especialmente con el Portugal “minhoto”, podrá servir de medio para facilitar tal aproximación; pero no hay que pensar en un “nacionalismo regional” que tiene necesariamente que suscitar suspicacias en esta gran obra<sup>183</sup>.

O excerto citado, alerta novamente para o *perigo português*. Continua:

En Oporto, algunos escritores de los que constituyen la “Renascentia portuguesa” han entrado en relaciones con los nacionalistas catalanes.

En Abril de 1907 leyó en Abrante y ante la “Sociedade João de Deus” el catalán Ribera y Rovira<sup>184</sup>, un trabajo que se publicó

183 A actualidade das ideias veiculadas pelo texto é notória.

184 Ignasi de Loyola Ribera i Rovira (1880-1942), catalanista e prolífico lusófilo, exerceu de “cônsul cultural” da Catalunha em Portugal” e como tal as suas intervenções no campo cultural português no período em foco foram numerosas (Díaz, 2000: 8). Mas o seu nome no artigo de Casas Fernández, deve ser posto em relação com a tomada de posição do catalão a respeito das vinculações entre a Galiza e Portugal. Em 1907, numa palestra no Real Instituto de Lisboa defendia: “Portugal y Galicia [...] forman una nacionalidad con los caracteres supremos de identidad, de raza, de lengua, de territorio, de historia y de misión civilizadora” (*apud* Díaz, 2000: 12). *Portugal y Galicia nación* será o título da publicação com a chancela da Renascentia que veiculará esta ideologia das três nações peninsulares tão cara a alguns grupos nacionalistas portugueses (cfr. Torres, s/d: 48).

por la Biblioteca de la “Renascentia” con el título de “O genio Peninsular”. Y en esa conferencia se repiten los apóstrofes contra Castilla y contra España y se entona el himno de guerra “Els Segadors” que “a assembleia onve de pé e depoes cobre de grandes aclamacoes”, según se consigna en una nota a dicha conferencia.

Recientemente Eugenio d’Ors, “Xenius”, cuando servía a la Mancomunidad catalana, se presentó en Oporto y pronunció un discurso en “catalán”, que los portugueses naturalmente, no comprendieron (Casas, 1921).

As contínuas alusões aos “catalanes” no artigo de *Vida Gallega* além de dar conta da vitalidade do nacionalismo catalão, ilustram, de forma relevante aqui, a receptividade que alguns grupos portugueses, dentre os quais a Renascentia Portuguesa, apresenta face aos grupos e agentes que, integrados no território do Reino da Espanha, impugnam o estado *nacional* espanhol e, portanto, o programa cultural deste para todo o território espanhol. Deste modo, nacionalistas catalães e galegos, têm uma função legitimadora dos discursos nacionalistas portugueses contrários a qualquer *união* política com a *poderosa Espanha*<sup>185</sup>, especialmente os galegos, apesar da sua menor capacidade organizativa (cfr. Torres, s/d: 52; Ventura, 1995)<sup>186</sup>.

185 No *Inquérito literário* de Boavida Portugal, Teixeira de Pascoaes acaba assim uma das suas intervenções: “A terra de Portugal é elegiaca e divina e, portanto, eternamente hostil à terra espanhola” (Teixeira de Pascoaes *apud* Portugal, 1915: 32).

186 É neste quadro que interpretamos os seguintes comentários de Pilar Vázquez Cuesta: a “polémica que levantou em Portugal a campanha de captación de lectores emprendida entre fevereiro e xuño de 1917 polo xornal madrileño *El Imparcial* (que puxera casa en Lisboa), baixo o epígrafe xeral de ‘Harmonia Ibérica’, en plena Guerra Europea e cando era crenza xeral a de que a fin desta daría lugar a unha completa reestruturación da orde internacional que tornaba probable a anexión de Portugal por España, suxerir a possibilidade de que Galicia puidese deixarse anexionar por Portugal resultaba un modo intelixente de conxura ‘o perigo espanhol’” (Vázquez, 1995: 91).

Por outra parte, é assinalável o interesse dos agentes envolvidos na Renascentia Portuguesa, nomeadamente Teixeira de Pascoaes, pela Galiza da *morrinha* que, em parte, pode contribuir para legitimar o repertório literário e cultural proposto pelos *saudosistas*. Lembre-se a este respeito, o aparecimento da produtora galega, central já na altura na *literatura regionalista* galega, Rosalia de Castro e Murguía e da Galiza, nas polémicas entre António Sérgio e Pascoaes em *A Águia* em 1913 sobre a *saudade* e a orientação da Renascentia (cfr. Torres, s/d: 50-51).

Para finalizar, e seguindo a Elias Torres, este estado dos campos no seio dos quais ilustraremos as tomadas de posição de Alfredo Guisado, permitem observar a “constituição e consolidação de um sistema interliterário galego-português, para alguns mesmo o de um polissistema comum” (Torres, s/d: 69)<sup>187</sup>.

#### 8.1.1.1. O enclave galego de Lisboa

A emigração galega para Portugal é anterior à emigração americana, pois já no Portugal do século XVIII o número de cidadãos de origem galega andaria por volta dos 80.000 (cfr. González, 1999 e 2006; Garcia, 1996: 182; Hernández, 1995: 14). Desta presença dão conta produtos de autores como Almeida Garrett ou Rafael Bordalo Pinheiro<sup>188</sup> que contribuíram para construir o estereótipo que dos galegos existiu, e em parte ainda perdura, em Portugal. Estereótipo ligado à posição / função social (acarretador, aguadeiro, almocreve, artífice, carregador, cortador, cozinheiro, criado doméstico, moço de armazém, moço de esquina ou de fretes, serviçal, etc.) que o adágio popular “trabalhar com um galego” ilustra modelarmente (cfr. Rodríguez e Torres, 1994)<sup>189</sup>. Segundo Domingo L. González Lopo:

Desde muito cedo o ofício de aguadeiro foi monopolizado por eles, dando origem a uma figura típica e tópica do mundo lisboeta, à qual com frequência se faz alusão nos desenhos satíricos e nas cenas de costumes de literatura de cordel do século XVIII ou do realismo do século XIX. Deste modo fixou-se o estereótipo do indivíduo rústico, ignorante, bruto, com uma

187 De um modo geral, Elias Torres descreve assim o quadro geral do relacionamento entre o sistema emergente e o “polissistema consolidado”: “O primeiro acolhe como central, por parte de algum dos seus núcleos, a transferência legitimadora e expansiva do seu referente, e provoca a contradição interna. O segundo, recebe, desde a periferia, os elementos mais secundários do primeiro, que, progressivamente vão caminhar para o centro polissistémico do núcleo acolhedor” (Torres, s/d: 10).

188 O primeiro iria notabilizar-se nesta empresa com “O Galego e o Diabo”, texto datado em 1824 e publicado no volume *Fábulas e Contos* (cfr. Monteiro, 1999: 156-158). Bordalo Pinheiro, anotador de tipos e personagens lisboetas, abordaria *Os Galegos* em 1884, hoje felizmente reeditado (Pinheiro, 1994 [1884]).

189 Excertos deste trabalho de José Luis Rodríguez e Elias J. Torres, assim como outros fragmentos de textos centrados na presença dos galegos e da Galiza em Portugal apareceram recentemente recolhidos em Vaz, 2008.

forma de falar que provoca o riso, avarento e disposto a tudo desde que para tal ganhasse um *pinto* (González, 2006: 253; itálico no original).

Porém, a história e imagem dos emigrantes galegos em Portugal (designadamente em Lisboa), começou a mudar nas últimas décadas do século XIX e primeiras do XX devido a, por um lado, o novo olhar português sobre a Galiza conjuntamente com a irrupção do galeguismo na Galiza e, por outro lado, a ascensão social que protagonizarão alguns destes emigrantes mais abastados, como é o caso da família Guisado (Torres, s/d: 21-25). Esta ascensão social estará por trás da atenção dispensada por *Vida Gallega*, revista com abundante publicidade de negócios da colónia galega, nomeadamente o número dedicado à citada colónia (30/09/1910) e numerosas fotos de galegos *distinguidos*. É neste quadro que se insere a atenção laudatória da revista dispensada à família Guisado já citada (cfr. Anexos, X)<sup>190</sup>.

Serão estes os máximos interessados, os galegos *abastados* ou *Lisboanos*<sup>191</sup> (mas não os únicos), em imprimir coesão ao

190 Em 2008, Xan Leira com o apoio, entre outras instituições, da Xunta da Galiza, publicou *Historia dunha emigración difusa. 500 anos de emigración galega a Lisboa*, importante trabalho divulgativo especialmente pelas linhas de investigação que sobre o assunto pode abrir. No livro, aparecem numerosos testemunhos pessoais do percurso de muitos destes galegos abastados assim como importantes pistas sobre as dinâmicas dos galegos do enclave lisboeta (cfr. Leira, 2008). *Historia dunha emigración difusa* é também explicitamente um livro de homenagem no âmbito das comemorações dos 100 anos de Juventud de Galicia (cfr. *infra*).

191 Segundo González Lopo, com o passar do tempo, referindo-se de forma geral à colónia galega, não se alterou “demasiadamente o seu quadro sócio-profissional”. No entanto, introduz uma nota específica para analisar a posição dos *Lisboanos*: salvo o surgimento dos beneficiados pela fortuna, os ricos ‘*lisboanos*’, antecedentes no tempo dos americanos ou ‘*brasileiros*’. Os ricos ‘*lisboanos*’ trabalham duramente na capital, ao mesmo tempo que investem em fábricas de cadeiras que conseguiram criar nas suas paróquias de origem, uma ampliação do seu património aldeão que durante a sua ausência ficará sob a administração da esposa e dos filhos. Com efeito, encontramos-nos perante um modelo migratório que corresponde às chamadas migrações pendulares ou circulares, que trazem de volta aos seus lares os deslocados, de forma cíclica, depois de um intervalo de tempo mais ou menos longo, impedindo assim que se rompam os laços de união com a sua comunidade de origem, ao contrário do que acontecerá com a emigração americana. De qualquer modo, um contacto tão prolongado no tempo favoreceu também a dedicação de muitos dos deslocados aos seus lugares de acolhimento, onde se fixaram de forma definitiva (González, 2006: 254; itálicos no original).

colectivo e criar instituições próprias, como é o caso Juventud de Galicia (1908), centro da emigração galega em Lisboa (ao qual se ligará a família Guisado), que como outros centros galegos da diáspora, desenvolverá funções centrais no *enclave* e experimentará desde a distância o percurso da metrópole<sup>192</sup>.

Analogamente, a colónia galega tentou dotar-se, com escassos frutos se atendermos à fugacidade das tentativas, de órgãos de expressão como é o caso de *Espanha y Portugal*, “Semanao Independiente – Órgano de la Colonia Española”, onde intervém Refaldo Brila, um dos pseudónimos de Alfredo Guisado. Em apenas cinco números (8/11/1913-6/12/1913), *Espanha y Portugal* (apoiada por publicidade dos negócios dos galegos) traslada as inquietações do enclave. O semanário surge com intenção de defender os interesses (de variado tipo) dos membros da colónia<sup>193</sup>. Este é, por exemplo, o caso da notícia que ocupa toda a capa do número três, sob

<sup>192</sup> Infelizmente, as Ditaduras afectaram enormemente os fundos documentais de Juventud de Galicia. Nas nossas pesquisas, e a modo de exemplo, não encontramos qualquer informação relevante no “Libro de Registro de Socios”, pois este foi actualizado em 1956, assim, no período que vai de 1908 a 1917 apenas constam 9 sócios. Presumivelmente, o antigo livro de registro fez-se desaparecer. Por outra parte, Rodrigues Vaz, relaciona a fundação de Juventud de Galicia ao movimento associativo da colónia galega:

O aparecimento da [Juventud] Galiza insere-se obrigatoriamente nas lutas pela dignidade do trabalho que naquela época se digladiariam na capital portuguesa, como reconhece Don Ramiro [Vidal Carrera]. Dadas as péssimas condições em que os empregados de café viviam na época em Lisboa [...] para pôr cobro a tal situação foi constituído em 1907, no 1º andar do número 33 da Rua do Poço do Borratém, o Grupo de Propaganda e Defesa dos Interesses dos Empregados dos Hotéis, Restaurantes e Cafés, cujo primeiro objectivo foi conseguir ter direito ao descanso semanal.

Este grupo dará origem à Associação de Classe dos Empregados dos Hotéis e Restaurantes de Lisboa, onde pontificam profissionais galegos, como aliás já eram maioritariamente galegos os que em 22 de Maio de 1904 tinham constituído a Associação dos Criados de Mesa, Soc. Cooperativa, Lda. Na Rua de S. Boaventura (Vaz, 2008b: 16-17).

<sup>193</sup> Apesar do título e da inexistência de referências à Galiza e aos galegos no editorial do primeiro número, *Espanha y Portugal* é inequivocamente um órgão de expressão ligado ao enclave galego em Lisboa. A par da presença de textos em galego (significativamente aparecem dois poemas dos centrais Rosalia de Castro e Curros Enríquez) as páginas são preenchidas com informação relativa a questões directamente relacionadas com o colectivo galego emigrado em Lisboa ou à Galiza, nomeadamente da zona sudoeste (devido a que a colónia galega em Lisboa estava formada na sua maioria por galegos, ou descendentes destes, oriundos desta região).

o título “Espanhóis. Nuestro Compatriota José Carrera Seoane ¡¡Ha Muerto a causa de la Agresión Cobarde del policía, 380!!!” (22/11/1913)<sup>194</sup>. *Espanha y Portugal*, assim como *El Tea*, recolhe também nas suas páginas as tensões existentes entre “regionalistas” e “espanholistas” (assim denominados nas páginas de *El Tea*) no seio da colónia galega quando, por exemplo, se discute a reforma dos estatutos de Juventud Gallega em 1913, relativamente à abertura das portas da instituição aos emigrantes doutros territórios do Estado Espanhol (cfr. *El Tea*, 1/11/1913, p. 1).

As notícias relativas ao enclave lisboeta em *El Tea* são, especialmente, expressão das tentativas do agrarismo de estabelecer vínculos com a emigração em geral, e com a emigração lisboeta em particular. As visitas à colónia de destacados agentes do agrarismo<sup>195</sup> ou as iniciativas que visam nomeadamente constituir e organizar uma série de colectivos de tipo sindical com o intuito de apoiar o agrarismo metropolitano, são prova disto.

A partir de 1919, paralelamente às iniciativas dos agraristas, *El Tea* dá conta de novas contradições no seio do enclave lisboeta. O nacionalismo das Irmandades da Fala emergirá no meio da polémica por meio dos “autonomistas”, assim denominados na publicação agrarista (*El Tea*, 13/04/1919, p. 2)<sup>196</sup>. Estes “autonomistas” criarão uma “Comisión de Propaganda pró autonomia de Galicia” presidida, significativamente, pelo

<sup>194</sup> Neste sentido, parece evidente como a agora pujante colónia galega se insurge contra a imagem pejorativa que dos galegos funcionava em Portugal. Em 1912, *El Tea* titulava assim os seus comentários furiosos em resposta a um artigo onde assoma esta imagem: “Un infame trabajo periodístico. ‘O Paiz’ insulta a los gallegos –nuestra colonia protesta indignada” (*El Tea*, 28/09/1912, p. 1).

<sup>195</sup> No número 140, por exemplo, *El Tea* noticia a visita do seu director, Amado Garra, à colónia galega (27/05/1911, p. 1). Estas iniciativas não passaram despercebidas na imprensa portuguesa, como é exemplo a notícia da conferência em Juventud de Galicia de José Darse Sobrino, agrarista republicano, “El movimiento agrario en Galicia y sus beneficios” aparecida nas páginas do *Diário da Tarde* (10/05/1913, pág. 8) ou a conferência “El espíritu de Asociación”, também em Juventud de Galicia, noticiada por *O Rebate* (9/10/1913).

<sup>196</sup> Os próprios nacionalistas parecem conceder uma importância notável ao enclave lisboeta (e em geral, aos colectivos galegos da emigração) se repararmos em como subintitulam o seu órgão de expressão, *A Nosa Terra*: “Idearium das Irmandades da Fala en Galicia e nas colonias galegas d’América e Portugal”.

presidente de Juventud de Galicia (*El Tea*, 23/04/1919, p. 2) o qual, entendemos, expressa como o enclave lisboeta acompanhava de perto os acontecimentos da metrópole. Fruto deste novo quadro, será o aumento significativo de colaborações literárias e não literárias em galego vinculadas ao enclave lisboeta em *El Tea*, ou a celebração de várias conferências em Juventud de Galicia promovidas pela citada "comisión" (cfr. *El Tea*, 13/05/1919, p. 2 e 13/06/1919, p. 2).

## 8.2. ALFREDO GUISTADO: RELAÇÃO COM A GALIZA E O EMERGENTE CAMPO LITERÁRIO GALEGO

Nas páginas que se seguem, e à luz do até aqui exposto, serão analisadas as sucessivas tomadas de posição do produtor em foco na Galiza e em relação à Galiza. Assim, num primeiro momento, ilustraremos qual é a sua posição dentro de enclave lisboeta, o qual não pode ser elucidado sem ter em consideração, pelo menos até 1918, os vínculos que este mantém com o agrarismo das terras do Condado, activo, como se viu, no âmbito da colónia galega em Lisboa. A seguir, será desenhada a vinculação que Alfredo Guisado estabelecerá com o nacionalismo galego e, por sua vez, as implicações desta vinculação nas suas tomadas de posição, nomeadamente a partir de 1919, e na sua produção *galega*.

### 8.2.1. Alfredo Guisado / Refaldo Brita: um galego em Lisboa (1910-1913)

Entre 1910 e parte de 1913 pouca é a informação encontrada a respeito do percurso de Alfredo Guisado. Contudo, *El Tea*, mais uma vez, fornece alguns dados que ajudam a reconstruir, parceladamente, a trajectória guisadiana neste período. Neste sentido, *El Tea* pontualmente noticia as sucessivas deslocações da família Guisado a Pias, paróquia do município de Ponte-Areas, fronteira com Mondariz, onde os Guisado tinham (e têm) a sua segunda residência galega. Assim, por exemplo, refere a publicação agrarista a chegada da família Guisado:

Hemos tenido el gusto de saludar a nuestro buen amigo D. Antonio Venancio Guisado, que con sus hijos Alfredo Pedro y Manuel

e hijo político don Eugenio Alvarez Gonzales pasan una temporada en su finca de Pías. Bienvenidos (*El Tea*, 27/07/1912, p. 3).

Escassos dias antes, *El Tea* já tinha assinalado a chegada de Alfredo Guisado:

Pocos dias há, tuvimos la satisfacción de ser visitados em esta villa, por el joven e ilustrado poeta portugués D. Alfredo Pedro Guisado, de quien hemos publicado varias veces bellísimos trabajos. Agradecemos muy sinceramente su visita (*El Tea*, 20/07/1912, p. 3).

Como já foi indicado, durante este período as páginas de *El Tea* darão acolhida aos poemas guisadianos. Apesar dos elogios manifestos na citação e dos vínculos desta publicação com Portugal através do enclave galego, é evidente que a produção literária guisadiana publicada em *El Tea*, na linha de *Rimas da Noite e da Tristeza*, pouco tem a ver com o resto de produtos literários presentes na referida publicação agrarista<sup>197</sup>. A acolhida que *El Tea* dispensa a Alfredo Guisado prende-se muito provavelmente, entendemos (pelo menos num primeiro momento), com as boas relações que a família Guisado mantinha na altura com o director Amado Garra (cfr. n. 143)<sup>198</sup> e,

197 Assim interpretamos o artigo que recolhe a publicação de *Rimas da Noite e da Tristeza* em *El Tea*. De facto, esta publicação, fugindo em parte da apreciação literária para a qual *El Tea* não estava vocacionado nem habilitado, põe em destaque especialmente a ligação do produtor em foco com as terras do Condado, como testemunha o seguinte excerto:

Nos enorgullece el triunfo del joven poeta, porque le consideramos como paisano nuestro a pesar de ser ciudadano portugués, pues Guisado es hijo de padres gallegos y por añadidura de esta nuestra comarca, y ha escrito la mayor parte de las poesías del citado libro en Mondariz, todas ellas respondiendo al título del libro, notas tristes, sentimentales, y de exquisita ternura. Aun escribiendo en portugués nos muestra Guisado que lleva en sus venas sangre gallega: sus poesías nos parecen inspiradas en las bellezas del *terruño*; nuestros ríos, nuestras fuentes, nuestras montañas, todo cuanto aquí es poesía ha inspirado al poeta (*El Tea*, 26/04/1913, p. 3; sublinhado nosso).

198 Aquando da visita de Amado Garra a Lisboa, *El Tea* refere que Antonio Venancio Guisado, acompanhado pelo seu "hijo", "hizo al Sr. Garra un magnífico regalo como recuerdo de su patriótica labor en Lisboa" (*El Tea*, 27/05/1911, p. 3). Por outro lado, a relevância de Antonio Venancio Guisado para *El Tea* ficou expressa nas palavras que a publicação agrarista dedica a *Elogio da Paisagem*:

por sua vez, com a posição destacada que a Antonio Venancio Guisado usufrui no enclave galego de Lisboa, pois além de ser um pujante empresário forma também parte das instituições do enclave Juventud de Galicia e a “Asociación Galaica de Socorros Mútuos en Lisboa”<sup>199</sup>.

Num acto da colónia Juventud de Galicia (4/05/1913), associação à que, como vemos, está ligada a família Guisado, além de recitar o poema “Mistério”, Alfredo Guisado participará activamente, segundo relata *El Tea*:

Causo gran espectación en el sexo bello la conferencia que, en su intermedio dió nuestro amigo APG: *Algunas palabras acerca del baile*, en ellas hizo [...] una rápida descripción de la vida amorosa, lo que hace la novia al novio y éste a aquella; como se disculpan el uno al otro cuando ambos no van juntos al mismo baile, etc.; todavía cuando Alfredo afirmó que el baile hace dar vueltas a la cabeza [...] hubo un momento de hilaridad en el sexo femenino [...] Fué muy aplaudida su brillante composición dedicada *A las damas* (*El Tea*, 10/05/1913, p. 3).

O tom destas intervenções não é diferente, por exemplo, do presente na primeira tomada de posição do pseudónimo guisadiano Refaldo Brila, com o texto em prosa e em português “Contos que vou contar. I Rosas” publicado em *El Tea* a 19/10/1912 (*vid.* Anexos, I), muito próximo repertorialmente do também em prosa e igualmente em português “O namoro por fora e por dentro”, assinado por Refaldo Brila e publicado no semanário *España y Portugal* (22/11/1913, p. 2)<sup>200</sup>. Aliás, os

Nuestro querido amigo el culto poeta portugués Alfredo Pedro Guisado, a quien, como repetidas veces hemos dicho, consideramos como paisano, *no solo por ser hijo de estimados conterráneos nuestros sino por el gran cariño que siente por cuanto afecta a nuestro amado terruño...*” (*El Tea*, 9/07/1915, p. 3; itálicos nossos).

199 Em Juventud de Galicia, por exemplo, Antonio V. Guisado será em 1913 membro “efectivo” do “Consejo Fiscal” (*El Tea*, 4/01/1913, p. 3). A “Asociación Galaica de Socorros Mútuos en Lisboa” é, segundo a informação que manejámos, a instituição mais antiga do enclave. Fundada em 1887, tinha em 1911, segundo *El Tea*, 1.205 sócios; Antonio Venancio Guisado é nomeado em 1913 sócio “benemérito” da dita associação (*El Tea*, 22/03/1913, p. 3).

200 Além de publicar o citado texto, Alfredo Guisado será um explícito apoiante deste

textos assinados com o pseudónimo Refaldo Brila estão directamente relacionados com o devir da colónia galega em Lisboa<sup>201</sup>. Com efeito, Refaldo Brila, será também correspondente de *El Tea* em Lisboa, como testemunham uma série de artigos, quase todos de 1913, em que sob o título “Noticias de Lisboa” são relatados acontecimentos da vida lisboeta e das terras do Condado (*vid.* Anexos, II). Assim, por exemplo, num destes artigos em que trata do acontecer político em Lisboa, com palavras de elogio a Afonso Costa, como já se indicou, refere também:

Un puentearesano amigo me ha visitado para pedirme que llame la atención del Sr. Alcalde de Punteares acerca de lo que está pasando en el Rivero, porque en su distrito se vende descaradamente vino del llamado del ‘martillo’, nombre que dan al vino adulterado; el abuso es tal, dice mi visitante, que los taberneros llegan a preguntar a los consumidores si quieren vino de ‘martillo’ o del país. Es el colmo (*El Tea*, 25/01/1913, p. 1).

A citação esclarece, julgamos, a linha seguida pelo pseudónimo e ortónimo guisadianos, e de resto, a posição do produtor em foco no enclave galego, que em pouco difere da de outros membros da colónia. Repare-se a este respeito na existência de artigos que, também em espanhol, davam regularmente notícias da capital portuguesa em *El Tea*<sup>202</sup>; *El Tea* é uma publicação escrita maioritariamente em castelhano. De facto, a língua galega na publicação agrarista, como acontece no conjunto de publicações desta altura de ideologia afim, estava confinada em geral aos produtos literários antes designados *fol-*

novo órgão de expressão ligado ao enclave galego (cfr. *El Tea*, 25/10/1913, p. 3).

201 O pseudónimo guisadiano iria protagonizar uma polémica literária nas páginas de *El Tea* com Manuel Alfonso, desconhecido autor de um plágio em *El Tea*, segundo o próprio Alfredo Guisado (cfr., por exemplo, *El Tea*, 7/12/1912, p. 2). Interessante é notar como na breve polémica, o produtor em foco parece já mostrar um interesse específico pela *literatura*, pouco antes do futuro Alfredo Guisado do Grupo de *Orpheu* ou de *Xente d'a Aldea*.

202 O pseudónimo é inventado a partir do nome próprio, como já foi referido, de forma parecida ao de outro agente destacado do enclave lisboeta e futuro Presidente da Câmara Municipal de Mondariz-Balneario, Ramiro Vidal Carrera, cujo pseudónimo em *El Tea* e *España y Portugal* era *Orimar* (junto a *Pepe de Eiroa*).

clóricos. Deste modo, o facto de o ortónimo e do pseudónimo assinarem textos em castelhano (*vid.* Anexos, II e III) apenas indica que o produtor em foco intervém em conformidade com as regras dos campos político e cultural galegos aos que se adscrive *El Tea* e, em parte, o enclave lisboeta<sup>203</sup>. Assim sendo, Alfredo Guisado escreve em português a sua produção literária, mesmo em *El Tea*, publicação maioritariamente escrita em castelhano, o qual como veremos não será uma prática pacífica; e utilizará o castelhano nos textos em prosa não literários para intervir na mesma publicação.

Concluindo, durante esta etapa, contando com pouco mais de 20 anos, Alfredo Guisado estará estreitamente ligado ao enclave galego de Lisboa, intervindo na prática, apesar da sua produção literária, como mais um *galego* da colónia lisboeta. E, por sua vez, como de resto acontecerá na maior parte da sua vida, estará fortemente vinculado ao Sul da Galiza devido às constantes visitas a Ponte-Areas, terra natal dos pais e onde os Guisado têm a sua segunda residência.

#### 8.2.2: Alfredo Guisado agente do agrarismo (1913-1918)

A meados de 1913, *grosso modo*, a posição de Alfredo Guisado no enclave lisboeta alterara-se significativamente. A vinculação de Alfredo Guisado com o movimento agrarista, nomeadamente o representado por *El Tea* do republicano agrarista Amado Garra, agora muito activo nas terras do Condado e no enclave lisboeta, efectivar-se-á com a sua participação na “comisión nombrada para redactar el reglamento porque se ha de regir la sociedad de agricultores que se proyecta fundar en esta parroquia” de Pias (*El Tea*, 6/9/1913, p. 3)<sup>204</sup>, da qual seria

<sup>203</sup> Desconsidera-se, assim, a hipótese de Refaldo Brila ser um heterónimo por, por exemplo, utilizar o espanhol.

<sup>204</sup> Paralelamente, esta iniciativa dos agraristas do Condado terá o seu reflexo no enclave lisboeta, onde se criará, presumivelmente com a participação de Alfredo Guisado, o “Comité auxiliar de la Sociedade de Agricultores” de Pias (*El Tea*, 25/10/1913, p. 3).

A ligação de Alfredo Guisado ao agrarismo foi sinteticamente referida por Rafael Sánchez Bargiela, em vários artigos na imprensa galega (cfr., por exemplo, Sánchez, 2004); recentemente, o mesmo autor publicou “Alfredo Pedro Guisado (1891-1975). Un poeta portugués de Pias (Ponteareas)” (Sánchez, 2009) onde inventaria vários

“presidente honorario” e fundador o pai, Antonio Venancio Guisado (*El Tea*, 6/02/1914, p. 3). Começa aqui um novo período marcado pela intensa implicação do produtor em foco na causa agrarista, participando activamente tanto nas associações metropolitanas como nas do enclave, ao passo, como já se indicou, que quase desaparece a sua colaboração literária na publicação agrarista.

Com efeito, em 1914 Alfredo Guisado será o Presidente da “Unión Agraria de los agricultores del partido judicial de Punteareas en Lisboa” (*El Tea*, 24/04/1914, p. 3)<sup>205</sup>, passando as suas intervenções a ter um tom mais reivindicativo e transcorridos uns meses já politicamente agrarista. Paradigmática neste sentido é a intervenção de Alfredo Guisado na reunião, promovida pela associação por ele presidida, celebrada em Lisboa com o objectivo de “acordar la fundación de una colectividad para pugnar por el engrandecimiento de la provincia”, isto é, a criação de uma associação agrarista de âmbito *provincial*, superadora do âmbito local. O correspondente em Lisboa, Alejo Carrera, transcreve o discurso de Alfredo Guisado:

Compañeros:

Nuestra Galicia, ese pedazo de tierra que el mar viene a besar con respeto, cuna de poetas, patria de flores, nos merece una amistad tan grande y un amor tan profundo, que debe de ser un pedazo de nuestra propia alma.

Es nuestra madre. La madre que llora por nosotros, que nos bendice cuando partimos para lejos, que nos enseña a sufrir y a amar. Y, esa madre de toda bondad, bien lo sabeis, compañeros, vive acorralada, sus manos sangran, mal camina, apenas se levanta, no tiene casi quien la ampare.

Los hijos, los verdadero hijos, aquellos que la acarician, que oyen viejas leyendas en torno de las *lareiras* y saben cantar canciones en las *esfolladas*, aquellos que lloran cuando ella llora y rien cuando ella rie, tienen que partir para tierras

dos artigos e afirmações publicados sobre Alfredo Guisado. Agradeço aqui a Rafael Sánchez Bargiela a disponibilidade mostrada para conversar sobre Alfredo Guisado e o agrarismo nas terras do Condado.

<sup>205</sup> Fundada, repare-se, com o “exclusivo fin de allegar fondos para ejecutar en el distrito [de Ponte-Areas]” (*El Tea*, 25/06/1915, p. 3).

estrañas en busca de sustento, en procura del dinero que les permitir saciar esos otros hijos bastardos, degenerados y malditos que se llaman caciques.

Y, algunos de aquellos que quedan apenas pueden erguir la frente. ¡Agrillados al trabajo, partiendo por la mañana frescos para el trabajo para regresar por la noche, fatigados, sin fuerza apenas para maldecir! ¡Solo el sol viene a llorar lágrimas de oro en las pálidas láminas de los azadones!

E continua vinculando os galegos emigrados ao agrarismo metropolitano:

Somos nosotros aquellos que partieron en busca del sustento, aquellos que trabajan par dar de comer a los nada hacen. Pues bien: es necesario acordarnos, comprender lo que debemos hacer, y, unidos en un fuerte haz, como un sólido hombre, ir a despedazar las cadenas que oprimen los pulsos de nuestra pobre tierra. Para que esa unión sea un hecho, se hace menester que se funde una sociedad donde nos encontremos y trabajemos a la sombra de esa bandera. Es a eso a lo que aquí venimos. No es la fundación de una Federación de Sociedades de Agricultores. Es más que eso. Es la unión de todos aquellos en cuyas aldeas y haya o no sociedades, una unión fuerte, indisoluble, grandiosa, donde palpite la misma alma y el mimo ideal: el engrandecimiento de nuestra tierra, haciendo ver a esos zánganos que comen lo que nosotros ganamos que aún no estamos muertos.

Ya los sabéis, el caciquismo es un gran pulpo cuyos tentáculos son tantos cuantos partidos judiciales, Ayuntamientos y aldeas existen. Así es en Pontevedra, en Galicia. El cuerpo está en la capital de provincia, los tentáculos espárcense por todas partes. Y por comprender que en toda la provincia se combate a los mismo caciques, 'Unión Agraria' del Partido Judicial de Puentareas, en Lisboa, vió cuán necesario era que se uniesen todos para mejor exterminar el mal (*El Tea*, 12/03/1915, p. 2; itálicos no original).

Evidencia-se na extensa citação, excerto do discurso guisadiano, o inequívoco envolvimento do produtor em foco já não apenas no movimento agrarista, mas especificamente com

função principal que, como agente deste, vai levar a cabo na articulação do agrarismo na emigração lisboeta. Pouco tempo depois, será eleito Presidente da "Asamblea general" da Unión Agraria de Galicia em Lisboa, sendo o pai "Vocal" do "Consejo Fiscal" (*El Tea*, 9/07/1915, p. 3).

Paralelamente, Alfredo Guisado será um dos agentes agraristas dinamizadores da Sociedad de Agricultores de Pias, como testemunham diversos artigos de *El Tea*, nomeadamente o que refere a multa que o Governo Civil aplicou em 1917 a vários agentes do agrarismo do Distrito de Ponte-Áreas, entre eles Alfredo Guisado (*El Tea*, 26/10/1917, p. 1). De 1918 data a última intervenção significativa do produtor em foco vinculada ao agrarismo no período de análise deste trabalho<sup>206</sup>. Publica neste ano também o último artigo de que temos conhecimento em castelhano (cfr. *El Tea*, 3/04/1918, p. 2).

A intensa participação de Alfredo Guisado no agrarismo durante este período pouco afectou, entendemos, a sua produção literária coetânea. Dedicou, porém, dois sonetos a Amado Garra num número de homenagem a este "caudillo de la causa agraria" em *El Tea* (28/05/1915, p. 1)<sup>207</sup>. Os textos, em que é utilizado o repertório modernista (cfr. *supra*), são praticamente o único produto literário guisadiano deste período onde é perceptível a temática agrarista:

#### A reza do cavador

I

Os meus olhos, gotas de água

A tombarem dum telhado,

E o meu Sonhar encerrado

No caixão da minha mágoa.

206 Nesse ano, Alfredo Guisado assina um artigo como Presidente da Sociedad de Agricultores de Pias lembrando um dos agraristas da Sociedad falecidos (*El Tea*, 3/04/1918, p. 2). A partir desta data, as escassas informações referentes a Alfredo Guisado em *El Tea* indicam, entendemos, um progressivo distanciamento do agrarismo (mas nunca uma ruptura) que cristalizaria já em 1922 na designação como Presidente Honorario da Sociedad de Pias (cfr. *El Tea*, 23/9/1922, p. 3).

207 Serão numerosos os textos guisadianos dedicados ao agrarista republicano Amado Garra. No espólio do político galego, figuram, segundo nos indicou amavelmente um funcionário da Biblioteca de Ponte-Áreas, um exemplar dedicado de *Elogio da Paisagem* e outro do primeiro número da revista *Orpheu*.

O meu Silêncio, a cabana  
Onde fico a meditar,  
E a Noite ao pé do Luar:  
Jesus e a Samaritana.

Durmo a sombra das papoilas.  
Bailando de lantejoilas  
Nos meus sentidos esguios...  
Vejo-me ao longe? Não sei...  
Sinto que nunca passei  
Diante de meus olhos frios.

II

Minha Alma, cruz que se inclina,  
Cigana do meu sofrer.  
Anda a ler a minha sina  
Nos caminhos do meu Ser.

Naus dentro em mim me demandam.  
Scismo palácios. Esmolo...  
Sinto que os espelhos andam  
Com os meus olhos ao colo.

Se me encosto nos meus dedos  
Eles contam-se segredos  
Na sua voz de marfim...

E o meu sonho é sombra de Alma,  
Paisagem na minha calma...  
Meu sonho, exílio de mim.

Apesar do transparente título e dos elementos a ele vinculados presentes no texto, este estava de facto nos antípodas em relação aos outros produtos literários publicados em *El Tea*. Como já foi indicado, o cerne das intervenções literárias de Alfredo Guisado produz-se entre 1912 e 1913; a partir desta data, coincidente com a aproximação guisadiana ao modernismo, as intervenções em *El Tea* estarão quase exclusivamente relacionadas com o seu envolvimento no agrarismo, ficando de lado os produtos literários guisadianos

na publicação agrarista. Assim, *El Tea* dá notícia dos livros publicados por Alfredo Guisado em Lisboa mas sempre na linha do texto já citado aquando da publicação de *Rimas da Noite e da Tristeza*<sup>208</sup>. Note-se, que o correspondente de *El Tea* em Lisboa dará notícia da tomada de posição do Grupo do *Orpheu*, sendo muito provavelmente uma das primeiras notícias sobre o assunto publicadas na Galiza. Em “Crónica de Lisboa. Revuelo literário. Los poetas de ‘Orpheu’”, Alejo Carrera, faz-se eco da reacção do campo cultural / literário português frente à revista *Orpheu*:

Innecesario se hará decir a nuestros lectores que la primera edición se está agotando, porque hoy no hay nadie que no desee leer la ya célebre revista Orpheu, tan raras, rarísimas, son las inspiraciones que la misma contiene [...] Los llamados paúlicos han aguantado sobre ellos la implacable metralla de la prensa cotidiana lisbonense. Algunos diarios llegaron a dar la palabra al doctor Julio de Mattos, versado en enfermedades mentales (*El Tea*, 9/04/1915, p. 2)<sup>209</sup>.

*El Tea* não era, com efeito, o órgão apropriado para intervenção modernista guisadiana, como tampouco o será *Vida Gallega*, apesar das tentativas de Alfredo Guisado<sup>210</sup>. A revista de Jaime Solá irá comentar dois dos textos que Alfredo Guisado envia à redacção da publicação galega. Sobre *Distância* dirá:

Joven el Sr. Guisado, tal vez en plena lectura de los modernismos transpirenáticos, muestra la influencia de la modalidad anteclásica en algunas de sus composiciones. Estos *atrevimien-*

208 *Distância* em 29/05/1914, p. 1 (vid. Anexos, XII); *Elogio da Paisagem* em 9/07/1915, p. 3; e *Mais Alto* em 7/09/1917, p. 3.

209 Alejo Carrera Muñoz já havia dado notícia nas páginas de *Vida Gallega* da presença dos modernistas em 1914: “Fernando Pessoa, Mario de Sá Carneiro, Antonio Ferro, Alfredo Pedro Guisado, Cortes Rodrigues, Augusto Cunha y algunos más, forman outro grupo de jóvenes poetas de la escuela moderna, propiamente dicha, y que ha causado gran revuelo en el grupo de los [del] Renacimiento” (Carrera, 1914). Antonio Sáez Delgado deu notícia doutros ecos de *Orpheu* na Galiza, evidenciando indirectamente o papel de Alfredo Guisado como intermediário necessário (cfr. Sáez, 1999: 91-95).

210 Alfredo Guisado envia também uma fotografia sua que é publicada no mesmo número de *Vida Gallega* onde é feita a crítica a *Distância* (vid. Anexos, XI). A fotografia é a mesma que envia a *El Tea* (vid. Anexos, XII).

tos métricos, que muchas veces dan con la clave de la elegancia y que llevan auras de alegre renovación al horizonte poético, son otras veces ilógicos y dislocados y ni renuevan con beneficio para las letras ni resuelven el problema onomatopéyco que casi siempre esconden detrás de su aparente inocencia.

[...]

Entre Mondariz y Puenteareas está el hogar de sus mayores. Esas umbrías y esos cielos y esas fontantas hablan con ritmos galicianos y sienten en la lengua de Rosalía. ¿No haría bien en *escribir para nosotros?* Podría ser un gran *poeta regional*, un gran *poeta nuestro*. Es doloroso que, teniendo nuestra sangre, pueda ser un gran *poeta extranjero* (*Vida Gallega*, 25/06/1914; itálicos nossos).

A posição contrária à importação portuguesa, nomeadamente à produção modernista, é patente, como aliás ficará mais evidente na crítica a *Elogio da Paisagem*:

Gran parte de la juventud literaria del vecino reino entró á roso y velloso por los campos del 'futurismo' y debe tenerse en cuenta esta influencia, la proximidad de esta nueva enfermedad literaria, para *disculpar* ciertos simbolismos del Sr. Guisado que obscurecen su producción

[...]

Esos '*futuristas*' no son elegantes, ni artistas, ni poetas, ni nada, Y los escritores que tienen sensibilidad y, sobre todo, buen sentido. deben huir hasta de su sombra. Por esto no nos cansaremos de pedir al Sr. Guisado que '*beba en su vaso*' –que es de buena medida- y no se deje infeccionar por la disparatada moda (*Vida Gallega*, 20/05/1916; itálicos nossos)<sup>211</sup>.

Elias Torres analisa, neste sentido, as tentativas, em grande medida frustradas, de intervenção guisadiana na Galiza, em *El Tea* e *Vida Gallega*:

não era aquele [*El Tea*], logicamente, o lugar mais adequado para o seu labor. Era, no entanto, e junto com *Vida Gallega*,

211 Mais recentemente, e na mesma linha de análise, Elias Torres afirma que Alfredo Guisado é, nesta altura, "expressão de uma das *oportunidades perdidas* na transferência de modelos portugueses à literatura galeguista" (Torres, 2010: 170; itálicos no original).

o único a que o poeta podia ter acesso. No panorama galego não havia revistas literárias estáveis, e o galeguismo não dispunha nesta altura de nenhuma suficientemente significativa para acolher uma produção literária como a sua com garantias de fortuna. Os seus poemas aparecem em destaque, mas não conseguem calhar noutros ambientes literários galegos. O seu livro *Distância* é vivamente elogiado, talvez mais por razões de amabilidade para com o colaborador que pelo tipo de linha poética utilizado (Torres, s/d: 33-34)<sup>212</sup>.

### 8.2.2.1. Um agrarista regionalista

Junto à manifesta vinculação ao agrarismo, nas tomadas de posição do produtor em foco neste período é possível apreciar, julgamos, uma proximidade ideológica para com o regionalismo galego da altura. Além da vontade expressa de introduzir os seus textos na publicação regionalista moderada *Vida Gallega*, Alfredo Guisado seguirá uma posição própria quando o "regionalismo" e o "españolismo" (cfr. *supra*) protagonizem desencontros no enclave lisboeta. Aquando da polémica sobre a independência de Juventud de Galicia a respeito de outras associações espanholas em 1913, Alfredo Guisado afirma em entrevista a *El Tea*:

"Juventud" debe ser independente de las otras, en la presente ocasión, puesto que la colonia no está educada para la fraternidad que entre unas y otras debiera existir. Debe de pensar menos en bailes y más em instruccion.

Sería de gran provecho para sus asociados que se realizaran conferencias científicas, sociológicas, literarias y artísticas, pues servirían de estímulo para levantar al gallego de la ignorancia y apatía en que vive.

Inquirido sobre o labor cultural da instituição da colónia galega responde:

Pues mira mientras se ocupa en recitar diálogos, monólogos y canzonetas, en su mayoría faltas de gracia y poco propias para

212 Mais recentemente, e na mesma linha de análise, Elias Torres afirma que Alfredo Guisado é, nesta altura, "expressão de uma das *oportunidades perdidas* na transferência de modelos portugueses à literatura galeguista" (Torres, 2010: 170; itálicos no original).

reuniones donde existen señoras, ¿por qué no dan a conocer las poesías de *Rosalía Castro*, *Curros Enriquez* y otras obras, gallegas, portuguesas y españolas?; y sobre todo que no fuesen escogidas al antojo de cada uno, sinó que fuese la Directiva quien las examinase antes de representarse. Como estas otras cosas que debieran existir y no existen (*El Tea*, 7/06/1913, p. 2; itálicos nossos)<sup>213</sup>.

Alguns meses mais tarde, sobre a mesma questão, Alfredo Guisado adoptará no seio de Juventud de Galicia uma postura claramente regionalista apesar da redacção confusa (e talvez interessada) de *El Tea*:

El Sr. Guisado (D. Alfredo) hace notar una gran incoherencia en los regionalistas, pues la bandera de la sociedad es la española y la lengua oficial la castellana, olvidando aquellos la que les sirvió de cuna, la que oyeron a sus padres: la gallega (*El Tea*, 1/11/1913, pp. 1-2).

Como agente do agrarismo as suas intervenções também parecem apontar para esta linha de actuação. Lembre-se a este respeito, o trabalho efectuado do produtor em foco com o objectivo de organizar as estruturas do agrarismo do enclave com base *regional*:

Compañeros: Aquí teneis los estatutos por los cuales la nueva Sociedad [...], 'Unión Agraria de Galicia' se ha de regir. Y, decimos de Galicia, saliendo fuera de nuestro mandato, porque tenemos la absoluta convicción de que acogereis de buen grado esta idea, ya que sería de un egoísmo sin nombre y de una deslealtad inmensa abandonar a las otras provincias de Galicia, uniéndonos nosotros solos, los de Pontevedra. Diríase entonces, que dentro de nuestra

<sup>213</sup> Os dois produtores centrais no emergente campo literário galego, graças ao empenho dos regionalistas, serão também mencionados por Alfredo Guisado num acto agrarista em Pias, segundo *El Tea*:

[Alfredo Guisado] Habla en portugués tan puro y con tal elegancia y facilidad que su discurso improvisado parecía una poesía admirablemente compuesta [...] Dedica un recuerdo a los padres del regionalismo literario gallego Rosalía y Curros ya al referirse a la obra social confesó que los esfuerzos por ellos hecho encontró un gran ambiente (*El Tea*, 29/10/1916, p. 3).

propia región admitíamos frontera y que nuestros compañeros de las otras provincias no sufrían como nosotros y nos se esforzaban, también, en conquistar el terreno que es de ellos y que una docena de mandones les usurpó [...] Somos revolucionarios [...] que [no] desean sangre [...]. Por eso comprendiendo que el mal que nos hiere a nosotros hiere a toda Galicia, resolvimos invitar a venir aquí a todos los gallegos, todos aquellos que amen a su tierra y que quieran verla redimida, fuerte, triunfante, libre, en fin, de ese bando de buitres, cuya sombra entristece y sofoca (*El Tea*, 7/05/1915, p. 2).

A citação, excerto do discurso do secretário da comissão (Alfredo Guisado) para a criação da Unión Agraria de Galicia, mostra como em Alfredo Guisado a referência metropolitana deve ser *regional*, isto é, a Galiza, superando assim as primeiras tentativas de articulação do agrarismo no enclave lisboeta com base, preferentemente, paroquial.

Por outra parte, e em relação à produção literária guisadiana, vários autores têm detectado a presença rosaliana em *Rimas da Noite e da Tristeza* (cfr., por exemplo, Lourenço, 2004: IX). Aliás o volume todo contém elementos que são expressão da forte vinculação à Galiza e ao enclave galego de Lisboa (cfr. Vidal, 1999: 14)<sup>214</sup>. O exemplo mais nítido da presença galega no volume focado é, como já notou Maria Aliete Galhoz (1995: 226-227) o poema "Duas terras" onde desenvolve literariamente a sua *dupla* identidade ou *dupla* origem:

[...]  
E assim lhe ouvi dizer, triste, a chorar:  
--"Adeus campos de trigo que ceifei,  
Sino da minha aldeia que escutei  
E tantas vezes, tantas, me embalou.  
Minha terra adorada, ó terra qu'rida,  
O' terra onde nasceram os meus pais,  
Eu te dirijo a minha despedida!"  
E fêz-me repetir triste também;

<sup>214</sup> Muitos dos poemas aparecem dedicados a galegos residentes na Galiza e no enclave lisboeta (cfr. *supra*).

-“O’ terra onde nasceram os meus pais,  
Eu te dirijo a minha despedida!”<sup>215</sup>

Porêm sentindo assim  
A Nostalgia rápida de ti,  
Não julgues que te quero como quero  
Ao lindo Portugal, onde nasci! (pp. 67-68).

Este texto aparece datado em “Lisboa, 1911”, no entanto, repare-se que Alfredo Guisado identifica o local de composição de muitos dos poemas deste livro em Mondariz, vila conhecida a nível internacional, como já foi indicado, graças ao Gran Hotel Balneario. Neste sentido, tudo parece indicar que a família Guisado, e, conseqüentemente Alfredo Guisado, participam activamente do ambiente do *balneário* e convivem com os *selectos* clientes do mesmo<sup>216</sup>. Esta é uma das mais que prováveis vias de contacto do jovem Alfredo Guisado com o regionalismo galego de que a família Peinador era uma inequívoca simpatizante (cfr. Camelo, 1996: 10)<sup>217</sup>.

215 Os ecos rosalianos na poetização do fenómeno migratório são evidentes neste fragmento.

216 Significativamente, como refere *La Temporada* (14/07/1918), Antonio Venancio Guisado figura como doador, com 10 pesetas, para o monumento que ainda hoje homenageia Enrique Peinador Vela em Mondariz-Balenário. António Venancio Guisado foi também um dos accionistas do malogrado projecto, acarinhado pela família Peinador, do eléctrico Mondariz-Vigo (cfr. *El Tea*, 15/11/1913, p. 3). Lembrese também que as duas famílias eram efectivamente vizinhas pois os Peinador tinham localizado o museu etnográfico já aludido numa quinta da sua propriedade em Pias. António Guisado, na entrevista concedida, afirma, neste sentido: “António Venancio Guisado [foi] grande amigo do Peinador” (António Guisado a CPJ).

217 Em *La Temporada* darão notícia de dois dos livros de Alfredo Guisado agradecendo o envio: *Distância* (7/05/1914) e *Elogio da Paisagem* (11/07/1915). Por outra parte, no meio do episódio extensamente relatado sobre a *origem* galega do heterónimo pessoano Alberto Caeiro (cfr., por exemplo, Lourenço, 2004: XV) em que Alfredo Guisado colabora para fazer crer a António Ferro a tal origem, fornecendo papel timbrado do Ateneo de Vigo por intermédio de Amado Garra (cfr. Fernández, 1988) e numa encação epistolar remetida a F. Pessoa cita, como se pode ler a seguir, o proprietário do estabelecimento termal, o qual indica uma relação de proximidade entre este e o produtor em foco, de que eram conhecedores os membros do grupo de Lisboa:

Estive ontem uns momentos em Mondariz conversando com o *Romão Peinador*. E no parque apareceu também aquêle indivíduo que se chama não sei quê Caeiro e que já por cartas e por mais duma vez, em Lisboa, lhe falei dêle. Estivemos falando um pouco. É um indivíduo deveras esquisito (Carta a Fernando Pessoa, 1/10/1914: BN. EIII 115<sup>2</sup>: 66-68; itálicos nossos).

### 8.2.3. Alfredo Guisado agente do nacionalismo galego (1919-1921)

Se no período que vai de 1913 até 1918 a trajectória guisadiana está efectivamente marcada pela sua vinculação ao agrarismo e pela proximidade manifesta dos postulados do regionalismo galego, a partir de 1919 a irrupção na Galiza e, conseqüentemente, nos enclaves da diáspora, do nacionalismo das Irmandades da Fala, irá implicar novas tomadas de posição do produtor em foco.

A primeira tomada de posição guisadiana neste sentido produz-se no âmbito das polémicas surgidas em Juventud de Galicia, nos primeiros meses de 1919, provocadas pelo grupo “autonomista” (cfr. *supra*). Sob o título “Autonomia da Galiza”, *O Século* dá notícia da Assembleia geral de Juventud de Galicia onde ós membros da “Comissão de Propaganda de Autonomia Regional da Galiza”, entre os quais Alfredo Guisado, exporão o seu programa no seio do centro da colónia galega (*O Século*, 30/03/1919, p. 2)<sup>218</sup>. Verifica-se, portanto, como o produtor em foco logo se associa à primeira iniciativa dos galeguistas no enclave lisboeta de que temos conhecimento, mostrando por sua vez, como o agrarismo e os agraristas serão de facto uma das vias de expansão (desejada) daqueles.

Outras das iniciativas à que se juntará será a participação na Comissão que tem por objecto a fundação do “Banco Galicia-Portugal” desde Juventud de Galicia (*O Século*, 14/04/1919, p. 2). A consagração de Juventud como instituição filo-nacionalista do enclave terá lugar pouco tempo depois com a realização de várias conferências organizadas pela citada Comissão Pró-Autonomia (assim designada nas páginas de *El Tea*). Alfredo

Impõta salientar também a importância, relativa em todo o caso, deste episódio, pois significa de certo modo a inclusão da Galiza na trajectória pessoana (junto doutros textos), com Alfredo Guisado como intermediário obrigatório (cfr. Fontela, 1987: 21 e ss.).

218 Da reunião em Juventud de Galicia saiu convocatória a um jantar de homenagem a Claudio Villanueva, Presidente desta instituição do enclave e da Comissão de Propaganda. Alfredo Guisado estará activamente presente no acto, segundo o correspondente de *El Tea* em Lisboa:

el culto e inteligente quintanista de derecho D. APG, quien conmovidamente y con la elocuencia que posee, dijo hablar una alma gallega por labios de un portugués, puesto que, si bien su naturalidad es lusitana, fue concebido y arrullado por seres genuinamente gallegos (*El Tea*, 23/04/1919, p. 2).

Guisado aparece como um dos conferencistas sob o título “Literatura Gallega”, segundo *El Tea* (13/06/1919, p. 2)<sup>219</sup>. No mesmo número da publicação agrarista aparece a primeira notícia de *Xente d'a Aldea*:

“Xente d'aldea”

Así se titula un precioso libro de versos, escrito en gallego por nuestro amigo el insigne poeta Alfredo P. Guisado. La sangre gallega, por doquier que esparza sus girones, da muestras evidentes de su incomparable ternura (*El Tea*, 13/06/1919, p. 2).

Note-se que poucos meses depois, aparecerá em *A Nosa Terra* igualmente notícia do poemário guisadiano, muito provavelmente graças a Castelao, autor do desenho da capa com data de 1919. A nota de *A Nosa Terra*, porém, expressa-se noutros termos, se comparada com *El Tea*:

Do libro “Xente da Aldea” proisimo a publicare-se en Lisboa, e que levará unha portada do xenial caricaturista gallego Castelao. Alfredo P. Guisado, é un estudante de Lisboa *entusiasta nazonalista* que ainda non ten os 20 anos. Ten conqueridos moitos trunfos e está sendo moi gabado pol-o Director do Museo de Lisboa o Dr. Figueiredo (*A Nosa Terra*, 25/09/1919, p. 2; itálicos nossos).

No mesmo número da publicação nacionalista, aparece um poema mais tarde recolhido em *Xente*, “El y Ela”, que como indicam em *A Nosa Terra* está directamente relacionado com a seguinte iniciativa da colónia à que se associará Alfredo Guisado. Como membro da Comissão criada para o efeito, A. Guisado participa activamente na subscrição que os galegos de

219 As outras conferências serão, segundo *O Século*: por Alejo Carrera “La colónia galega y el problema de autonomia de Galicia” e de Ramiro Vidal Carrera “Alma galega” (*O Século*, 4/05/1919, p. 4).

Apesar das pesquisas realizadas não temos dados que testemunhem que a conferência foi realmente realizada. *El Tea* nada refere sobre o assunto além de informar que estaria agendada para o dia 1/07/1919. *O Século*, jornal generalista que acompanhou de perto as actividades da colónia galega neste período, não sairá à rua devido a uma greve dos tipógrafos justamente por altura da data prevista da conferência.

Lisboa abrem para apoiar os mutilados de guerra portugueses (*El Tea*, 23/05/1919, p. 3)<sup>220</sup>.

A seguinte tomada de posição é inequívoca quanto ao caminho que seguirá Alfredo Guisado:

*Meu caro Antonio Ferro*

*Hás-de perdoarme a maçada que te vou dar roubando-te algum tempo com a leitura desta carta. Mas como tenbo certeza que vais acolher com simpatía o que te vou escrever, resolvi abusar um pouco da tua boa amizade. Trata-se duma ideia levantada na Galiza para a construção na martirizada Flandres, duma Aldeia Galega. O Diario de Noticias, num telegrama anunciando-a, publicou os nomes dos que a vão erguer com a ajuda de todos os galegos, mesmo aqueles que vivem longe da sua terra, -grito duma Raça esquecida e dum povo espesinhado. Entre os nomes que formam a Comissão que vai dar forma a essa linda ideia, que só de corações amigos da sua Terra poderia sair, conta-se o do grande pintor galego Rodriguez Castelao, aquele que tanto tem contribuído para o engrandecimento da Galiza e que com o seu lapis que é uma lança, tem guerreado sem treguas, aqueles que arrastam um Povo que, adormecido durante seculos, começa agora a erguer-se bem alto e a dizer ao mundo o que vale.*

*Rodriguez Castelao, quando desenha, desenha com a Alma, e é bem aquele pintor que ainda há dias numa carta que me enviou, escrita em galego, se definia assim: -“Eu son o dibuxante-lobo, home que non ten a luz d'a esperanza diante nin detrás, senon enriba d'a sua casa.”*

*A Colónia Galega de Lisboa, está disposta a apoiar essa iniciativa e ainda bontem na sociedade “Juventud de Galicia”, que se dissolveu para depois se formar um grande Centro, aprovou um voto de louvor a essa Comissão e resolveu telegrafar-lhe colocando-se incondicionalmente a seu lado.*

220 O artigo de *El Tea* onde se refere a iniciativa do enclave lisboeta está, significativamente, redigido em galego. A iniciativa teria, aparentemente, sucesso, pois *O Século* poucos meses depois noticiará como a Comissão faz entrega do dinheiro angariado ao Presidente da República (*O Século*, 1/08/19, p. 2).

Noutra linha de análise, é de referir que José António Fernandes Camelo situa na participação de Alfredo Guisado nesta iniciativa o começo da sua vinculação ao nacionalismo metropolitano (cfr. Camelo, 1985: 191).

O Diário de Notícias *anunciou a ideia mas não mais falou nesse assunto.*

*E a Colónia que elegera ontem a Comissão de Propaganda da Galiza, está disposta custe o que custar, erguer em alto voo o nome daquela Terra que a indolência de séculos sepultou.*

*Quererás tu, no teu Jornal, dizer duas palavras em favor daquela pobre Galiza de quem ninguém fala, de quem todos se riem e que foi a Pátria de Rosalia Castro e de Curros Enríquez?"*

*Teu amigo e admirador*

*Pedro de Menezes (O Jornal, 3/12/1919, p. 1).*

Nesta carta publicada n' *O Jornal* e dirigida a António Ferro<sup>221</sup>, interessa aqui notar que o produtor em foco tem um contacto efectivo com um dos agentes principais do emergente nacionalismo, Castelao<sup>222</sup>, e, principalmente, que a função desempenhada neste caso é a de difusor das iniciativas dos nacionalistas metropolitanos não apenas no enclave lisboeta como vinha fazendo, mas em Portugal no seu conjunto, ainda que mais especificamente em Lisboa.

Já no ano a seguir, 1920, em extensa entrevista em *A Pátria*, sob o título "As relações luso-galaicas", sem deixar de ser referir ao movimento agrarista, Alfredo Guisado (na altura com 29 anos), focando o problema da emigração, refere sobre os galegos em Portugal:

—Portugal [...] porque os acolhe com carinho, porque os abraça como se seus filhos fossem, e ainda porque encontram no povo português um povo irmão que os compreende nas suas dores e nas suas alegrias, é o país que preferem para ganhar a sua vida, longe da sua terra. É que na alma galega há qualquer

221 Este era na altura, segundo consta da capa de *O Jornal*, "Redactor principal" do mesmo.

222 Note-se que a capa de *Xente d'a Aldea* (livro dedicado expressivamente a Castelao) é composta por um desenho de Castelao datado em 1919. Este desenho era, em 1988, propriedade do empresário Manuel Boullosa que, segundo ele próprio, tinha comprado a um alfarrabista de Ponte-Vedra (cfr. Boullosa, 1988: 16). O rumo seguido pelo espólio guisadiano, como se vê, é bastante incerto.

Por outra parte, é pertinente apontar a posição central que ocupou Portugal na produção ideológica de Castelao, referente consensual e / ou consensuado do nacionalismo galego até à actualidade (cfr. Varela, 2000).

coisa da alma portuguesa, *a mesma sentimentalidade, a mesma religiosa saudade pela sua pátria, a mesma infinita ternura.*

Assim os interesses harmonizam-se e a sorte de Portugal é para os galegos como a sua própria.

É que entre portugueses e galegos só um obstáculo se levanta: o rio Minho, que dilue na intranquila caminhada das suas águas as canções de ambos os povos, repassadas do mesmo sentimento (itálicos nossos).

Continua sob o epígrafe "O movimento intelectual galego – Um pouco de historia":

A literatura galega, que na antiguidade foi grande, exercendo influencia na literatura castelhana na opinião do ilustre escritor Carré Aldao, secretario da Academia Gallega, decaiu quando a Galiza perdeu a sua independência e um jugo de ferro pesou sobre ela. Foi-se assim arrastando no silencio dos séculos, apenas sustentada pelo povo nas suas canções de saudade. Os grandes poetas e prosadores começaram a escrever em castelhano e assim se foram confundindo, perdendo-se ao acaso na literatura espanhola."

Até que Curros Enríquez e Rosalia Castro, dois verdadeiros genios; ele, o poeta combativo, transformando a sua pena em espada, os seus versos em lanças, o seu talento numa entusiástica defeza da sua terra; ela, a poetisa-alma santa para quem a propria paisagem era reza e o sofrimento: ele, a voz da sua *Raça*, ela a *Alma* do seu povo, conseguiram, um gritando liberdade nos seus belos versos de revoltado, outro resando nas suas poesias a ternura da mulher galega –oração dos oprimidos- a um sol que adivinhava dias melhores– conseguiram, ia dizendo, erguer de novo do seu leito de moribunda a literatura galega. E desde eles toda uma plêiade de poetas, de prosadores, de humoristas, de jornalistas, se tem esforçado em levar esta literatura á perfeição a que hoje já chegou. E entre essas individualidades, devemos destacar Vitoriano Taibo e Ramon Cabanillas ("As relações luso-galaicas" in *A Pátria*, 7/06/1920).

Destaca-se o facto de o produtor em foco se apropriar do discurso nacionalista e como, significativamente, ao lado dos

produtores centrais no proto-sistema literário galego, Rosalia de Castro e Curros Enríquez, começan a aparecer mais nomes, todos eles ligados ao galeguismo metropolitano<sup>223</sup>. Nas declarações de Alfredo Guisado também é notória a presença de elementos repertoriais caros a Teixeira de Pascoaes (“saudade”, “Raça”, “Alma”), já nesta altura em contacto com os nacionalistas galegos (cfr. Torres, 2008).

Nesse mesmo ano publica novamente o poema “El y Ela” de *Xente d’a Aldea* em Portugal; concretamente na *Atlântida*, revista que se notabilizará nesta altura ao acolher nas suas páginas intervenções dos nacionalistas galegos<sup>224</sup>. Em “El y Ela”, são utilizados, em parte, os vínculos galego-portugueses, como veremos, que os nacionalistas galegos e alguns grupos nacionalistas portugueses estavam interessados em afirmar (*vid.* Biblio.).

A consagração de Alfredo Guisado como agente difusor do nacionalismo galego em Portugal e activo vitalizador das relações no âmbito do sistema interliterário galego-português teria lugar em 1921. Nesse ano, além de publicar *Xente d’a Aldea* e um conto em galego em *El Tea*, que analisaremos no capítulo seguinte, a tomada de posição do produtor em foco perante a organização de uns “Jogos florais galego-portugueses” é extremamente clarificadora do percurso guisadiano. O porta-voz das Irmandades da Fala, *A Nosa Terra*, publica uma carta sobre o assunto de Alfredo Guisado sob o título “Galiza e Portugal”:

No Porto, tencionase facer por un grupo de intelectuais portugueses unhos jogos floraes luso-galaicos, como já temos falado.

Pois agora tencionan que se fagan outros en Lisboa un jornal d’aquela urbe.

Y-o noso distinto amigo e *irmán* na cibdá lisboense Alfredo Pedro Guisado, refiríndose a isto nos di o seguinte:

223 As contínuas referências guisadianas a Rosalia de Castro deveran contribuir consideravelmente para o conhecimento que em Portugal havia sobre a produtora galega.

224 A relação entre os nacionalistas e a *Atlântida* teve a sua origem, segundo Ramón Piñeiro, na viagem que o arqueólogo e historiador de arte José de Figueiredo, director do Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa, na altura, fez à Galiza; segundo Piñeiro, “Nas suas pescudas, tomou contacto con Castelao e fixeron amizade. Como resultado desta relación, non tarclaron en aparecer na *Atlântida* de Lisboa colaboracións de Castelao, de Vicente Risco e de Ramón Cabanillas” (Piñeiro, 1982: 327). A notícia de *Xente em A Nosa Terra* do ano anterior (1919) parece confirmar esta afirmação (cfr. *supra*).

“Diario de Lisboa” levantou a ideia de se faceren n’esta capital, unhos jogos floraes luso-galaicos. Chamáronme e dixéronme que, como eu escrebo galego e son pol-o corazón galego tamén porque sonno meu pais, me dirixise na Galiza a aqueles que visen con bos ollos a ideia.

Como as “Irmandades da Fala” resulturou a *única luz acesa* no curazón da nosa Terra, a *elas m’entrego* co’a certeza de que hei ser ben acollido. Fai tempo que eiquí unha Comisión da que eu fago parte, ten erguido o nome da escravizada Pátria de Rosalía i-os portugueses teñen recibido con amor a nosa propaganda.

Agora percísase que esta Comisión esteña sempre en estreita intelixencia coas “Irmandades da Fala” para que a propaganda resulte mais compreta.

Non se esquezan de me mandaren dicir algo o mais agiña posibel, porque o jornal de que teño falado, quer celebrar aqués Jogos floraes no Outono.

Voso amigo e *correligionario* lial (*A Nosa Terra*, 15/05/1921, p. 7; itálicos nossos)<sup>225</sup>.

A resposta das Irmandades da Fala “não se fez esperar”. 5 dias mais tarde, Alfredo Guisado intervém com um extenso artigo no *Diário de Lisboa* dando notícia da reacção dos nacionalistas:

Há dias, o *Diário de Lisboa* levantou a ideia da celebração nesta cidade duns jogos florais luzo-galaicos, e imediatamente me dirigi, por carta, a António Vilar Poente, o ilustre Presidente do Conselho Permanente das “Irmandades da Fala”, os agrupamentos nacionalistas galegos, onde os intelectuais predominam, a fim de conseguir saber como seria recebida a noticia. A resposta não se fez esperar. Vilar Ponte respondeu entusiasmado, dizendo ter enchido de alegria a boa nova o coração dos nacionalistas e que ajudarão em tudo e por tudo a ideia.

225 Note-se que a carta aparece transcrita na variedade linguística em uso na Galiza.

Pouco depois, *A Nosa Terra* confirma o *Diário de Lisboa* como jornal *amigo*:

“Diário de Lisboa” traballa pol-a independenza espiritoal i-económica, da Lusitania groriosa. Traballa tamén pol-a imposición d’un estado d’orden, libertade e democracia no seu país.

Quanto à Galiza, como pobo afin à raza portuguesa, convidaa a unha estreita aliança d’amore. E pensa por iso na organización d’unhos Jogos Floraes luso-callaicos.

[...] “Diário de Lisboa” moito porã ajudar à causa da redención da nosa Terra do xugo castelão (*A Nosa Terra*, 15/06/1921, p. 6).

Que contassem com eles! E entre eles estão os grandes Poetas da Galiza moderna: Ramón Cabanillas, por exemplo, que é um grito de revolta, um golpe de vento a sacudir a sua terra, a agitá-la, a animá-la (“Jogos florais galego-portugueses” in *Diário de Lisboa*, 20/05/1921, p. 3).

No artigo guisadiano publicado no *Diário de Lisboa* (em Portugal, repare-se) aparecem citadas explicitamente as Irmandades da Fala e um dos seus agentes mais activos e interessado no contacto português, Antón Villar Ponte<sup>226</sup>. Este, na sua carta, citada por Alfredo Guisado, lança a ideia da realização de um “somana lusitana” na Corunha, apoiada por Alfredo Guisado (*vid. Anexos*, V). No artigo sobressai ainda o aumento considerável de nomes de agentes do nacionalismo metropolitano, a identificação da *literatura* galega como “literatura-saudade”<sup>227</sup> e as referências à Catalunha. Com efeito, em 1921 o nacionalismo catalão, demonstrando a sua vitalidade, consegue realizar uma exposição de arte catalã em Lisboa, como noticiou *A Democracia*<sup>228</sup>, o qual não passará despercebido aos nacionalistas galegos<sup>229</sup>. Pouco

226 Alfredo Guisado encerra o seu artigo com uma eloquente citação de Villar Ponte: “A alianza espiritual estreita, base de toda-las mais alianzas entre a Galiza y o Portugal, asin ficaria feita”. O texto completo está recolhido em *Anexos* V.

José António Fernandes Camelo cita outras declarações de Alfredo Guisado na mesma linha, no jornal *Imprensa de Lisboa* (12/03/1921):

Eu, como sabe sou português, mas tenho por essa terra e por essa causa, uma simpatia imensa, porque meus pais são galegos e porque me coloco sempre ao lado daqueles que sofrem e querem ser libertados. A Galiza dormia sob o jugo de uma noite de séculos que a cegava e não a deixava avançar. Um dia, os intelectuais ergueram-se e fundaram as ‘Irmandade da Fala’, bradaram a liberdade e acenderam no alto das serras da Galiza a lâmpada sagrada do patriotismo (...) o movimento agrário galego é um movimento-alma que há-de vencer (...) ainda há meses me dizia o grande pintor galego Rodriguez Castelao “ei qui erguem-se donde fai pouco tempo un ventuño que ben pudera rematar en trebonada. Xá somos moitos a berrar co'o puño pechado car'a hestoria d'Hespaña”. Eu fucho d'os triunfos de Madrid e somente son feliz na miña terra” (Alfredo Guisado *apud* Camelo, 1985: 193-194).

227 Lembre-se a este respeito, o interesse mostrado pelos nacionalistas pela *saudade* portuguesa como um elemento repertorial objecto de importação e largamente convocado (cfr. *supra*).

228 “Portugal-Catalunha. Uma exposição d'arte catalao em Lisboa” in *A Democracia*, 17/06/1921. Por outra parte, este jornal, já citado, “Diário do Partido Republicano Português” assim subtintulado, era para A. Guisado, dada a sua posição no campo político, um órgão perfeitamente acessível.

229 Sob o título “Portugal e Galiza”, desde a *A Nosa Terra* não resistem à comparação: Depois da Exposición d'arte catalán en Lisboa que se ven efeutuando, a d'arte galega no Porto ha servir para probarmos a todos a forza da nosa personalidade nazional.

tempo depois, Alfredo Guisado intervirá nas páginas deste jornal insistindo na ideia do evento galego-português:

Os jogos florais, luso-galaicos serão o início. Depois a literatura galega entrará em Portugal do mesmo modo que a literatura portuguesa na Galiza, como se fosse duma mesma terra e dum mesmo povo, como se a mesma sensibilidade e o mesmo coração os animasse, como se dois amigos de ha muito afastados viessem de novo encontrar-se no caminho da vida, recordando o passado e erguendo luz e esperança no futuro (“Jogos florais luso-galaicos” in *A Democracia*, 12/08/1921, p. 1; *vid. Anexos*, VIII).

No artigo guisadiano é citado com destaque Eugenio Carré Aldao, nacionalista da Corunha<sup>230</sup>, com quem mantém contacto epistolar, e que explica, em parte, a seguinte tomada de posição deste no número 3 da *Seara Nova*. Sob o título “Portugal e Galicia”, afirma Carré Aldao:

Chega á min a demanda de un bon e moi preciado amigo e confrade nas letras, para que lle eu envie algunhas impresiós sobor da actual vida literaria da Galiciae do seu xeito de apreciar e entender certas cousas, e nada millor nin que mais me poda afagar que honrosa encomenda que se ven á me dispensar pedindome a miña cativa colaboración para a estimabre revista Seara nova que comenza a se empratate en Lisboa. Moitas, e moi compridas, gracias teño de lle tributar ao meu estimado amigo, o terno e sentimental poeta lusitán, *Alfredo Pedro Guisado*, por se tere lembrado de min para este obxecto, pois elo ha de me *permitir* de cando en vez, que *eu fale de Galicia en Portugal*, pois que tan estreitos lazos de parentesco ten co a nosa amada terra galega, podendo se decir que

Porque as artes galegas, especialmente a pitórica ceais como nova que é, oférce-se pura sin influencias exóticas, ao contrario das da Cataluña. Estas, según a crítica portuguesa, amóstranse moito “parisinizadas” (*A Nosa Terra*, 30/11/1921, p. 2).

230 Eugénio Carré Aldao (1859-1932) foi um agente destacado do regionalismo e do nacionalismo galegos adscrito ao grupo da Corunha chefiado por Manuel Murguía. Foi membro fundador da Real Academia Gallega e um notável investigador de vários aspectos relativos à cultura galega (cfr. Vilavedra, 1995: s. v. “Carré Aldao, Euxenio”).

entrambos á dous son unho mesmo, pol-a-raza, lengoa, literatura e historia (Carré, 1921; itálicos nossos)<sup>231</sup>.

A citação, entendemos, é suficientemente esclarecedora da função que Alfredo Guisado exercerá de difusor do programa ideológico do nacionalismo galego em Portugal, referente de reintegração do movimento político galego, concretamente na *Seara Nova* (de curta duração neste caso)<sup>232</sup> (cfr. Ledo, 1987: 283) e noutros meios de comunicação, como já se viu. O próprio Alfredo Guisado, já no número 6, intervém nesta revista, com o artigo “Galiza e Portugal” onde, referindo o exemplo catalão, persevera na realização do acto conjunto entre galegos e portugueses em concordância com o postulado pelos nacionalistas:

Há pouco, Catalunha, quis dar a conhecer a Lisboa a sua Arte, a sua gente, a sua Alma. Todos falavam em Catalunhya porque a sua voz, não sei se por mais vibrante, se porque nunca lha suforcaram tanto como a de sua irmã Galiza, conseguira fazer-se ouvir desde o seu cárcer-Espanha até além fronteiras, mas ninguém falava nem ainda fala na velha Galiza, - desventurada e tristonha – ou se nela falam é para a criticar com uma severidade ignorante e maldosa. É necessário que essa idea que a maioria do povo de Lisboa e até de Portugal tem sôbre esse país tão nosso irmão pela Raça, acabe e que se dê a conhecer tal êle é, em todas as manifestações da sua Arte. É necessário que uma exposição de Arte galega se faça em Lisboa, é preciso que ao

231 Inaugura com este artigo Carré Aldao (que publicará mais outro, “O lusitanismo em Galicia. No aspecto literario” no nº 12), uma fértil colaboração de agentes galegos na revista dos seareiros, atingindo o ponto álgido no número dedicado à Galiza (nº 425, 7/02/1935) (cfr. Ledo, 1987 e Souto, 1986).

232 No primeiro número da revista, dando ampla notícia da edição espanhola *Los Pobres* de Raúl Brandão, Câmara Reys afirma:

A edição madrilena de OS POBRES iniciará, em Espanha e na América latina, a aproximação intelectual que a *Seara Nova* preconiza e para que conta, desde já, com a acção, entre outros, dos seus redactores e colaboradores Alfredo Pedro Guisado, António Sérgio, Aquilino Ribeiro, Augusto Casimiro, Dr. Faria de Vasconcelos e Dr. Joaquim de Carvalho (Reys, 1921; sublinhados nossos).

Do texto de Câmara Reys parece desprender-se a *função* atribuída a A. Guisado no projecto seareiro: elo de ligação entre a Galiza e Portugal. Por outra parte, A. Guisado, pelo até aqui visto, apenas poderia significar-se na *aproximação intelectual* à Galiza; dificilmente com outros espaços culturais do Estado Espanhol.

lado dos seus escultores e dos seus pintores, venham os seus poetas e falem e digam o que sentem: - a sua imensa amizade por Portugal, a sua infinita fé no triunfo da sua terra! (“Galiza e Portugal” in *Seara Nova*, 14/1/1922, p. 148; *vid.* Anexos, IX).

### 8.2.3.1. A Produção literária galega de Alfredo Guisado

A presença rosaliana em *Rimas da Noite e da Tristeza* e do poema de temática agrarista, já analisados, em certo sentido pre-ludiam a produção literária do produtor em foco a partir de 1919, quando vai adquirir de facto um novo rumo, apenas explicável, pelo até aqui visto, no âmbito da sua vinculação com o nacionalismo galego. Com efeito, a nova tomada de posição, rascunhada mais acima, vai implicar, para já, a utilização de um novo repertório em que as temáticas e mesmo a língua vão diferenciar-se nitidamente da anterior produção literária guisadiana.

Já em 1919, ano em que Alfredo Guisado começa a aproximar-se do nacionalismo galego, publica por primeira vez, segundo a informação manejada, o poema “El y Ela”; mais tarde incluído em *Xente d'a Aldea* (1921), produto literário referido antecipadamente em Julho desse mesmo ano em *El Tea* e em *A Nosa Terra* (cfr. *supra*)<sup>233</sup>. É sumamente expressivo o facto de o primeiro texto escrito em galego por Alfredo Guisado aparecer no porta-voz dos nacionalistas galegos, *A Nosa Terra*, incorporando uma das iniciativas dos galeguistas do enclave:

O Río Miño é un cura  
Sin iglesia e sin misal,  
Casar Galicia procura  
Con un nóvio: - Portugal.  
[...]  
El é un mozo valente.  
Andou anos po-las guerras,  
Abriu mares, troyo terras,  
Y-o corazón sempre à frente.  
[...]  
E mentres el pelexava,  
Pra que volvese pedia:

233 Em 1920 tinha sido anunciado também em *A Lenda do Rei Boneco*.

- Rezava cando el perdía,  
Cando el vencía, cantava.  
E cando agora volveu  
Arrimadiñ'a un bastón,  
Sentiuno n'ó corazón,  
Deulle algo d'o que era seu (p. 233-324)<sup>234</sup>.

É evidente no texto, a par de significar uma novidade, a introdução no repertório guisadiano do acontecimento protagonizado pela colónia galega aquando da subscrição aberta para ajudar os mutilados portugueses na I Guerra. Por outro lado, a tematização dos vínculos galego-portugueses numa *relação amorosa* entre a Galiza (a *noiva*) e Portugal (o *noivo*) presente no poema, sem ser uma novidade, é expressiva de uma das possíveis explicitações repertoriais da aproximação galaico-portuguesa desejada por alguns grupos e agentes da Galiza e Portugal<sup>235</sup>. Estes elementos repertoriais estarão presentes, com algumas alterações, no poema "A Voz de Galicia" publicado por primeira vez na Galiza em *El Tea*, no mesmo número que este notícia a homenagem da colónia galega ao soldado desconhecido em Lisboa (*El Tea*, 23/04/1921, 2)<sup>236</sup>.

#### A Voz de Galicia

Choray, meus ollos, choray.  
Portugal, meu hirmanziño,  
A Soedade é nosa nay,  
Nosos berce, o rio Miño.

234 Esta citação, e as seguintes de *Xente*, têm origem na reedição do poemário incluída em *Alfredo Guisado. Cidadão de Lisboa (vid. Biblio.)* indicando-se no corpo do texto apenas o número de página.

235 Eloísa Álvarez, ao analisar *Xente*, refere o "sentimento de irmandade" para ilustrar esta tomada de posição de Alfredo Guisado, afirmando: "Motivo quase recorrente na lírica de inícios do século na literatura portuguesa, explorado também por João Verde" (Álvarez, 2002: 202). Com efeito, João Verde, pseudónimo de José Valle, notabiliza-se, nos primeiros anos do século passado, desde o jornal por ele dirigido *O Regional* ou no seu livro *Ares da Raya* (impresso em Vigo em 1902), como "mediador decisivo" na vulgarização da *literatura* galeguista nos meios minhotos (Torres, 2010: 166).

236 Em Portugal já havia sido publicado em *A Pátria* (10/04/1921?), segundo indica Ruy de Veras em artigo onde refere a nova tomada de posição do produtor em foco, que será analisado mais abaixo.

Viñemos ô mundo xuntos,  
Co'o mesmo céo nos vestimos,  
Andamos sempre xuntos,  
Que xuntos sempre sentimos.

Hirmán, cuberto de brillos,  
Qu'os teus mortos acariñas,  
Os teus fillos son meus fillos,  
Y-as tuas doores son miñas.

Choras e cantas, ben sei:  
- Choras porque eles morreron,  
Cantas porque eles venceron,  
Y-eu tamén choro e cantei.  
[...]

Deixa que acend'a memória  
De teus fillos, esta cruz.  
¡Quero dar luz a esa grória  
Qu'encheu teu sangue de luz! (p. 222).

O poema guisadiano parece mesmo elaborado para a homenagem galega ao soldado desconhecido (português) em Lisboa. Repare-se como nesta ocasião a *relação* entre a Galiza e Portugal é de parentesco: são dois *irmãos* que têm um percurso paralelo (cfr. segunda estrofe). Mais uma vez, deste modo, o relacionamento galaico-português é um elemento repertorial central.

Ora, importa aqui salientar, em função dos dados manejados, como esta tomada de posição de Alfredo Guisado vai activar no campo literário português a presença da Galiza e de referências de agentes do galeguismo:

E diga-se, a sua música é perfeita, e eu tive ao lê-las a mesma sensação de ternura e de singeleza que ao lêr os *Cantares* da Rosalia. Eu tenho um culto do fundo da alma pela literatura gallega. A antologia de Eugenio Carré Aldao é um dos meus livros de cabeceira. Os *Cantares* da Rosalia de Castro, introduzidos aqui – pode-se afirmar – pela sr<sup>a</sup> D. Amelia Rey Colaço, são o refrigerio, o balsamo, a paz, depois de semanas de outras poesias mais arroubantes, mais exaustivas, que nos

prostam pro excessos de imaginação, de sonho (Veras, 1921; *vid.* Anexos, IV).

O artigo de Ruy de Veras nas páginas do *Correio da Manhã* é um testemunho esclarecedor de como são *lidos* estes produtos guisadianos: estes contribuem para colocar no campo literário português a Galiza no sentido que preconizam os agentes e grupos galegos e portugueses interessados no relacionamento galego-português<sup>237</sup>. Cabe ainda referir um incidente que Armando Lúcio Vidal refere como mais uma intervenção pró-galeguista de Alfredo Guisado (cfr. Vidal, 1984: 36-37). O episódio que teve lugar nas páginas do *Diário de Lisboa* (cfr. *supra*), referido por Lúcio Vidal surge a partir de umas palavras de Tomás Ribeiro Colaço (“o cansaço fatal de um cidadão de Tuy”<sup>238</sup>). Após o verso *infeliz*, três dias depois, o próprio autor teria de rectificar com o artigo “Pontos nos ii...” fazendo questão de declarar “Galiza ! Portugal ! Duas encostas de vinhedo que a divisão política separa” e “Hoje em dia, cidadãos de Tuy são todos os que lutam afincadamente [...] Cidadão de Tuy... Sou eu” (Colaço, 1921b). Expressivamente, a 10/05/1921 Alfredo Guisado publica “¡Galícia!” (“D’o livro que vai sair: *Xente d’a Aldea*”) e passados poucos dias, pode-se ler na capa do citado jornal: “Recebemos ‘A nossa Terra’, idearium da ‘Irmandade da Fala’ na Galiza e nas colonias de America e Portugal de cuja propaganda inteligente nos ocuparemos brevemente” (*Diário de Lisboa*, 30/05/1921, p. 1)<sup>239</sup>.

237 A presença no artigo de Ruy de Veras de, por exemplo Valle-Inclán, denota, entendemos, como por esta altura em Portugal muitas das tomadas de posição a respeito da Galiza não contavam (nem podiam, achamos) com um conhecimento mais aprofundado de quais eram os agentes e os grupos directamente envolvidos no proto-sistema literário galego e, por sua vez, interessados no relacionamento galai-co-português (*vid.* Anexos, IV). Por outra parte, importa referir, como tinha feito *A Nosa Terra*, a relação que Ruy de Veras estabelece entre a produção guisadiana aqui citada e as iniciativas da colónia galega. É particularmente interessante este extremo, pois no futuro “El y Ela” e “A Voz de Galícia” serão *lidos* apenas como expressão dos vínculos galego-portugueses, implicando, consciente ou inconscientemente, o apagamento das actividades do enclave.

238 O verso aparece na secção “Chá das Cinco” sob o título “Mocidade...”, onde Tomás Ribeiro Colaço ironiza sobre personagens e factos da vida portuguesa (cfr. Colaço, 1921a).

239 No mês de Novembro, em entrevista ao *Diário de Lisboa*, o artista Jorge Barradas afirma sentir-se atraído pela Galiza e gostar do trabalho de Castelao: “O que me

¡Galícia!

Galícia, miña hirmán e miña santa,  
Luna pousada sobr’as mans d’a Door,  
Xardim que foy vestido pr’un-ha infanta  
Y-onde Dios vive transformado en fror.  
[...]

Ela está prisioneira n-un-ha torre  
Xunt’as ondas d’o mar – tristes son elas-  
Y-alá vive, probiña, y-alá morre...  
[...]

E d’os montes, d’as veigas, d’os camiños,  
Pra libertarte veñen os teus fillos...  
Y-hasta, lonxe, n’os rios, os moiños  
Xá-non moen fariña, son castillos.  
[...]

Xá os gritos d’a Vitoria, lonxe, empezan,  
As coores d’a bandeira se levantan  
Y-os teus fillos, Galícia, agora rezan (p. 246-247).

O poema guisadiano publicado no *Diário de Lisboa* a 10/05/1921 (incluído em *Xente*) veicula outro dos elementos centrais do programa ideológico dos galeguistas (partilhado, em parte, com o agrarismo): a ideia de uma Galiza abandonada e aprisionada pelo poder central que precisa de libertar-se<sup>240</sup>.

Transcorridos dois meses, Orimar, pseudónimo de Ramido Vidal Carrera (cfr. *supra*), dedica um relato em galego a Alfredo Guisado nas páginas de *El Tea*, “Vida d’aldeia” (Vidal, 1921)<sup>241</sup> pela altura em que foi publicado *Xente*<sup>242</sup>. Alfredo Guisado *responde*, ainda nesse mesmo mês de Junho, dedican-

dizem da Galiza tem-me interessado muito. O *Pedro Menezes* e a *Amelia Rey Colaço* têm conseguido despertar-me a curiosidade” (*Diário de Lisboa*, 17/11/1921, p. 5; *italicos* nossos). Alfredo Guisado, mais uma vez, no seu papel de intermediário.

240 Por outro lado, o texto lembra expressivamente a dedicatória de Teixeira de Pascoaes à Galiza incluída na 2ª edição de *Marânus*, “feita sobre o poema originário que Leite de Vasconcelos em 1902” tinha enviado a uma publicação galega (Torres, 2008: 7).

241 Ramiro Vidal Carrera dedicaria ainda um outro poema “Cantares”, “Pró meu querido amigo e poeta Dr. Alfredo P. Guisado”, onde se reivindica a língua galega e que, significativamente, começa por “Cantay mociñas, cantay” (face ao verso “Choray, meus ollos, choray” com que começava o poema guisadiano publicado em *El Tea*) (Vidal, 1922).

242 A primeira referência explícita que encontramos da efectiva publicação do livro é de 16/06/1921 (cfr. Fernanda, 1921).

do a Ramiro Vidal Carrera o conto em galego “A Lareira. O Tio Xan”, onde, *grosso modo*, desenvolve em prosa a temática do poema “¡Galícial!” já comentado (*vid.* Anexos, VII)<sup>243</sup>.

#### 8.2.3.1.1. *Xente d'a Aldea*

No quadro descrito nas páginas anteriores deste trabalho, “Alfredo Pedro Guisado (Pedro de Meneses)”, por volta de Junho de 1921, publica em Lisboa *Xente d'a Aldea. Versos Gallegos*, tomada de posição não convencional no campo literário português na altura, preludiada pela publicação, como vimos, de vários poemas de *Xente* na imprensa portuguesa e galega<sup>244</sup>.

*Xente* é um livro heterogéneo, onde convivem elementos repertoriais de diferente procedência. Alfredo Guisado recorre, assim, a diferentes motivos e temas para elaborar os textos do produto literário em foco<sup>245</sup>.

#### A Desconocida

A tua ausencia, é loito d'un-ha infanta,  
E sinto n'os teus labres un xardin  
Com'o d'a abada d'a Raiña Santa:  
Froles que esfollas a chamar por mim.

Dame as tuas manziñas pra adoralas.  
Y-os teus dedos tan longos com'os cirios  
Que alumbran o altar d'as tuas falas,  
N'os meus ollos os gardo como lirios (p. 232).

<sup>243</sup> O conto guisadiano foi recolhido por Fernandes Camelo em 1985 (cfr. Camelo, 1985: 195-196).

<sup>244</sup> Poderia ser aqui convocado o monçanense João Verde que também publicou no Minho utilizando elementos de repertório em elaboração na Galiza, nomeadamente em *Ares da Raya* (cfr. *supra*).

Noutra linha de análise, convém mencionar a notícia que dá *Xente* de *De mans erguidas*, livro também em galego que segundo a informação disponível nunca viu a luz (cfr., por exemplo, Alonso, 1980: 351), o qual não implica necessariamente que não existisse um livro em preparação com este título. Mais uma vez, a sorte incerta do espólio guisadiano dificulta, em parte, o nosso labor.

<sup>245</sup> Em geral, todos os trabalhos que se debruçaram com alguma extensão sobre este produto guisadiano que, em parte, seguimos de perto, coincidem em apreciar a heterogeneidade do mesmo e os diferentes procedimentos de elaboração literária presentes (cfr. Alonso, 1983; Vidal, 1984; Galhoz, 1995; e Álvarez, 2002).

O fragmento citado é exemplarmente expressivo da heterogeneidade de *Xente*. Em “A Desconocida” e “As Fontes”, principalmente, são perceptíveis os procedimentos de elaboração poética modernista.

Tray Panderetas, Carmela,  
Que hox'a festa hade sonar.  
Tray viño, abre a cancela,  
Bot'as castañas a asar.

A luna é un-ha cancela  
Por onde pasa o lunar.

Hay que cantar em seguida.  
Esfollada sin cantar  
É un-ha roca esquecida  
que deixase de fiar (p. 230).

Os elementos repertoriais presentes neste excerto de “Esfolladas” estão mais directamente relacionados com o que antes denominámos repertório *folclórico*, em linha com o utilizado por (determinada) Rosalia de Castro (cfr. Álvarez, 2002), que como vimos era preponderante ainda no emergente sistema literário galego, apesar dos esforços de alguns dos seus produtores (cfr. *supra*). Estes elementos estão presentes também em: “A Miña Aldea”, “O Cantar d'a Fiadeira”, “A Procesión”, “Á Lareira”, “Esfolladas”, “A Fiar”, “Ô Volver pr'a Casa” e “O Enterro”. Estes dois últimos, apesar de recrear ambientes rústicos, elemento central do repertório *folclórico*, incorporam uma nota reivindicativa que os aproxima do terceiro grupo, formado por “Galícia” e “Castillo d'o Sobroso”:

Castillo d'o Sobroso, vello frade  
D'o convento que foy o teu Pasado,  
Soño d'o que xá fomos, apagado,  
Onde medram as edras y-a soedade.

Tu é-lo simblo, a sombra adormecida  
D'un-ha Galícia nova, un-ha santiña...

¡Xente d'a miña Terra, andai axiña,  
 Vamos de novo erguelo e darlle vida!  
 [...]
   
 Conquistemos de novo a nosa Terra.  
 Ergueivos, despertai, que pra axudarnos,  
 Hast'a luna n'o céo é un-ha fouce (p. 221).

Utilizando o Castelo do Sobroso, localizado nas terras do Condado, em “Castillo d'o Sobroso”, onde a influência de Ramón Cabanillas parece sentir-se, o produtor em foco introduz no texto elementos repertoriais caros ao nacionalismo galego<sup>246</sup>. Paralelamente, em “El y Ela” e “A Voz de Galicia”, como já se indicou, ressalta a tematização, dentro também da linha nacionalista, do relacionamento galaico-português (cfr. *supra*).

Esboçado o repertório presente em *Xente*, interessa agora analisar qual é a reacção dos campos português e galego. A primeira leitura de *Xente* no campo literário português encontrada aparece nas páginas do *Correio da Manhã*:

Pedro de Menezes, grande amigo da Galliza – da *Galliza portuguesa pela alma* – quis escrever os seus novos poemas na lingua harmoniosa e cantante em que Rosalia de Castro, essa enternecida poetisa-coração – escreveu as suas poesias-retalhos da sua alma.

Não sei se fez bem se fez mal o poeta. Os seus versos, mesmo escriptos em gallego, tem o sabor de versos lusos, o rythmo das nossas emoções, e isso deve bastar-nos (Fernanda, 1921; itálicos nossos).

A crítica, sem deixar de questionar subtilmente o uso do “gallego”<sup>247</sup>, volta a activar a *literatura* galega no campo lite-

246 Neste sentido, Lúcio Vidal denomina este grupo de poemas “de inspiração ‘galeguista’” (Vidal, 1984: 34).

247 Os reparos do *Correio da Manhã* a respeito da escolha linguística de Alfredo Guisado não são os únicos encontrados. O ineditismo da proposta de Alfredo Guisado provoca, entendemos, tomadas de posição desde o *polissistema consolidado*, nos termos de Elias Torres (cfr. *supra*), questionadoras da opção guisadiana. Neste sentido posiciona-se Alfredo Pimenta:

25, junho. – O sr. Alfredo Pedro Guisado mandou-me o seo ultimo livro Xente d'a aldeia.

rário português, nomeadamente a já canonizada Rosalia de Castro. Poucos dias depois, *A Democracia* (vid. Anexo, VI) começa assim os seus comentários a *Xente*:

Na trindade etnográfica da Espanha, o galego é nosso irmão legitimo, os outros são naturais. Eis porque eu amo a poesia da Galisa com o mesmo enternecimento que dedico á poesia de Portugal.

A “trindade etnográfica da Espanha” não pode ser outra, à luz do exposto, que a formada pela Catalunha, Castela (/Espanha), e Galiza; e dentro desta, a “Galisa” parece ocupar um lugar destacado desde Portugal. Continua mais à frente a crítica de *A Democracia*:

Ha em mim qualquer coisa de atavico que me emociona, quando a pupila cansada, pára sobre as liricas, cheias de graça e humildade, de Curros Henriquez e Rosalia de Castro. Sinto que me revolto com Rosalia e que a nossa sensibilidade joga harmonica quando ela desfia o rosario ritmado e lento das suas lamentações galegas

Outra vez aparecem os autores galegos centrais em Portugal. De Rosalia de Castro cita mesmo uns versos muito significativos no sentido do trecho anterior<sup>248</sup>. *A Democracia* explicita:

Porque capricharia este Poeta em fazer versos galegos? Não sei. Ha coizas curiosas na sensibilidade dos artistas.

Os versos gallegos dão-me impressoens de beleza, de graça, de infantilidade – principalmente de infantilidade, uma vez que sejam feitos em metros pequenos, e sobre assumptos typicamente gallegos, predominantemente populares. Em metros grandes, e sobre temas cultos, não se que é, mas perdem para mim, todo o encanto. Já notara isso nos Cantares de Rosalia de Castro.

Accentua-se esta impressão, agora no livro do sr. Alfredo Pedro Guisado. Os versos em redondilha são sempre lindos. Mas sonetos – em gallego, não acceito. Porquê? Não sei explicar (Pimenta, 1922: 120-121).

248 *Castellanos de Castélla*  
 Tratade ben ôs gallegos  
 Cando van, van como rosas;  
 Cando vem, ven como negros!

A voz do sangue brada em nós ambos o instinto contemplativo do sul, qualquer coisa de oposto ao feitio dominador e ativo do castelhano. A Galisa é a continuação da terra portuguesa e o lirismo de quem-Minho entrestecido nos quadros simples e espontaneos encontra o seu complemento nos 'airiños' de além, floridos e viçosos.

Pedro de Meneses começara por ser um poeta complicado e moderno com exageros originais na sua arte inicial (*A Democracia*, 23/06/1921, p. 1; *vid.* Anexos, VI).

A par de censurar a produção guisadiana anterior (cfr. *supra*), *A Democracia*, ao ler o texto guisadiano em foco, destaca nomeadamente a função identitária do mesmo, e detecta o referente de oposição espanhol elaborado pelos nacionalistas galegos e partilhado com os nacionalistas portugueses (e catalães). Alguns meses depois, a *Seara Nova* também destaca na sua "Crítica Literária" o texto guisadiano ao lado de uma reprodução da capa:

O poeta do 'Elogio da Paisagem', de 'As treze baladas das mãos frias' de 'Anfora', de 'A Lenda do Rei Boneco', - Alfredo Pedro Guisado (Pedro de Menezes) - cantou, em versos galegos, a 'Xente d'a Aldea'. Teem êles a toada, o encanto, o ritmo, a tristeza dos versos lusitanos, e fôram avivados carinhosamente por uma página delicada de *Castelao*. Lindos esboços 'A voz de Galícia', 'O cantar da fiadeira', 'A procesión', 'Á lareira', 'Esfolladas', 'El y Ela', 'As fontes', 'O volver pr'a casa' e 'O enterro', em que o poeta evoca o *martírio* dessa nostálgica terra que o rio Minho *une* a Portugal:

E toda a xente camiña,  
Como se en alma bordada  
Fose ali, de defuntiña,  
Galícia, a martirizada (*Seara Nova* 4, 5/12/1921, p. 120; *itálicos* nossos).

Probe Galicia, non debes  
Chamarte nunca española,  
Qu'España de ti s'olvida  
Cando eres, ay! tan hermosa.

Galicia, ti non tês patria,  
Ti vives no mundo soya

A *Seara Nova*, como se vê, pouco mais faz do que referir o título dos poemas e parte da obra anterior. Mas nas duas linhas escassas que dedica ao comentário, destaca a presença de um dos agentes do nacionalismo galego, Castelao, e aponta o *martírio* da Galiza (reforçada esta ideia nos versos escolhidos), ao passo que põe em relevo a *união* entre os dois países.

Deste modo, e apesar do número reduzido de textos críticos aqui convocados, entendemos possível afirmar que a tomada de posição de Alfredo Guisado com *Xente, é lida* maioritariamente no campo literário português activando, primeiro, os vínculos e relacionamento galego-portugueses e, em segundo lugar, o programa ideológico dos galeguistas no que diz respeito à Galiza *martirizada*, nomeadamente.

Na Galiza, *Xente*, como era de esperar, não passou despercebido em *El Tea*:

Con una cariñosa dedicatoria de sua autor, hemos recibido "Xente d'a aldea", colección de versos gallegos y los primeros que en nuestro idioma escribe nuestro querido amigo el Dr. Alfredo Pedro Guisado.

"Xente d'a aldea" es una brillante continuación de aquellos versos más sentimentales de "Rimas da noite e da Tristeza" y "As treze baladas das maos frias", que tan elogiadas fueron por la crítica y de cuyas composiciones son algunos conocidas por nuestros lectores.

Esperáveis são também as referências à produção anterior que parcialmente tinha acompanhado *El Tea* nas suas páginas. Continúa *El Tea*:

Nosotros esperábamos estos versos en gallego, pues sabiendo lo mucho que a Galicia quiere su autor y el espíritu de confraternidad galáico-portuguesa que inspiran muchas de sus numerosas composiciones juntamente con el parentesco de nuestro idioma con el luso, era de presumir que no pudiese resistir la tentación de escribir en gallego que tantas veces debió haber sentido.

Além de destacar a "confraternidad galáico-portuguesa", e o "parentesco" das línguas, a *crítica* de *El Tea* saúda positiva-

mente o uso do “gallego”. Lembre-se, neste sentido, a recomendação de *Vida Gallega* em 1914 (cfr. *supra*).

“Xente d’a aldea” es un libro casi de nuestra localidad.

Dirigiéndose a Pías dice:

Miña aldea, miña aldea,  
Meu fuso do ouro parado,  
Meu palacio abandonado  
Miña apagada candeia  
Que alumbrou n’o meu pasado

En un hermoso soneto que dedica al castillo de Sobroso, llámale “vello frade” del pasado.

En boca de Galicia pone estos versos:

Portugal, meu himanciño  
A soedade e nosa nay,  
Nosos berce, o río Miño.

Asunto para otras poesía son *nuestras procesiones, charlas maternas en el hogar, charlas amorosas, nuestras costumbres aldeanas* de la que resalta una composición “As esfolladas”, etc., etc., De esto deducimos que “Xente d’a Aldea” nació en Pías y por eso decimos que *es una obra casi local* de gran mérito.

La portada del lujoso tomo es una acuarela de Castelao, muy expresiva (*El Tea*, 3/7/1921, p. 2; itálicos nossos).

Os interesses em jogo na publicação agararista são, com certeza, outros, diferentes dos anteriormente focados. Destaca-se aqui particularmente a leitura localista (“es una obra casi local”) e a relevância do repertório *folclórico* (“nuestras procesiones, charlas maternas en el hogar, charlas amorosas, nuestras costumbres aldeanas...”). Com efeito, a linha editorial seguida por *El Tea* não é nacionalista, nem, consequentemente, proto-sistémica. Em 1921, em *El Tea*, há ainda certa afeição pelo galeguismo regionalista de orientação subsistémica que possibilita e explica estas tomadas de posição.

Na Galiza, porém, a primeira reacção encontrada produz-se no órgão porta-voz dos nacionalistas:

Con este nome, n’un elegante libro, ten publicado Alfredo Pedro Guisado un feixiño de versos galegos. O libro ao seu frente leva un viñeta de Castelao que acredita o talento do mestre. O libro áchase dedicado ao gran debuxante de Rianxo. O autor de “Xente da aldea” é portugués, fillo de pais galegos. Dou xa a lus alguns libros de versos escritos na lingua de Teixeira Pascoaes. Agora, como oferenda à terra dos seus maores, fixo este en galego.

Começa assim a crítica de *A Nosa Terra*, destacando a participação de Castelao no livro guisadiano e o facto de já ter publicado outros livros, mas, repare-se, focalizando o produtor Teixeira de Pascoaes (próximo na altura, como já se indicou, aos nacionalistas galegos), com o qual sim partilhava *língua* mas não, em princípio, repertório nem posição no campo literário português. Continua:

Indubidabelmente, a influencia portuguesa en col do galego que acredita nas belas poesías de “Xente da aldea” acai moi ben, dándolles aos xiros sintásicos elegancia a cheas. Poriso [sic] nos layamos de que o querido amigo Alfredo ande a ceibar às veces certos castelanismos e vocábulos falsos que nin no portugués nin no galego s’empregan. Entre outros, “ventana”, “castillo”, “rodilla”, “novio”, “lunar”, “volou”, “troyo”, “lexos”, etc. En troques, coma Taibo e nós, usa “en col” por “sobre”. Tamén n’algunha ocasión se non preocupa da armonía dos versos. Deixando uns longos i-outros curtos.

E porque trátase d’un libro moi notable, ateigado d’inspiración, somos a mostra taes defeutos, que de ningún xeito perxudican grandemente a obra.

Alfredo Pedro Guisado, merez o nome de exquisito poeta. Quen escribiu “Esfolladas”, “O cantar da fiadeira” e “O enterro”, verbigracia, ten conquerida por dereito propio un posto honoroso no Parnaso galego.

Co’a embora deitada da i-alma unha aperta toda corazón (*A Nosa Terra*, 1/7/1921, p. 6).

Ao estar sem assinar a crítica de *A Nosa Terra*, a interpretação deste trecho não é, julgamos, linear. Neste sentido, o facto de *A Nosa Terra* destacar estes “defeitos” (com propositado destaque

para os castelhanismos) poderia estar relacionado com as tensões internas dos nacionalistas; lembre-se que esta publicação continuaria a ser dirigida pelo grupo nacionalista da Corunha (cfr. *supra*); mas o contacto estreito com Villar Ponte ou Carré Aldao mais acima apontado, em certa medida obriga a desconsiderar esta leitura. Por outras palavras, a partir dos dados manejados, nada indica um distanciamento do produtor em foco a respeito do grupo da Corunha. Assim sendo, as palavras menos *amáveis* de *A Nosa Terra*, ao lado de “Alfredo Pedro Guisado [...] ten conquerida por direito prorio un posto honoroso no Parnaso galego” poderiam somente traduzir as contradições internas, já aludidas neste trabalho, que o nacionalismo enfrentou desde as suas origens em questões capitais como a língua<sup>249</sup>.

No número 9 de *Nós*, além de dar notícia da publicação da *Seara Nova* e citar Alfredo Guisado como um dos colaboradores, é comentado *Xente*:

E iste un libro galego que nos veu de Portugal, aló editado na nosa fala, un libro feito de lembranzas e *saudades*. Alfredo Pedro Guisado fai figura no movemento *moderno* da literatura portuguesa, na que, *oito volumes* publicados fan sofique â sua sona. Está metido no fato d'escritores que se chama Seara Nova, pioneiros das novas ideias, xente da vangarda políteca (itálicos nossos).

O crítico, provavelmente Vicente Risco (cfr. Barro e Martínez 1989: 501), é conhecedor do percurso guisadiano, mesmo adscrive o produtor em foco ao “movimento moderno da literatura portuguesa”. Continua:

Alfredo Pedro Guisado dedica iste libro ô nosso gran Castelao-que lle puxo ô libro unha portada das suas-, e nos seus versos,

249 A este respeito, Elias Torres indica: “A falta de fixação linguística do idioma autóctone na Galiza vai ser um constante *ruído* na comunicação galego-portuguesa, que contribuirá ainda mais a dar por vezes carácter *antigo* e *desarticulado* à sua produção” (Torres, s/d: 53) (cfr. Monteagudo, 477 e ss.). Neste mesmo sentido, os textos galegos citados neste trabalho são um bom exemplo de como a codificação da língua é um assunto, no mínimo, controverso.

Parece-nos, todavia, sentir o ecoar da crítica de *A Nosa Terra* a respeito da língua nos “erros incríveis” já aludidos de Alonso Estravis (Alonso, 2001: 154; cfr. *supra*).

cheos de fondo sentimento galego no séu xeito mais esquisito, que é o amor ô chau e â aldea, está pol-o menos en adeviñanza, non sei se con intención ou sin ela, toda a arte moderna, a creación e a simultaneidade das imaxes, mais en creación espontanea e no xeito de vaguedade idealista e musical da nosa Raza. Véxanse as *Esfolladas* por eixemplo<sup>250</sup> (sublinhado nosso).

O autor do texto crítico não apenas relaciona Alfredo Guisado com “a arte moderna” mas também detecta este repertório *moderno* no texto guisadiano. Prossegue:

Feiticeiras e saudosas evocacións da aldea, pr'a que o mundo moderno ten que voltar os ollos se se quer salvar, tristuras da Raza e mistéreos da noite, hai n-iste libro, sentidas en lirismo sinxelo, e tamén esa ansia de reintegración qu'aló en Portugal igoal qu'eiquí se sinte, e que s'espresa nos poemas *A Voz de Galicia* e mais *El y-Ela*.

“O río Miño é un cura  
Sin iglesia e sin misal,  
Casar Galicia procura  
con un nóvio: - Portugal”

Alfredo Pedro Guisado, pol-a sua vida e obra, é particularmente doado pra espresar no seu verbe isa arela da restauración da cultura galaico-portuguesa dos Canzoneiros e dos libros de Cabaleirías (*Nós*, 31/01/1922, pp. 18-19; sublinhados nossos).

Este último trecho, junto com os anteriores, descreve exemplarmente as orientações, antes expostas, de parte do nacionalismo galego, tanto no plano cultural como no político. Em primeiro lugar, no texto é referida a *procedência* modernista de Alfredo Guisado (aparece duas vezes a palavra *moderno* com este sentido) a qual não impede a importação do produto guisadiano, especialmente estando escrito em galego (cfr. *supra*). Mas, aparece outro *moderno*, “o mundo moderno ten que voltar os ollos...”, isto é, os repertórios inovadores, como é o caso deste, em parte, para os galegos, não devem, sempre segundo o texto de *Nós*, pôr em questão a função identitária

250 Sintomaticamente, para exemplificar a galeguidade (“da nosa Raza”) o texto eleito é “Esfolladas”, antes aqui analisado sob a etiqueta repertório folclórico.

da *literatura*, prioritária para os nacionalistas em geral, e para os de *Nós* em particular. Além disto, no texto de *Nós* destaca-se designadamente, em conformidade com os postulados nacionalistas, essa “arela de restauración da cultura galaico-portuguesa”, isto é, o referente de reintegração português tão caro a alguns nacionalistas.

Concluindo, *Xente d'a Aldea. Versos Gallegos* significa a consequência mais óbvia da tomada de posição que consagra Alfredo Guisado como agente difusor do nacionalismo galego em Portugal. As reacções dos campos português e galego assim o indicam, pois, nomeadamente no primeiro, as críticas aqui convocadas do texto guisadiano têm o efeito desejado de colocar no campo a *questão galega*<sup>251</sup> não apenas com o intuito de defender os interesses dos galegos residentes em Lisboa (mas também), senão principalmente motivadas pela comunhão ideológica manifesta do produtor em foco com o programa ideológico do nacionalismo galego. Assim, é no seio do sistema interliterário galego-português, obrigatório possibilitador da inédita tomada de posição de Alfredo Guisado<sup>252</sup>, donde o produtor em foco toma os elementos repertoriais de heterogénea procedência, desde os elementos mais folclóricos até à elaboração modernista, reunidos em *Xente*; e é também no interior do sistema interliterário galego-português que se produzem as reacções à proposta guisadiana em função dos interesses de cada grupo, desde a censura do uso do *galego*,

251 Paradigmaticamente representada no plano cultural por Rosalia de Castro, tanto na sua *versão folclórica* como na mais *reivindicativa*.

252 Alfredo Guisado e não Pedro de Meneses ou Menezes. À luz do até aqui exposto, estamos em condições de afirmar a vontade manifesta do autor de intervir com o ortónimo. A presença de Pedro de Meneses, entre parênteses curvos, é expressão, acreditamos, da vontade do autor de unir dalguma forma a sua produção, pois, como se viu, era Pedro de Meneses a assinatura que vinha utilizando desde 1915 para a produção literária. Xosé María do Barro e Carlos Paulo Martínez quando se debruçam sobre este assunto, se bem é certo que com o objectivo de “apontar ou inventariar interrogantes”, não tomam em consideração estes elementos e aqui está o verdadeiro problema da tese por eles defendida, ainda conhecendo a rubrica original, assumem Pedro de Meneses como autor do texto:

Alfredo Guisado assinou parte da sua obra com denominações que nom coincidem com o seu nome civil. Deles interessa-nos aqui o de Pedro de Meneses por ser o que empregou (junto com o oficial) na edição do seu poemário galego *Xente...* (Barro e Martínez, 1989: 499; sublinhado nosso).

minoritária, diga-se de passagem, até ao consumo de *Xente* como um produto literário expressão da desejada *união* galego-portuguesa, este último, interesse partilhado por grupos sites nos dois países.

## 9. CONCLUSÕES

Necessariamente as conclusões expostas a seguir inspiram-se na declaração de intenções apontada no início destas páginas: este trabalho assume-se como um avanço nos estudos guisadianos e não com um ponto final. Por outro lado, estas conclusões, como é óbvio, apenas se referem ao período de análise fixado (1910-1921). Portanto, estas conclusões e o trabalho todo ficam obrigatoriamente à mercê (e à espera) de novas investigações que ilustrem melhor o objecto de estudo e mesmo contrariem este trabalho ou, na melhor das hipóteses, confirmem o aqui defendido. Dito isto, passamos a expor esquematicamente as conclusões a que chegamos.

1. O conhecimento actual sobre a trajectória guisadiana está em grande medida mediatizado pela sua vinculação ao Grupo do *Orpheu*. Nomeadamente, Fernando Pessoa, mas também Mário de Sá-Carneiro entre outros, intensa e extensamente estudados a partir da década de 30, ensombraram não a suposta *valia* literária de Alfredo Guisado, assunto não tratado aqui, mas o conhecimento efectivo do seu percurso no campo literário. Deste modo, a *presença* de, especialmente, Fernando Pessoa na trajectória guisadiana fez com que esta fosse analisada em função daquele. A insistência na procura de heteronímias guisadianas, por exemplo, assim o indica. Ora, pelo aqui exposto, nem *Refaldo Brila*, nem *Pedro de Menezes* podem ser considerados heterónimos *stricto sensu*, pois contrariamente aos heterónimos pessoais, os pseudónimos guisadianos além de serem fruto da lógica dos campos, não exprimem a produção literária de um *outro* produtor imaginado. Por outra parte, o *fenómeno* Pessoa tem contribuído para obscurecer a manifesta e estreita vinculação de Alfredo Guisado com a Galiza (e o enclave galego de Lisboa) assim como com o emergente campo literário galego.

Paralelamente, impõem-se ainda outras questões que apenas foram esboçadas neste trabalho em função dos objectivos e

do período de análise fixados, mas centrais: até que ponto a posição do produtor em foco durante a Ditadura portuguesa (e espanhola), coincidente com o processo de canonização dos produtores antes citados, contribuiu para a secundarização e, conseqüentemente, menor conhecimento da trajetória de Alfredo Guisado em Portugal? Teria ajudado a sua ligação ao emergente campo cultural galego nesta secundarização em Portugal? Do mesmo modo, a que se deve a escassa atenção que recebeu Alfredo Guisado dentro dos estudos literários galegos? E, na mesma linha interrogativa, qual é o motivo do aludido *desinteresse* de Alfredo Guisado pela sua obra nas décadas posteriores a *As Cinco Cbagas de Cristo*?

2. Nos primeiros anos do período de análise até, *grosso modo*, 1914, a trajetória guisadiana está marcada pela sua estreita vinculação por via familiar ao enclave galego de Lisboa no qual intervém como mais um *galego* nas suas instituições, verificando-se assim um espaço dos possíveis, como de resto (em parte) acontece durante toda a sua trajetória, estreitamente ligado ao percurso familiar. Intervém activamente em Juventud de Galicia, à qual está ligada a família Guisado ou em *España y Portugal*. Em função desta ligação ao enclave lisboeta e aos vínculos familiares com as terras do Condado, na Galiza, começa a sua produção e colaboração literária em *El Tea*, a mais intensa e extensa colaboração guisadiana no período de estudo. É neste quadro que surge o pseudónimo Refaldo Brila, ao lado do ortónimo, em castelhano, com produtos destinados ao enclave ou à *metrópole familiar*. Dentro deste período publica o seu primeiro livro, *Rimas da Noite e da Tristeza*, na linha das colaborações em *El Tea*, sem aparente ligação com nenhum grupo ou movimento literário e graças à capacidade económica da família Guisado.
3. A partir de finais de 1913, começos de 1914, passa a integrar, desde os seus inícios, o denominado Grupo do *Orpheu* e a intervir no campo literário português como tal. Tanto os repertórios utilizados como a rede de relações que estabelece assim o indicam. A sua implicação no Grupo vai além do

estritamente literário, suportando também, graças à pujante economia familiar, parte dos custos das iniciativas onerosas do Grupo.

Isto implica o (quase) fim das suas colaborações literárias em *El Tea*, publicação não apropriada no âmbito do debilitado sistema interliterário galego-português para a importação portuguesa, apesar da insistência mostrada por inserir os seus produtos literários nesta publicação, mas também em *Vida Gallega*. Contudo, a sua ligação com a Galiza e o enclave lisboeta, experimenta um novo rumo. Em conexão directa com o programa do republicano Amado Garra, director e fundador de *El Tea*, Alfredo Guisado empreenderá uma prolífica intervenção tanto no enclave como no distrito de Ponte-Areas como agente do agrarismo. Como tal, intervém em *El Tea*, ora como Refaldo Brila, ora como Alfredo (Pedro) Guisado, com produtos não literários. O agrarismo guisadiano está durante este período matizado pela afeição regionalista ao qual não é alheio o ambiente de aberta simpatia regionalista do Gran Hotel Balneario de Mondariz da família Peinador, muito próxima da família Guisado.

4. Continuando a exercer como agente do agrarismo no enclave e em Ponte-Areas, entre 1915 e 1918, a trajetória literária de A. Guisado, obstaculizada ainda a importação na Galiza, experimenta uma nova direcção. Após a reacção contrária do campo literário português à tomada de posição do Grupo com *Orpheu 1* e, nomeadamente *Orpheu 2* e os episódios paralelos, distancia-se do Grupo, mormente por incompatibilidades ideológicas com alguns dos seus membros e pela própria *leitura* do campo da posição dos de *Orpheu*, pois já na altura estava posicionado no campo político, na órbita do Partido Democrático, confirmando, deste modo, um alto grau de heteronomia do campo literário português. O distanciamento é notório quase exclusivamente no surgimento do pseudónimo Pedro de Menezes, pois, por um lado mantém relações com alguns dos membros do Grupo, intervém mesmo no campo literário em sintonia com este e, em última instância, o Grupo vai-se apagando como tal a partir

de 1916. Alfredo Guisado descreve assim uma trajectória literária alicerçada na publicação de vários livros no campo literário português incorporando novos elementos repertoriais, em que se destaca a incorporação da temática nacionalista, central no campo na altura, e o progressivo enfraquecimento da elaboração modernista.

5. A partir de 1918 (e até ao fim do período de análise) as novas tomadas de posição vão descrever um novo rumo na trajectória guisadiana. Publica em 1920 um novo livro, *A Lenda do Rei Boneco*, encenando uma ruptura com a produção anterior. Por seu turno, coincidente com uma maior implicação no campo político português ao adoptar uma posição perfeitamente delimitada nas fileiras dos Democráticos, assume também progressivamente uma nova posição no enclave galego ao enquadrar-se no grupo afim à nova direcção tomada pelo galeguismo (acompanhada de perto pelo *balneário* dos Peinador) e uma implicação mais testemunhal no agrarismo; tomada de posição, como se viu, *natural* porque desejada e facilitada pelos nacionalistas, interessados na sua expansão dentro das bases agraristas e, como ficou expresso, no contacto português. Incorporando o galego ao seu repertório assim como novas temáticas quase inéditas na produção anterior, chega a transpor as fronteiras do enclave e passa a ser um agente difusor do nacionalismo galego em Lisboa / Portugal, unificando assim num só agente as mesmas tomadas de posição. Na Galiza, a antiga *metrópole* guisadiana, Ponte-Areas / Mondariz, deixa de ser a referência galega exclusiva, estabelecendo agora vínculos a nível de todo o território galego com agentes das Irmandades da Fala, nomeadamente com os agentes centrais destas (Villar Ponte, Castelao, R. Cabanillas, etc.). A sua função, inequivocamente política e em estreita compenetração com os interesses defendidos pelos nacionalistas, é a de colocar a questão galega em Portugal e activar os vínculos galego-portugueses, caros a alguns grupos nacionalistas galegos e portugueses, no seio do sistema interliterário galego-português, agora fortalecido.

Neste sentido, a trajectória guisadiana confirma e exemplifica alguns dos traços relevantes do funcionamento do sistema interliterário galego-português. A irrupção do nacionalismo galego partir de 1916, ao que logo se associa Alfredo Guisado, vai supor a criação das condições necessárias para o incremento considerável das intervenções no âmbito do sistema interliterário galego-português e possibilitar, por exemplo, o aparecimento e publicação de *Xente d'a Aldea. Versos Gallegos* de 1921 com capa de agente central nacionalista Castelao. Constatámos também a importância decisiva do ambiente cultural e político ligado ao Gran Hotel Balneario de Mondariz na vinculação guisadiana aos postulados dos nacionalistas.

Assim, o mesmo Alfredo Guisado, agente português do Partido Democrático e agente nacionalista em Portugal (ligado ao enclave galego de Lisboa), unificando estas duas fácies, formaliza simbólica e eficazmente a sua tomada de posição com *Xente d'a Aldea. Versos Gallegos*, produto original (e quase inédito mas também escassamente utilizado como modelo no futuro) no sistema interliterário galego-português, e, no entanto, expressão do vigor deste. Alfredo Guisado elabora o repertório presente em *Xente* com materiais e regras de procedência diversa mas sempre no âmbito do sistema interliterário, o qual explica a presença de temas e elaborações alheias ao sistema literário português mas centrais no galego, como é o repertório folclórico. Por sua vez, o facto de utilizar o galego e não insistir no repertório modernista (presente lateralmente) não se deve a qualquer preconceito a respeito da variedade linguística galega, é antes a (re)confirmação do afastamento deste que vinha descrevendo a sua trajectória.

## 10. BIBLIOGRAFIA

### BIBLIOGRAFIA ACTIVA

#### EM LIVRO

- (1913): *Rimas da Noite e da Tristeza*, Lisboa, Livraria Clássica Editora [Alfredo Pedro Guisado].
- (1914): *Distância*, Lisboa, Livraria Ferreira Editora [Alfredo Pedro Guisado].
- (1915): *Elogio da Paisagem*, Lisboa, Livraria Brasileira [Pedro de Menezes].
- (1916): *As Treze Baladas das Mãos Frias*, Lisboa, Livraria Brasileira [Pedro de Menezes].
- (1917): *Mais Alto*, Lisboa, Livraria Brasileira [Pedro de Menezes].
- (1918): *Ânfora*, Lisboa, Portugália [Pedro de Menezes].
- (1920): *A lenda do Rei Boneco*, Lisboa, Ailland e Bertrand [Pedro de Menezes].
- (1921): *Xente d'a Aldea. Versos Gallegos*, Paris / Lisboa, Ailland e Bertrand [Alfredo Pedro Guisado (Pedro de Menezes)].
- (1927): *As Cinco Chagas de Cristo*, Lisboa, Livraria Universal [Alfredo Pedro Guisado (Pedro de Menezes)].
- (1969): *Tempo de Orpheu*, Lisboa, Portugália [Alfredo Guisado].
- (1974): *A pastora e o lobo e outras histórias. Contos para as crianças*, Aveiro, Editorial Vouga [Alfredo Guisado].
- (1996): *Tempo de Orpheu II*, Santiago de Compostela, Laiovento [ed. J. A. Fernandes Camelo].
- (2002): *Xente d'a Aldea*, in VV.AA: *Alfredo Guisado. Cidadão de Lisboa*, Lisboa, Livros do Horizonte, pp.212-248.
- (2003): *Tempo de Orfeu*, Coimbra, Angelus Novus [ed. de António Apolinário Lourenço].

#### EM PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

##### *El Tea*

- “Noites de Inverno”, 6/01/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado; “Lisboa, Dezembro de 1911”].

- “Noite de Agosto”, 20/01/1912, p. 2 [Alfredo Pedro Guisado; “Lisboa, Agosto de 1911”].
- “O mar”, 3/02/1912, p. 2 [Alfredo Pedro Guisado; “Lisboa, Novembro de 1911”].
- “O Comboio”, 30/03/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado; “Lisboa, Novembro de 1911”].
- “Tristeza”, 27/04/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado; “Lisbôa, 1912”].
- “Canção”, 4/5/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado; “Lisboa, 1912”].
- “O pinheiro isolado”, 29/6/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado; “Lisboa, 1912”].
- “Flores”, 27/7/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado; “Lisboa, 1912”].
- “Os Rios”, 3/8/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado; “Ao meu amigo e distinto advogado D. Amado Garra”; “Pias, 1912”].
- “Rosas”, 10/08/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].
- “O Cruzeiro”, 17/08/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado; “Ao meu amigo e distinto poeta D. Rogelio Rivero”].
- “Outono”, 24/8/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado; “Lisbôa, Outubro 1912”].
- “Orvalho”, 28/9/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].
- “Contos que vou contar. I Rosas”, 19/10/1912, p. 2 [Refaldo Brila].
- “Ondas e espuma”, 2/11/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].
- “Pinheiros”, 23/11/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].
- “Neve”, 30/11/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].
- “A Manuel Alfonso. Duas palavras só”, 7/12/1912, p. 2 [Alfredo Pedro Guisado (Refaldo Brila)].
- “Raparigas”, 21/12/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].
- “Fantasmas”, 4/12/1912, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].
- “Esfolhadas”, 11/01/1913, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].
- “Noticias de Lisboa”, 25/01/1913, p. 1 [Refaldo Brila].
- “Trindades”, 25/01/1913, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].

- “Noticias de Lisboa”, 22/02/1913, p. 1 [Refaldo Brila].
- “Volúpia”, 15/02/1913, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].
- “A Estátua”, 1/03/1913, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].
- “Noticias de Lisboa”, 1/03/1913, p. 3 [Refaldo Brila; “25-2-913”].
- “Rosario Pino en Lisboa”, 15/03/1913, p. 2 [Refaldo Brila; “Lisboa, 10-03-913”].
- “As violetas”, 22/03/1913, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].
- “Bailarinas”, 19/04/1913, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].
- “Sombras”, 26/4/1913, p. 3 [Alfredo Pedro Guisado].
- “A morte do Sol”, 3/05/1913, p. 3 [Alfredo Pedro Guisado; “Del libro ‘Rimas da Noite e da Tristeza’”].
- “Mistério”, 10/5/1913, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado; “(Poesia recitada pelo autor dia 4 do corrente, na ‘Juventud de Galicia’)”].
- “O Catavento”, 31/5/1913, p. 2 [Alfredo Pedro Guisado; “(‘Rimas da Noite e da Tristeza’)”].
- “Desertos”, 7/06/1913, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].
- “Idílio”, 21/06/1913, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].
- “Abandonada”, 19/7/1913, p. 2 [Alfredo Pedro Guisado].
- “Envelhecer”, 16/08/1913, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].
- “Pias”, 17/4/1914, p. 2 [Alfredo Guisado].
- “El cementerio de Pias”, 15/5/14, p. 2 [Alfredo Guisado].
- “Elegia das rôlas”, 29/05/1914, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].
- “Rosario Pino en Lisboa”, 5/06/14, p. 2 [Refaldo Brila].
- “La remuda”, 24/07/14, p. 2 [Refaldo Brila].
- “Cementerio de Pías”, 31/8/14, p. 2 [Refaldo Brila; “Pias, Julio de 1914”].
- “Olhar cansado”, 27/11/14, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].
- “Arabescos”, 29/01/1915, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].
- “Respuesta á ‘Um Germanófilo’”, 12/2/1915, p. 2 [Refaldo Brila].
- “A reza do cavador”, 28/05/1915, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado; “Ao meu querido amigo Amado Garra”].
- “Pias”, 3/4/1918, p. 2 [A. P. Guisado].
- “Oração do Silencio aos Lagos”, 9/07/15, p. 3 [Alfredo Pedro Guisado].

- "A Voz de Galicia", 23/04/1921, p. 2 [Alfredo Pedro Guisado; "9-04-921"].
- "A Lareira. O Tio Xan", 23/06/1921, p. 2 [Alfredo Pedro Guisado; "Pr'a Ramiro Vidal Carrera"].

## OUTRAS PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

- "O namoro por fora e por dentro" in *Espanña y Portugal* "Semnario independente. Órgano de la colônia española", nº 3, 22/11/1913, p. 2 [Refaldo Brila].
- "Asas Quebradas" in *Renascença* "Revista de Crítica, Literatura e Arte", 1, Fevereiro/1914, p. 13 [Alfredo Pedro Guisado].
- "Só" in *A Galera*, nº 5 e 6, 25/02/1915, [Alfredo Pedro Guisado; "À memória de António Nobre"].
- "Treze Sonetos" in *Orpheu*, 1, Março/1915, [Alfredo Pedro Guisado; "Adormecida", "Sonho Egípcio", "Pagão", "Verte", "Princesa Louca", "Mãos de Cega", "Esquecendo", "Salomé", "Morte de Salomé", "Recordando", "Ante Deus"].
- "Cristo Agônizante" in *Alma Nova* 8, Maio/1915, p. 4 [Alfredo Pedro Guisado].
- "Os do «Orfeu»" in *O Mundo*, 7/07/1915 [Alfredo Pedro Guisado e António Ferro].
- "Ela no meu olhar" in *Alma Nova*, nº 17-18, nº especial, s.d. [1916; Pedro de Menezes].
- "O Mêdo de Satan pela Noite" in *Exílio*, Abril/1916, pp. 7-8. [Pedro de Menezes "Do livro de sonetos Ânfora, em preparação"].
- "Soneto" in *Alma Nova*, nº 21/22/23/24, Dezembro/1917, p. 57 [Pedro de Menezes].
- "El y Ela" in *A Nosa Terra*, n. 101, 25/09/1919 [Alfredo Pedro Guisado].
- "Uma Aldeia Galega na Flandres" in *O Jornal*, 3/12/1919 [Pedro de Menezes; carta a António Ferro].
- "El y Ela" in *Atlântida*. "Orgão do Pensamento Latino no Brazil e em Portugal", nº 48, ANO V, Vol. XII, s.d. [1920; Alfredo Pedro Guisado; "D'o libro que vay sair: *Xente d'a Aldea*"].

- "!Galícia!" in *Diário de Lisboa*, 10/05/1921, p. 3 [Alfredo Pedro Guisado].
- "Galiza e Portugal" in *A Nosa Terra*, 140, 15/05/1921, p. 7 [Alfredo Pedro Guisado; carta].
- "Jogos florais galego-portugueses" in *Diario de Lisboa*, 20/05/1921, p. 3 [Alfredo Pedro Guisado].
- "Jogos florais luso-galaicos" in *A Democracia*, 12/08/1921, p. 1 [Alfredo Pedro Guisado].
- "A véspera de Alcácer-Kibir" in *Seara Nova*, nº 3, 20/11/1921, pp. 72-73 [Alfredo Pedro Guisado (Pedro de Menezes); "Do livro a sair em breve: 'Funerais do Outono'"].
- "Galiza e Portugal" in *Seara Nova* 6, 14/1/1922, p. 148 [Alfredo Pedro Guisado].
- "Quando eu nasci..." in *Sudoeste* 3, Novembro/1935, p. 7 [Alfredo Guisado].
- "Fernando Pessoa e a sua influência na literatura moderna" in *Diabo*, 77, 17/12/1935, p. 8 [Alfredo Guisado].
- "Algumas palavras sobre 'Orfeu'" in *Diabo*, 81, 12/01/1936, p. 8 [Alfredo Guisado].
- "Ainda os 35 anos do 'Orfeu'. Como apareceu Alvaro de Campos" in *República*, 2/05/1950, p. 3 [Alfredo Guisado].
- "'Vida e Obra de Fernando Pessoa' um novo trabalho literário do sr. João Gaspar Simões" in *República*, 15/09/1950, pp. 3 e 7 [Alfredo Guisado].
- "'Vida e obra de Fernando Pessoa'" in *República*, 22/09/1950, p. 3. [Alfredo Guisado].
- "Comentário. Ainda o «Orpheu»" in *República* "Das Letras e das Artes", 23/04/1965, p. 7. [A. G.].
- "O que se escreve e quem escreve. «Páginas íntimas e de auto-interpretação» Fernando Pessoa" in *República*, 19/11/1966, p. 8 [Alfredo Guisado].
- "Dois sonetos de Alfredo Guisado" in *Colóquio / Letras* 14: 55-56 [Alfredo Guisado; "A Velha Escadaria" e "Ansiedade"].
- "O choro de Maria" in Sá-Carneiro, 1977: 150-151 [Alfredo Guisado].

## Cartas.

- A Fernando Pessoa, 27/07/1914: BN. EIII 115<sup>2</sup>: 64-65.  
 A Fernando Pessoa, 1/10/1914: BN. EIII 115<sup>2</sup>: 66-68.  
 A Alberto Serpa, 23/01/1958, Espólio Alberto Serpa, Biblioteca Municipal do Porto.

## BIBLIOGRAFIA PASSIVA

- ALONSO Estravis, Isaac (1980): "Un poeta galego descoñecido" in *Grial*, 69: 349-353.  
 \_\_\_\_\_ (2001): "Homenagem a Alfredo Guisado" in *Olisipo*, 2<sup>a</sup> Série, 14: 153-154.  
 \_\_\_\_\_ (2002): "Um Poeta Galego Desconhecido" in VV.AA: *Alfredo Guisado. Cidadão de Lisboa*, Lisboa, Livros do Horizonte, pp. 173-179.  
 ÁLVAREZ, Eloísa (2002): "Estudo de Xente d'Aldea" in VV.AA: *Alfredo Guisado. Cidadão de Lisboa*, Lisboa, Livros do Horizonte, pp. 181-211.  
 AMARO, Luís (1970): "Duas cartas inéditas de Mário de Sá-Carneiro para Alfredo Guisado" in *Diário de Notícias*, 23/04/1970, pp. 18-19.  
 AUTORES (1960): "A HISTÓRIA DO 'ORPHEU'. CONFIDÊNCIAS DE ALFREDO GUISADO" in *Autores*, Outono/1960, pp. 10-11.  
 BARRO Paz, Xosé Maria do e MARTÍNEZ Pereiro, Carlos Paulo (1989): "Alfredo Guisado. Subsídios para umha discussom heteronímica" in Associação Galega da Língua: *Actas do II Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*, Corunha, AGAL, pp. 499-503.  
 BUSTORFF, António (1916a): "Balanço literário" in *Alma Nova*, 15, Março/1916, p. 46.  
 \_\_\_\_\_ (1916b): "Balanço literário" in *Alma Nova*, 20, Dezembro/1916- Janeiro/1917, pp. 34-35.  
 \_\_\_\_\_ (1918): "Balanço mensal. Literatura. Ciencia e Arte. Livros" in *Alma Nova* 25, Janeiro/1918, pp. 14-16.  
 CAMELO, José António (1985): "Do galeguismo de APG ou Pedro de Menezes" in *Agália*, 2: 191-196.  
 \_\_\_\_\_ (1996): "Evocando Alfredo Guisado" in GUISADO, 1996: 7-12.  
 DASILVA, Xosé Manuel (2005): "Reivindicación de Alfredo Pedro Guisado, poeta portugués e galego" in *Grial*, 165: 124-126.  
 DEMOCRACIA (A) (1921): "Crónica literária. Xente d'a aldea. Por Alfredo Pedro Guisado (Pedro de Menezes)" in *A Democracia* "Diário do Partidô Republicano Português", 23/06/1921, p. 1.  
 ESTEVES, Juvenal (1991): "Alfredo Guisado: arte e cidadania" in *Colóquio / Letras*, 121 / 122: 210-217.  
 FERNANDA, Maria (1921): "Vida Mundana. Folhinha de Lisboa" in *Correio da Manhã*, 16/06/1921.  
 FERRO, António (1916): "LÁPIDES. Impressões de Arte" in *Exílio*, 1: 45.  
 \_\_\_\_\_ (1921): "O livro da semana: 'A lenda do Rei Boneco' por Pedro de Menezes" in *Diário de Lisboa*, 11/06/1921, p. 2.  
 GALHOZ, Maria Aliete (1995): "'Xente d'a aldea. Versos gallegos' de Alfredo Pedro Guisado poeta de 'Orpheu'. Algumas notas" in *Colóquio / Letras*, 137 / 138: 226-233.  
 LANDEIRA Yrago, X. (1972): "Alfredo guisado e o seu 'Tempo de Orfeu'" in *Grial*, 36: 240-241.  
 LEÃO, António Ponce de (1915): "Crónica literaria e teatral" in *Portugal*, 10, 12/12/1915, p. 3.  
 LOURENÇO, António Apolinário (2003): "Introdução" in GUISADO, 2003: XI-XLIX.  
 LOPES, Óscar (1973): *História Ilustrada das Grandes Literaturas. VIII. História da Literatura Portuguesa*, vol. II. Época Contemporânea, Lisboa, Estúdios Cor, pp. 715-717.  
 MÉNDEZ Ferrín, Xosé Luís (2005): "'X', espazo para un signo. Guisado" in *Faro de Vigo, El Sábado* [suplemento], 18/06/2005, p. 2.  
 MOLINA, César Antonio (1990): "Un corresponsal: Alfredo Pedro Guisado" in *César Antonio Molina: Sobre el iberismo y otros escritos de literatura portuguesa*, Madrid, Akal,

- pp. 32-36 [Prologo de José Saramago e epílogo de Ángel Crespo].
- NEMÉSIO, Vitorino (1974): "Alfredo Guisado e o 'Orpheu' vistos por Vitorino Nemésio" in GUIASADO, 1974: 7-9 [1971].
- PÁTRIA (A) (1920): "As relações luso-galaicas" in *A Pátria*, 7/06/1920 [entrevista a Alfredo Guisado].
- PEREIRA Seabra, José Carlos (1976): "Trajectória poética de Alfredo Pedro Guisado" in *Colóquio / Letras*, 33: 79-82.
- \_\_\_\_\_ (1979): "Trajectória estética e temática maior da poesia de Alfredo Pedro Guisado" in José Carlos Seabra Pereira: *Do Fim-de-Século ao Tempo de Orfeu*, Coimbra, Almedina, pp. 7-8 e 161-199.
- PESSOA, Fernando (1916): "Movimento sensacionista" in *Exílio*, 1: 46-48.
- PIMENTA, Alfredo (1922): *Pretextos e reflexões (primeira série: 1920-1922)*, Lisboa, Parceria António Maria Pimenta, pp. 120-121.
- RODRIGUES, Urbano Tavares (1969): "Redescoberta da poesia de Alfredo Guisado" in GUIASADO, 1969: IX-XIX.
- \_\_\_\_\_ (2002): "A Postilha Explicativa Aumentada" in VV.AA.: *Alfredo Guisado. Cidadão de Lisboa*, Lisboa, Livros do Horizonte, pp. 11-12.
- SÁNCHEZ Bargiela, Rafael (2004): "Alfredo Pedro Guisado, un poeta português e galego" in *Faro de Vigo* "A Bisbarra. Condado Paradanta", 23/04/2004, p. 8.
- \_\_\_\_\_ (2009): "Alfredo Pedro Guisado (1891-1975). Un poeta português de Pías (Ponteareas)" in *A Trabe de Ouro*, 80: 109-127.
- SOARES, Sílvia (1970): "'Tempo de Orfeu'" in *A Capital*, Suplemento "Literatura & Arte", 1/04/1970, p. 3.
- SOUSA, João Rui de (1991): "No centenário de três poetas de *Orpheu* Alfredo Guisado, Armando Côrtes-Rodrigues e Luís de Montalvor" in *Revista da Biblioteca Nacional*, s. 2, vol. 6, nº 2: 73-84.
- VERAS, Ruy de (1921): "Ecos das letras e da arte" in *Correio da Manhã*, 12/04/1921.

- VIDAL, Lúcio (1984): "Alfredo Guisado, poeta galego-português" in *Grial*, 83: 301-314.
- \_\_\_\_\_ (1999): "Alfredo Guisado no seu tempo" in *Anais. Academia Portuguesa da História*, II série, vol. 38, Lisboa, Academia Portuguesa da História, pp. 12-40 [Armando Lúcio Vidal].
- VV.AA. (2002): *Alfredo Guisado. Cidadão de Lisboa*, Lisboa, Livros do Horizonte.

#### Entrevistas.

- A António Guisado, Pias, Ponte-Areas, 8/03/2008.
- A Manuel Carrera, Baiona, 18/11/2006 e Centro Galego de Lisboa, Lisboa, 24/11/2006.

#### BIBLIOGRAFIA GERAL

##### Publicações periódicas:

- Águia (A)*, 1912-1921.
- Alma Nova*, 1914-1918.
- Athena*, 1924-1925.
- Atlântida*, 1915-1920.
- Centauro*, 1916.
- Contemporânea*, 1922.
- Democracia (A)*, 1921.
- Exílio*, 1916.
- Mondariz*, 1915-1922.
- Nós*, 1920-1922.
- Nosa Terra (A)*, 1916-1921.
- Orpheu*, 1915.
- Portugal Futurista*, 1917.
- Renascença*, 1914.
- Seara Nova*, 1921-1922.
- Século (O)*, 1919.
- Sudoeste*, 1935.

*Tea (Ed)*, 1910-1936.

*Temporada de Mondariz (La)*, 1910-1921.

*Vida Gallega*, 1910-1921.

#### OUTRAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR E SILVA, Vítor (1995): "A constituição da categoria periodológica de *modernismo* na literatura portuguesa" in *Diacrítica*, 10: 137-164.
- ALMEIDA, Teresa (1982): "Nacionalismo e modernismo. O projecto Exílio" in *Exílio*, ed. facsimilada, Lisboa, Contexto Editora, pp. V-XVIII.
- ALONSO Estravis, Isaac (1987): *Estudos filológicos galegoportugueses*, Madrid, Ed. Alhena.
- ALONSO FERNÁNDEZ, Bieito (1997): "Idade Contemporânea. Século XX" in VV. AA: *Historia Xeral de Galicia*, Vigo, Edicións A Nosa Terra, pp. 333-393.
- ANDRÉS-GALLEGO, José (coord.) (1991): *España siglo XX*, Madrid, Actas, pp. 235-250.
- ANTUNES, José Freire (2003): *Os espanhóis e Portugal*, Lisboa, Oficina do Livro.
- AXEITOS, Xosé Luís (1997): "A recepción das vangardas en Galicia" in *Boletín Galego de Literatura*, 17: 7-55.
- BASSEL, Naftoli (1991): "National Literature and Interliterary System" in *Poetics Today*, 12: 4: 773-779.
- BARREIRA, Cecília (1981): *Nacionalismo e modernismo. De Homem Cristo Filho a Almada Negreiros*, Lisboa, Assírio & Alvim, pp. 61-77.
- BARREIRO Fernández, Xosé Ramón (2007): *A Gran Historia de Galicia. Historia Política da Galicia Contemporânea XI*, vol 3., Corunha, Arrecife Edicións Galegas, pp. 109-218.
- \_\_\_\_\_ (2007): "Prólogo" in VALES, 2007: 9-11.
- BERAMENDI, Justo (1997): "Conciencia étnica e consciencias nacionais en Galicia" in Gerardo Pereira-Menaut: *O feito diferencial galego I*, vol. 2, Santiago de Compostela, Museo do Pobo Galego / Editorial da historia, pp. 277-300.

- \_\_\_\_\_ (2007): *De provincia a nación. Historia do galeguismo político*, Vigo, Xerais, pp. 347-411, 413-467, 561-736.
- BOULLOSA, Manuel (1988): "Discurso pronunciado pelo senhor Manuel Cordo Boullosa na sessão solene da inauguração das novas instalações" in *O Galego. Voceiro da «Xuventude de Galiza» - Centro Galego de Lisboa*, 2: 16-17.
- BOURDIEU, Pierre (1996): *As Regras da Arte. Gênese e Estrutura do Campo Literário*, Lisboa, Presença [1992].
- \_\_\_\_\_ (1997): *Razões Práticas. Sobre a teoria da acção*, Oeiras, Celta [1994].
- \_\_\_\_\_ (2004): *O Campo Literario*, Santiago de Compostela, Laiovento [1991].
- BRÉCHON, Robert (1996): *Estranbo estrangeiro. Uma biografia de Fernando Pessoa*, Lisboa, Quetzal Editores, pp. 283-301.
- CABO Villaverde, Miguel (1998): *O Agrarismo*, Vigo, Edicións A Nosa Terra.
- CARRÉ Aldao, Eugénio (1921): "Portugal e Galicia" in *Seara Nova*, 3, 20/11/1921, p. 71.
- \_\_\_\_\_ (1922): "O lusitanismo en Galicia. No aspecto literario" in *Seara Nova*, 12, 15/04/1922, p. 317.
- CARRERA, Alejo (1914): "Poetas Lusitantes" in *Vida Gallega*, 65, 20/12/1914.
- CASAS, Arturo (2003): "Sistema interliterario y planificación historiográfica a propósito del espacio geocultural ibérico" in *Interlitteraria*, 8: 68-97 (<http://web.usc.es/~tlcasas/docs/IL8.htm>, último acesso 28/01/09).
- CASAS Fernández, Manuel (1921): "España y Portugal. Un alto ideal y el equívoco peligroso" in *Vida Gallega*, 180, 25/09/1921.
- CASTEX, François (1971): *Mário de Sá-Carneiro e a gênese de "amizade"*, Coimbra Livraria Almedina.
- COELHO, Jacinto do Prado (1965): "O cinquentenário do 'Orpheu'" in *República "Das Letras e das Artes"*, 23/04/1965, pp. 7 e 10.

- \_\_\_\_\_ (1999): *A Poesia de Teixeira de Pascoaes e outros escritos pascoesianos / A Educação do Sentimento Poético*, Porto, Lello Editores, pp. 15-23.
- COLAÇO, Tomas Ribeiro (1921a): "Mocidade..." in *Diário de Lisboa*, 18/04/1921, p. 4.
- \_\_\_\_\_ (1921b): "Pontos nos ii..." in *Diário de Lisboa*, 21/04/1921, p. 3.
- CUNHA, Norberto Ferreira da (2007): *A autonomia galega na imprensa periódica portuguesa (1931-1936)*, Monção, Casa Museu de Monção / Universidade do Minho.
- DIAZ Fouces, Óscar (2000): "Traduzir e comunicar: Ignasi Ribera i Rovira, uma ponte entre Portugal e Catalunha" in Elena Sánchez Trigo e Óscar Díaz Fouces (coords.): *Traducción & Comunicación v.1*, Vigo, Servicio de Publicación da Universidade de Vigo, pp. 7-33.
- EQUIPO GLIFO (1998): *Diccionario de termos literarios*, Vol. II (e-h) [Santiago de Compostela], Xunta de Galicia, Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades.
- EVEN-ZOHAR, Itamar (1990): "Polysystem Theory" in *Poetics Today*, 11: 9-26.
- \_\_\_\_\_ (1999): "Factores y dependencias en la cultura. Una revisión de la Teoría de los Polisistemas" in IGLESIAS, 1999: 23-52.
- FERNÁNDEZ del Riego, Francisco (1988): "De Teixeira de Pascoes a Pessoa" in *La Voz de Galicia*, 11/12/1988.
- \_\_\_\_\_ (1990): *Diccionario de escritores en lingua galega*, Sada, Edicións do Castro.
- FIGUIREDO, Fidelino de (1915): *Características da Litteratura portuguesa*, Lisboa, Livraria Clássica Editora.
- \_\_\_\_\_ (1923): *Características da Litteratura portuguesa*, 3ª ed., revista, Lisboa, Livraria Clássica Editora.
- FIGUEROA, Antón (2001): *Nación, literatura, identidade: comunicación literaria e campos sociais en Galicia*, Vigo, Edicións Xerais, pp. 7-69.
- FONTENLA Rodrigues, José Luis (1987): "Pessoa e a Galiza" in *Nós. Revista galaicoportuguesa de cultura*, 7-12: 21-38.

- FRANÇA, José-Augusto (1983): "Sondagem nos anos 20 – cultura, sociedade, cidade" in *Análise Social*, vol. XIX, (77-78-79), 3º, 4º, 5º: 823-844.
- HERNÁNDEZ Sanz, Pilar (1995): "A emigración galega a Portugal" in *Galicia ó lonxe*, 4: 14-15.
- GONZÁLEZ Lopo, Domingo L. (1999): "Los movimientos migratorios en tierras del interior de la provincia de Pontevedra entre 1801-1950: Características y puntos de destino" in Pilar Cagio Vila (ed.): *Semata, Ciencias Socieais e Humanidades*, vol. II, pp. 269-298.
- \_\_\_\_\_ (2006): "Se se mandassem embora não haveria quem servisse..." Os galegos em Portugal: Um exemplo típico de mobilidade na época pré-industrial" in Ruben Lois González e Rosa Verdugo Matés (ed.): *As migracións em Galiza e Portugal. Contributos desde as Ciencias Sociais*, Corunha, Ed. Candeia, pp. 237-266.
- GONZÁLEZ-MILLÁN, Xoán (1995): "O discurso literario galego e a configuración dun espacio público nacional no primeiro tercio do século XX, un marco de reflexión" in Arturo Casas (coord.): *Tentativas sobre Dieste*, Santiago de Compostela, Sotelo Blanco, pp. 13-29.
- \_\_\_\_\_ (2002): "As imaxes emerxentes dunha cultura pública galega: dificultades e desafíos" in *Letras peninsulares*, vol. 15, 2: 249-267.
- GARCÍA Fernández, Xosé Lois (1996): "Patrimonio e cultura da emigración galega en Portugal" in Maria Xosé Rodríguez Galdo, Afonso Vázquez-Monxardín (coords.): *Actas do I Encontro sobre o Patrimonio Cultural Galego na Emigración*, Santiago de Compostela, Consello da Cultura Galega, pp. 181-186.
- GOULART, Rosa Maria (2001): *Literatura e Teoria da Literatura em Tempo de Crise*, Braga, Angelus Novus.
- HERVÉS Sayar, Henrique (1997): "Unicato bugallalista, Pontearreas, 1891-1923. Elementos para unha análise do caciquismo e do clientelismo político na Galicia da Restauración" in VV. AA: *Poder local, elites e cambio social na Galicia non urbana (1874-1936)*, Santiago de

- Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, Servicio de Publicacións e Intercambio Científico, pp. 213-223.
- \_\_\_\_\_ (2000): "O nacemento do asociacionismo campeño na rexión baixomiñota, 1900-1905" in Lourenzo Fernández Prieto (dir.): *Terra e progreso: historia agraria da Galicia contemporánea*, Vigo, Edicións Xerais de Galicia, pp. 163-191.
- IGLESIAS Santos, Monserrat (1994): "El sistema literario: teoría empírica y teoría de los polisistemas" in Darío Villanueva (compilador): *Avances en Teoría de la Literatura (Estética de la Recepción, Pragmática, Teoría Empírica y Teoría de los Polisistemas)*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 309-356.
- \_\_\_\_\_ (coord.) (1999): *Teoría de los Polisistemas*, Madrid, Arco / Libros.
- JÚDICE, Nuno (1986): *A era do "Orpheu"*, Lisboa, Teorema.
- LAPA, Albino (1980): *Dicionário de pseudónimos*, Lisboa, Imp. Nac. da Moeda.
- LEDO, Maragarita (1987): "Os intelectuais republicanos, a sua prensa e o caso galego (1910-26)" in *Grial*, 97: 272-287.
- LEIRA, Xan (2008): *Historia dunha emigración difusa. 500 anos de emigración galega a Lisboa*, s/l, Acuarela Comunicación sll.
- LEMOS, Mário Matos e (2006): *Jornais Diários Portugueses do Século XX: Um dicionário*, Coimbra, Ariadne Editora, pp. 29-67.
- LEONE, Carlos (2005): *Portugal extemporâneo. História das ideias do discurso crítico português no século XX*, vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 25-107.
- LISBOA, Eugénio (coord.) (1990): *Dicionário cronológico de autores portugueses*, vol. III, Mens Martins, Europa-América.
- LOPES, Óscar (1987): *Entre Fialbo e Nemésio. Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea*, vol. II, Maia, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 457-613.

- \_\_\_\_\_ e SARAIVA, A. J. (1996): *História da literatura portuguesa*, 17ª ed., Porto, Porto Editora.
- MACHADO, Álvaro Manuel (1996): *Dicionário de literatura portuguesa*, Lisboa, Presença.
- MAIA, João da (1979): *Enciclopédia luso-brasileira da cultura*, vol. 19, Amadora, Verbo.
- MALTEZ, José Adelino (2005): *Tradição e revolução. Uma biografia do Portugal Político do século XIX ao XXI*, vol. II, Lisboa, Tribuna da História, pp. 161-334.
- MARCO, Aurora (1996): "Exemplificação das relações culturais entre Galiza e Portugal" in *Agália*, 46: 197-209.
- MEDEIROS, António (2006): *Dois lados de um rio. Nacionalismo e Etnografias na Galiza e em Portugal*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.
- MÉIXOME Quinteiro, Carlos (1999): *Textos e Documentos para a História Contemporânea de Galicia*, Vigo, Edicións do Cumio.
- MÉNDEZ Ferrín, Xosé Luis (1990): *De Pondal a Novoneyra. Poesía galega posterior á guerra civil*, 2ª ed., Vigo, Xerais, pp. 19-84.
- MONTEAGUDO, Henrique (1999): *Historia social da lingua galega*, Vigo, Xerais.
- MONTEIRO, Ofélia (1999): "Exercícios de humor. Os 'contos' e 'fábulas' em verso de Garret" in *Colóquio / Letras*, 153 / 154: 141-165.
- MORÃO, Paula (2001): *Salomé e Outros Mitos. O feminino perverso em poetas portugueses entre o fim-de-século e Orpheu*, Lisboa, Edições Cosmos, pp. 13-37.
- NEGREIROS, [José] Almada (1997): *Obra completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, pp. 1079-1098 [1965; org. Alexei Buenol].
- NÚÑEZ, Xosé (1993): *Vacilacións, interferencias e outros "pecados" da lingua galega*, Vigo, Ir Indo.
- OJEA, Fernando (2007): "El día que vino el hombre más rico del mundo" in *La Temporada de Mondariz*, 2ª época, 3: 36-46.

- PARDO de Neyra, Xulio (2005): *A introducción do vangardismo na literatura galega*, A Corunha, Espiral Maior.
- PASCOAES, Teixeira de (1912): "Renascença" in *A Águia*, 2ª série, 1, 01/1912, pp. 1-3.
- PAZOS Justo, Carlos. (2007): "As Galegas 'Afinidades con Portugal' desde Mondariz" in *La Temporada de Mondariz*, 2ª época, 3: 32-35.
- PELÁEZ López, José-Vidal (2001): *El Estado de las Autonomías. Regionalismos y Nacionalismos en la Historia Contemporánea de España*, Madrid, Actas.
- PENA Rodríguez, Alberto (1999): *Galicia, Franco y Salazar. La emigración gallega en Portugal y el intercambio ideológico entre el franquismo y el salazarismo (1936-1939)*, Vigo, Universidade de Vigo, pp. 9-55.
- PEREIRA Seabra, José Carlos (1983): "Tempo neo-romântico (contributo para o estudo das relações entre literatura e sociedade no primeiro quartel do século XX)" in *Análise Social*, vol. XIX, (77-78-79), 3º, 4º, 5º: 845-873.
- PESSOA, F. (1957): *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*, Lisboa, Europa-América [introdução, apêndice e notas de João Gaspar Simões].
- \_\_\_\_\_ (1966): *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, Lisboa, Ática [ed. e prefácio de Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho].
- \_\_\_\_\_ (1998): *Correspondência, 1905-1922*, Lisboa, Assírio & Alvim [ed. de Manuela Parreira da Silva].
- \_\_\_\_\_ (1999): *Correspondência, 1923-1935*, Lisboa, Assírio & Alvim [ed. de Manuela Parreira da Silva].
- PINHEIRO Bordalo, Rafael (1994): *Os Galegos e outras histórias*, 2ª ed., Lisboa, Veja [1884; Prefácio de Carlos Consiglieri].
- PIÑEIRO, Ramón (1982): "Das relacións culturais galego-portuguesas" in *Nova Renascença*, vol. II, 8: 327-330.
- PIRES, Daniel (1996): *Dicionário da imprensa periódica literária portuguesa do século XX (1900-1940)*, Lisboa, Grifo.
- PORTUGAL, Boavida (1915): *Inquérito literário*, Lisboa, Livraria Clássica.

- PUEBLO GALLEGO (EL) (1928): "Fracasa un movimiento revolucionario" in *El Pueblo Gallego*, 17/06/1928, p. 1.
- QUADROS, António (1989): *A ideia de Portugal na literatura portuguesa dos últimos cem anos*, Lisboa, Fundação Lusíada, pp. 71-156.
- RAMOS, Rui (1994): *História de Portugal. A segunda fundação (1890-1926)*, vol. VI, Lisboa, Estampa, pp. 335-665 [dir. José Mattoso].
- R[EYS], Clãmaral (1921): "Literatura Portuguesa no Estrangeiro. 'Los Pobres' de Raúl Brandão" in *Seara Nova*, 1, 15/10/1921, p. 23.
- RODRÍGUEZ, José Luis e TORRES Feijó, Elias J. (1994): "A Galiza e os galegos na prosa de Camilo" in *Actas do Congresso Internacional de Estudos Camilianos*, Coimbra, Comissão Nacional das Comemorações Camilianas, pp. 707-727.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de (1977): *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Luís de Montalvor, Cândido Ramos, Alfredo Guisado, José Pacheco*, Porto, Limiar [leitura, selecção e notas de Arnaldo Saraiva].
- SAMARTIM, Roberto López-Iglésias (2003): "As Teorias Sistémicas e o Campo Literário: Pierre Bourdieu e Itamar Even-Zohar", in Roberto López-Iglésias Samartim: *A Dona do Tempo Antigo. Mulher e campo literário no Renascimento português (1495-1557)*, Santiago de Compostela, Laiovento, pp. 8-22.
- \_\_\_\_\_ (2005): "Ideia de língua e vento português na Galiza do tardofranquismo: O caso de *Galaxia*" in *Agália*, 83/84: 9-50.
- \_\_\_\_\_ e CORDEIRO Rua, G. (2009), "O Pensamento Cultural Galego em Referência a Portugal: Posição e Função de Ideias e Grupos no Tardofranquismo e na Transição", in *Actas do I Congresso Internacional «O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro entre 1850 e 2000»*, IN-CM, Lisboa, pp. 171-198.
- SANTANA, Francisco (dir.) e SUCENA, Francisco Eduardo (1994): *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, Europam.

- SEABRA, José Augusto (1987): "A geração da 'Renascença Portuguesa' e a revista Nós" in *Nova Renascença*, 27/28: 307-316.
- \_\_\_\_\_ (1994): *Poligrafias poéticas*, Porto, Lello & Irmãos Editores, pp. 247-283.
- SENA, Jorge de (1988): *Estudos de literatura portuguesa – III*, Lisboa, Edições 70, pp. 107-123 [1967].
- SILVA, Manuela Parreira da (2001): *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- SIMÕES, João Gaspar (1930a): "Tendências e individualidades da moderna poesia portuguesa I" in *Seara Nova*, 210: 279-280.
- \_\_\_\_\_ (1930b): "Tendências e individualidades da moderna poesia portuguesa II" in *Seara Nova*, 211: 291-294.
- \_\_\_\_\_ (1930c): "Tendências e individualidades da moderna poesia portuguesa (Conclusão)" in *Seara Nova*, 212: 315-317.
- \_\_\_\_\_ (1950): *Vida e obra de Fernando Pessoa (História de uma Geração)*, vol. I, Lisboa, Livraria Bertrand, pp. 233-297.
- \_\_\_\_\_ (1957): "Introdução" in *PESSOA*, 1957, pp. 7-28.
- \_\_\_\_\_ (1959): *História da poesia portuguesa*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, pp. 491-523.
- SOUTO, Elvira (1986): "Galiza na Seara Nova" in *Agália*, 7: 332-337.
- TENGARRINHA, José (1999): *História da imprensa periódica portuguesa*, 2ª ed., Lisboa, Caminho, 259-263.
- \_\_\_\_\_ (2002): *História do Governo Civil de Lisboa*, vol. II, Lisboa, Governo Civil de Lisboa.
- TARRÍO, Anxo (1994): *Literatura galega. Aportacións a unha Historia crítica*, Vigo, Edicións Xerais de Galicia, pp. 189-289.
- TORRES Feijó, Elias J. (1999): "Cultura Portuguesa e legitimação do sistema galeguista: historiadores e filólogos (1880-1891)" in *Ler História*, 36: 273-318.

- \_\_\_\_\_ (2004): "Contributos sobre o objecto de estudo e metodologia sistémica. Sistemas literários e literaturas nacionais" in Anxo Abuín González e Anxo Tarrío Varela (eds.): *Bases metodolóxicas para unha historia comparada das literaturas da península Ibérica*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 423-444.
- \_\_\_\_\_ (2007): "Para unha cartografía da tradución literária entre 1900 e 1930. Portugal em España" in Ángel Marcos de Dios (ed.): *Aula ibérica. Actas de los congresos de Évora y Salamanca (2006-2007)*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 347-372.
- \_\_\_\_\_ (2008): "A mais poderosa ponte identitária: Portugal e a Saudade no nacionalismo galego" in *Actas do III Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade em Homenagem a Dalila Pereira da Costa*, Porto, Universidade Católica Portuguesa [no prelo].
- \_\_\_\_\_ (2009): "*Portugal nas velas do galeguismo contemporâneo: de Teófilo Braga a Manuel Rodrigues Lapa*" in *Actas do I Congresso Internacional «O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro entre 1850 e 2000»*, IN-CM, Lisboa, pp. 371-401.
- \_\_\_\_\_ (2010): "Relacionamento literário galego-português. Legitimação e expansão com Sísifo ao fundo", in Antonio Sáez Delgado e Luis Manuel Gaspar (eds.): *Suroeste. Relaciones literarias y artísticas entre España y Portugal (1890-1936) / Relações literárias e artísticas entre Portugal e Espanha (1890-1936)*, Badajoz, Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo / Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales, pp. 163-185.
- \_\_\_\_\_ (s/d): *Crónica de um reencontro. O relacionamento galego-português nos seus textos. Publicações não diárias (1888-1936)* [Trabalho inédito, fruto em parte da Tese de Doutoramento defendida em 1995: *Galiza em Portugal, Portugal na Galiza através das revistas literárias (1900-1936)*, 3 vols., Universidade de Santiago de Compostela].

- VARELA Punhal, Ramom (1994): "Relaçõs Galiza-Portugal em Anton Vilar Ponte" in *Agália*, 38: 165-177.
- \_\_\_\_\_ (2000): "Relaçõs Galiza-Portugal em Castelao" in José Luís Rodríguez (ed.): *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*, vol. II, Santiago de Compostela, Parlamento de Galicia / Universidade de Santiago de Compostela, pp. 1007-1044.
- VALES, Xaquín (2006): *Actos académicos en Mondariz*, Vigo, Ir Indo.
- VÁZQUEZ Cuesta, Pilar (1991): "Portugal e nós" in *Trabe de ouro*, 2: 41-53.
- \_\_\_\_\_ (1992): "Relacións entre as literaturas galega e portuguesa" in *Actas do I Congreso Internacional da Cultura Galega*, Santiago de Compostela, Dirección Xeral de Cultura, pp. 419-435.
- \_\_\_\_\_ (1995): "Portugal-Galicia, Galicia-Portugal. Un diálogo asimétrico" in *Colóquio / Letras*, 137/138: 5-21.
- VAZ, Rodrigues (coord.) (2008): *Os Galegos nas Letras Portuguesas*, Lisboa, Pangeia Editores.
- \_\_\_\_\_ (2008b): "Xuventude de Galicia. Uma jovem de 100 anos" in *Vaz*, 2008: 15-20.
- VENTURA, António (1995): "Relações culturais com a Galiza e a Catalunha durante a I República" in *Actas 1º Cursos Internacionais de verão de Cascais. Portugal e o Mundo – do Passado ao Presente -*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais / Pelouro da Cultura, pp. 255-263.
- VIDAL Carrera, Ramiro (1921): "Vida d'aldea" in *El Tea*, 3/6/1921, p. 2 [Sob o pseudónimo de *Orimar*].
- \_\_\_\_\_ (1922): "Cantares" in *El Tea*, 3/06/1922, p. 2.
- VIEITES, Manuel (2003): *A configuración do sistema teatral galego (1882-1936)*, Santiago de Compostela, Laiovento, pp. 201-340.
- VILAVEDRA, Dolores (coord.) (1995): *Diccionario da literatura galega I. Autores*, Vigo, Galaxia.
- \_\_\_\_\_ (coord.) (1997): *Diccionario da literatura galega II. Publicacións periódicas*, Vigo, Galaxia.

- \_\_\_\_\_ (1999): *Historia da literatura galega*, Vigo, Galaxia.
- VILLARES, Ramón (1983): "As relacións da Galiza con Portugal na época contemporánea" in *Grial*, 81: 301-314.
- \_\_\_\_\_ (1995): *A historia*, Vigo, Compañía de Radio-Televisión de Galicia, pp. 167-226.
- \_\_\_\_\_ (2003): "Portugal, Galicia e o iberismo", in Maria Xosé Agra Romero e Nel Rodríguez Rial (eds.): *Actas do IV Simposio Internacional Luso-Galaico de Filosofía*, Santiago de Compostela, Universidad de Santiago de Compostela, Servicio de Publicacións e Intercambio Científico, pp. 13-28.
- \_\_\_\_\_ (2004): *Historia de Galicia*, 2ª ed., Vigo, Galaxia, pp. 249-411.

ANEXOS

I  
CONTOS QUE VOU CONTAR

I  
ROSAS

Era numa tardinha em que uma aragem subtil vinha acariciar as pétalas das rosas.

As violetas matizavam o chão, roxas e belas, os lírios brancos como pedaços de neve, pendiam sobre uns lagos, onde de vez em quando se deixava ouvir o coaxar das rãs, que no meio de toda aquela poesia, semelhava uma conversa longa e vaporosa.

Saltitavam as borboletas pelas florinhas e os pintarroxos nos ramos das camélias, contavam numa balada de amôr, as suas mâgoas e as suas alegrias.

As avezinhas traziam o alimento aos filhos, que de biquito aberto, as esperavam nos ninhos.

Dançava o sol sobre as folhas do arvoredado, e o melro, lá um pouco mais abaixo, junto dum regato, soltava a sua gargalhada zombeteira.

Ouvia-se um suspiro longo, langoroso, duma voluptuosidade extraordinária.

Eram as árvores agitadas brandamente pela briza que gemia...

E pude ouvir duas rosas, uma vermelha, outra branca, que conversavam como que em segredo.

Que linguagem tão bela, a dessas rosas!...

A vermelha dizia á outra:

—Qual de nós é mais formosa?

—Eu! — respondeu a branca.

—Enganas-te, sou eu!... — volveu a vermelha. — E se não vejamos qual é a opinião dos que teem passado junto de nós!... Dize o que tens ouvido ao teu respeito.

—Dize tu primeiro.

—Pois bem, começo eu; Todos os que teem passado junto de mim me teem comparado ás coisas mais belas deste

mundo. Assim, compararam-me ao rubím, dizendo que brilhava como êle, compararam-me ao arreból que tinge côr de púr-pura o firmamento, e até ao próprio sangue me teem comparado. Disseram-me que parecia de veludo, que reluzia mais do que nenhuma ao sol, que tentava como Satanás, que apaixonava as mariposas, que as abelhas me preferiam, que a briza me beijava... em fim, todos que passam, me beijam e me admiram. Julgo, portanto, ser eu a mais bonita!...

E após uma pausa, a vermelha rosa acrescentou:

—Fala agora tu!...

—Eu, - disse a rosa côr de neve- como estou mais escondida, menos pessoas me vêem, e só me compararam a uma coisa, num dia. Recordas-te daqueles dois jovens que passaram aqui num doce colóquio o outro dia?

—Sim, recordo-me.

—Pois bem, êle quando passou junto de mim, disse para ela, fitando-me: - «Que rosa tão bonita!... É tão linda e tão branca, que só o teu colo de alabastro se lhe pode comparar!... »

Calaram-se um momento, e a rosa vermelha disse outra:

—Enganei-me, minha amiga, és tua a mais bonita!...

Refaldo Brila "Contos que vou contar. I Rosas" in *El Tea*,  
19/10/1912, p. 2.

## II

### Noticias de Lisboa

Asistí el día 15 del corriente a una memorable sesión en la Cámara de Diputados.

El nuevo Ministerio, conforme a lo determinado en la Constitución debía presentar en ese día el Presupuesto General del Estado (Orçamento). Y para presentarlo, como había subido al poder el día 10, tan solo cinco días le quedaban para poder revisar ese plan, que el Ministerio del Sr. Duarte Leite había elaborado y que acusaba un *déficit* de 8.464 contos de reis.

El gran estadista que actualmente preside el Ministerio y que tiene a su cargo la cartera de Hacienda, consiguió en 5

día, trabajando incansablemente, revisar por completo el plan financiero y realizar una economía de 5.000 contos, o sea presentar un *déficit* de 3.453 contos de reis tan solo, en lugar del de 8.464 que estaba anunciado.

Quando el presidente se levantó en el Parlamento, le oyeron todos con religioso silencio, asistiendo el público que llenaba por completo las galerías y los diputados que ocupaban todos los lugares de la Cámara, a un extraordinario discurso que ha de quedar gravado para siempre en la memoria de cuantos tuvieron la dicha de escucharlo.

Quando terminó, el pueblo se irguió entusiasmado y tributó al gran parlamentario una ovación enorme, inenarrable, oyéndose repetidos vivas a Alfonso Costa y a la República que eran contestados con verdadero delirio.

Tal manifestación se prolongó durante algún tiempo, viéndose el presidente de la Cámara obligado a suspender la sesión.

El Sr. Costa, que cuando se presentó a las Cámaras como presidente del Consejo, prometió al país la nivelación económica, ha de cumplir su promesa, y el país entero, que ha puesto en él todas sus esperanzas, verá por fin su República tal como ella debe ser, llevada por el verdadero camino por un hombre que no ha escatimado ningún sacrificio para engrandecer a su patria.

Ha comenzado a discutirse en el Parlamento la ley de Responsabilidad ministerial.

Para la presidencia de la Cámara de los Diputados fué elegido el Sr. Simas Machado, que pertenece al partido democrático.

El sábado 18, el Sr. Presidente de la República ofreció un banquete a los ministros dimisionarios y a sus esposas.

En el próximo mes de Junio visitará el Dr. Manuel de Arriaga varias poblaciones, entre ellas Porto, Braga y Vianna do Castelo.

A bordo del vapor *Vauban* de la Mala Real Inglesa, salió para Vigo, desde donde se dirigirá a su tierra natal, San Martín

de la Portela, nuestro amigo el joven D. Alejo Carrera, excorresponsal de EL TEA en Lisboa, a quien deseamos feliz viaje.

Un puentearesano amigo me ha visitado para pedirme que llame la atención del Sr. Alcalde de Puenteares acerca de lo que está pasando en el Rivero, porque en su distrito se vende descaradamente vino del llamado del 'martillo', nombre que dan al vino adulterado; el abuso es tal, dice mi visitante, que los taberneros llegan a preguntar a los consumidores si quieren vino de 'martillo' o del país. Es el colmo.

Bueno sería que le señor alcalde adoptase alguna resolución respecto del particular

Refaldo Brila "Noticias de Lisboa" in *El Tea*, 25/01/1913, p. 1 ["Lisboa Enero 1913"]

### III Pías

Esta parroquia está de luto. E gran amigo de los pobres a los que tantas lágrimas ha enjugado, el gran carácter D. Francisco Carreira Pino, ha fallecido.

Socio fundador de la de Agricultores de cuya sociedad era tesorero deja entre sus compañeros y en la Directiva un hueco difícil de llenar.

Espíritu netamente liberal, merecía especial atención la causa de la Libertad y de la justicia, y estaba siempre al lado de los humildes dispuesto a defenderlos.

Pías ha perdido con él un gran amigo, pues se interesaba por cuanto significase mejoramiento y progreso de esta aldea; su ideal era que este pedazo de tierra que le sirvió de cuna fuese próspero y feliz.

Sus cabellos blancos bañados por la nieve solamente de la edad se imponían por el respeto que a todos merecían, y su figura pasaba por entre todos como una sombra de aquellos viejos guerreros medievales, llenos de nobleza, y todos, absolutamente todos se descubrían cuando él se aproximaba.

En nombre de la Directiva y de la sociedad de agricultores que tengo la honra de presidir, le envío el último adiós, un adiós lleno de tristezas en que va la despedida de un puñado de amigos que eternamente guardarán recuerdo de su inolvidable memoria.

Descanse en paz nuestro gran amigo, y que la tierra que le sirve ahora de lecho sean tantas flores cuantas las-sonrisas que él supo hacer aparecer en el rostro de aquellos que le buscaban llorando.

Alfredo Guisado "Pías" in *El Tea*, 17/04/1914, p. 2.

### IV [Xente d'a Aldea]

O sr. dr. Alfredo Pedro Guisado (Pedro de Menezes) é um poeta que eu até aqui apenas conhecia por informações da crítica.

Ante-hontem *A Patria* publicou umas quadras d'este poeta e assim fiz conhecimento directo com a sua poesia. Li-as a alguns amigos, e por elles soube que a obra poetica de Pedro de Menezes é vasta e que tem quasi prompto para a venda um livro de versos gallegos intitulado *Xente d'Aldea*.

D'ahi a razão das suas quadras de ante-hontem serem escriptas em gallego. E diga-se, a sua musica é perfeita, e eu tive ao lê-las a mesma sensação de ternura e de singeleza que ao lêr os *Cantares* da Rosalia. Eu tenho um culto do fundo da alma pela litteratura gallega. A antologia de Eugenio Carré Aldao é um dos meus livros de cabeceira. Os *Cantares* da Rosalia de Castro, introduzidos aqui –pode-se afirmar– pela sr<sup>a</sup> D. Amelia Rey Colaço, são o refrigerio, o balsamo, a paz, depois de semanas de outras poesias mais arroubantes, mais exhaustivas, que nos prostam pro excessos de imaginação, de sonho.

Sendo vagamente triste e soffrida, reflectiva da injustiça inexoravel de que a Galliza se queixe das outras provincias suas irmãs, a poesia gallega, com toda a sua melancholia serena, tem as vivas côres da passagem, as dos livrso do Valle-Inclan, côres vivas masi dôces, harmonisadas carinhosamente como

por um gesto de recompensa da bondade divina. E assim, a poesia d'essa Galliza «competidora em alma e galanura c'os paízes máis encantadores da terra, donde todo e espontáneo na natureza e en donde è man do home cede ò seu posto á man de Dios» -como escreve a Rosalia n'um prologo -é reconfortante para a alma como a propria terra o é para os sentidos. E estes dois versos dos *Cantares*, querendo fallar só dos ares da patria, fallam tambem da sua linguagem petica:

Doçes galleguiños aires,  
Quitadoiriños de penas,

Revivo n'este momento, aqui na sala da redacção do *Correio da Manbã*, a paixão com que li a obra toda da Rosalia de Castro, serie de dôces horas que fechei com a biographia da poetisa, escripta por Gonzalez Besada. Depois as obras de Curros; e tantos outros que a bella *Antologia* de Aldao nos apresenta...

O *Solar Galaico* do Marquez de Figueroa, branco como as casitas do Minho, perfumado pelos jasmíns e madresilvas, bemdito pelos murmurios dos regatos proximos e pelas melodias dos melros, dos pintasilgos e de outros «paxariños»... Um album de versos terminando por uma magnifica conferencia sobre a terra gallega e a sua poesia. E a celebre *La Casa de la Troya* de Pérez Lugin, com os costumes e aventuras dos estudantes de Santiago de Compostela, pintados sobre o fundo romantico do amor de um d'elles, que vae ter a sua feliz realizacão n'um lindo canto de provincia, novela estudantina que no seu saboroso pittoresco e na sua realidade comica, tanto me lembrou o *In illo tempore* de Trindade Coelho.

Ha precisamente dois annos, correspondia-me com alguns artistas hespanhoes que de quando em quando me mandavam livros; contando-lhe eu o meu interesse pela litteratura gallega perguntei-lhes uma vez se a provincia é tão rica nas artes plasticas como na litteratura. Tive como resposta d'um d'elles, um livro que collecciona todas as criticas e conferencias feitas por Alejandro Barreiro na occasião da exposicão regional de Arte Gallega em 1917 na Coruña. Percorrendo o livro tem-se a cons-

ciência nitida de uma personalidade artistica regional. Quanto á sua riqueza, basta dizer que a paciencia de os contar um a um me deu a somma de 105 Artistas! E não contei os musicos, bem entendido, estamos só na pintura e na escultura.

É triste que em Portugal não se conheça melhor a Galliza, tão irmanada a nós por varias razões que é escusado invocar. É preciso amar a Galliza, como se ama uma irmã que é meiga e que não nos pede em troco mais do que um pouco de carinho.

Que magua faz vê-la soluçar pelos labios de Rosalia:

Probe Galicia, non debes  
chamarte nunca española  
Galicia, ti non tes patria  
ti vives no mundo soya.

A voz de Pedro de Menezes é um bello echo da voz de Rosalia.

Elle é um dos seus filhos espirituaes, e a Galliza que em 1885 perdeu com a morte a poetisa, essa voz prolongada depois em varios outros filhos, veem de novo fazel-a ouvir, em 1921, em Portugal, as quadras de Pedro de Menezes, intituladas porisso *A Voz de Galicia*. N'ellas, a Galliza chóra com Portugal, os Mortos da guerra; e toda são prantos:

Choray, meus ollos choray.  
Portugal, meu hirmanziño,  
A Soedade é nosa nay,  
Nosos berce, o rio Miño.

e toda são abraços:

Tu vives n'o meu cariño,  
Tens sentidos n'os meus pasan.  
Os brazos d'o rio Miño  
Son meus brazos que te abrazam  
em duas quadras que são dois mimos..."

Ruy de Veras, "Ecos das letras e da arte"  
*in Correio da Manbã*, 12/04/1921.

## V

## Jogos florais galego-portugueses

A literatura galega é uma literatura-saudade, como que a sombra duma aza linda, que desenha o passado, como uma boca que segreda suavidade e tristeza e agita com o seu hálito os braços inquietantes da paisagem. É uma literatura cantada - «Uma vez, num paiz desconhecido, houve uma princesa...» Assim, assim como começam os contos de meninos assim como se recortam as lendas... E foi em menino, que me contaram essa literatura, e é agora, que já vou atingindo meio caminho da vida, que embalo na minha sensibilidade, lentamente, carinhosamente, essa linda terra de castelos arruinados, espreitando do cimo dos outeiros, éssa Galiza doentinha, há tantos séculos encarcerada á beira do Atlantico, que conhece o mundo apenas atravez as grades da janela que se chama Espanha.

A literatura galega resente-se da dôr enorme que magoa a alma dos poetas, dos artistas, daqueles que têm no coração o nome da sua Patria desenhado a côres velhas de tristeza. É uma literatura doentia, uma literatura que se debruça na Alma da paisagem. E as bocas falam baixinho os versos dos seus Poetas, como se rezassem... É que há Poetas na Galiza que passaram ao altar: - Rosalia Castro, A Santa Rosália, cujo nome, quando se pronuncia, é como se fôsse de ouro, como se as bocas das moçoilas trouxessem aquelas palavras no regaço...

A Santa Rosalia, aquela que falou da sua Terra com as suas canções de veludo, a que falou da paisagem, como o luar das roseiras. É que Rosalia Castro foi um luar que caiu em seda sobre a sua Terra e as mãos das rosas ergueram em perfume nos seus versos. Rosalia Castro dá a impressão que escreveu os seus versos com os seus dedos alongados em Alma, alongados em sonho. E de quando em vez, revoltase, sente a dôr da sua terra ser sua propria dôr.

«Galicia, ti non tés Patria.  
Ti vives no mundo soya».

Soziña, esternamente sozina, á beira do Atlantico, sombra-outono em que caem as horas como as folhas sêcas do *arvoredo Tempo*.

Rosália foi a Rainha de cujo séquito ficaram vários nomes: - Curros Enriques, Eduardo Pardal, Añón, Barcia Caballero, Aureliano Pereira, Lozada, Rodriguez Gonzalez e muitos outros em cujos corações se embalou o Passado. Admirável séquito de admirável Rainha, que encerra em si toda a tristeza da paisagem e toda a melancolia das tardes que aquele Povo sabe sentir, inquieta religiosidade das horas em que o Sol morre e em que o misterio anda de bosque em bosque e de rio em rio, mão invisível a recolher os ultimos pedaços do dia que ainda se conservam aqui e além e os leva para longe e os encerra em lugar seguro.

Mas a que vim eu falar aqui de literatura galega?

Há dias, o *Diário de Lisboa* levantou a ideia da celebração nesta cidade duns jogos florais luzo-galaicos, e imediatamente me dirigi, por carta, a António Vilar Poente, o ilustre Presidente do Conselho Permanente das «Irmandades da Fala», os agrupamentos nacionalistas galegos, onde os intelectuais predominam, a fim de conseguir saber como seria recebida a noticia. A resposta não se fez esperar. Vilar Ponte respondeu entusiasmado, dizendo ter enchido de alegria a boa nova o coração dos nacionalistas e que ajudarão em tudo e por tudo a ideia. Que contassem com eles! E entre eles estão os grandes Poetas da Galiza moderna: Ramón Cabanillas, por exemplo, que é um grito de revolta, um golpe de vento a sacudir a sua terra, a agitá-la, a animá-la: O que brada bem alto:

«Antes que ser escravos,  
!hermans, hermans gallegos!  
que corra sangue a regos  
dend'a montaña ó val.»

É um grito da Raça que ressôa nos montes, que ergue foices, que sacode pinheirais gigantes.

É o mesmo revoltado que, ao falar da sua terra, magoadamente diz:

«A dos antigos mosteiros,  
A dos pazos encantados,  
A dos santos milagreiros  
Contr'os entangarañados.

A dos froridos valgados  
A do barulleiro mar,  
A dos roibas alboradas  
Y as noitiñas de luar,

!Galicia! Nay e Señora,  
sempre garimosa e forte;  
preto e lexos; onte, agora,  
mañán... na vida e na morte!»

São esses Poetas, esses artistas como Castelao, que transforma o seu lápis em lança em torneios de defeza pela sua Terra, que respondem pela pena de Vilar Ponte, dando o seu apoio á ideia do *Diário de Lisboa*. E na sua ancia de gritarem Pátria pelo mundo fóra, diz na sua carta Vilar Ponte:

«O noso soño é organizar em Lisboa un-ha *somana galeguista*. Un ciclo de sete conferencias que estarian a cárrago de pergoeiros do nazionalismo galego, capaces de causaren sensación n'esa Terra, com'a causaron na Cataluña outrora, falando nos principais centros intelectuais de Barcelona»

E depois de citar os nomes dos conferentes: -Vicente Risco, Johan V. Viqueira, Louzada Dieguez, três professores distintissimos, Barnet Fonteula, Pena Novo, Xaime Quintanilla, ele próprio e Ramon Cabanillas, «a prol intelectual da Galiza», como ele lhe chama, acrescenta ainda: «Esta *somana galeguista* poderia resultar como o convite para outra *somana lusitana* na Coruña, capital da nazió n galega. Cal fixemos c'os homes mais saintes do catalanismo outrora».

Curiosissima a ideia. Antes dos jogos florais, como preparação, seria adoravel a realização dessa série de conferencias galegas, seguidas de uma série de conferencias portuguesas na Corunha. É necessário conhecer a Galiza. Lisboa desconhece a sua literatura como desconhece o momento político que aque-

la terra atravessa; ignora a sua Arte, como ignora a sua ancia de liberdade. E a Galiza conta hoje com uma pleiade de artistas admiraveis, cujos versos são repetidos de bôca em bôca, cujos desenhos passam de mão em mão, com o mesmo cuidado, com a mesma religiosidade com que os fanáticos passam nos seus dedos, as contas dum rosário.

É necessário que, quando se fale na Galiza, não haja aquele sorriso malévolu que é do costume haver. A Galiza hoje é um lenço bordado que o vento da saudade sacode e que as mãos inquietas de seus filhos acariciam e erguem bem alto para atingir Deus.

E agora que o *Diário de Lisboa* lançou a ideia, oxalá não fique apenas n'isso, oxalá a secundem os intelectuais, os artistas portugueses, porque, como diz Vilar Ponte:

«A alianza espiritoal estreita, base de toda-las mais alianzas entre a Galiza y o Portugal, asin ficaria feita».

Alfredo Guisado, "Jogos florais galego-portugueses" in  
*Diario de Lisboa*, 20/05/1921, p. 3.

## VI

*Crónica literária*. Xente d'a aldea. Por Alfredo Pedro Guisado  
(Pedro de Menezes)

Na trindade etnográfica da Espanha, o galego é nosso irmão legitimo, os outros são naturais. Eis porque eu amo a poesia da Galisa com o mesmo enternecimento que dedico á poesia de Portugal.

O complicado poeta das *Treze baladas das mão frias*, o esquisito joalheiro florentino da *Anfora* e do *Mais alto*, acaba de publicar a sua *Xente d'Aldea*, versos galegos, picturais e simples, como convem á paisagem clorofilina do outro lado do Minho. Ha em mim qualquer coisa de atavico que me emociona, quando a pupila cansada, pára sobre as liricas, cheias de graça e humildade, de Curros Henriquez e Rosalia de Castro. Sinto que me revolto com Rosalia e que a nossa sensibilidade joga harmonica quando ela desfia o rosario ritmado e lento das suas lamentações galegas:

*Castellanos de Castélla  
 Tratade ben ós gallegos  
 Cando van, van como rosas;  
 Cando vem, ven como negros!*

*Probe Galicia, non debes  
 Chamarte nunca española,  
 Qu'España de ti s'olvida  
 Cando eres, ay! tan hermosa.*

*Galicia, ti non tês patria,  
 Ti vives no mundo soya,*

A voz do sangue brada em nós ambos o instinto contemp-  
 lativo do sul, qualquer coisa de oposto ao feitio dominador  
 e ativo do castelhano. A Galisa é a continuação da terra por-  
 tuguêsa e o lirismo de aquem-Minho entrestecido nos qua-  
 dros simples e expontaneos encontra o seu complemento nos  
 'airiños' de alem, floridos e viçosos.

Pedro de Menêses começara por ser um poeta complicado  
 e moderno com exageros originais na sua arte inicial.

Os seus primeiros livros faziam lembrar iluminuras medie-  
 vas, tanto a vivesa das côres nos deslumbrava o olhar. Cada seu  
 verso era como uma pedra preciosa franjando luz ao sol cantan-  
 te da primavera peninsular. Na *Xente d'Aldea* o poeta tranfigu-  
 ra-se. Já não é o artista *blagueur* pincelando quadrinhas, como  
 a paciencia de Estevão Anes. Já não é, apenas, o sacerdote da  
 musica e á côr, sacrificando á musica e á côr toda a sua sensibi-  
 lidade equilibrada e excepcional. Já não é o artificioso vivendo  
 entre artificios, pedras cristalisadas e astros ilusorios. Neste livro,  
 Pedro de Menêses põe a cantar o seu grande coração.

Atravez dos seus versos fala toda uma ancestralidade de raizes  
 fundas e indestrutíveis. Ha ali toda uma côr regional feita de mui-  
 tas côres e traduzida com precisão? Ha o idilio simples da veiga  
 serena. Ha a aldeasita pobrinha encostada ao cómoru desguarne-  
 cido. Ha o castelo em ruinas com hervagens recentes, todo um  
 passado que se foi, adormecido num presente viçoso. Ha a fian-  
 deira idilica, dobando espuma, fiando o linho e fiando as ilusões.

Ha a lareira bemdita á hora em que a nortada corta, bantendo os  
 casebres desmantelados, enquanto o fogo desenha castelos de  
 sonhos em olhos verdes de môços e em olhos gostos dos venci-  
 das da vida. Ha a procissão, ha as descamisadas, o segredo das  
 fontes e a religiosa unção dos enterros serranos, simples e sérios  
 como um sorriso de despedida, a bailar entre lagrimas e saudade.

Mas, acima de tudo está a Galisa, a obseção nostalgica do  
 poeta:

*Tu vives n'ó meu cariño  
 Teus sentidos nos meus pasan,  
 Os brazos do rio Miño  
 Son meus brazos que te abrazan.*

E esta obseção dulcifica-se numa elegia esfumada de quem  
 sente, no marulho apertado e instante da vida moderna, a  
 grande voz antiga a puxa-lo para traz.

*Galicia, a miña triste compañeira!*

Ha-de haver quem prefira no Pedro de Menezes que assina  
 este seu ultimo livro, humano e espiritual – quasi um livro de  
 orações – o Pedro de Menezes que fazia jogos malabares de  
 rimas com toda a música de Wagner e todas as côres do Arco-  
 Iris. Eu não. Eu prefiro a *Xente d'Aldea*. A arte para mim tem  
 um campo restrito limitado á minha capacidade sensorial – que  
 é pelo menos a média das capacidades sensoriais comuns.

Não compreendo que se possa fazer arte destinada a exceder  
 o limite normal dos sentidos, e muito menos compreendo  
 que se possa fazer arte para excitação do raciocinio. Um  
 poema que exija a contensão intelectual que nos impõe a  
 demonstração de um teorema em geometria, pode ser tudo  
 quanto quizerem, menos um poema, uma obra de arte.  
 Poemas sem ritmo, tardos no passo, longos como ténias con-  
 torcidas, falhos de côr e de música, conservando apenas do  
 verso o acidente inutil da rima, não são poemas, são algarvias  
 infantis com pretensões ridiculas a geradoras de emoção.

Não são precisamente assim os poemas de Pedro de  
 Menêses que é em todos os seus livros o joalheiro de requinte.

Não tem versos errados. A harmonia passeia sempre triunfal sobre as suas palavras de seda. Mas certas notas de inovador, certas originalidades bizarras prejudicavam-lhe a técnica e falseavam-lhe o sentimento.

Folgo de consignar aqui que a *Xente d'A Aldea* corrige os senões da sua obra antiga e marca imperativamente ao seu autor um caminho seguro, afestoada de loiros, no verso português.

“*Crónica literária. Xente d'a aldea. Por Alfredo Pedro Guisado (Pedro de Menezes) in A Democracia “Diário do Partido Republicano Português”, 23/06/1921, p. 1.*”

## VII

### A Lareira. O Tio Xan.

*Pr'a Ramiro Vidal Carrera*

Orredor d'a lareira, o tio Xan, un velliño que n'a aldea e muy querido e que pasa os invernos a contar cousas de cando era novo, estaba n'un-ha noite n'a casa d'a señora Manoela-boia moller por certo- que con os fillos, un xá de vinte anos, o escoitaban caladiños, mentres ardian carulos n'a lareira.

Y o tio Xan decia:

—«Un-ha vez, hay moitos anos, n'un-ha terra alá muy lexicos, habia un-ha pastora que gardaba rebaños po-los montes e fiaba sempre n'unha roca vella com'os valados d'os baldios. Todos conocian a pastora e moito lle querian. Os fillos tiñan ido pr'o Brasil a ganar a vida. Un-ha ginta, n'un-ha tarde inda ela era nova, tiñalle lido n'a manziña o seu destino e dixeronlle que sofreria moito, pero que'un-ha hora viria en que Dios lle daría o ben y a felicidade. Que fiase moito, que fixese moito liño, tanto que poidese vestir de branco os cotos, as veigas, as aldeas... E que enton varia a hora en que n'as almas non haberia loito, en que os paxariños cantarian n'o corazón d'a xente, en que o mesmo Sol seria como un-ha boca falando os sentidos d'o paisaxe. Y-a pastora fiaba noite e día. Non decansaba un momento. De noite, sentia os lobos a rabuñaren a porta d'o cortello onde gardaba as ovelas, unico ben que tiña, con que ganaba o pag

que a sustentaba, con que pagaba os tribuotos que asoballaban. E noite un-ha, noite outra, os lobos levaronlle as ovelas. Dispois empezaron a rabuñarlle a porta d'a casa. Querian levala agora tamén. Pero a porta resistiu un-ha noite e outra, e mais outra hasta que d'un-ha vez, cando xa ia abaixo, chegaron os fillos é con fouces, con espetos, con estadullos, mataron uns lobos e fixeron fuxir os outros... »

Pero, o fillo mais vello d'a señora Manoela, que estaba a ouvir, dixo:

—«E como lle chamaban a pastora tio Xan?»

—«Camabanlle Galicia, meu filliño».

Sin ouvir mais nada, Pedro arregazou a camisa, botou a man a fouce mangada que arrimad'o cortizo d'o sal e saiu a correr...

Alfredo Pedro Guisado, “A Lareira. O Tio Xan”, *El Tea*, 23/06/1921, p. 2.

## VIII

### Jogos florais luso-galaicos

Os jogos florais luso-galaicos devem de realizar-se no propio Outono. É bem escolhido o Outono, a estação em que o silêncio fala nos campos com a voz das folhas secas. Cada folha que passa amarelinha, a arrastar-se nnuma [sic] resa pelas pedras dos caminhos, é uma asa que tombou. Baloçou-se nos ramos poisada como uma pomba, feriu-se de morte nos dedos do Outono que a afagou de sonho e caiu sobre o tapete da tarde. Foi uma criança nos braços do arvoredo; é uma velhinha nas sombras dos valados.

A Galiza, a velha princesa prisioneira, é também uma fôlha que tombou ferida de morte, que foi embalada nos braços livres da Europa, que dorme vencida e triste no cárcere doentio da Espanha. O Outono, a hora-triste em que perdeu a sua independência e a sua liberdade, venceu-a, dominou-a, mergulhou-a no silêncio, fê-la esquecer emfim. Foi uma princesa outrora; é uma mendiga hoje.

Foi uma Castelã que ergueu ameias e tôrres, abriu séteiras e fossos nos seus castelos altivos: é uma pastorinha doente que

aguarda o rebanho das horas belas do seu passado e sonha um futuro de luz. Os documentos mais antigos que aparecem escritos em galego, e dos quais não restam dúvidas, não vão além do ano de 1255, segundo o afirma D. Manuel Murguía.

Depois falou alto pela boca dos trovadores que ainda projectam sombra nos velhos cancioneiros, onde juntos como os portugueses entoaram saudade e Amor. As poesias desses cancioneiros foram feitas no período aureo da Galiza, quando ela, como diz Murguía, “afirmo su personalidad tanto em los breves momentos que durante la reconquista, monarcas propios ocuparon su sólo, como en aquellos otros propícios a la realizacion de sus destinos que le permitieron poseer lengua, literatura, arte, ley consciencia de si propia, en una palabra, los caracteres todos de una nación perfectamente definida”.

É lá que fica o passado da literatura galega. São alguns daqueles poetas que ergueram o grito da patria, alguns daqueles poetas digo. Porque a sua nacionalidade é impossível dizer-se como precisão, pois como ainda afirma Manoel Murguía, as dificuldades que se experimentam para indicar a pátria de cada um dos trovadores dos cancioneiros são por vezes insuperáveis, por na mesma língua trovarem, nessa língua que era a mais usada n'aquela época, na Península.

Depois veio o domínio estrangeiro, a invasão duma língua estranha, a perda da sua importancia política e a literatura galega morreu. Os poetas, os escritores galegos esquecidos do passado e da sua patria, passaram a escrever em castelhano e eis que, aparece entre eles – apenas citarei este porque se celebrou mais – o famoso frade corunhês Jeronimo de Castro, publicando a sal «Nise Lacrimosa» que tanto tem dado que falar, pelas semelhanças que apresenta com a «Castro» do Dr. Antonio Ferreira. Sobre as parecenças destas obras, - o Dr. Mendes dos Remédios acusou o célebre frade galego de ter plagiado vilmente – escreveu-me há tempos uma carta, o erudito Secretario da Academia Galega, o ilustre escritor D. Eugenio Carré Aldao, dizendo-me que talvez em breve publique um trabalho seu sobre o assunto, no qual provará que, se alguma coisa há entre aquelas obras, é apenas a coincidência de serem semelhantes e que nunca poderia Jeronimo de Castro

plagiar, visto que a «Nise Lacrimosa» foi publicada em 1577, muito antes da «Castro», que só foi dada a publico em 1598, vinte e nove anos depois da morte do Dr. António Ferreira, publicação que fez seu filho Miguel Leite Ferreira.

O Que é certo é que a Galiza caiu no silencio. Apenas a voz do povo não emudeceu de todo. O povo foi o poeta que conservou a tradição, que a arrastou pelo caminho dos séculos, que a trouxe ao colo da sua Raça como uma filha querida. É que o povo é sempre o éco do passado. Por fim, Rosalia de Castro e Curros Enríquez, aquela nas «Follas Novas» enos «Cantares Gallegos» e este nos «Airos d'a miña terra», levantaram em alto grito do cimo da sua Arte, a velha literatura galega, repondo-a no seu lugar, abrindo o caminho para os novos, para os que teem vindo pouco a pouco seguindo os seus passos e que já são muitos hoje.

Portugal tem de os conhecer e há-de os conhecer.

Os jogos florais, luso-galaicos serão o início. Depois a literatura galega entrará em Portugal do mesmo modo que a literatura portuguesa na Galiza, como se fosse duma mesma terra e dum mesmo povo, como se a mesma sensibilidade e o mesmo coração os animasse, como se dois amigos de ha muito afastados viessem de novo encontrar-se no caminho da vida, recordando o passado e erguendo luz e esperança no futuro.

Afredo Pedro Guizado, “Jogos florais luso-galaicos” in *A Democracia*, nº 55, 12/08/1921, p.1.

## IX Galiza e Portugal

A Galiza vive lá longe, num recanto da Península, debruçada sobre as águas a cantar a sua paisagem encantadora ao som nostálgico dum mar que a embala na sua tristeza de vencida.

É um país-saudade. Freirinha que uma balada cantou e que, quem a não conheça na sua beleza e na sua Alma, a não acredita.

Passou para o regaço da lenda. Adormeceu de sofrimento, a entoar a sua ida liberdade, enquanto o Minho, rumoroso e





1. Introdução.....	13
2. Objectivos do trabalho.....	15
3. Objecto de estudo.....	17
4. O Corpus guisadiano .....	19
5. Metodologia: O sistema e o campo literários .....	25
5.1. O caso galego desde as teorias sistémicas .....	31
6. Estado da questão .....	35
6.1. O percurso <i>galego</i> de Alfredo Guisado .....	41
7. Trajectória de Alfredo Guisado em Portugal (1910-1921).....	45
7.1. Campo literário português (1910-1921) .....	48
7.1.1. A irrupção do modernismo: o Grupo do <i>Orpheu</i> ....	55
7.2. Alfredo Guisado e o campo literário português .....	61
7.2.1. Apontamentos biográficos .....	62
7.2.2. Produção literária de Alfredo Guisado:	
A estreia literária (1910-1913) .....	66
7.2.3. Produção literária e Modernismo (1914-1915).....	69
7.2.4. <i>Ruptura</i> com o <i>Orpheu</i> : surgimento de	
Pedro de Menezes (1915) .....	72
7.2.5. Produção literária de Pedro de Menezes	
(1916-1918) .....	80
7.2.6. De Pedro de Menezes a Alfredo Guisado: novos	
rumos na produção guisadiana (1918-1921).....	86
8. Trajectória <i>galega</i> de Alfredo Guisado (1910-1921).....	91
8.1. O emergente campo literário galego (1910-1921).....	97
8.1.1. As relações Galiza e Portugal .....	109
8.1.1.1. O enclave galego de Lisboa.....	116
8.2. Alfredo Guisado: relação com a Galiza e o emergente	
campo literário galego .....	120

ÍNDICE

8.2.1. Alfredo Guisado / Refaldo Brila: um <i>galego</i> em Lisboa (1910-1913) .....	120
8.2.2. Alfredo Guisado agente do agrarismo (1913-1918) .....	124
8.2.2.1. Um agrarista regionalista .....	131
8.2.3. Alfredo Guisado agente do nacionalismo galego (1919-1921) .....	135
8.2.3.1. A Produção literária <i>galega</i> de Alfredo Guisado .....	145
8.2.3.1.1. <i>Xente d'a Aldea</i> .....	150
9. Conclusões.....	163
10. Bibliografia.....	169
ANEXOS .....	191

